

REVISTA DOS CRIADORES

44 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Março - 1974 - Ano XLIV - N.º 530 - Cr\$ 15,00

**XVIII
EXPOSIÇÃO-
FEIRA
DE GADO LEITEIRO**
CAVALOS - MUARES - OVINOS
CAPRINOS E AVES

**SÃO PAULO
13 A 21 DE JULHO
PARQUE DA
ÁGUA BRANCA**

SECRETARIA DA AGRICULTURA - CATI
SÃO PAULO



EXTRA

SUPLEMENTO ESPECIAL DO

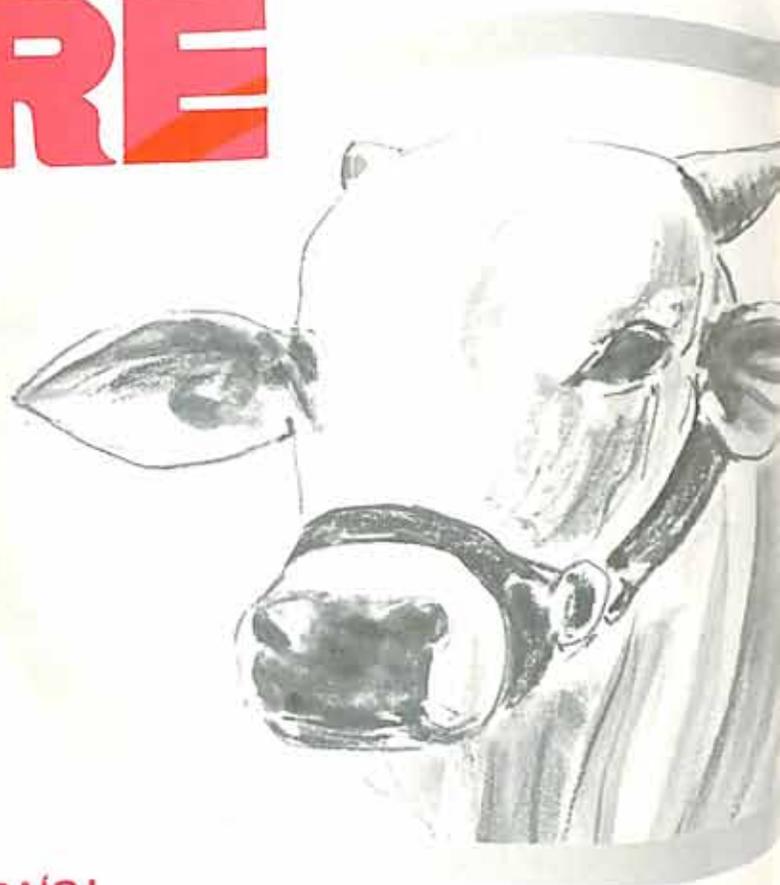
NELORE

NA EDIÇÃO DE MAIO DA
**REVISTA DOS
CRIADORES**

Não perca esta oportunidade
para mostrar a milhares
de leitores do Brasil e outros
países, o que você tem de
bom em seu magnífico
rebanho de NELORE

**OS MELHORES PLANTÉIS DO PAÍS!
OS MELHORES CRIADORES!
OS GRANDES REPRODUTORES!
AS ESTUPENDAS MATRIZES!**

Também artigos assinados pelos maiores
especialistas no assunto



Comunique-se com a
Revista dos Criadores
para obter maiores informações
de como participar desta
extraordinária edição.

CIRCULAÇÃO: MAIO, 1974

REVISTA DOS CRIADORES 44 ANOS
A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Premiada com o "DESTAQUE DO ANO" pela
Sociedade Nacional de Agricultura

Telefone para 65-0116 ou 62-6826 ou escreva-nos para Av. Pompéia,
1227-A — São Paulo e um de nossos representantes irá procurá-lo.



CENTRAL DE INDUSTRIALIZAÇÃO DE SEMEN

RODOVIA BR — 369 — KM 7 — FONE 23-4969 — LICENÇA M. A. Nº IC - 16

AGRO - PECUARIA GARCIA CID LTDA.

Rua Tupi, 378 - Fones: 22-1265 - 23-1996 e 23-4969

ICM 60109072-E

CGC 76930288/001

LONDRINA

— PARANÁ

— BRASIL

Senhor Criador

O primeiro laboratório montado na Fazenda Cachoeira iniciou os seus congelamentos em agosto de 1966.

Daquela data até hoje serviu de escola para muitos alunos, futuros técnicos que lá foram estagiar.

Usando técnicas aprimoradas, sempre primou por obter sêmen de ótima qualidade, condição indispensável para se obter um bom resultado do congelamento e posterior inseminação.

Para tanto, segue a orientação técnica obtida em várias escolas dos EUA, França, Alemanha, onde os touros são treinados para coletas em vagina artificial que é o processo mais adequado para se obter sêmen de boa qualidade. Nesses países, somente usam coletas por eletrochoque em touros **ABSOLUTAMENTE** incapacitados para saltos normais e, assim mesmo, em touros já **PROVADOS**.

Aqui no Brasil se generalizou o uso do eletrochoque para coletas de qualquer touro, mais visando a um imediatismo comercial do que a qualidade indispensável para um bom trabalho de inseminação e agravado ainda pelo risco de propagar animais que "não saltam" ou sem libido, ou mesmo prejudicar irremediavelmente um bom touro por esse uso indiscriminado. Nós da CID fazemos questão de perder algum tempo treinando os touros para coleta em vagina, pois temos certeza de fornecer melhor qualidade de sêmen e de fazer o que é o certo e o que está sendo feito na maioria absoluta dos laboratórios de outros países.

INFORMATIVO TRABALHISTA

EM 1972 PUBLICAMOS:

28 fascículos — 508 páginas e 3 índices, totalizando 584 páginas

EM 1973 PUBLICAMOS:

25 fascículos — 652 páginas e 3 índices, totalizando 700 páginas

ESTA É UMA publicação indispensável a todo proprietário rural, Sindicatos, Escritórios de Contabilidade, Casas da Lavoura, Cooperativas, Bancos, etc., tendo em vista o grande número de disposições legais, que os interessados não podem deixar de conhecer.

O fascículo da primeira quinzena de janeiro já está circulando com a seguinte matéria:

A PRESCRIÇÃO DO DIREITO AO DÉCIMO TERCEIRO SALÁRIO DO TRABALHADOR RURAL

A vista das diversas consultas encaminhadas a esta publicação, o autor procura esclarecer os empresários rurais acerca do discutido tema concernente ao direito de os rurícolas pleitearem a gratificação natalina, passados dois anos da época do pagamento. — Rosemberg Marson — Advogado.

IMPOSTO DE RENDA

— Escala para declaração das empresas

1. Obrigatoriedade de apresentação da declaração;
2. Cadec;
3. Documento único de arrecadação (DUA);
4. Ficha de Recadastramento no CGC;
5. Notificação referente ao exercício de 1973;
6. Carimbo do CGC;
7. Código de atividade;
8. Arbitramento;
9. Encerramento de atividades (art. 219 do RIR);
10. Informação de rendimentos pagos ou creditados;

PORTARIA NORMATIVA DF N.º 3 DO INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL
— Liberação de recursos junto ao IBDF —

FUNRURAL

Certificado de regularidade de situação e certificado de quitação
— Produtor rural

CONVÊNIOS, PROTOCOLOS E AJUSTES: ALTERAÇÃO

Aprova convênios, protocolos e ajustes, celebrados pelos Secretários de Fazenda dos Estados e do Distrito Federal e introduz alterações na legislação do imposto de circulação de mercadorias.

PARECER NORMATIVO CST N.º 72 DA COORDENAÇÃO DO SISTEMA DE TRIBUTAÇÃO

Limites de abatimento de renda bruta em relação a letras imobiliárias.

FUNRURAL

Esclarecimentos sobre convênios para prestação de serviços de saúde (Médico-Hospitalares, Ambulatoriais e Odontológico).

IMPOSTO RURAL:

Prazo de pagamento do imposto sobre a propriedade territorial rural

DIREITO RURAL

Fixação de prazo para a prescrição dos direitos assegurados ao homem do campo pelo Estatuto do Trabalhador Rural.

TRABALHO EM USINA

Reformulação de decisão do Tribunal Regional do Trabalho, declarando industriários os camponeses que trabalham na colheita de cana.

MERCADO DA CARNE

Aviso dos Ministérios da Fazenda e da Agricultura sobre as recentes medi-

das adotadas para a normalização do mercado da carne. Nos casos as despesas de ICM, Funrural e outras ficam por conta do pecuarista, que deverá recolhê-las imediatamente nas repartições federais ou estaduais respectivas.

INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SRF N.º 42

Sobre quando as pessoas físicas e jurídicas, inclusive as empresas individuais, devem preencher o Anexo 3 — Pecuária.

PORTARIA N.º 471 DO MINISTRO DE ESTADO DA AGRICULTURA

Aprovação dos estatutos que regerão o funcionamento das Colônias de Pescadores.

SUNAB

Portarias de 3 de janeiro de 1974 sobre a estocagem de carne congelada.

IMPOSTO DE RENDA

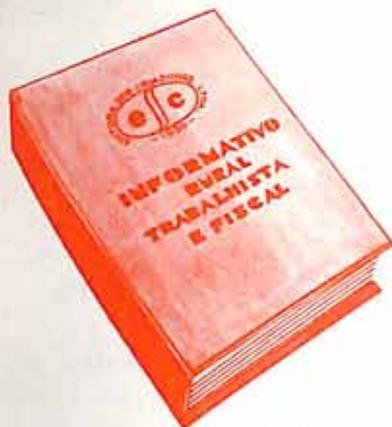
Do lucro tributável em cada exercício financeiro, as sociedades anônimas de capital aberto que pagarem ou creditarem dividendos em montante superior a 25% (vinte e cinco por cento) do lucro tributável no exercício anterior, poderão abater a parte excedente àquele limite, até um máximo de 25% (vinte e cinco por cento) do lucro tributável no exercício em que ocorrer a distribuição.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Equipamentos destinados à mecanização da agricultura: isenção. Concedida

RURAL E FISCAL

TERCEIRO ANO DE PUBLICAÇÃO



Cada coleção vai acompanhada de três índices, a saber:
por autor, por assunto e por legislação

PREVIDÊNCIA SOCIAL

Reintegração do trabalhador rural aposentado seria inconstitucional.

ra cobrança do imposto predial e territorial urbano, de imóveis não havidos como rurais.

PRODEPEP

Aprovação do projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal do Brasil.

ICM

Plano de simplificação das obrigações dos contribuintes do ICM.

GRATIFICAÇÃO NATALINA

Respondendo a uma consulta, o redator jurídico do Informativo Rural esclareceu que o pagamento dessa vantagem não pode ser efetivada mensalmente.

PIS

Informação da Delegacia da Receita Federal em São Paulo esclarece que o PIS deve ser recolhido com parcelas do IR.

EMBRAPA

Com a extinção do Departamento Nacional de Pesquisas Agropecuárias cabe à Embrapa assumir as responsabilidades atribuídas ao DNPEA.

INCENTIVOS FISCAIS

Decreto-lei que reduz o prazo de aplicação dos incentivos fiscais deduzidos do imposto de renda.

JURISPRUDÊNCIA TRABALHISTA

Mudança de horário — Desídia — Desrespeito a superior — Descontos por danos — períodos descontínuos — Empregado de confiança — Cozinha doméstica da fazenda não é empregada — Empregada de Canil — Empregado de sítio de veraneio — Empregada em chácara — Jardineiro de propriedade rural — Motorista particular.

DECRETO-LEI N.º 1.307 do Presidente da República

Dispõe sobre a aplicação dos recursos derivados dos incentivos fiscais, deduzidos do Imposto de Renda, e dá outras providências. Alteração de normas de aplicação de incentivos fiscais para a atividade de reflorestamento.

ITR

Distribuição pelo Inca das guias de contribuição sindical e de lançamento do Imposto Territorial Rural referentes ao ano de 1973.

SECRETARIA DO INTERIOR

Pareceres da procuradoria do Interior em respostas às consultas formuladas por Prefeituras e Câmaras Municipais. Pretendendo introduzir modificações no Código Tributário Municipal, pa-

MTPS — FUNRURAL

Endereço da nova sede da Diretoria Regional do Funrural no Estado de São Paulo.

ICM

Isenção de ICM para reprodutores e matrizes: bovinos, suínos e ovinos.



Como se coleciona
o Informativo Rural



PREÇO DA ASSINATURA PARA 1974 E COLEÇÕES DE 1972 E 73

24 fascículos, com direito aos índices e capa plástica: Cr\$ 600,00. Ainda dispomos de coleções de 1972 e 1973 ao preço de Cr\$ 500,00, cada. Para pedido das coleções de 1972 e 73 e assinatura para 1974, fazemos o preço especial de Cr\$ 1.400,00. Para V. S.ª ter uma idéia do que existe em matéria de direito trabalhista rural, peça-nos, sem compromisso, os índices das matérias publicadas em 1972 e 73.

Pedidos e remessa de pagamento em nome da

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Av. Pompéia, 1227-A — Fone: 65-0116

SÃO PAULO — SP



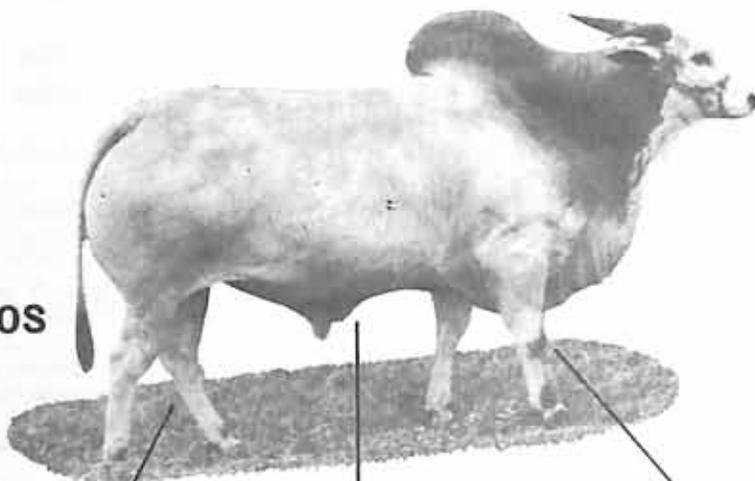
fazendas Reunidas

Guanabara — IPECAETÁ - BAHIA

Propriedade de: Carlos da Rocha Cavalcanti

Revelando nossos Segrêdos de Seleção:

Nossa Seleção em Linha Consanguinea por tanto dentro
dos Ensinamentos Atualizados do Grande Mestre **LUSH**



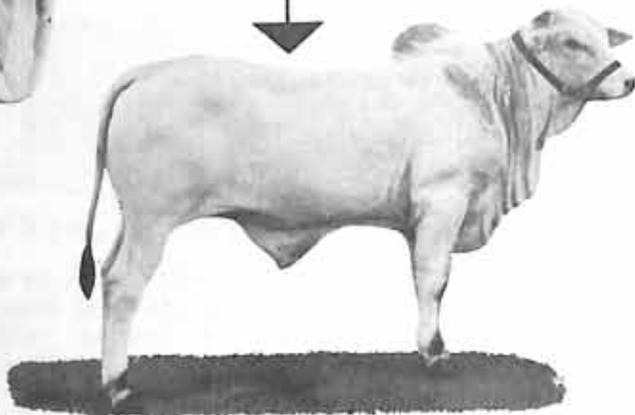
JASPE — OM-T-50-22 - RG-1116
último filho da grande matriar-
ca Nelore OM — Chapéu de Ban-
da-50, filha do grande genearca
TANK-OM Rg. 506.



JASPE 92 da Guanabara, Rg. 770,
filho do Jaspe OM-T-50-22 que
pesou aos 52 meses 970 kg, nos-
sa reserva em produção consa-
grado em diversas exposições.



JASPE 273 da Guanabara, filho
também do Jaspe-OM-T-50-22 que
aos 46 meses pesou 926 kg. CAM
PEÃO FRIGORÍFICO NORDESTE
TINO em 1971 com 22 meses



JASPE II T-F-50 — filho do JASPE OM-T-50-22 Rg 1116 e
de sua irmã SANDRA OM que aos 17 anos demonstrando
um alto índice de prolificidade foi cedida pelo criador JOSÉ
MIGUEL VITA para que pudessemos tirar esse futuro nosso
reprodutor consanguineo por ser sua mãe (Sandra OM) fi-
lha também da grande matriarca Chapéu de Banda-50-OM
— Aos 16 meses pesara 517 kg sem estar gordo.

Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CRIADORES

(Ex Associação Paulista de Criadores de Bovinos)

FUNDADA EM 1930

Ano XLIV — São Paulo, Março de 1974 — N.º 530

SUMÁRIO

Sua carta chegou	8
Editorial	9
Ministérios — Indústria e Comércio	12
Agricultura	13
Paulo Cesar de Azevedo Antunes e Paulo Nóbrega	14
Mercado	19
Alimentação dos animais — A uréia e outras fontes de NPN são de bom valor em determinadas rações, mas de nenhum valor em outras	22
Normas para manejo das pastagens	26
Culturas — Produção Soja - Trigo	
1 — Descrição da situação	32
2 — Caracterização dos objetivos específicos	34
3 — Conteúdo técnico	34
4 — Esquema metodológico do programa	38
Projetos — Pesquisas sobre pecuária na região da Alta Noroeste Zootecnia — A "diferença prevista" de touros de raças leiteiras produz lucros ou perdas?	42
Notas zootécnicas — Pesquisas procuram antecipar os sinais de nascimento dos bezerras (compilados por L.P. Jordão)	46
Problemas relacionados com a lactose	46
Importância da tomada de amostras na confecção de silagem ..	47
Nanuque brindou beleza e movimento — Othello Tormin	48
Pesquisa zootécnica brasileira — Tratamento moderno de verminoses gastrintestinais de bezerras	51
Alimentação de novilhos mestiços, em confinamento, com uréia e capim colonião	52
Anomalias genéticas — Bovinos solípedes ou sindáctilos — ocorrência e recomendações para seu controle — L.P. Jordão	54
Alimentação — Leite, o alimento do futuro — Santos Ovejero Del Agua	58
Incentivos fiscais em reflorestamento — Aprovada a regulamentação florestal	61
Seção Jurídica — Pedreiro: é trabalhador rural ou urbano? — Dr. Rosemberg Marson	67
Qual o regime previdenciário de diretor de empresa agropecuária? Suinocultura — Reprodução de suínos: o que é preciso observar — Eng.º Agr.º Luiz Paulin Neto	70
Equinocultura — Esboço para organização de uma marcha de resistência — J.N. Frota Jr.	74
Equinocultura — O cavalo rural — J.N. Frota Jr.	79
Equinocultura — Ex-presidente da SPT defende o cavalo Marabá — Antonio Carvalho Mendes	82
Cinofilia — O Braco alemão, um ótimo cão de caça — Antonio Carvalho Mendes	84
Relatório n.º 350 do Serviço de Controle Leiteiro da ABC	85
A ABC informa: O que vai pelo Serviço de Controle Leiteiro — Dr. Walter C. Battiston	96
Destques do Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal — Dr. Walter C. Battiston	99
Notícias do Rio Grande do Sul	100
Queijo e vinho — a união perfeita do sabor	105
Calendário de Exposição para 1974	121

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Luiz A. Penna

SECRETÁRIO

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETÁRIO

Rosemberg Marson

REDATOR

José Barbosa Passos

ARTE E PRODUÇÃO

Sílvia de Siqueira

Olga Rios de Castro

COLABORADORES

Leovigildo P. Jordão — Luiz Carlos Campos —

P. A. Gonçalves — Pimentel Gomes — Walter

C. Battiston — Antonio Carvalho Mendes —

Luiz Paulin Neto — J. Nelson Frota Júnior.

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Jayme Donio — Laércio C. Noronha — Decio

Correa da Silva — Othello Tormin (Bahia)

— Carl Schrage (Uberaba) — M.G.)

FOTOGRAFIA

Francisco Sciacca

REVISTA DOS CRIADORES é editada mensalmente

e destina-se ao fomento e progresso da pecuária. Os artigos assinados nem sempre

traduzem a orientação da Revista e são

de responsabilidade dos que os subscrevem.

REDAÇÃO:

Av. Pompéia, 1227-A, São Paulo, 05023 —

Z.P. 10 (Brasil).

OFICINA PRÓPRIA

Av. Pompéia, 1214 - Fundos. São Paulo, 05022

Z.P. 10 - (Brasil) - Tels.: 65-0116 e 62-6826.

Cx. Postal, 1669 - End. Telegráfico "Criadores".

ASSINATURAS

ASSINATURA SIMPLES

1 ano Cr\$ 180,00

2 anos Cr\$ 325,00

3 anos Cr\$ 485,00

ASSINATURA AÉREA SIMPLES

1 ano Cr\$ 230,00

2 anos Cr\$ 420,00

3 anos Cr\$ 630,00

ASSINATURA AÉREA REGISTRADA

1 ano Cr\$ 240,00

2 anos Cr\$ 445,00

3 anos Cr\$ 665,00

VENDA AVULSA — Cr\$ 15,00/exemplar.

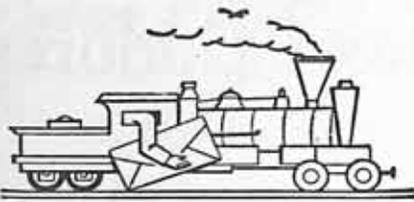
Anuário dos Criadores

Até 1972, volume: Cr\$ 30,00

1973, volume: Cr\$ 40,00

NOSSA CAPA — As Exposições de Animais da Água Branca vêm merecendo atenção especial do Governo do Estado, o que se justifica plenamente pela extraordinária expressão econômica atingida pela nossa pecuária. Essas Mostras estão sendo preparadas com todo cuidado pelo seu órgão promotor, a Coordenadoria da Assistência Técnica Integral da Secretaria da Agricultura. Com grande antecedência, todas as providências são adotadas com vistas a que os resultados proporcionem o êxito desejado. Assim é que tudo já está devidamente encaminhado para a XVIII Exposição-Feira de Gado Leiteiro, que reunirá também Cavalos de Trabalho, Esporte e Fins Militares, Mvares, Ovinos, Caprinos e Aves, programada para 13 a 21 de julho vindouro. As inscrições de animais deverão ser feitas até o dia 31 de maio, nas associações de criadores ou no Escritório da Água Branca.





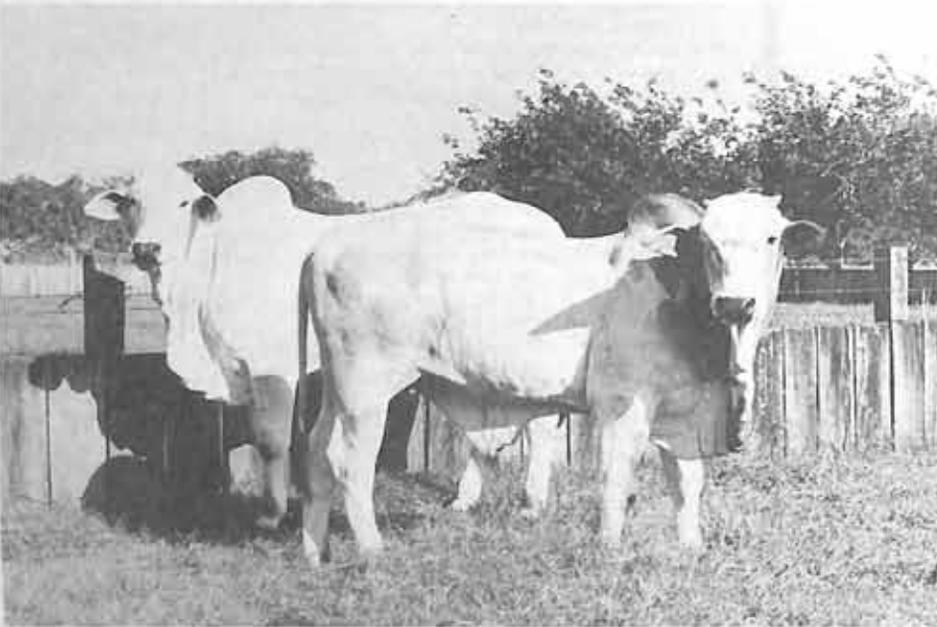
Sua carta chegou

WALTER BRAGA FERREIRA — Av. Amaral Peixoto, 385 — Volta Redonda — RJ.

Sou empreiteiro de obras em Volta Redonda, na Companhia Siderúrgica Nacional, mas estou comprando uma fazenda em Mato Grosso, para criação de gado e

FOTO DO MÊS

Nelore vai ter Suplemento Especial



Dois esplêndidos reprodutores da raça Nelore e que obtiveram o primeiro e o quarto lugar entre os 124 Nelores inscritos na Prova de Ganho de Peso de Sertãozinho-73. Em primeiro plano vemos Gantu, por Chumak e Debluna V.R., Campeão Nelore de Sertãozinho-73, e Guru, por Chumak e Cevada. Pertencem aos Srs. José Travassos dos Santos e José Luiz Niemeyer dos Santos, proprietários da Fazenda Terra Boa, em Guararapes, SP. Lembramos nossos leitores que, em maio próximo, publicaremos um Suplemento Especial sobre a Raça Nelore.

agricultura para consumo interno. Entendo um pouco de gado e de roça, tanto praticamente como teoricamente. Leio muito sobre agropecuária e gosto do negócio. Estou querendo assinar a "Revista dos Criadores", quero saber como proceder para recebe-la normalmente.

Preciso também saber aonde me dirigir para encomendar ampolas de sêmen do Nelore Onassis. Se possível, gostaria também de saber onde poderia encomendar algumas novilhas e garrotes Nelore, para iniciar um plantel de gado puro, embora seja pensamento meu ter também gado misturado.

R. Para efetivação da assinatura, basta V.Sa nos remeter o numerário correspondente, em cheque pagável nesta praça e em nome da Editora dos Criadores Ltda. Quanto ao touro Onassis, é propriedade da Organização Mario de Almeida Franco — Av. Leopoldino de Oliveira, 345 — conj. 103 — fones 1832 e 1835 — Uberaba, MG.

NORMAN DAVID F. DE ARAÚJO — Rua A, 38 — Salvador — BA.

Desejo receber pelo Reembolso Postal o "Anuário dos Criadores" — 1973. Parabéns pelo n.º de setembro da "Revista dos Criadores". Está simplesmente magnífico!

R. — Agradecemos as palavras de elogio pela nossa "Revista dos Criadores". Para a aquisição do "Anuário dos Criadores"; basta nos remeter o numerário correspondente (Cr\$ 40,00) em nome da Editora dos Criadores.

HELIO GREGORY GIARETTA — Caixa posta 159 — Carazinho - RS.

Sendo assinante do jornal "Correio do Povo" de Porto Alegre, todas as sextas-feiras, no "Suplemento Rural" deparemos com a publicação do recebimento do "Informativo Rural — Trabalhista e Fiscal", publicado por essa Editora. Convivendo no meio rural, assessorando pecuaristas e agricultores de Carazinho (RS), nos mais diversos assuntos fiscais e trabalhistas, gostaria imensamente de tomar uma assinatura do Informativo. Outrossim solicitaria se possível a remessa dos boletins n.ºs 18 e 19/73 que contém assuntos de alta relevância.

R. Em atendimento à solicitação, estamos remetendo a V.Sa. os fascículos n.ºs 18 e 19/73. O preço de assinatura anual do Informativo Rural — Trabalhista e Fiscal é de Cr\$ 400,00. O cheque deverá ser enviado em nome da Editora dos Criadores Ltda., pagável em São Paulo.

LUCAS PEREIRA — R. Dr. Bernardino Vieira, 463 — Passos — MG.

Sou técnico agrícola, formado pelo Colégio Técnico Agrícola "Professor Carmelino Correa Junior" de Franca, e trabalho no setor de administração de uma fazenda. Peço a gentileza de me enviar o Manual de Contabilidade e Impressos padronizados, para meu trabalho de administração.

R. O Caderno de Contabilidade, como qualquer uma das nossas publicações, é adquirido mediante pagamento antecipado. Esse exemplar custa Cr\$ 40,00. Está seguindo a relação dos impressos padronizados e seus respectivos preços.

EXPOSIÇÃO DE GADO EM ARAXÁ

Essa cidade sediará a 1.ª Exposição Nacional de Indubrasil, entre 20 e 24 de abril próximo, patrocinada pela Associação Nacional dos Criadores de Gado Indubrasil. Centenas de criadores e selecionadores já confirmaram a presença de representantes dos seus plantéis que virão não apenas do Estado de Minas, especialmente Triângulo Mineiro, Araxá, Conquista, Lagoa da Prata, mas também dos Estados do Rio, Mato Grosso, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Espírito Santo e outros. Comparecerão também técnicos e criadores da Venezuela, México, Estados Unidos e países da África do Sul que nos últimos anos vem adquirindo reprodutores Indubrasil para a melhoria do seu rebanho.

Agropecuária é prioritária no novo Governo

A constituição do ministério do presidente Ernesto Geisel ofereceu aos brasileiros a feliz oportunidade de aguardar o prosseguimento da obra saneadora iniciada há dez anos pela Revolução de 64. Trata-se de um punhado de cidadãos experimentados no setor que lhes coube e que, certamente, trabalhando em conjunto, mediante ação planejada e concertada, poderão executar a contento o programa de desenvolvimento traçado pelo chefe do governo. A opinião pública recebeu-os de bom grado e auspícia o pleno êxito de seus empreendimentos. O presidente Geisel inicia seu governo sob bons signos.

No que tange particularmente à agricultura e à pecuária, a expectativa é alvissareira. O novo ministro, sr. Alysson Paulinelli, vem precedido do renome de grande propugnador da agricultura no Estado de Minas Gerais, onde conseguiu, em três anos elevar o saldo negativo de 0,5%, verificado de 1965 a 1970, para um saldo positivo estimado em 20% em 1973. É verdade que as condições climáticas favoreceram a produção nesse período, mas não menos certo é que ele conseguiu reformar os serviços públicos ligados às atividades da terra, reduzindo impostos e consolidando os serviços de 56 órgãos de atendimento à agro-pecuária, que agiam desordenadamente no Estado. Em resultado, no ano que passou, registrou-se a maior produção jamais conhecida em Minas Gerais.

Todavia, a agricultura não pode esperar tudo da pasta que leva seu nome. Muitos problemas que afligem o produtor não podem ser resolvidos apenas pelos serviços desse departamento. O ministério da Fazenda é outro que muito tem a ver com a lida da terra, pois dele depende a concessão de recursos financeiros para que possa o homem tirar da terra o que ela dadivosamente oferece a quem lhe penetre as entranhas e aí semeie o que há de proporcionar frutos. Pois, a pasta da Fazenda vai agir sincronicamente com a da Agricultura, tendo esta ainda, a seu lado, a da Indústria e Comércio, cujo atual ocupante, o Dr. Severo Gomes, agricultor e pecuarista, com larga folha de serviços à classe, quer como ex-presidente da ABC, quer como ministro da Agricultura, que o foi em período recente, se dispõe a exercer ação conjunta com os outros dois ministros, tendo em vista os altos interesses da população, e não apenas os desta ou daquela classe social ou categoria profissional.

Em verdade, sabe-se que os três ministros se vão empenhar numa campanha de perfeito entrosamento, apostados em ativar e fortalecer as atividades agropecuárias, sem as quais malograrão o desenvolvimento industrial e, afinal, a estabilidade das finanças do País. O sr. Mario Henrique Simonsen reconhece sagazmente que é preciso resguardar e incrementar a produção de bens da terra, a fim de que possa o povo dedicar-se ao trabalho e proporcionar à indústria possibilidades de exportação ao que exceder ao necessário ao consumo nacional. Razão pela qual dará mão forte ao ministério da Agricultura, no afã de eliminar os óbices que se antepõem ao desenvolvimento da produção agro-pastoril e que se exteriorizam na escassez de gêneros de primeira necessidade. O mercado negro da carne, que se pratica às escâncaras, às barbas das autoridades (tabela de preços expostas em largos quadros negros nos açougues, enquanto na caixa se cobram preços duas e mais vezes os que assim se anunciam) continua a ser um desafio ao governo. O abastecimento de leite, outro problema. E o óleo? E o feijão?

Os desafios são muitos e avultarão ainda mais em dias próximos, ante os efeitos da crise mundial de petróleo, os quais ninguém sabe a que descabros nos levará. O novo governo tem, pois, pela frente um ror de dificuldades a vencer, num quadro em que é preciso a todo custo evitar que se acentue a espiral inflacionária.

Se hábeis timoneiros levaram o barco a bom porto neste quadriênio que findou, passaram eles o timão a mãos não menos hábeis de novos pilotos, os quais, sob o experiente comando de General Geisel, saberão complementar a jornada tão brilhantemente iniciada e mantida, colocando o Brasil entre as maiores potências do Mundo.

Não exageramos. Tudo leva a crer que o País se encaminha a passos largos para esse desfecho — e a disposição dos ministros da Fazenda, da Agricultura e da Indústria e Comércio, procurando agir em perfeita consonância, assegurando a prioridade da produção agropecuária, traduz-se em segurança de êxito.

População bem abastecida e bem nutrida é garantia de produção e riqueza.

Discurso de posse do novo ministro da Agricultura

O novo ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, disse, durante a solenidade de transmissão de seu cargo, que "a função do governo não é a de plantar ou colher e, muito menos, de comercializar os produtos agropecuários, mas sim manejar instrumentos adequados, numa política agrícola firme e estável, que venha estimular os nossos produtores e empresários a realizarem com êxito a tarefa de produzir e abastecer".

Mais de 500 pessoas assistiram à cerimônia e, entre os

presentes, dois ex-ministros, Ivo Arzua e Hugo Leme, além dos governadores de Minas Gerais, Rondon Pacheco, de Goiás, Leonino Caiado e do Prof. José Soares Veiga, representante da Associação Brasileira de Criadores. Todas as bancadas federais da Arena de Minas Gerais e de Pernambuco, encabeçadas pelo deputado Geraldo Freire, senador Paulo Guerra e o ex-governador Nilo Coelho, compareceram às solenidades no Ministério da Agricultura.

O DISCURSO

Eis a íntegra do discurso do novo ministro da Agricultura:

"Ao assumirmos a honrosa e difícil missão de dirigir a Pasta da Agricultura do Brasil, desejamos inicialmente encarecer da proteção divina, que nos ilumine e nos guie em nossos passos e em nossas ações, para que não venhamos decepcionar, não só àquele que nos confiou essa difícil tarefa, mas, sobretudo, aos homens da nossa agropecuária e mesmo a toda a população, que deposita a sua esperança na ação do governo que se instala.

Se Deus reservou-nos mais essa missão que temos de cumprir, não haverá de nos desamparar agora, quando temos de responder com eficiência num dos setores onde tantas e profundas esperanças se concentram, para que a nossa pátria vença as terríveis ameaças, na sua grande marcha para o desenvolvimento.

Seja dada também, inicialmente, uma palavra de agradecimento aos companheiros de outras jornadas, que com tanta dedicação, amizade e entusiasmo, conosco trabalharam e nos guiaram para que chegássemos até aqui. A eles devemos as vitórias alcançadas, a confiança, a fé e o espírito de luta para enfrentar mais um novo desafio que nos foi imposto.

Temos a certeza de que continuaremos a contar com o apoio e o incentivo indispensáveis nesta nova etapa.

Esperamos receber aqui, destes novos e valerosos companheiros, a mesma colaboração, o mesmo afeto e o mesmo apoio.

É nosso desejo que este ato solene signifique muito mais uma homenagem de gratidão aos companheiros do Ministério da Agricultura.

Na pessoa do bravo ministro José Francisco de Moura Cavalcanti, indomito nordestino, desejamos prestar uma homenagem a todos os nossos antecessores que, no decorrer dos anos, forjaram esta casa em tempera de seus ideais e esforços pessoais. É isto fez com que o Ministério da Agricultura chegasse hoje a alcançar a posição de se constituir numa

das principais peças na composição do quadro econômico e social e no centro das atenções e esperanças do povo brasileiro.

Rogamos a Deus que permita não venhamos decepcionar aos ideais de todos os que vivem e militam nesta casa, pois, tenho certeza, só não se fez aqui o que foi impossível realizar.

Reconhecemos o esforço e o trabalho até aqui dispendidos, principalmente daqueles que nos precederam nesta árdua missão e esperamos poder dar a ela o que de melhor cultivamos, que é a nossa fé, o nosso espírito de luta e o nosso ideal de servir a pátria brasileira.

Não há que se ocupar com críticas, omissões ou acusações, pois por princípio consideramos que a preocupação deve ser voltada para o que está por se realizar.

1) Cremos nas possibilidades agropecuárias e de mercado do Brasil.

Temos grandes perspectivas de expansão da fronteira agrícola e de aumento da produtividade. As nossas condições de clima e de solo favorecem as mais variadas explorações agropecuárias nas diversas regiões do País.

Temos, sobretudo, valores humanos a serem mobilizados na grandiosa tarefa de fortalecimento da agricultura brasileira.

Apresentamo-nos aos olhos do mundo como uma nação de excepcionais condições naturais, para situar-se como um grande celeiro, favorecido pela tranquilidade política, econômica e social, gerada na premissa do governo revolucionário.

2) Cremos na remodelação dos métodos de trabalho e nas possibilidades de inovações no processo agrícola e de mercado.

3) Cremos no valor da implantação de novas mentalidades e na elevação de nossos ideais, como pressupostos de ação sancionadora e fertilizadora de nosso trabalho.

4) Cremos na colaboração de todos aqueles que amam e sentem a sua família e a sua pátria, como altar sacrossanto que não pode ser maculado.

5) Cremos no entendimento entre os homens e as suas instituições de trabalho

para uma ação integrada em favor de nossa agricultura.

6) Cremos na eficiência e na racionalidade do trabalho em equipe, porque acreditamos na capacidade dos homens — governantes e governados — que, sob a inspiração divina, resolvam enfrentar, numa ação conjunta, o grande desafio que lhes impõe a hora presente.

7) Cremos na necessidade de aumentar a nossa produção agropecuária e produzir alimentos cada vez a custo mais baixo. Mas também cremos e lutaremos para que o baixo custo desses alimentos não seja mantido pela descapitalização e empobrecimento do meio rural.

8) Cremos que a hora exige a humanização e a valorização do homem que vive na terra e que necessita participar do processo de desenvolvimento e do bem-estar social.

9) Cremos que não há de ser só com palavras ou intenções que haveremos de superar os obstáculos que impedem o progresso de nossa agropecuária e dificultam o abastecimento, mas, sobretudo, com ação eficiente e objetiva.

10) Cremos, também, que é do diálogo franco, honesto e sincero, que brotam as melhores soluções. Por assim pensar é que estaremos presentes a todas as frentes de luta, com o desejo de discutir os programas de execução da política agrícola, colhendo subsídios indispensáveis ao aprimoramento do nosso trabalho.

11) Cremos que a função do governo não é a de plantar ou de colher e muito menos de comercializar os produtos agropecuários, mas sim de manejar instrumentos adequados, numa política agrícola firme e estável, que venha estimular os nossos produtores e empresários a realizarem com êxito a tarefa de produzir e abastecer.

Quisemos apenas enunciar o nosso credo, que sintetiza a nossa linha de ação até aqui perseguida e que define a nossa confiança nos homens, nas instituições e nas possibilidades e futuro deste grande país.

12) Cremos, sobretudo, na justiça divina, e que ela jamais desampará aqueles que, com seriedade e honestidade de propósitos, buscam alcançar o bem comum.

Primeira Convenção da Stauffer

Nos últimos três anos de trabalho pudemos desenvolver nossas atividades em toda a América Latina ao ponto de estarmos hoje fazendo a nossa 1.ª Convenção, com a presença de todos os representantes deste grande continente.

As razões que levaram a realização desta convenção foram as seguintes:

- Aproveitar os conhecimentos adquiridos pela Stauffer brasileira em virtude do seu maior desenvolvimento até aqui.
- Manter a liderança no mercado Latino Americano de herbicidas para arroz com o produto **ORDRAM**, já famoso pela facilidade de aplicação e segurança de resultados, ao lado de nossos outros produtos como **TRITHION** e **VERNAM**.
- Anunciar a entrada no mercado de mais 6 novos produtos da nossa linha agrícola, tais como: "PREFAR", herbicida para algodão e "DEVRI-NOL", herbicida para cana e café.
- Outro novo importante lançamento para 1974 será o carrapaticida "PROLATE", sem similar no mercado, que resolverá de vez o problema do carrapato nos bovinos.
- Apresentar todos os campos de atuação da Stauffer, pois não somos exclusivamente uma empresa agro-química, mas sim um grande complexo químico, atuando em vários campos tais como: alimentos, petroquímicos, minerais, plásticos e o mais recente lançamento no Brasil — o retardante de chamas "FY-ROL", que pode evitar catástrofes como do Edifício Joelma.

Todas as razões acima deixam de ser tão importantes quando olhamos para o futuro de cada país latino americano. A Stauffer quer participar desse futuro ativamente, trazendo a sua tecnologia a cada um.

No Brasil a Stauffer está se preparando para investir em seu complexo industrial onde serão produzidos produtos agrícolas, veterinários e industriais, sendo que os entendimentos para a compra da área de 200.000 metros quadrados já estão quase concluídos, estando previsto o investimento total de US\$ 50 milhões durante os próximos dez anos.

Durante a primeira fase da nossa implantação industrial no Brasil já estaremos participando no esforço de exportação abastecendo o mercado agrícola de toda a América Latina.

Portanto, senhores, estou seguro de que esta convenção será um dos marcos importantes do desenvolvimento tecnológico agro-químico para toda a América Latina onde, com a Stauffer Produtos Químicos Ltda., todos participarão de resultados compensadores.



Portugal homenageia criadores

Durante reunião realizada no dia 21 de março, pela manhã, na sede da Associação Brasileira de Criadores, sob a presidência de Renato Costa Lima, o vice-consul de Portugal em São Paulo, Augusto Rua Pinto Guedes, entregou medalhas enviadas pelo ex-ministro da Agricultura de Portugal, Victoria Pires, a João Soares Veiga, Rui de Oliveira, Pedro Arinos, Antonio Sylvio de Cunha Bueno e Helio Morganti. Na ocasião, o vice-consul de Portugal prestou significativa homenagem ao presidente Renato Costa Lima, entregando-lhe uma medalha representativa da visita do presidente de Portugal ao Brasil. Coube a Antonio Sylvio da Cunha Bueno falar em nome dos agraciados.

Acima: Sr. Renato da Costa Lima, presidente da Associação Brasileira de Criadores, recebendo a condecoração "Presidente Américo Thomaz", das mãos do vice-consul de Portugal, Sr. Augusto R. Pinto Guedes; **ao centro:** um aspecto da reunião; **embaixo:** o prof. João Soares Veiga, diretor-técnico da ABC, Sr. Virgílio Penna, diretor comercial da ABC, Dr. Antonio Sylvio da Cunha Bueno e o Sr. Antonio Carvalho Mendes.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

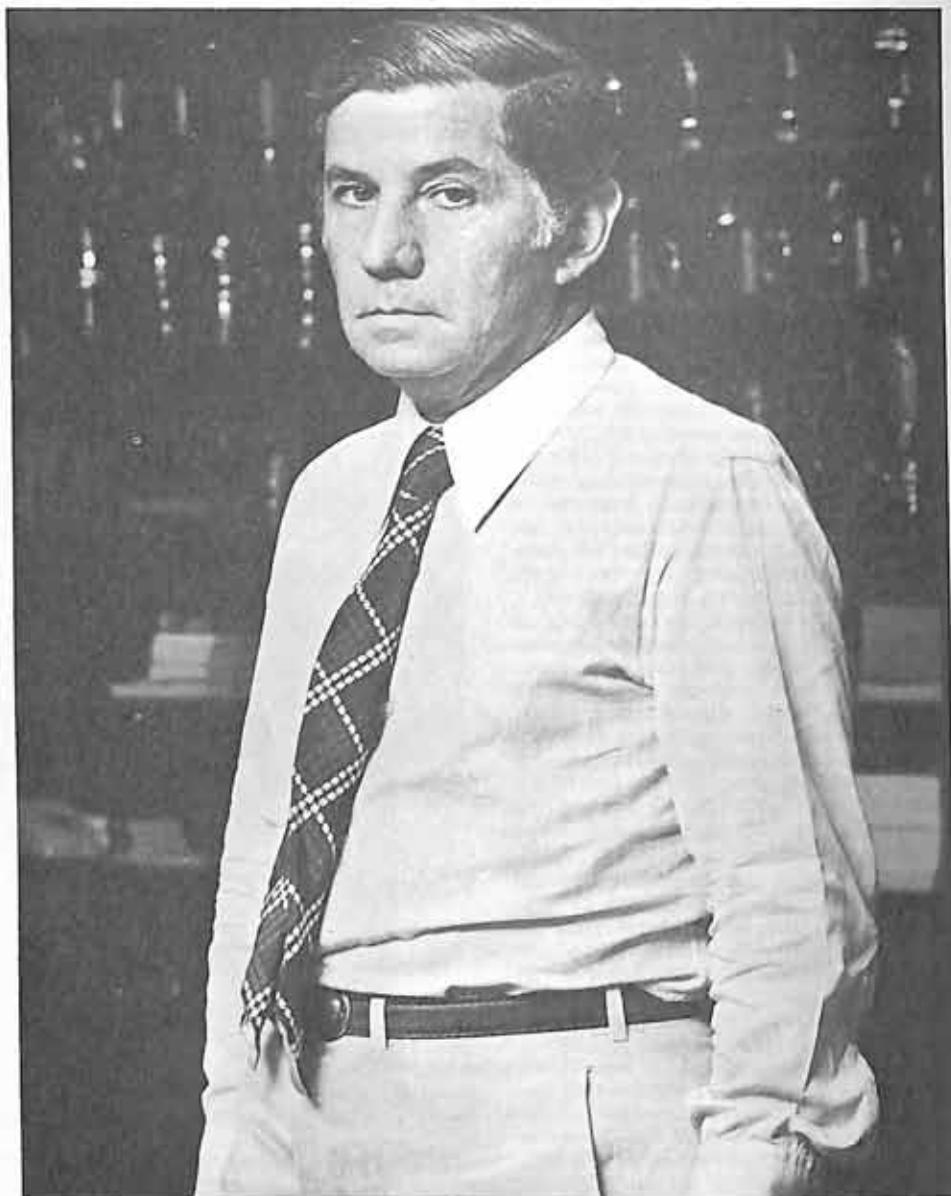
O ministro Severo Fagundes Gomes, da Indústria e Comércio, foi titular da pasta da Agricultura, no fim do governo de Castelo Branco, nomeado em substituição a Ney Braga, que se candidatava ao Senado. Na abertura de seu discurso de posse, em agosto de 1966, ele disse:

"Ao receber, nesse momento, o cargo e as responsabilidades de ministro da Agricultura, desejo desde logo dizer da minha formação de homem de empresa, de longa data treinado na escola da organização do trabalho e, consequentemente, do meu apreço ao trabalho de equipe, como exige a sociedade moderna".

Severo Fagundes Gomes divide suas especializações em agricultura, pecuária e administração de empresas, apesar de não ser formado em nenhuma delas. Como estudante, fez o ginásio no Colégio São Luís e formou-se em Direito na Universidade de São Paulo, em 1947. cursou dois anos de Ciências Sociais, ainda na USP, mas resolveu interromper estes estudos. Depois da Revolução, fez o curso da Escola Superior de Guerra, concluído em 1965.

Até então, Severo Gomes havia ocupado os seguintes cargos públicos: presidente da Associação Brasileira de Criadores, diretor da Sociedade Rural Brasileira, diretor da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, diretor da Associação dos Criadores de Búfalos do Brasil, conselheiro da Associação Comercial de São Paulo, diretor do Banco do Brasil. Durante este período, ele ganhou grande destaque no noticiário ao se demitir do cargo de diretor da Sociedade Rural Brasileira, em dezembro de 1960, por discordar da entidade no processo da reforma agrária. A Sociedade Rural Brasileira batia-se, então, por medidas acauteladoras em relação aos interesses dos grandes proprietários. Essa atitude foi considerada infeliz por Severo Gomes, pois "destina-se a criar privilégios que colocam a agricultura paulista em posição difícil perante a coletividade e com isso impede a defesa de qualquer causa".

Atualmente Severo Fagundes Gomes vinha acumulando atividade em onze cargos públicos e particulares: diretor-presidente da Tecelagem Parahyba S.A., em São José dos Campos; diretor-superinten-



O Dr. Severo Gomes, além de destacado homem da indústria, sempre pontificou como criador de gado leiteiro da raça Jersey, tendo conquistado inúmeras medalhas como melhor criador dessa raça.

dente da Tecelagem Parahyba do Nordeste S.A., sediada em Moreno, Estado de Pernambuco; diretor-superintendente da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S.A. (aproximadamente nove mil alqueiros, de Jacareí a Caçapava, que produz 15 mil

litros de leite diários e há uma grande criação de búfalos); diretor da Araguaia S.A., no Pará; membro do Conselho Consultivo do Banco Mercantil de São Paulo S.A. e da Associação Brasileira de Criadores, ex-Apcb; diretor-secretário do Mu-

seu de Arte Moderna de São Paulo; membro da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; Membro do Conselho Técnico Administrativo da Associação Nacional de Programação Econômica e Social, de São Paulo; membro do Conselho Consultivo do Museu de Arte de São Paulo; membro do Conselho Consultivo do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, em São Paulo; membro do Conselho Consultivo no Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba.

Em 1966, ao assumir o cargo deixado por Ney Braga, Severo Fagundes Gomes referiu-se assim à Agricultura, que agora é a meta fundamental do governo Geisel:

"Com base na política de preços mínimos garantidos e na assistência creditícia que vai das operações iniciais de preparação do solo, aquisição de fertilizantes e maquinarias, ao armazenamento rural e à transformação industrial, espera-se que, em 1966, o agricultor nacional responda positivamente aos instrumentos de estímulo, inclusive nas terras liberadas pela geada na área do café, de modo a beneficiar-se e a trazer tranquilidade às populações urbanas. E a certeza de que a agricultura responderá a tais estímulos está no fato de que, no primeiro semestre de 1966, os financiamentos agrícolas superaram em 90% os concedidos em igual período no ano de 1965".

"... Só mesmo os fatores incontrolláveis da natureza poderiam prejudicar tudo o que realmente está preparado para o ano agrícola que se inicia, uma vez que nenhum outro setor da economia — indústria ou comércio — conta com o montante de crédito posto à disposição da agricultura brasileira, em 1966/67".

O novo ministro da Indústria e Comércio nasceu em São Paulo, no dia 24 de julho de 1924. É casado com Maria Henriqueta Marsiaj Gomes e tem três filhos: Maria Augusta, aluna de Economia da USP, Elisa, que faz o 1.º ano de Arquitetura na FAU, e Pedro, que cursa o Colégio.

AGRICULTURA

Minas não o conhecia até 1971. O Brasil surpreende-se agora com a sua escolha para o Ministério da Agricultura. Seu poder de persuasão, a persistência em atingir metas previamente definidas, a tolerância diante das críticas e a disposição de fazer as correções necessárias fizeram do engenheiro-agrônomo Alysso Paulinelli, 37 anos, o nome preferido por Geisel para a Pasta da Agricultura. Primeiro aluno em quase todos os cursos que concluiu — embora na Escola Superior de Agricultura de Lavras corresse o risco de perder o ano por faltas — um sorriso permanente, a linguagem viva e comunicabilidade fácil deram-lhe projeção e simpatia incomuns.

Rondon Pacheco, ao compor seu secretário em março de 1971, foi buscá-lo na direção da Escola Superior de Agricultura de Lavras, cargo que exercia desde 1967. Como aluno dessa faculdade, foi um imbatível presidente do diretório acadêmico. Concluiu o curso a 14 de dezembro de 1959. No ano seguinte já lecionava hidráulica, Irrigação e Drenagem e, quando faltavam professores de outras cadeiras em Lavras, também dava aulas de Matemática, Botânica, Topografia e Engenharia Rural.

De 1969 a 71, foi presidente da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, depois de concluir estágios de aperfeiçoamento na **Tennessee Valley Authority** (Estados Unidos), Chile, Argentina e participar de congressos técnicos em diversos países.

Os que o conhecem afirmam que é um "homem com pressa", e que "sua ação se caracteriza por uma ágil percepção e pela imediata decisão, ainda que o setor revele a menor perspectiva favorável às suas metas ambiciosas".

Nos anos 60, a Escola de Lavras atravessou sua mais grave crise. Falava-se até no fechamento da famosa faculdade de Agronomia. Alysso Paulinelli, então vice-diretor, resolveu conseguir a federalização da escola e começou a viajar para Brasília, frequentemente dirigindo o jipe da faculdade. Conseguiu o apoio do deputado Trancredo Neves — que faz sua política em Lavras — e a federalização veio em 1965.

Como diretor da escola de Agronomia, persistiu na obtenção de meios para elevar o padrão de ensino e modernizar a faculdade, procurando numerosas vezes o chefe da Casa Civil de Costa e Silva, Rondon Pacheco. Depois, quando Jarbas Passarinho passou para o Ministério da Educação, em 1969, passou a receber visitas constantes de Paulinelli. Na primeira delas, segundo Passarinho, o diretor de Lavras "mais parecia um excedente de matrícula".

A decisão de Rondon Pacheco de convidá-lo para secretário da Agricultura ocorreu, praticamente, após ouvir sua exposição feita em concentração de prefeitos do Vale do Rio Gran-



Alysso Paulinelli, o titular da pasta da Agricultura.

de, promovida na Escola de Lavras. Para isso contribuiu também uma outra qualidade de Alysso; é excelente orador. Raciocínio claro, sabe dosar a voz, da leveza ao drama, da tranquilidade ao grito exaltado. Para muitos de seus amigos, poucos políticos mineiros são melhores oradores que Alysso Paulinelli e este parece ser um dos maiores fatores de seu êxito rápido.

Paulinelli começou por percorrer o Estado. Visitou 418 dos 722 municípios mineiros. Suas horas de vôo, em consequência, representam agora o dobro do que têm Rondon Pacheco e todos os demais secretários de Minas.

A tônica da pregação do jovem secretário tem sido sempre: transformar pequenos e médios agricultores em empresários rurais. Para cada região e situação, Alysso tem um planejamento específico, que abrangia desde a comercialização à industrialização do produto. Informal nas conversas com o homem do campo, até os mais humildes, chamam-no simplesmente de "Alysso" ou "Alisão".

Os melhores resultados da nova política agrícola mineira são creditados a Paulinelli: na década de 60, o crescimento anual médio da agricultura mineira foi de 1,5 por cento; na safra 71/72, chegou a 18 por cento; 72/73 atingiu 11 por cento; e agora, 73/74, deverá alcançar 25 por cento. Praticamente, foi Paulinelli que implantou a cultura de soja em Minas. De 1.579 hectares e 1.806 toneladas em 1970, a soja deverá atingir 54.950 hectares e 98.582 toneladas neste ano.

Na produção de milho, Minas Gerais passou do quarto para o primeiro lugar nos últimos três anos. No reflorestamento, cresceu 100 por cento.

Um dos instrumentos de racionalização da agricultura mineira criados por Paulinelli foi o Soapa — Sistema Operacional de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que integra sete organismos coordenados pela Secretaria (antes havia 58 entidades na mesma área).

Madrugador, Alysso Paulinelli levanta-se às seis da manhã e faz ginástica para corrigir um pequeno problema de coluna. As sete horas já está saindo de casa, sem ler os jornais. A leitura das notícias é feita na hora do almoço. Seu prato predileto é "frango ao molho pardo", com muito molho. Na intimidade, é brincalhão e está sempre bem humorado. Com os amigos, e auxiliares de Gabinete, joga boas "peladas". Quase tudo que faz é em equipe, desde os tempos de universitário.

Alysso Paulinelli nasceu em Bambuí a 10 de julho de 1936 e descende de família modesta. Até hoje, não tem muitas posses. Para comprar o sítio "Gato Preto", próximo a Lavras, teve de vender um Simca-Chambord e um apartamento em Belo Horizonte, no Bairro Gutierrez adquirido pelo BNH.

Seu pai, Antonio Paulinelli, também agrônomo, foi prefeito de Bambuí, eleito pela coligação PTB-PSD, em 1947, mas nunca foi militante da política. Velho funcionário do Ministério da Agricultura, no governo de Israel Pinheiro, foi diretor do Instituto Estadual de Florestas e tem trabalhado nos últimos anos no Gabinete do secretário, o filho, como coordenador de projetos entre Estado e União.

Casado com d. Helene desde 10 de julho de 1960, tem cinco filhos: Alexandre, Rodrigo, Daniel, Gustavo e Alysso. O caçula nasceu há dois anos. Gosta de esportes, cinema, televisão e teatro. No futebol, é torcedor do Atlético Mineiro, Santos e Fluminense.

Paulo Cesar de Azevedo Antunes e Paulo Nóbrega

São Paulo acaba de perder dois dos seus mais ilustres filhos. "Os dois eminentes paulistas se destacaram de maneira notável cada um no seu setor. O dr. Paulo Azevedo Antunes ficou conhecido internacionalmente porque, no governo do marechal Eurico Gaspar Dutra, foi responsável pela erradicação da malária em todo o território nacional. A pecuária mui-

to deve ao grande sanitarista, que foi secretário da Saúde no governo Lucas Nogueira Garcez, e diretor da Faculdade de Higiene de São Paulo. Quanto ao não menos ilustre dr. Paulo Nobrega, ex-diretor do Instituto Biológico, deixa seu nome em diversos empreendimentos no seu setor", afirmou o sr. Renato Costa Lima, presidente da Associação Brasileira de Criadores.

Paulo Cesar de Azevedo Antunes — Professor emérito e diretor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, integrou a turma de 1925 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde também recebeu o título de Doutor, em 1926. Médico sanitarista e Doutor em Saúde Pública, pela Escola de Higiene e Saúde Pública da Universidade de John Hopkins, Estados Unidos (1941-1943), exerceu cargos públicos da maior relevância, destacando-se os de diretor do Serviço de Profilaxia da Malária do Estado, diretor-assistente do Serviço de Malária do Nordeste (Fundação Rockefeller), diretor do Programa da Amazonia, do Serviço Especial de Saúde Pública, do Ministério da Educação e Saúde, diretor-geral do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, secretário de Saúde Pública e Assistência Social do Estado de São Paulo e vice-presidente do Conselho Nacional de Saúde. Exerceu também os cargos de diretor da Divisão de Saúde Pública e vice-diretor da Repartição Sanitária Pan-Americana, órgão regional da OMS, em Washington (USA).

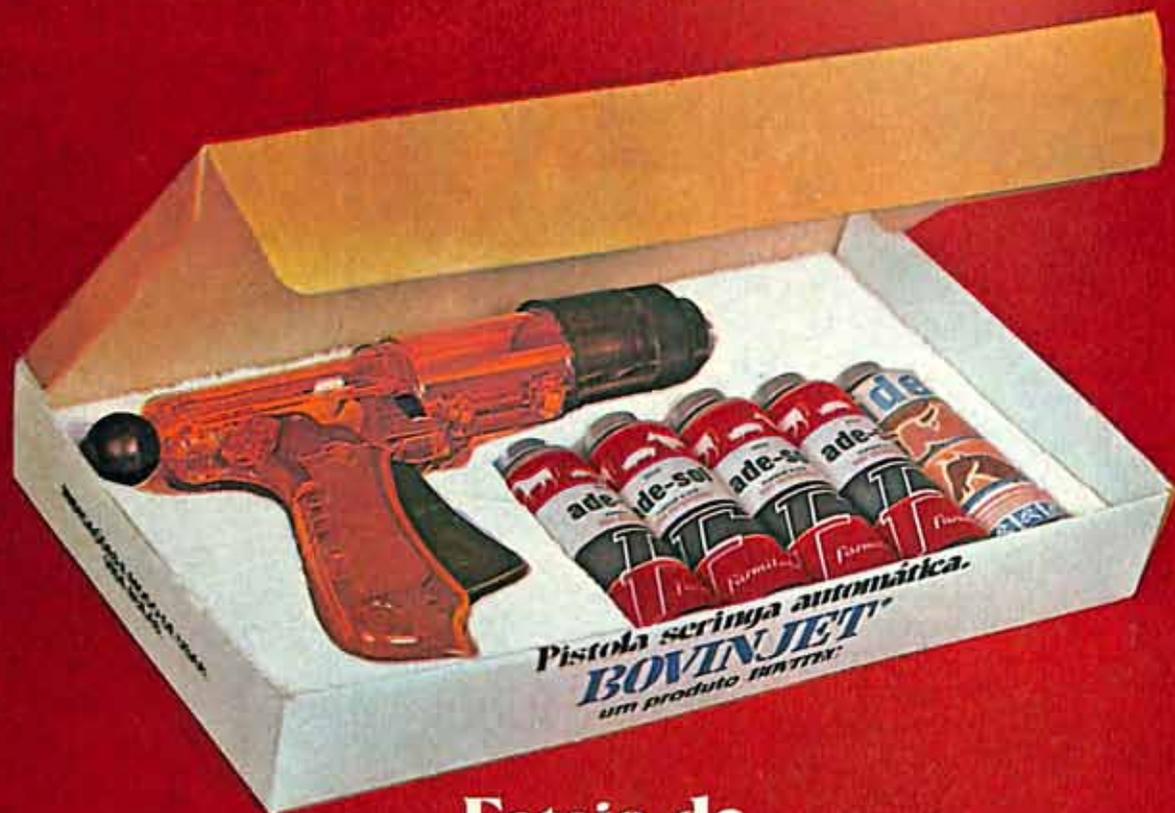
Paulo Nobrega — Preocupado com os problemas da lavoura e da pecuária, destacou-se pelo carinho com que sempre tratou as coisas do campo. Uma de suas lutas foi sempre a de se produzir vacinas em quantidade suficiente para permitir o atendimento das necessidades dos criadores da Federação. O ex-diretor do Instituto Biológico nunca postergou para segundo lugar campanhas contra as principais doenças, a começar pela febre aftosa, uma das mais perniciosas moléstias do gado, causadora de grandes prejuízos aos nossos pecuaristas. A tuberculose bovina, que ataca os rebanhos leiteiros e de corte, particularmente os primeiros, doença crônica que exige cuidados especiais para evitar a contaminação de seres humanos, foi outra de suas preocupações. Não esqueceu também a brucelose, moléstia grave dos rebanhos bovinos e suínos, que provoca abortos, infertilidade e outros males, podendo também atingir o homem. A raiva bovina também mereceu do dr. Paulo Nobrega a sua atenção. Transmitida pelos morcegos hematófagos, mereceu do ex-diretor do Instituto Biológico, campanhas de grande repercussão, reclamando sempre a ampliação da produção de vacinas. A encefalomielite — equina e aviária — também teve no dr. Paulo Nobrega um estudioso sempre pronto a iniciar campanhas para o seu combate, com a intensificação da vacinação. Também no setor vegetal voltaram-se as atenções do dr. Paulo Nobrega, principalmente no que se refere ao problema da erradicação do cancro citrico. Quanto ao café, preocupou-se com os projetos de trabalho que tinham por objetivo verificar o efeito dos inseticidas sobre o paladar da bebida. O trabalho de combate às pragas e moléstias do café e do algodão também mereceram do ilustre extinto a sua constante atenção.

Um tiro na bruxa...



da aftosa...

segue



Estojo da pistola seringa automática. **BOVINJET**

A mais recente contribuição da BOVITEC, OS INOVADORES, para racionalizar e assim tornar mais eficiente o trabalho na defesa da saúde de seu rebanho.

O sistema Pistola-Cartucho BOVINJET é totalmente automático, funcionando pela introdução no cano da Pistola automática BOVINJET, de frascos cartuchos especiais com 50 ml. esterilizados de fábrica contendo o medicamento. O frasco é a própria seringa. PRONTO - a aplicação é feita em 2 segundos:

Livre de contaminação - em doses precisas e o que sobra no cartucho pode ser guardado para aplicações em dias seguintes. Já calculou o que joga fora de doses que restam nas ampolas comuns?

Com o sistema automático BOVINJET não há o inconveniente das ampolas e frascos convencionais.

Quebrar as ampolas e/ou transferir o produto para as seringas contaminando o líquido e perdendo preciosas doses. Pior ainda - administrar mais ou menos que o indicado por falta de controle na pressão ou visão do curso do êmbolo da seringa. E a velocidade de aplicação no sistema BOVINJET é de 1.000 em vez de 100. Explique isto ao vendedor do Laboratório na sua próxima visita.

Adote de vez o sistema BOVINJET. O estojo vem com um sortimento de produtos injetáveis dos mais renomados Laboratórios do Brasil:

Farmitália, Hoechst, Manguinhos, Majer Meyer, Paraquímica

Pedidos diretamente a BOVITEC (reembolso postal) ou nos seguintes revendedores:

Preço nacional de lançamento Cr\$ 360,00 - Preço válido até Fevereiro.

Uma sugestão - Presenteie o seu amigo veterinário, dedicado guardião do seu rebanho, com um estojo BOVINJET.

SAO PAULO

A.B.C. - Rua Jaguaribe, 634 - Fone: 51-6380
CIPARI - Cia. Paranaense de Inseminação - Rua Amibero, 298 - Fone: 262-3347

RIBEIRAO PRETO

Agro Comercial do Ribeirão Preto - Rua Saldanha Marinho, 640

RIO GRANDE DO SUL

HEATA Representações e Assis. Técnica Agro-Pecuária Ltda. - Rua Cel. Bordino, 822 - Fone: 23-5200
CIPARI - Cia. Paranaense de Inseminação - Rua Horácio Silveira Dias, Fone: 22-8050 - Porto Alegre - RS
CONBULIA Coop. Sulina de Inseminação Artificial Ltda. - Av. Salgado Filho, 902 - Três Verdades - Pelotas - RS

BRASILIA

RECOSUL Brasília Móveis e Equipamentos Ltda. - Edifício Casa de São Paulo - Sala 1.308 SBS - Fone: 23-6613

GUANABARA:

INGLASIL Veterinária Agrícola Ltda. - Rua Teófilo Ottoni, 145 - Fone: 243-8125

ABIL Agro-Comercial Ltda. - Rua Buenos Aires, 87

ESTADO DO RIO DE ESPIRITO SANTO:

ETAP Empresa Técnica Agro-Pecuária Ltda. - Av. Itaperuna, 853 - Fone: 2977 - Itaperuna - RJ

MINAS GERAIS:

FROEDE RUPPIN - Rua D. Pedro II, 500 - Fone: 2871 - Governador Valadares - M.G.
DROGAVETER Ltda. - Rua Santa Catarina, 86 - Fone: 22-3773 - Belo Horizonte - M.G.

MATO GROSSO:

Agro-Pecuária Corumbense Ltda. - Rua Cuaba, 983 - Corumbá - M.T.

BAHIA:

CEMASA - Centro de Experimentação e Melhoramentos Agro-Pecuário S.A. - Rua Antonio Vicente S/N - Senhor do Bonfim - Bahia.

Vem de anos esta "guerra Santa" nos campos do Brasil.
O inimigo

- o "Império da Febre Aftosa" -
uma bruxa com boca e pés deformados,
entristece,

enfraquece,
dizima

e corta o crescimento dos rebanhos.
Um esquema de Combate e Segurança vem sendo montado pelos
Orgãos do nosso Governo.

E realmente está funcionando.
Hoje, todos os pecuaristas no Brasil são soldados voluntários
e passaram a reconhecer o inimigo.
Mas, há que dar-lhes armas.

E assim, os Comandos estratégicos e táticos:

O Centro Panamericano da Febre Aftosa - QG logístico da Organização
Mundial de Saúde para todo o Continente Sul Americano e o Plano
Nacional do Combate à Febre Aftosa do Ministério da Agricultura que
coordena nos campos a abertura das trincheiras e o suprimento das
"armas e munições" -

decidiram recomendar e adotar a Pistola Seringa Automática BOVINJET,
um dos produtos inéditos da BOVITEC,

como um instrumento de alta eficiência e dos mais adequados no combate ao mal.
Por isto acabamos de entregar à CCFA - Coordenação do Combate à Febre Aftosa,
cinco mil pistolas automáticas

BOVINJET

e duzentos e cinquenta mil frascos-cartuchos especiais de 50 ml que vão
carregar a munição para as frentes de luta:

AS VACINAS.

Em breve vamos ter os efeitos...

A BRUXA vai correr...

Veja adiante como você também pode ter esta "arma" em sua fazenda.

**pistola
seringa automática.**

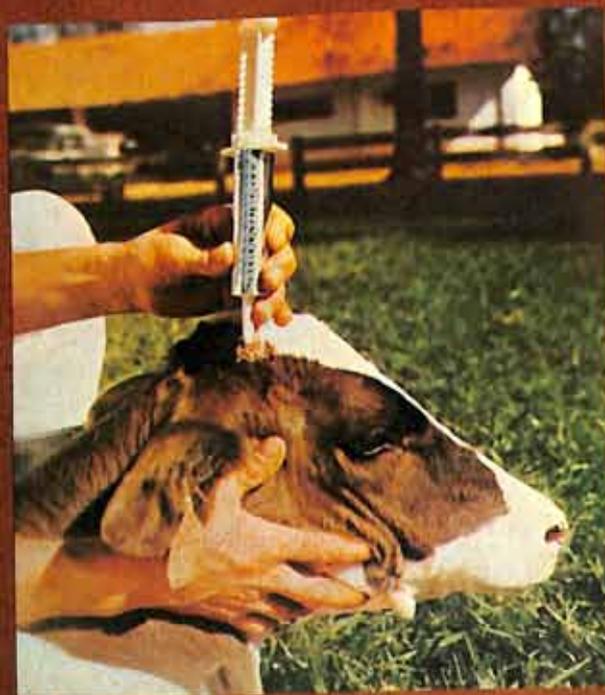
BOVINJET

um produto

 **BOVITEC** - produtos agro-pecuários Ltda.

RUA DUARTE DE AZEVEDO 449 - FONE 299-4378 - SÃO PAULO

O creme que descorna. BOVISCORN*



um produto

 **BOVITEC**

Pecuária insatisfeita: nem carne nem leite

Todos os dias os jornais apontam a mesma coisa, ao tratarem do assunto pecuária: falta carne e falta leite. Por que? Porque o produtor continua insatisfeito com o tratamento que recebe do poder público. Já tivemos oportunidade de dizer, não poucas vezes, que somente preço não resolve a situação; que o produtor não se satisfaz (nem pode) tão somente com pequenos aumentos que não corrigem as distorções flagrantes, os desequilíbrios que são mostrados a cada instante. O custo de tudo aquilo de que o produtor de carne e o produtor de leite precisam para produzir, sobe sempre de maneira desproporcional à melhoria que se lhe dão para a carne e para o leite. Haja vista que, quando o Governo con-

cedeu os últimos aumentos de preços para o leite — o último, de 20 centavos, está programado para maio — houve quem pensasse que o precioso alimento não voltaria a faltar porque acreditava que o produtor ficaria satisfeito. Mas, o que é que se está vendo? E o produtor apelando para o Governo visando a que esse último aumento concedido e ainda não em vigor, seja antecipado para abril.

Como os números falam mais do que as palavras, aqui vai para exame de todos, o quadro com levantamento elaborado pela equipe de técnicos do Instituto de Economia da Secretaria da Agricultura, um dos que ilustram seu trabalho "Situação da Pecuária Leiteira em S. Paulo":

Ano	Produção milhões de litros	Preço médio recebido pelo produtor Cr\$/litro		Valor da produção Cr\$ 1.000	
		Corrente	De 1969 (1)	Corrente	De 1969 (1)
1948	468	0,001	0,27	627	130.542
1949	554	0,001	0,27	799	156.635
1950	587	0,001	0,26	907	159.105
1951	562	0,001	0,23	863	131.545
1952	731	0,001	0,16	1.355	185.158
1953	805	0,001	0,21	1.492	175.574
1954	875	0,002	0,27	2.073	191.922
1955	923	0,003	0,23	2.758	218.904
1956	1.035	0,004	0,26	3.948	263.193
1957	1.139	0,004	0,25	5.046	293.400
1958	1.240	0,005	0,25	6.132	314.437
1959	1.339	0,005	0,20	7.449	277.939
1960	1.205	0,008	0,24	10.124	292.616
1961	1.245	0,014	0,29	17.186	362.584
1962	1.307	0,022	0,30	28.229	392.615
1963	1.258	0,035	0,28	43.642	346.090
1964	1.430	0,070	0,29	100.658	419.233
1965	1.440	0,104	0,28	149.791	397.746
1966	1.449	0,157	0,30	227.720	438.513
1967	1.407	0,192	0,29	270.125	405.167

1968	1.300	0,227	0,27	295.100	356.358
1969	1.410	0,278	0,28	391.480	391.480
1970	1.689	0,325	0,27	548.925	458.239
1971	1.711	0,391	0,27	669.000	461.970
1972	1.700	0,470	0,28	799.000	476.000
1973	1.600	0,465	—	—	—

(1) Deflacionado pelo (Índice Geral de Preços), índice Nacional "2", da Fundação Getúlio Vargas base 1969.

Observa o Informativo de janeiro último do mesmo I.E.A. que "houve queda de 3% na distribuição de leite na Grande S. Paulo no mês de janeiro, em relação a dezembro último. Contrariamente ao que se esperava, a produção de leite no Estado de S. Paulo não está respondendo ao reajuste de preços concedido pelo Governo e alegam os produtores que esse reajustamento já se acha superado em função da alta dos preços dos insumos. Agrava-se a falta de embalagens plásticas para o empacotamento do produtor."

Ao encerrar-se o mês de março, noticiava-se que o Governo pretendia rever "certos tabelamentos" com a possível liberação dos preços da carne e do leite.

Embora o preço da arroba de boi gordo esteja tabelado em Cr\$ 90,00, informa o Boletim de 15 do corrente do I.E.A. que, em Orlandia, o preço alcançou Cr\$ 100,00 e em Bebedouro, Cr\$ 130,00!

O boi magro chegou a Cr\$ 1.400,00 na região de Avaré e Cr\$ 1.300,00 na de Presidente Prudente.

E, assim, o boi continua escapando do laço...

PORCO SUBINDO CADA VEZ MAIS

Consequência natural do que está acontecendo com a carne bovina: o preço do porco continua sua marcha ascensional. Com efeito, assim foi em 15 de fevereiro e 20 de março últimos:

REGIAO	Em 15-2		Em 20-3	
	Porco Gordo arroba	Porco Gordo arroba	Porco Gordo arroba	Porco Gordo arroba
Andradina	75,00	90,00		
Araçatuba	65,00	75,00		

Assis	75,00	80,00	Avaré	90,00	100,00
Bauru	65,00	95,00	Itapetininga	80,00	110,00
Lins	70,00	80,00	Pindamonhangaba	95,00	95,00
Marília	90,00	90,00	Sorocaba	95,00	100,00
S. João da Boa Vista	82,00	80,00	Anápolis (GO)	75,00	95,00
Dracena	75,00	82,00	Patos de Minas (MG)	70,00	90,00
Pres. Prudente			Uberlândia (MG)	80,00	80,00
Araraquara	85,00	90,00	Pato Branco (PR)	68,00	68,00
Barretos	80,00	80,00	Londrina (PR)	70,00	70,00
Bebedouro	85,00	100,00			
Ribeirão Preto	75,00	80,00			
Orlandia	75,00	120,00			
Fernandópolis	73,00	90,00			
S. José do Rio Preto	73,00	100,00			
Registro	80,00	90,00			

A tendência, logicamente, é de continuar subindo, tanto mais porque, com a escassez dos óleos vegetais, a dona de casa vê no porco sua "tábua de salvação".

Menor a exportação de carne bovina no RS

Diminuiu a exportação de carne vacum no Rio Grande do Sul. Em 1972, os 16 frigoríficos que exportam parte de seu abate exportaram 89.650 toneladas. Esses mesmos frigoríficos, em 1973, exportaram 70.758 toneladas.

Em número de cabeça, eis os abates para frio e conserva exportáveis:

1972	623.123 cabeças
1973	516.069 cabeças

A menos 107.054 cabeças

A diminuição é atribuída às limitações impostas pelo Plano Federal de Abates de Carnes que vigorou em 1973.

Para 1974, o Plano Oficial fixou em 50.000 toneladas a cota exportável para o parque industrial frigorífico do Rio Grande do Sul, constituído por 44 frigoríficos que abatem bovinos, mas dos quais 16 vêm exportando.

SUINOCULTURA

Mais carne e menos banha

Os esforços dos industriais e dos suinocultores gauchos estão convergindo para maior produção de carne suína, e menor produção de banha. Os últimos anos mostram que esses esforços têm sido satisfatórios. Em 1971, a estatística dos abates nos frigoríficos do Estado mostrou que 53% dos produtos comestíveis manufaturados nos estabelecimentos era de produtos cárneos, enquanto a banha e outras gorduras representavam 47%.

Em 1973, aquelas porcentagens passaram para 62,3% nos produtos de carne, enquanto a porcentagem de banha desceu para 37%.

Os números para os três anos de 1971 a 1973 são:

ANOS	PRODUTOS CÁRNEOS	GORDURAS
1971	52,92%	47,08%
1972	56,37%	43,63%
1973	62,37%	37,63%

Em média, a produção de banha por suíno abatido em 1973 foi de 21,9 kg. Essa média em 1971 era de 34,05 kg. O confronto entre essas duas médias, a de 1971 e a de 1973 é mais outra prova da mudança que está ocorrendo na suinocultura rio-grandense, onde o porco atual produz menos banha que em anos passados.

Há frigoríficos onde os animais abatidos apresentam média de banha menor que os 22 kg acima mencionados. Pelo menos dois frigoríficos, os de Santa Rosa e o de Bom Retiro do Sul, conseguiram que a média de banha baixasse de 20 kg, ficando em 16 kg no de Santa Rosa e em 17 kg no de Bom Retiro do Sul.

Se a tonclagem de carne exportada foi menor, em compensação o montante em dólares obtidos na venda em 1973 foi bem melhor. Em 1972, as 89.650 toneladas receberam 107.466.612 dólares, enquanto no ano findo, 1973, com apenas 70.758 toneladas vendidas, (apenas 70.758 t) entraram 120.114.515 dólares.

A compensação foi devida ao maior preço obtido pela tonelada vendida em 1973. Assim é que, em 1973, o preço médio obtido por uma tonelada de carne foi de 1.700 dólares. Em 1972, fora de 1.140 dólares. Deve-se observar que a média de 1.700 dólares representa o valor médio não somente da carne congelada mas também de carnes diversas, como as carnes sem osso, os cortes especiais mais valorizados, as carnes enlatadas e outras classes que se vendem a preços superiores aos preços da carne congelada com osso.

Variada é a escala de preços para as diversas classes de carne: vai desde 1.000 dólares para os "compensados com osso" até 2.300 dólares e mais ainda para coxão, legarito e outros cortes de carne de traseiro sem osso.

Diminui a produção de banha no RS

A produção de banha vem diminuindo no parque industrial da suinocultura sul-riograndense. Atribui-se a diminuição a que os frigoríficos estejam intensificando a produção de carne suína, quando a produção de banha era o fim principal da criação e do abate de porcos. Em toneladas, segue-se a produção de banha nos últimos quatro anos, manufaturada nos frigoríficos que abateram no ano findo:

1970	54.771
1971	60.318
1972	52.994
1973	44.347

As 44.347 toneladas de banha produzidas pelo total de 2.022.688 suínos abatidos, entre machos e fêmeas, representam a média de 22 kg de banha por animal.

Preços do gado no RS

O movimento de negócios rurais continua animado. No verão, rara é a semana em que não se realizam dois a três remates de gado em diferentes municípios. Remates em que se vendem algumas centenas de mil cruzeiros, ao correr do mato, especialmente em gado para cria e para invernar, embora haja vendas também de gado gordo. Estes, os preços correntes em meados de fevereiro:

	Cr\$	Cr\$
Ternceiros de ano e meio	550 a	650
Novilhos de 2 1/2 anos	750 a	800
Novilhos de 3 1/2 anos	950 a	1.000
Vacas para invernar	700 a	800
Vacas gordas	950 a	1.100
Vacas com cria ao pé	1.000 a	1.100
Vaquilhonas e vacas	800 a	1.000

O boi gordo continua sendo pago a Cr\$ 3,00 o quilo vivo, sem média e sem tara. Sendo em carne fria, o pagamento é de Cr\$ 6,00 a Cr\$ 6,50 o quilo.

CONTROLE LEITEIRO

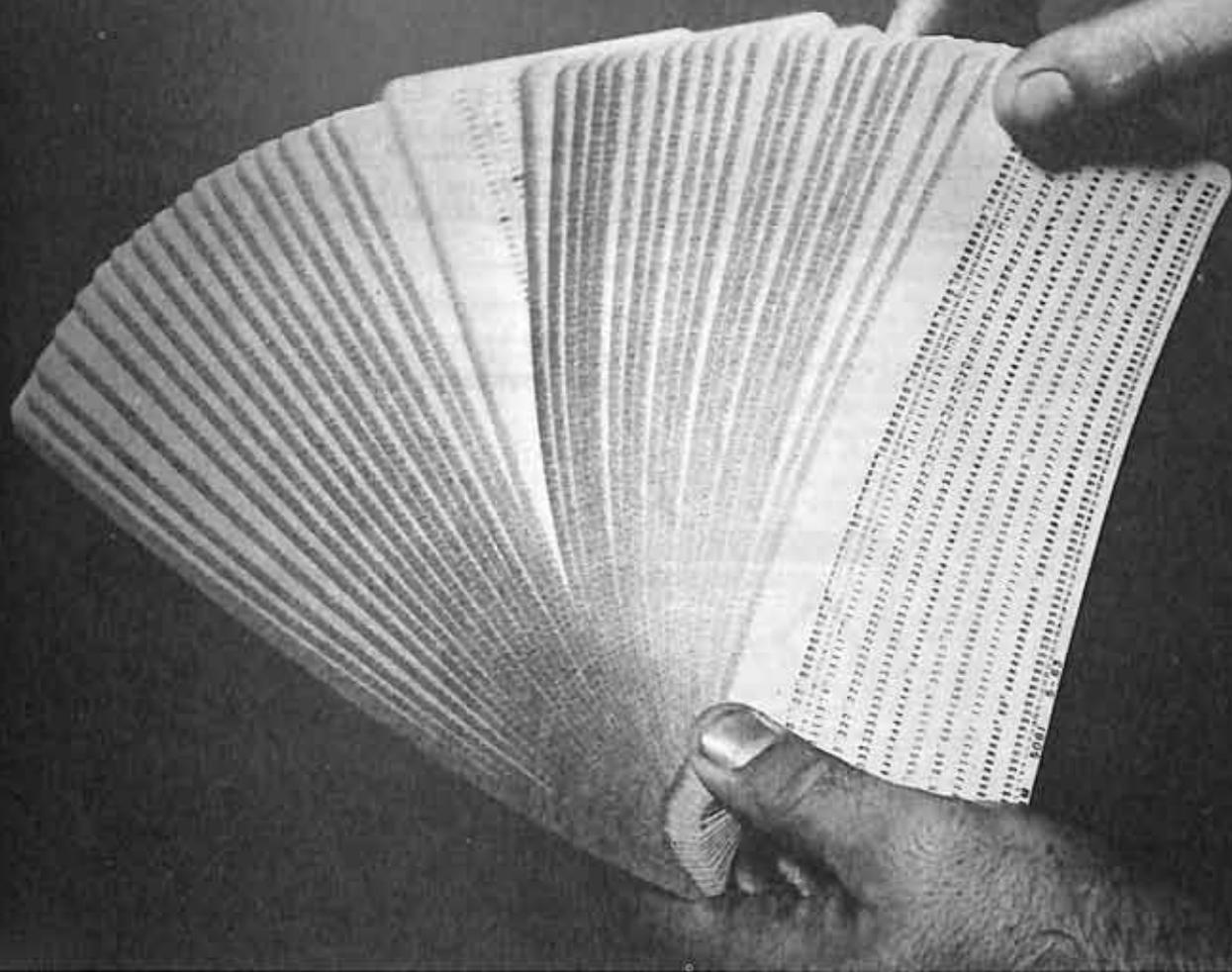
Bloco de 100 folhas, formato 58 x 32 cm, para controle leiteiro individual, diário. Cada folha comporta 16 vacas e dá para o controle do dia 1.º ao dia 31 de cada mês. Basta correr os olhos pela folha para se inteirar da produção diária de qualquer vaca. Preço do bloco: Cr\$ 36,00.

Pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Avenida Pompéia, 1227-A — SÃO PAULO - SP

ESCOLHA SEU TOURO



Escolher touros através de análise de fichas de computador é possível e eficiente, mas fica um bocado caro.

Além disso é necessário ter os dados para serem analisados. Isso já é muito mais demorado e também fica um bocado caro.

No entanto pode-se aproveitar os trabalhos de pesquisa (poderíamos chamar de sub-produto de pesquisa) de um plantel onde se faz esse controle. Aceitando-se ser a média desse plantel superior à média da raça e escolhendo um touro acima da média desse plantel forçosamente estaremos escolhendo um touro melhorador comparado com a média dos plantéis hoje existentes.

Um plantel com controle ponderal, talvez o mais eficiente e antigo controle ponderal do Brasil, é o da Fazenda Bonsucesso. Esse trabalho iniciado em 1962 com uma apurada sistemática de coleta de dados de peso, contava até o fim do ano passado com 2.145 animais da raça Nelore controlados desde o peso ao nascer. Desses animais, 1.766 tiveram o seu controle mensal de peso até os 24 meses de idade já terminado.

Nós da Fazenda Bonsucesso, acreditamos ter um bom plantel de gado Nelore. São 288 fêmeas registradas, das quais a quase totalidade com controle ponderal total até os 24 meses. São classificadas de acordo com o peso dos seus filhos. Todos os touros são crioulos nossos também com controle ponderal e classificados de acordo com o peso de sua prole.

A preocupação, realmente, com aprimoramento de requintes morfológicos não existe. Nosso alvo básico de seleção é termos todos nossos animais fecundos, rústicos e pesados, além de registrados, nessa ordem decrescente de importância.

Peso. Depois de fecundidade e rusticidade o peso. Isso sim. Cremos ser o Nelore uma raça de gado de corte. Carne vende-se a peso (o óbvio ululante). Daí...



FAZENDA BONSUCESSO

ARNALDO ZANCANER

PECUÁRIA — NELORE — GUZERÁ

Caixa Postal, 212 — Guararapes — S. P.

A uréia e outras fontes de NPN são de bom valor em determinadas rações, mas de nenhum valor em outras

(Condensado de "Urea and other NPN sources are good in some rations, of no value in others" by Robert Roffler and Larry Satter, da Universidade de Wisconsin, U.S.A. — Hoard's Dairyman — Outubro/1973).

O elevado custo das proteínas para bovinos leiteiros determinou o interesse pelo emprego de produtos nitrogenados, embora não protéicos (NPN-nonprotein nitrogen) para substituí-los.

Tais produtos podem-se tornar bons substitutos, caso a vaca possa fazer bom uso deles.

Em algumas rações, os NPN apresentam valor que se aproxima das proteínas vegetais como fonte de Nitrogênio. Em outras, seu valor é apenas parcialmente efetivo; em outras, ainda, seu valor é nulo. A finalidade deste trabalho é abordar recentes conhecimentos fornecidos pela pesquisa para determinar quando e quanto de NPN pode ser empregado de maneira econômica em rações de vacas leiteiras.

Os compostos de NPN (uréia, biureto, fosfato de amônio, amônia anidrica) podem substituir as proteínas das plantas nas rações de ruminantes, porque as bactérias que vivem no rume convertem o Nitrogênio desses produtos em proteínas bacterianas.

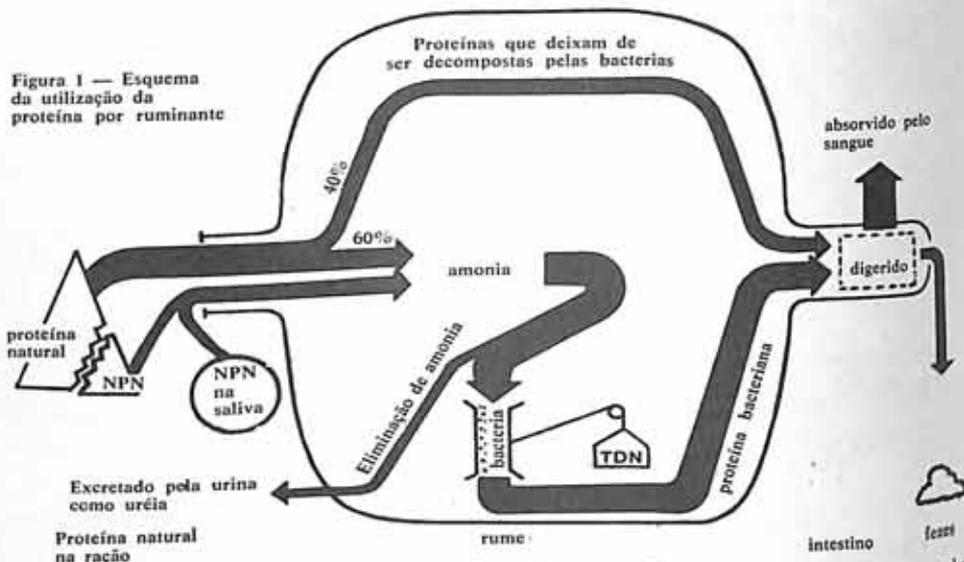
As bactérias do rume passam com o conteúdo desse compartimento estomacal para o intestino delgado, onde são digeridos pelos sucos entéricos, tal como sucede às proteínas vegetais.

A figura 1 é um esquema de como a proteína vegetal e o NPN são utilizados. Este exemplo refere-se a uma vaca ingerindo 18 quilos de ração com 70 a 75% de NDT e 14% de proteínas (na base de Matéria Seca). Cerca de 20% da proteína bruta dessa ração provém do NPN.

A largura de cada flecha na figura 1 indica a importância relativa de cada parte. 40% da proteína bruta passarão pelo rume sem ser digeridos, indo para o intestino, onde ou serão digeridos ou eliminados com as fezes. Os outros 60% são decompostos no rume, gerando Amônia.

A amônia também é produzida do NPN contido nos alimentos. Além disso, a saliva contém uréia que se decompõe em amônia. A amônia presente no rume provém dessas três fontes e as bactérias servem-se dela para sintetizar suas proteínas.

A quantidade de amônia que pode ser utilizada pelas bactérias depende da quantidade e da rapidez com que essas bactérias se multiplicam. Por outras palavras, depende da quantidade de energia disponível para as bactérias ou da quantidade de alimento fermentável consumido pelo animal.



Os alimentos ricos de NDT são mais fermentáveis que os que têm baixo teor de NDT. Portanto, quanto mais ricos forem os alimentos utilizados em NDT, mais amônia utilizável existirá.

Isto é ilustrado na figura 1, na qual um aumento de NDT dá origem a maiores quantidades de amônia a ser usadas por maior número de bactérias. No exemplo da figura 1, as bactérias não têm capacidade para absorver toda a amônia produzida da ração introduzida no rume. O excesso de amônia fica inaproveitado; absorvida pelas paredes do rume, é convertida em uréia pelo fígado e posteriormente excretada pela urina.

Várias coisas podem ser feitas para que essas perdas de proteína do suplemento sejam reduzidas. Quantidades maiores de NDT incluídas na ração aumentam o número de bactérias do rume e maiores quantidades de amônia podem ser utilizadas. Esse não é o exemplo real que estamos mostrando, porque a ração já contém 70 a 75% de NDT. Um aumento maior causaria uma queda da proporção de gordura do leite. A alternativa seria baixar o teor de proteína da ração. Reduzindo o teor de proteína natural, haverá redução da produção da amônia, porém essa medida resultará na redução da quantidade de proteína que escapa à decomposição no rume. Sendo assim, a quantidade de proteína absorvida no tubo gastrointestinal também será reduzida.

A solução seria adicionar menos NPN

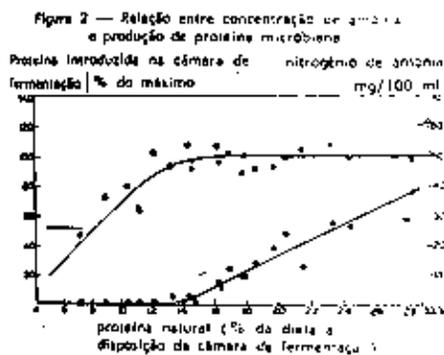
à ração. Essa medida reduziria a produção de amônia e seu desperdício sem reduzir a absorção de proteínas. Para mais eficiente utilização de suplementos de NPN, a produção de amônia precisa ser ajustada de acordo com as necessidades das bactérias.

Muitos produtores de leite que estão empregando NPN como suplemento estão obtendo pouco ou nenhum valor desses produtos, simplesmente porque a produção de amônia no rume excede a capacidade de utilização pelas bactérias.

Várias recomendações são feitas para reduzir o dispendioso desperdício do fluxo de amônia do rume, baseadas nos conhecimentos de duas séries de experimentações.

A primeira delas determina qual a concentração de amônia no rume necessária para manter o máximo da atividade bacteriana.

Obtem-se essa determinação mediante uso do rume artificial, no qual o desenvolvimento microbiano foi medido com precisão. Essas verdadeiras câmaras de fermentação foram enchidas com o líquido do rume e posteriormente receberam alimentos, tal qual como se fora uma vaca. Cada fermentação durou três dias e a saída de proteínas da câmara de fermentação foi relacionada com a concentração de amônia que aí se verificou. Os resultados são apresentados na figura 2 (Satter e Slyter — Journal of Animal Science — 35: 2/73).



A passagem da proteína pelo rúme artificial aumentava, à medida que se aumentava a suplementação com uréia até atingir certo nível, a partir do qual não se verificavam mais acréscimos com a adição de mais uréia. O nível máximo de eliminação de proteína ocorria exatamente no ponto em que a amônia iniciava sua acumulação.

A amônia com excesso de 5 mg de $NH_3 - N/100$ ml da ingesta do rúme não tinha efeito sobre o teor de proteínas do fluxo da câmara de fermentação.

Tendo determinado a concentração da amônia necessária para a taxa máxima de desenvolvimento das bactérias do rúme, o passo seguinte seria determinar a média ou a concentração da amônia do rúme de vacas leiteiras.

Essa concentração varia de ração para ração e, por isso, rações de vários níveis de proteínas e de NDT foram fornecidas às vacas.

Nessas rações experimentais não se incluiu qualquer suplemento de NPN. Quatro ou cinco amostras do conteúdo esto-

macul foram retiradas de cada vaca e analisadas para se conhecer seu teor de amônia. Os resultados são mostrados na figura 3.

A quantidade de amônia era muito baixa, quando se alimentavam vacas com rações pobres de proteínas. A concentração de amônia começava a crescer com rações contendo de 11 a 13% de proteína bruta (na base de matéria seca) e excedia de 5 mg de $NH_3 - N/100$ ml em todas as rações cujo teor de proteína tinha atingido 13%.

Tanto o teor de proteína das rações como o teor de NDT influenciavam a concentração de amônia no rúme. Na figura 3 não se levou em consideração a influência do NDT. Posteriormente, tanto a influência do NDT, como a da proteína sobre a concentração de amônia no rúme foram determinadas. Com esta determinação, conseguiu-se maior precisão na previsão da concentração de amônia no rúme.

Assim, conhecendo o teor de proteína e o de NDT nas rações, pode-se prever com precisão o ponto em que se verifica excessiva acumulação de amônia.

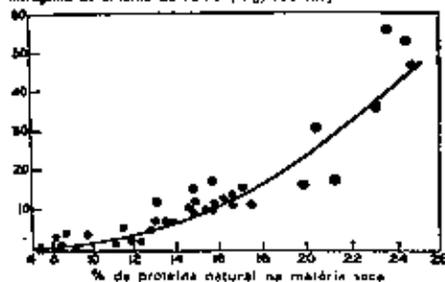
A figura 1 mostra que, substituindo proteínas vegetais pelo NPN, obtém-se maior produção de amônia no rúme. Em outras palavras, o nível de acumulação excessiva de amônia pode ocorrer em rações com baixos níveis de proteína, utilizando suplementação de NPN, níveis esses superiores aos obtidos com rações embora com o mesmo teor de proteína, porém, somente de origem vegetal.

Esta tabela serve de base para recomendações do emprego de NPN em rações para gado leiteiro e de corte. Ela estabelece os limites da utilização de NPN.

TABELA 1 — Limite máximo de utilização do NPN

% de proteína natural na matéria seca antes de adicionar NPN	% de NDT na M.S.			
	60-65	65-70	70-75	75-80
	(% de proteína após adição do NPN)			
8	10.0	10.5	10.9	11.2
9	10.4	10.9	11.3	11.6
10	10.8	11.3	11.7	12.0
11	11.2	11.7	12.1	12.4
12	—	12.1	12.5	12.8
13	—	—	—	—

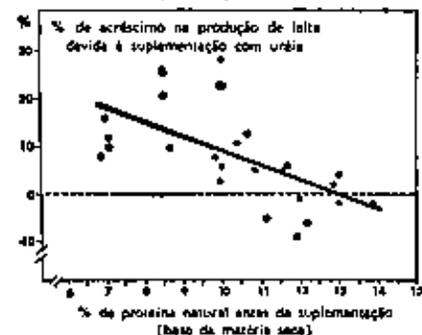
Figura 3 — Relação entre concentração média de amônia no rúme e de proteína natural da dieta



A coluna à esquerda da Tabela 1 indica os teores de proteína das rações totais, antes da suplementação com NPN; as outras colunas indicam os limites máximos de proteína total que podem ser obtidos com a adição de NPN a rações de diferente teor de NDT. Por exemplo: se a ração contém 10% de proteína bruta antes da suplementação com NPN e 70 a 75% de NDT (na matéria seca) justifica-se a adição de NPN para elevar o teor de proteína ao nível de 11,7%, porém não mais que isso. Pode-se adicionar mais, até sem perigo, porém o resultado não é compensador.

Muitos criadores estão adicionando o NPN às rações que já proporcionam suficiente quantidade de amônia no rúme para o máximo desenvolvimento das bac-

Figura 4 — Sumário das respostas com produção de leite à suplementação com NPN



térias. Essa suplementação determina um excesso de amônia que é desperdiçado.

Foi reconhecido, há muitos anos, que a utilização de NPN é mais eficiente em rações pobres de proteínas e ricas de energia e que esses suplementos são mal utilizados em rações de elevado teor de proteína e baixa energia. Esta pesquisa possibilita a determinação do ponto em que a adição de NPN às rações é desprovida de qualquer benefício. No passado, não existia um método prático para determinar os limites de utilização do NPN.

OUTROS FATOS

A base das conclusões da tabela 1 decorreu de numerosas experimentações sobre lactação, em que se incluiu Ureia nas rações de vacas leiteiras. Experimentações publicadas, abrangendo um período de 30 anos, com comparações entre rações com e sem uréia são relatados na figura 4.

O melhoramento porcentual da produção leiteira devido à suplementação com Ureia é confrontado com rações antes da suplementação com Ureia.

Adicionando Ureia à rações de baixo teor protéico, observa-se um salto na produção leiteira, porém a resposta cai, à medida que aumenta o nível de proteína das rações com suplementação.

Uma linha que passe através desses pontos atinge um ponto em que a resposta é 0 (zero) e esse ponto é justamente aquele em que as rações atingem 13% de proteína.

Este fato coincide exatamente com os nossos resultados: nesse ponto é que começa o acúmulo excessivo de amônia.

Os pesquisadores da Universidade de Iowa (Burroughs, Trenkle and VETTER) revelaram fatos semelhantes. Baseados em experimentações com gado de corte, em confinamento, determinaram as quantidades de uréia que podem ser incorporadas a vários tipos de ração para esses animais. Seus métodos são completamente diferentes, mas conduzem às mesmas conclusões a que chegamos.

Existem outras provas a favor das conclusões apresentadas na tabela 1. Os estudos feitos na Inglaterra e na Austrália, sobre o fluxo de proteína do rúme, comprovam o que obtivemos em nossos laboratórios.

O PAPEL DO NPN

O alto preço das proteínas estimula o desejo de empregar quantidades cada vez

maiores de NPN nas rações de vacas leiteiras. "QUANTO, ENTRETANTO, É POSSÍVEL?" Quando falamos do emprego do NPN nas rações de vacas leiteiras, precisamos imediatamente saber quanto de proteína o animal necessita. Isto é uma questão inteiramente diferente da utilização de NPN, porém, é uma questão difícil, se quisermos transferir os resultados das pesquisas de utilização do NPN em laboratórios para a prática das recomendações sobre alimentação.

As necessidades mínimas de proteínas para uma produção de leite econômica variam e dependem principalmente do preço do suplemento protéico e do leite. Mais do que uma quantidade fixa de proteínas, é necessário pensar se o dinheiro adicional investido em proteínas retornará paralelamente em leite produzido. Nos anos em que as proteínas estão por preço alto, seus níveis nas rações, naturalmente, serão mais baixos que nas épocas em que as proteínas estão baratas e os preços do leite são elevados.

Uma vaca de alta produção (30 kg de leite por dia) tendo um potencial genético e sendo alimentada com ração adequada, apresentará um pequeno acréscimo de produção leiteira, se a proteína fornecida exceder de 15 a 16% na base de matéria seca (Gardner e Parker — *Journal of Dairy Science*, 56 : 390; Sparrow et al. — *Journal of Dairy Science*, 56 : 664). Aos preços atuais pode-se tornar antieconômico fornecer proteínas em excesso, porque o acréscimo da produção leiteira pode não ser suficiente para pagar o excesso de proteína fornecido.

Vacas com produções inferiores na última fase da lactação podem ser alimentadas com rações de baixo teor protéico. Thomas (*Journal of Dairy Science* 54 : 1629) relata que vacas na última metade da lactação (produzindo em média 20 kg de leite por dia) produziram tanto leite quando alimentadas com rações contendo 10,9% de proteína como quando alimentadas com rações contendo 12,7% de proteína (matéria seca).

Se as necessidades de uma vaca, no fim de lactação, produzindo menos de 20 kg de leite por dia, podem ser satisfeitas com rações contendo de 11 a 12% de proteína bruta, então o NPN pode ser utilizado para compor uma boa parte, se não o total, da suplementação necessária. Vacas de alta produção necessitam, no início da lactação, rações com 15 a 16% de proteína, mas essa proteína deve ser de origem vegetal.

SERIAM NECESSÁRIOS DOIS TIPOS DE RAÇÃO

Já passou a época em que se podia, para maior simplicidade, utilizar uma mistura de concentrados para todas as vacas do rebanho e, desse modo, alimentar generosamente com proteínas as de baixa produção e talvez alimentar com ligeira deficiência as grandes produtoras em início de lactação. Mas fazer duas

misturas de concentrados, embora seja ideal, para muitos criadores não é praticável.

O mais prático seria ter uma ração básica de 12% de proteína (no total da ração, na base de matéria seca) utilizando o NPN como fonte de suplemento.

Isto significaria alimentar com essas rações todas as vacas secas e vacas de menos de 20 kg de produção na segunda metade da lactação.

Todas as vacas em início de lactação produzindo mais de 20 kg de leite, receberiam um suplemento de meio quilo de alimento protéicos de origem vegetal, contendo 40 a 50% de proteína para cada 2.500 kg produzidos acima dos 20 kg de leite.

Uma vaca recém-parida seria alimentada como se estivesse produzindo 34 kg de leite durante as seis primeiras semanas da lactação. Depois disso, seria alimentada de acordo com a produção.

Se o NPN for empregado para elevar a 12% o teor de proteína de rações pobres, é necessário reconhecer que esse NPN não terá nenhum valor para vacas que estiverem recebendo aquele suplemento protéico. Isto pode ser compensado pela adição de meio quilo do concentrado mais meio quilo para cada 2.500 kg de leite produzido acima dos 20 kg.

O emprego de suplementos de NPN deve ser feito com os cuidados comuns. Devido à palatabilidade, a uréia não deve exceder de 1,5% das misturas de concentrados. Para ser incorporada à silagem de milho, recomenda-se a adição de 4,5 kg de uréia por tonelada.

Muita atenção deve ser dada à mistura da uréia com os ingredientes da ração.

Nossas palavras sobre o máximo de NPN que pode ser utilizado aplicam-se a todos os tipos de suplemento de NPN, seja na forma seca, líquida, com desprendimento normal ou retardado, seja os que contêm uréia, biureto ou fosfato de amônia.

Se o criador adotar as recomendações aqui expostas, a indústria de alimentos

deve fornecer dois tipos de suplementos nitrogenados: um, composto exclusivamente de proteínas naturais (vegetal, animal) e outro, composto de NPN exclusivamente. A procura de suplementos com 15 a 40% de Nitrogênio, oriundo de NPN, diminuiria sensivelmente.

O total de suplementos protéicos requeridos pelas vacas leiteiras seria consideravelmente reduzido, se passassem a receber, nas últimas fases da lactação, menores quantidades de proteína.

Os criadores que fornecem aos animais grandes quantidades de feno de alfafa ou de feno-silagem (haylage) não obtêm qualquer vantagem com NPN, simplesmente porque tais rações contêm 12% ou mais de proteína. Essas rações, para vacas de alta produção e em início de lactação, necessitam de suplementos protéicos, porém, de origem natural.

EM CONCLUSÃO

Um sistema preciso e simples para a avaliação e utilização de NPN é aqui proposto. Baseado na concentração de amônia no rume, leva em consideração os teores de proteína bruta e de NDT na ração total. Esses dados familiares aos criadores são utilizados para calcular o nível em que a suplementação com NPN deixará de ter qualquer valor. Os limites máximos de suplementos de NPN nas rações na Tabela 1 aplicam-se na alimentação de gado leiteiro e do gado de corte.

Com os altos preços atuais de proteínas vegetais recomenda-se a suplementação de rações com NPN, porém, das que tiverem menos de 12% de proteína, utilizando-as para vacas secas, novilhas ou vacas produzindo menos de 20 kg de leite. Para vacas recém-paridas ou vacas de mais de 20 kg de leite, recomendam-se apenas suplementos protéicos de origem vegetal. Quando se fornecem produtos NPN a vacas de alta produção, como suplemento a contribuição desses produtos para atender às necessidades das vacas deve ser considerada igual a zero.

Abate de suínos RS

No ano findo, o abate de suínos nos frigoríficos existentes no Estado foi a 2 milhões de cabeças. Praticamente o mesmo total médio dos últimos anos, como se pode ver:

1970	1.902.912
1971	2.148.261
1972	1.990.229
1973	2.022.688

Esses números são divulgados pela Associação S.R. das Indústrias de Produtos Suínos. Em 1973, o número de frigoríficos que abateram os 2 milhões foram de 37, entre cooperativas e empresas privadas. O frigorífico que abateu maior número de cabeças foi o Frigorífico Westphalen, de Dama S.A. com 199.235 suínos. Entre as Cooperativas, a de maior abate foi a de Encantado, com 89.126 suínos. Na relação total, pela ordem decrescente, a Cooperativa de Encantado ficou em 5.º lugar, superada por 4 frigoríficos privados.

Menos terneiros no campo nativo

Experiências feitas durante quatro anos, em Bugé, mostraram que vacas mantidas em campo nativo tiveram uma produção de 62% de terneiros. No mesmo período, vacas mantidas em pastagens artificiais, registraram uma produção de 96% de terneiros. Os ensaios foram feitos na Estância Cinco Cruzes, que o IPEAS, do Ministério da Agricultura, mantém nesse município da fronteira gaúcha. No caso de vacas mantidas em campo nativo, foi verificado que somente 28% voltaram com cria no ano seguinte. Em outras palavras, das vacas que deram cria num ano, somente 28% pegaram cria e voltaram com novo terneiro no ano seguinte. Esse ensaio confirma a velha crença reinante nas estâncias, onde se costumava dizer que "são necessárias duas vacas para ter um terneiro".

Terramicina Solução Injetável. PARA TODO O SEU REBANHO SER FORTE COMO UM TOURO.



Pfizer e Brasil
vinte anos
de amor
perfeito.

Touro sempre foi sinônimo de saúde. E tem saúde o rebanho que é bem tratado. Livre de doença.

Por isso a Pfizer produz Terramicina Solução Injetável.

Nos bovinos, a Terramicina Solução Injetável age contra as doenças infecciosas em geral,

doenças respiratórias, onfaloflebite e infecções externas. A Terramicina Solução Injetável ainda é proteção contra as doenças de fases críticas, seja na descorna, castração, desmama e até viagens, secas intensas, etc.

E se bovino não é sua especialidade, a Terramicina Solução

Injetável protege da mesma forma aves, suínos, ovinos e equinos.

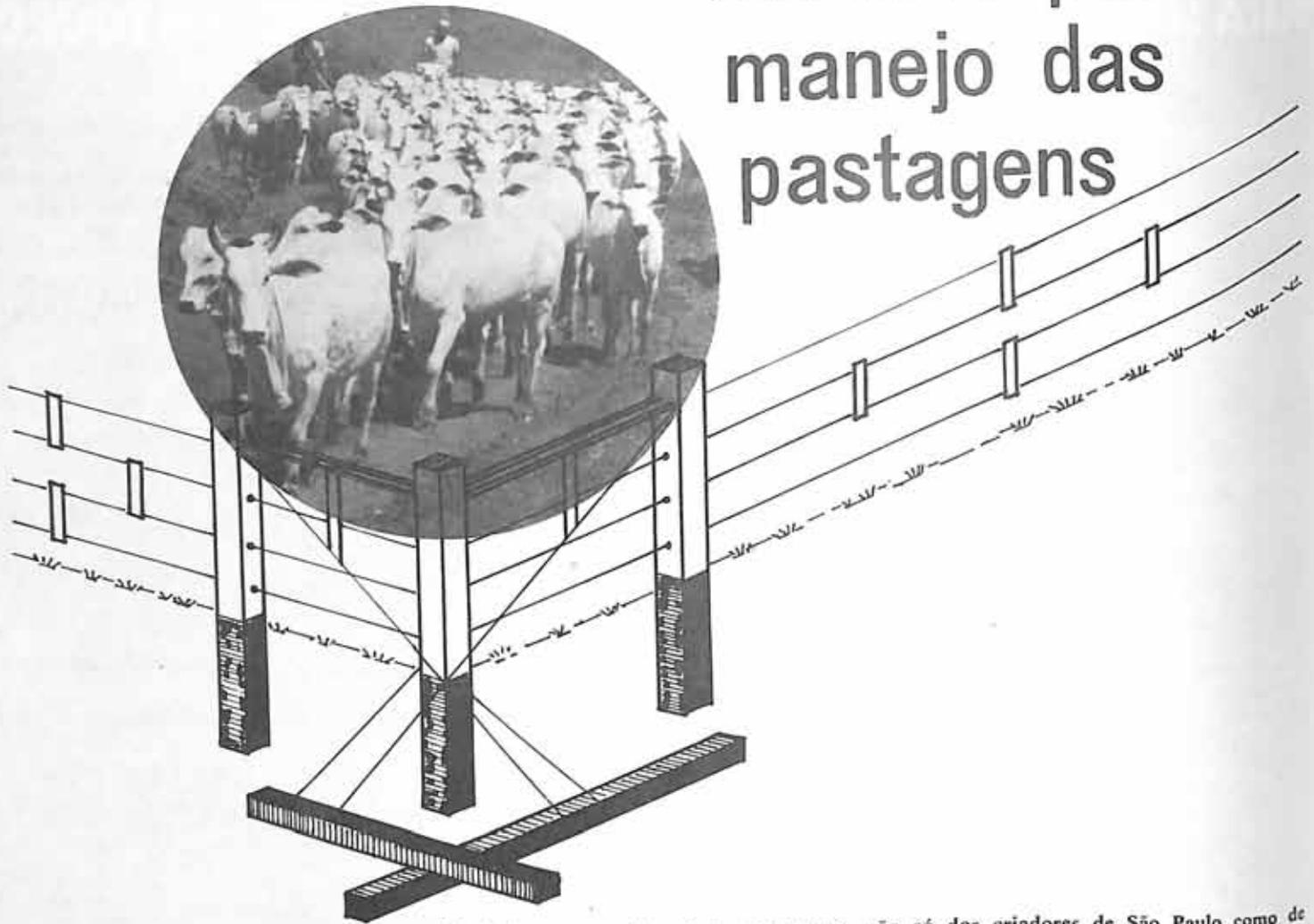
A Pfizer acondicionou a sua Terramicina Solução Injetável em frascos de 50 cc, caixas com 25 frascos de 10 cc e caixas com 100 ampolas de 2 cc. Só para seu rebanho ser forte como um touro.

pfizer



PFIZER QUÍMICA LTDA.
Divisão Agropecuária e Química
Via Dutra, Km 391 - Guarulhos - SP

Normas para manejo das pastagens



Por julgarmos ser do máximo interesse, não só dos criadores de São Paulo como de todo o Brasil, iniciamos a publicação em três etapas de um trabalho, realizado por técnicos da Cati, sobre Normas para manejo de pastagens.

Nesta edição apresentaremos a parte das Normas para manejo de pastagens, com os títulos e sub-títulos: manejo de um pasto, primeira utilização normal, dimensionamento dos piquetes, tempo de ocupação, períodos de descanso, produção das diferentes espécies, com vários quadros sobre produção e rendimentos de capim elefante, napier, colômbio, gordura, jaraguá, pangola Taiwan. Siratro, Soja Perene Stylosanthes. Adubação nitrogenada, fosfatada e potássica. Calagem. Micronutrientes. Condicionadores de pastejo.

Na segunda publicação cuidaremos da parte de Manejo de pastos de uma propriedade que tratará da capacidade de suporte potencial por períodos/ha, alternativas para corrigir as defasagens de produção de forragens durante o ano, fertilização de Colômbio em solo da Noroeste, apresentando outras tabelas sobre produção de matéria seca, composição bromatológica. Produção de leite por vaca/dia/ha. Espaçamento do milho para produção de silagem. Gastos com silagem. Produção de forragem na seca.

Finalmente, a terceira publicação, que será fartamente ilustrada, cuidará da Construção de cercas de arame liso com balancins. Terá uma introdução, sub títulos, palanques, lascas, balancins, arame. Custos, componentes por unidade e cercas de 4 fios de arame liso com balancins (lance de 1.000 metros).

1. MANEJO DE UM PASTO

1.1. Primeira utilização

No capim colômbio, formado pelo método CATI, os animais devem entrar no pasto quando este atingir 50-60 cm de altura com o objetivo principal de permitir luz para a leguminosa consorciada. No primeiro ano, o manejo deve ser feito em função da permanência da leguminosa. Na ausência desta, o primeiro pastejo pode ocorrer quando o colômbio atinge 1-1,20 m. Em qualquer dos casos, o rebaixamento

é feito até 20-30 cm de altura. Os animais deverão permanecer na pastagem até consumirem toda a forragem disponível (folhas), sobrando, eventualmente, as hastes do capim e plantas invasoras. Usar a roçadeira para rebaixar o capim e combater as plantas invasoras que por ventura nasceram juntamente com as sementes da

forrageira. Não havendo pragas, se o rebaixamento foi bem feito pelos animais, dispensa-se a roçadeira. O rebaixamento, por um ou outro meio, provoca maior perfilhamento do capim.

O colômbio exclusivo, quando formado por semente obedece, aproximadamente, às seguintes condições:

Épocas de plantio
outubro/novembro
dezembro/janeiro

1.º pastejo
dezembro/janeiro
fevereiro/março

altura
1-1,20 m
1-1,20 m

Para o napier, as épocas de plantio e primeiro pastejo são idênticas às do colômbio, diferindo apenas as alturas do pasto. No napier exclusivo, o primeiro pastejo é feito quando as plantas atingem 1.30-1.50 m de altura, rebaixando-as para 70-80 cm. Não usar roçadeira nesta fase. Se for necessário igualar o pasto, usar, de preferência, o rolo-faca, desde que o capim tenha mais de 100 dias de vegetação. Esta providência melhora o stand do pasto.

Pangola, braquiária e estrela da África devem sofrer o primeiro pastejo aos 120 dias do plantio, quando o solo estiver coberto. Os animais devem ser retirados quando o pasto baixar para 15-20 cm de altura. O pastejo baixo condiciona o aparecimento de plantas invasoras, se não houver rodízio (divisão).

Nos pastos de gordura e jaraguá, o gado entra com 40 cm e sai quando baixar o capim até 15-20 cm. O primeiro pastejo ocorre aos 120 dias da semeadura.

1.2. Utilização normal

O gado deve ser colocado no pasto de colômbio, quando este atinge 60-80 cm de altura e permanecer até 30-40 cm, altura esta que deve ser mantida, regulando-se a lotação. Justifica-se esta altura mínima pelo fato de existir terra nua entre as touceiras. Procura-se, então, pelo entrelaçamento das plantas, sombrear e proteger a área descoberta. No inverno, o capim não atinge a altura de 60-80 cm, alcançando possivelmente 50 cm. No entanto, é importante considerar que, respeitando-se os 30-40 cm de altura mínima, sempre resta área foliar fotossintética, favorecendo o início da rebrota.

O manejo condiciona o pasto de colômbio em boas ou más condições. Só se recomenda o uso da roçadeira para uniformização.

O pasto de napier consorciado com leguminosa deve ser mantido entre 60-80 cm (entrada dos animais) e 30-40 cm (saída dos animais). A pastagem desta forrageira deve ser roçada unicamente na primavera (agosto, setembro, outubro), antes da rebrota das águas quando é necessário remover os colmos velhos, com poucas gemas para brotação, ao mesmo tempo em que se força uma rebrota vigorosa na área basal da planta.

Os pastos de outras espécies devem ser roçados no fim das águas (março-abril), com o objetivo de controlar as invasoras. Quando se roça em outras épocas, estas são podadas e não destruídas além de se reduzir a estação de crescimento da forrageira.

1.3. Dimensionamento dos piquetes

Piquetes com até 10-12 ha apresentam as seguintes vantagens:

- as aguadas se localizam a distâncias menores dos pontos extremos;
- as condições do stand são prontamente visualizadas;
- em decorrência de "b" controlamos melhor a velocidade de rotação.

1.4. Tempo de ocupação

Consideram-se como períodos máximos recomendáveis os seguintes:

colômbio	7-10 dias
napier	3-7 dias
demais	3-7 dias

OBS.: Quanto menor o tempo de ocupação, melhor, evitando-se o consumo da rebrota no mesmo período de ocupação.

1.5. Períodos de descanso

1.6. Produção das diferentes espécies

Produção anual do capim elefante napier cortado a intervalos de 4 semanas e de 8 semanas. Ano agrícola 65/66. Município de Sertãozinho. Produção em kg de matéria seca (a 100°C) por hectare².

Data dos cortes	4 semanas	8 semanas	Altura do stand com intervalo de 8 semanas
15.09.65	Início do crescimento	—	—
13.10.65	430	—	—
10.11.65	1.740	4.183	1.30 m
08.12.65	3.022	—	—
05.01.66	1.607	7.310	2,00 m
02.02.66	2.033	—	—
02.03.66	2.513	5.365	1,50 m
30.03.66	925	—	—
27.04.66	734	2.276	0,80 m
25.05.66	677	—	—
22.06.66	327	1.264	0,60 m
20.07.66	176	—	—
17.08.66	134	636	0,30 m
14.09.66	78	—	—
TOTAL ANUAL	14.318	21.034	—

° — Autores: J.C. Werner, F.P. Lima e D. Martinelli (não publicado).

Corte a 15-20 cm do solo. Adubação com 100 kg de P₂O₅/ha e 100 kg de K₂O/ha no início do ensaio, e com 200 kg de N/ha/ano em 6 parcelamentos de 34 kg (a cada 8 semanas).

Capim napier — Produção de matéria seca (a 100°C) em kg/ha, corte por corte (média de 8 repetições). Corte médio (30-40 cm do solo) e alto (70-80 cm do solo), a cada 28 dias, simulando pastoreio. % de proteína na matéria seca, corte por corte. Dados extraídos de Werner e col. (Bol. Ind. Animal 23-65/66). Ensaio realizado na Estação Experimental de Sertãozinho.

Data dos cortes	Corte médio		Corte alto	
	kg M.S./ha	% Pr. na M.S.	kg M.S./ha	% Pr. na M.S.
05.03.64	Início do crescimento	—	—	—
01.04.	853	14,95	609	13,88
28.04.	532	15,00	1.355	13,02
26.05.	355	16,52	304	15,70
24.06.	228	15,90	224	14,78
22.07.	262	17,95	235	16,65
19.08.	Produções não medidas	—	—	—
16.09.	95	15,23	75	14,00
14.10.	796	18,65	466	18,75
11.11.	1.657	16,23	1.710	15,40
07.12.64	Produções não medidas	—	—	—
06.01.65	1.454	16,17	1.853	14,51
03.02.	1.573	15,88	2.089	15,11
03.03.	1.286	15,04	1.649	15,28
31.03.	956	16,37	1.170	16,42
28.04.	597	14,47	784	14,34
26.05.	143	17,25	143	16,10
23.06.	144	15,50	168	15,68
21.07.	115	18,15	158	17,00
18.08.65	140	17,55	132	17,12
TOTAL	11.186	16,28	13.121	15,51

Adubação: 100 kg de P₂O₅ e 100 kg de K₂O/ha no plantio e 200 kg de N/ha/ano em 3 parcelamentos anuais (março, maio e setembro).

Tratamentos	Produção Total Anual	Produção do Verão	% do Verão sobre o total	Produção do Inverno	% do Im. sobre o Total	% Média Anual de Proteína
1. Testemunha	3.466	3.098	89,4	368	10,6	8,16
2. 100 kg de N/ha em março	6.433	4.884	75,9	1.549	24,1	8,74
3. 100 kg de N/ha em maio	6.107	5.124	85,9	983	16,1	8,60
4. 100 kg de N/ha em julho	6.706	5.907	88,1	798	11,9	9,33
5. 100 kg de N/ha em setembro	6.596	6.184	93,8	412	6,2	8,61
6. 100 kg de N/ha em novembro	6.599	6.167	93,5	432	6,5	8,62
7. 100 kg de N/ha em janeiro	6.459	5.919	91,6	540	8,4	8,63
8. 100 kg de N/ha 1/2 em março e 1/2 em set	6.378	5.437	85,3	940	14,7	8,61
9. 100 kg N/ha 1/2 em março e 1/2 em nov.	6.861	5.858	85,1	1.023	14,9	8,69
10. 100 kg de N/ha 1/2 em março e 1/2 em maio	6.332	5.058	79,9	1.274	20,1	8,43

* Dados de J.C. Werner ainda não publicados.

"Verão" — outubro a março "Inverno" — abril a setembro.

Produção de "Verão" — soma de três cortes dados respectivamente em fins de nov., jan. e mar.

Produção de "Inverno" — soma de dois cortes dados respectivamente em fins de mai. e fins de set.

Todos os tratamentos receberam adubação básica e igual de 100 kg de P₂O₅/ha/ano a 100 kg de K₂O/ha/ano, aplicada, metade no início do "Verão" e metade no início do "Inverno".

Tores de proteína na matéria seca (100 °C) — Média de 2 rep. e dos 3 anos

Épocas de Adubação	Corte maio	Corte julho	Corte setembro	Corte novembro	Corte janeiro	Corte março	Média Anual
1 — Testemunha	10,7	10,5	10,1	8,7	7,4	7,4	9,0
2 — março	12,5*	11,3	10,5	9,4	7,7	7,8	9,8
3 — maio	11,0	14,9*	12,2	9,9	8,2	7,9	10,3
4 — julho	11,2	11,8	16,0*	9,6	7,7	8,1	10,6
5 — setembro	10,9	11,7	10,8	10,7*	7,3	7,6	9,7
6 — novembro	10,5	11,3	10,8	9,1	8,5*	8,2	9,6
7 — janeiro	11,4	12,3	10,0	9,1	7,6	9,2*	9,7
8 — março-setembro	12,1*	11,2	9,9	10,1*	7,1	7,9	9,5
9 — março-novembro	12,6*	10,6	10,5	9,3	7,8*	7,9	9,7
10 — março-maio	12,4*	13,4*	11,2	8,8	7,2	8,0	10,0
Média	11,5	11,9	11,2	9,5	7,7	8,0	

* — No corte imediato à adubação respectiva.

Taxas de crescimento diário (kg de matéria seca a 70 °C/ha/dia), dos capins colômbio, gordura, jaraguá e pangola de Taiwan, de acordo com os meses do ano. Médias de 5 anos (anos agrícolas de 65/66 a 69/70) — Dados extraídos de tese de doutoramento apresentada à E.S.A.L.Q. em 1972 por J.V.S. Pedreira.

	Colômbio	Gordura	Jaraguá	Pangola de Taiwan
Outubro	25,3	16,3	14,5	32,6
Novembro	51,6	24,0	42,6	61,9
Dezembro	62,5	20,6	55,2	65,4
Janeiro	64,0	20,1	56,1	82,2
Fevereiro	52,3	29,1	51,8	61,8
Março	34,2	24,2	35,7	31,5
Abril	16,5	18,2	19,8	15,0
Mai	5,8	12,2	8,0	5,8
Junho	3,4	7,6	5,4	4,9
Julho	2,0	2,9	2,5	3,1
Agosto	3,6	3,2	1,7	3,3
Setembro	8,7	4,2	2,6	11,1

OBS.: Dados obtidos por um sistema de cortes defasados em que cada produção acima representa a média da produção de 3 stands do mesmo capim, cortados com o

**É A VOZ DO DONO QUE
 ENGORDA O BOI**



Administre pessoalmente sua fazenda através do Transceptor SSB-AJ

Transistorizado - Trabalha com corrente de 110 volts ou bateria

**Garantia de 12 meses
 Assistência permanente**

**Providenciamos a licença do
 Dentel e instalamos**

aj AJ ELETRÔNICA S.A.

15 anos de experiência em SSB

**Alameda Santo Amaro, 383
 04745 - São Paulo - SP
 Telefone: 247-5433**

Representantes em: Goiânia,
 Maringá - Porto Alegre - Rio
 - Vitória - Fortaleza

mesmo número de dias de descanso, mas com o início do período de descanso defasado. Na primavera e verão o período de descanso oscilou entre 28 a 45 dias, de acordo com o ano e no outono e inverno entre 60 a 90 dias. Foram aplicadas quantidades básicas de fósforo e potássio, anualmente, e o nitrogênio era aplicado parceladamente após cada corte, perfazendo uma média de 300 kg de N/ha/ano. Valores médios da capacidade de suporte estacional estimada dos capins colônião, gordura, jaraguá e pangola de Taiwan, em cabeças/ha (a) e porcentagem aproximada das necessidades nutricionais a serem suplementadas (b) quando se quiser manter um número de animais para aproveitar toda a forragem no período de máxima produção. Dados extraídos de tese de doutoramento apresentada à E.S.A.L.Q. em 1972 por J.V.S. Pedreira.

	Colônião		Gordura		Jaraguá		Pangola de Taiwan	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(b)
"Primavera" (set. e out.)	1,4	70%	0,9	55%	0,7	85%	1,8	70%
"Verão" (nov., dez., jan. e fev.)	4,8	—	1,9	—	4,3	—	5,6	—
"Outono" (mar. e abr.)	2,1	55%	1,7	10%	2,3	45%	1,9	65%
"Inverno" (maio a agos.)	0,3	95%	0,5	75%	0,4	90%	0,3	95%

OBS.: Dados obtidos através de ensaio de corte simulando pastoreio, em que o período de descanso oscilava entre 28 a 45 dias na primavera e verão, de acordo com o ano e entre 60 a 90 dias no outono e inverno. Foram aplicadas quantidades básicas de fósforo e potássio, anualmente e nitrogênio parceladamente após cada corte perfazendo uma média de 300 kg de N por hectare por ano. O ensaio durou 5 anos.

Produção de matéria seca (a 70 °C) de três leguminosas forrageiras cultivadas na Estação Experimental de Nova Odessa. Dados extraídos do trabalho de J.V.S. Pedreira "Crescimento Estacional de Leguminosas Forrageiras", apresentado à IX Reunião da S.B.Z. realizada de 11 a 14 de julho de 1972 em Viçosa — MG.

	Siratro		Soja Perene		Stylosanthes	
	kg/ha	%	kg/ha	%	kg/ha	%
"Verão" — 69/70	6.647	81%	6.278	91%	3.644	66%
"Inverno" — 70	1.549	19%	641	9%	1.866	34%
TOTAL ANUAL	8.196	100%	6.919	100%	5.530	100%
"Verão" — 70/71	5.755	—	5.322	—	6.099	—

OBS.: "Verão" — meados de outubro e meados de abril

"Inverno" — meados de abril a meados de outubro.

Todas as parcelas foram convenientemente adubadas com superfosfato simples e cloreto de potássio.

Revista do

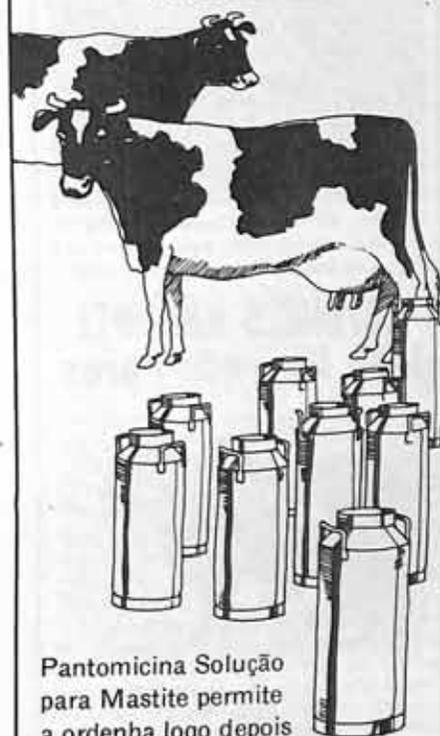
INSTITUTO DE LATICÍNIOS CÂNDIDO TOSTES

Caixa Postal 183 — Juiz de Fora — MG — Brasil

Assinatura anual Cr\$ 25,00

REVISTA DOS CRIADORES — Março de 1974

PANTOMICINA SOLUÇÃO PARA MASTITE RENDE QUATRO LACTAÇÕES A MAIS



Pantomicina Solução para Mastite permite a ordenha logo depois de 24 horas, enquanto os outros antibióticos fazem você perder dois dias de rentabilidade. Sua ação é efetiva contra os germes causadores da mastite, possui maior permeabilidade na teta da vaca, e é o único antibiótico que por infusão atinge níveis sanguíneos iguais ao produto injetável. Lembre-se sobretudo que com Pantomicina você ganha quatro lactações de lucro líquido e certo.



**ABBOTT
LABORATÓRIOS
DO BRASIL LTDA.**

DIVISÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS
RUA NOVA YORK, 245 - SÃO PAULO, SP

F. MARCELLO

São Pedro dos Ferros capital do Zebu Leiteiro

Venha conhecer os rebanhos zebuínos que lideram as estatísticas mundiais.



LAMINA, RE, LM, a Campeã Mundial da raça Guzerá, com 5.096 kg de leite em 365 dias, uma das reprodutoras da

ESTANCIA KANKREJ José Resende Peres



PRATINHA, RE, LM, da raça Gir, com 5.749 em 365 dias, uma das vacas do famoso plantel da

FAZENDA BRASÍLIA Rubens Resende Peres

Estamos a 3,30 horas de Belo Horizonte, via Ouro Preto-Ponte Nova-Rio Casca.

Reparta conosco o sucesso, injetando rusticidade e alta produção de leite em seu rebanho leiteiro, a um só tempo!

E venha ver as maravilhosas novilhas Holando-Zebus - sinônimo de leite a mais baixo custo. Amochadas, vacinadas contra brucelose, aftosa e carbúnculo sintomático.

Informações no Rio:
Av. Churchill, 38-B — 2.º andar
Tel.: 252-5529 — 265-3654 — ZC. 39

1.7. Adubação

1.7.1. Padrões de fertilidade do solo

Elementos Analisados	e.mg por 100 ml de t.f.s.a*	ou p.p.m.**	Classificação	Nível crítico (e.mg)
Fósforo	PO4-3 0 a 0,10 0,10 a 0,30 maior que 0,30	P 00 a 10 10 a 30 maior que 30	pobre médio	0,10
Potássio	K 0 a 0,12 0,12 a 0,40 maior que 0,40	K 0 a 47 47 a 156 maior que 156	pobre médio rico	0,12
Cálcio + Magnésio	0 a 3,00 3,00 a 5,00 maior que 5,00		pobre médio rico	3,00
Alumínio	0 a 0,30 0,30 a 1,00 maior que 1,00		baixo médio alto	0,50
Carbono***	0 a 0,80 0,80 a 1,40 maior que 1,40		pobre médio rico	
pH	menor que 5,00 5,00 a 5,50 5,50 a 6,00 6,00 a 6,90 7,00		fortemente ácido ácido medianamente ácido pouco ácido neutro	5,00

* equivalente miligrama por 100 mililitros de terra fina seca ao ar.

** parte por milhão

*** o carbono indica o teor de matéria orgânica.

1.7.2. Adubação nitrogenada

Devemos considerar:

a) manejo adequado do pasto, principalmente divisão e lotação.

b) garantia de existência de níveis razoáveis de outros nutrientes, principalmente P e S.

c) aplicação em épocas adequadas para evitar perdas.

d) se existem leguminosas em consorciação não fazemos adubação nitrogenada (esta inibe a nodulação).

Indicam-se 3 tipos de dosagens:

— intensa: de 200 a 300 kg de N/ha/ano (fracionada)

— média: de 80 a 100 kg de N/ha/ano (março)*

— restituição: de 30 a 50 kg de N/ha/ano (março)*

* — estendendo-se até abril.

1.7.3. Adubação fosfatada

As recomendações são feitas segundo os níveis de Po4-3, revelados pela análise de solo.

Recomendações de adubação fosfatada

Níveis de PO4-3	ou p.p.m. de P	Recomendação kg de P2O5/ha
0	0 a 10	120
0,10 a 0,20	10 a 20	80
0,20 a 0,30	20 a 30	40
Maior que 0,30	Maior que 30	20 (adubação de restituição)

* A dosagem é indicada para 2 ou 3 anos. A necessidade de nova adubação em 2 ou 3 anos e a dosagem respectiva dependerão não só de nova análise do solo como do comportamento das plantas e da intensidade de utilização.

O emprego de fosfatos naturais é geralmente melhor nos solos ácidos e ricos em matéria orgânica e quando não se necessita de fósforo facilmente assimilável.

O superfosfato simples (solúvel), além do P rapidamente assimilável, fornece S, que depois do P e do N parece ser o elemento mais carente nas pastagens do Estado de São Paulo. A quantidade de S nas dosagens normalmente recomendadas de superfosfato simples é suficiente para bom desenvolvimento das pastagens.

Nos pastos em formação ou já formados é mais conveniente a adubação com fosfatos solúveis.

Nas pastagens já formadas e exclusivamente de gramíneas, os fosfatos são aplicados juntamente com os nitrogenados em março-abril. Em se tratando de pas-

tapens consorciadas, o fosfato é aplicado durante as águas.

Nos pastos em formação, o fosfatado é aplicado:

- durante o preparo do solo antes da gradeação (fosfatos naturais);
- semeadura com sementes a lanço — solúveis;
- nos sulcos de plantio (plantio de mudas) — solúveis;
- em mistura com as sementes (método CATI) — solúveis.

Nos pastos já formados, a aplicação é feita em cobertura a lanço, com o pasto rebaixado.

1.7.4. Adubação potássica

As recomendações são feitas segundo os níveis de K+ revelados pelas análises de solo.

Recomendações de adubação potássica

Níveis de K+		Recomendação *			
mg/100 ml solo		kg de K ₂ O/ha		Pastagem	Capineira
ou	p.p.m.				
0 a 0,12	0 a 47	60	80		
0,12 a 0,20	47 a 78	30	40		
Maior que 0,20	Maior que 78	Não é necessário			

* A dosagem é indicada para 2 a 3 anos e a nova aplicação fica na dependência de outra análise de solo.

O adubo potássico pode ser aplicado com nitrogenado, com o fosfatado, ou com ambos, nos pastos já formados. No método CATI não se deve misturar o adubo potássico junto com o fosfatado e as sementes; logo, deverá ser aplicado, posteriormente em cobertura.

1.7.5. Calagem

Para gramíneas e leguminosas, a calagem deve ser feita apenas para eliminar o alumínio livre.

Para as leguminosas, a liberação do Mo determinada pela calagem é fator importante para a nodulação. Calagem apenas para eliminar a acidez nociva pode não liberar quantidades de Mo suficientes para bom desenvolvimento das leguminosas.

A quantidade de calcário dolomítico a ser aplicada é dada por:

$$1,5 = \text{toneladas/ha (solo arenoso)}$$

$$2,0 = \text{toneladas/ha (solos intermediário e argiloso)}$$

A calagem é feita de uma só vez na formação da pastagem. Nos pastos já formados, parceladamente, se a quantidade necessária para neutralizar o Al livre for superior a 2t/ha.

O calcário é incorporado ao solo 60 dias antes do plantio (pastos em formação) ou 2-3 meses antes de adubações (pastos formados). No último caso, a lanço em cobertura, com o pasto rebaixado. Repetir a análise de solo cada 2-3 anos para nova recomendação.

1.7.6. Micronutrientes

Consideram-se essenciais para o desenvolvimento das plantas: zinco, boro, molibdênio, cobre, ferro, manganês e cloro.

As respostas positivas a Zn, B, Fe e Cu, são geralmente encontradas quando se faz calagem para elevar o pH a 6,5 e que torna menos disponíveis esses elementos.

Desde que se adote a norma de recomendar calagem com base nos teores de Al livre, não seria necessária a aplicação de micronutrientes, com exceção do Mo, que poderá ser usado na dose de 500 g de molibdato de sódio por hectare, adicionados ao adubo fosfatado.

1.8. Condicionadores de pastejo

Pastos de até 10-12 ha não têm problema de pastejo uniforme se a lotação foi adequada.

O cocho de mineral poderá ficar distante da aguada, forçando a movimentação do gado; deve-se levar em conta, no entanto, a distribuição do sal (facilidade).

A aguada natural ou açude precisam ter o piso pavimentado (cascalhos, etc.) e altura de água de 50 cm, no mínimo, para evitar bebida de água suja ou sucção de areia. O consumo médio de água por animal, no caso de construção de bebedouros, é de 40 litros por dia.

Quanto às sombras, indicam-se 4 árvores do tipo Sibipiruna (copa alta) por hectare.

As cercas mais recomendáveis são as com balacins, de arame liso, com mou-

ros de 10 em 10 metros e esticadores suficientes para manter a tensão (150 metros ou mais de distância entre eles). Em terrenos acidentados, os esticadores são menos espaçados. As cercas de maior comprimento devem acompanhar a linha de nível do terreno, facilitando o deslocamento dos animais.

OBSERVAÇÕES

1. O dimensionamento de piquetes é função do planejamento da propriedade que explora leite ou carne. O dimensionamento proposto na pág. 27, item 1.3, apresenta as vantagens relacionadas. Não existe uma dimensão ideal, válida para todas as propriedades, mas dimensões variáveis para cada específico.

2. Na pág. 29, apresentam-se dados de produção de matéria seca para três leguminosas. Cumpre observar que no referido trabalho experimental, o Stylosanthes, muito embora apresentasse maior produção e melhor distribuição estacional, teve o stand drasticamente reduzido posteriormente, enquanto os demais permaneceram.

3. Na pág. 31, item 1.7.4., acrescento-se a época de aplicação de fertilizante potássico: de outubro a março (águas), depois do rebaixamento pelo gado.

4. Na pág. 30, observar:

a) dosagem intensa só se recomenda no caso de pastagens de forrageiras altamente produtivas (napier, colônia, pangola e braquiária), bem divididas e bem manejadas. O fracionamento da aplicação deve obedecer às proporções de 1/3 da dose em dezembro-janeiro e 2/3 em março-abril; a última favorecendo maior produção para o período da seca, além de uma rebrota precoce e maior produção na primavera.

b) A dosagem média se recomenda para as principais gramíneas, com exceção do gordura, que não responde às adubações pesadas por ser espécie de crescimento lento. Para este capim recomendar-se-ia apenas a adubação de restituição.

c) A adubação de restituição se recomenda para todas as gramíneas, para manutenção da produção, evitando a degradação da pastagem.

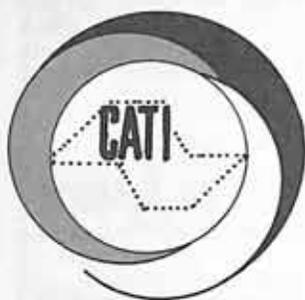
OBS.: Na adubação em março, deve-se evitar a fonte de N proveniente da uréia, em vista de ocorrerem perdas por volatilização em caso de secas prolongadas logo após a aplicação e dissolução do adubo.

5. Na pág. 30, item 1.7.3, substitui-se o parágrafo 3: Para os pastos em formação, por questões econômicas, a dose total de P₂O₅ pode ser fornecida metade por fosfato solúvel e metade por fosfato natural, aplicando-se este último por ocasião do preparo do solo, antes do plantio.

Não se aconselha a aplicação de fosfato natural em pastos já formados, principalmente se o pH for superior a 6.

6. Na pág. 31, no que se refere à sombra, a melhor disposição das árvores é em maciço.

Para servirem de quebra-vento, as árvores, em número bem maior, devem ser dispostas em renque, não havendo necessidade de se limitar à escolha de árvores do tipo Sibipiruna (eucalipto, cipreste, etc.).



Produção Soja - Trigo

- 1) Descrição da situação — 2) Caracterização dos objetivos específicos
— 3) Conteúdo técnico — 4) Esquema metodológico do programa.

1. DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO

A exemplo do que ocorre no Sul do País, vem se processando um desenvolvimento de forma acelerada da triticultura, na Região Centro-Sul e Norte do Paraná, Sul de Mato Grosso e São Paulo.

Entre os fatores mencionados para justificar essa situação, destaca-se a firme decisão do Governo Revolucionário, o qual vem proporcionando condições, as mais favoráveis possíveis, tendo em vista concretizar a diretriz que objetiva a auto-suficiência do abastecimento de trigo do País.

Definida a política de produção de trigo, vêm sendo tomadas decisões, tendo em vista a montagem de um sólido esquema de suporte de sua infraestrutura técnica e econômica.

Assim, foram postos em prática inúmeros projetos de pesquisa em Entidades Ministeriais, Estaduais e Privadas.

O avanço obtido, principalmente, na área de melhoramento, tem proporcionado condições para a substituição constante de cultivares cujas características agrônomicas mostram-se superadas. O zoneamento ecológico foi outro fator preponderante na elevação da viabilidade técnica e econômica da cultura de trigo em diversas áreas. Outro fator de grande importância do desenvolvimento tritícola está relacionado com a implantação de muitos serviços de produção de sementes melhoradas.

No que diz respeito à infraestrutura econômica do trigo, verifica-se, primeiramente, um notável desenvolvimento do cooperativismo, constituindo hoje a Federação das Cooperativas de Trigo — FECOTRIGO, uma das mais expressivas forças associativas do País, a qual manipula cerca de 70% da produção de trigo nacional, possui uma extensa rede de armazéns e silos, bem como graneleiros com respectivos terminais marítimos. Essa entidade possui hoje também, um dos maiores centros de pesquisa de trigo do País — o Centro de Melhoramento de Trigo, em Cruz Alta (RS), onde se encontra uma numerosa equipe de técnicos — nacionais e internacionais.

Esforços têm sido desenvolvidos, com resultados bem expressivos, tendo em vista a coordenação da ação do escoamento das safras através da rede ferroviária das Regiões Centro-Sul e Sul do País, bem como pela colocação em funcionamento

de numerosas unidades graneleiras. A marinha mercante tem elevado também, sua eficiência nesse setor.

Quanto aos preços estabelecidos para a comercialização do trigo, pode-se afirmar que os mesmos têm sido satisfatórios, chegando mesmo a ser altamente compensatórios, quando praticada a rotação trigo-soja, a qual já foi considerada pelo Instituto de Economia Agrícola desta Secretaria, como uma das explorações que maior rentabilidade apresenta dentre as atividades agropecuárias do País.

O financiamento e a comercialização do trigo estão a cargo do Banco do Brasil S.A., o qual através do seu Departamento do Trigo-Ctrin, atua como agente do Governo Federal. Essas áreas de atuação têm sido executadas com a máxima eficiência, podendo-se afirmar que são as principais armas dentro da estratégia de implantação e da expansão da triticultura nacional.

A comercialização do trigo é totalmente feita através do Banco do Brasil S.A., o qual a vem executando de forma a proporcionar ao produtor toda a tranquilidade possível, pois, essa operação é realizada sem variação dos níveis de cotação, com a garantia da colocação integral da produção e sob condições de pronto pagamento pelo produto entregue.

Graças à política posta em prática, tendo por base o crédito orientado, que hoje vem se cultivando trigo em áreas com condições ecológicas, épocas de plantio, cultivares e emprego de sementes melhoradas, em função dos resultados de pesquisa, podendo-se afirmar que, na verdade, o Banco do Brasil S.A. realiza um eficiente sistema de assistência técnica, tornando fácil colocar em execução, dentro de curto espaço de tempo, toda a tecnologia posta a disposição dos agricultores pelos Institutos de Pesquisa.

A política de crédito orientado, posta em prática pelo Banco do Brasil S.A., tem vigorado com pleno êxito nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Tanto é verdade essa afirmativa que, de 100.000 toneladas produzidas em 1963, dever-se-á atingir, em 1972, uma produção de 2.500.000 toneladas. Esse fato evidencia plenamente a confiança que os agricultores depositam na política do Governo Revolucionário, o qual dispõe do desenvolvimento tritícola, como exemplo de sua maior vitória conseguida no setor agropecuário.

É preciso lembrar ainda que, a par das inúmeras vantagens proporcionadas pelo desenvolvimento tritícola, o esquema soja-trigo, em decorrência de sua execução, tem proporcionado condições excepcionais para a implantação e ampliação da indústria de fertilizantes e maquinaria agrícola do País.

Em São Paulo, a triticultura começou a ser implantada na Região Sudoeste do Estado. Contudo, somente agora é que a mesma está conhecendo um grande desenvolvimento, quando passou a ser praticada no Vale do Paranapanema, tendo como centro de expansão a Sub-Região Agrícola de Assis. Af, também, foi montado o esquema de rotação soja-trigo, trazendo irresistível atração para agricultores e Pecuaristas dessa Região. Ao se considerar o ritmo de expansão que vem conhecendo a Região do Vale do Paranapanema, poder-se-á prever que esse esquema de exploração deverá ocupar quase toda área compreendida pelos solos do tipo Latossol Roxo do referido Vale.

Assim sendo, dentro da PROGRAMAÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA REGIONALIZADA da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, foi selecionada a Sub-Região de Assis, para desenvolver, no ano agrícola 72-73, em caráter de prioridade, o PROGRAMA DE PRODUÇÃO SOJA-TRIGO.

O referido PROGRAMA, deverá abranger os seguintes municípios: Assis, Cruzália, Florínea, Maracá e Paraguaçu Paulista.

Inicialmente, foi designado um Grupo de Trabalho, o qual considerando a situação vigente, levantou os seguintes pontos de estrangulamento no desenvolvimento da área soja-trigo:

a) Épocas de plantio — embora venha se processando e aumentando a área de cultivo do esquema soja-trigo na região, a Secretaria da Agricultura não realizou experimentos a respeito do assunto, o que traz incertezas na orientação técnica a respeito do mesmo aos agricultores; há necessidade de uma firme assistência tendo em vista estabelecer um cronograma de atividades para os agricultores que praticam o esquema soja-trigo.

b) Adoção de cultivares de soja-trigo — o processo de adoção de melhores cultivares de soja-trigo é dinâmico, principalmente, para o trigo, em função dos trabalhos que vêm sendo apresentados pelos melhoristas, razão pela qual devem

ser intensificados os trabalhos experimentais com coleções de cultivares na região.

c) Utilização de herbicidas no esquema soja-trigo — este assunto ainda não foi objeto de experimentos, revestindo-se de importância ao se conhecer a necessidade da intensificação do emprego desses defensivos.

d) Reformulação do Plano Estadual de Sementes de Trigo de 1973 atualmente, 90% da área cultivada com trigo está situada na Sub-Região de Assis; contudo, a distribuição de cotas de produção de sementes está assim distribuída: 45% para a DIRA-Bauru; 45% para a DIRA-Sorocaba, 5% para a DIRA-Campinas e 5% para a DIRA-São Paulo; há necessidade de se destinar 90% da cota para a DIRA-Bauru.

e) Ampliação da produção de sementes de trigo certificadas — a tendência da ampliação da área de cultivo do esquema soja-trigo é tão extraordinária que dificilmente poderá a Secretaria da Agricultura acompanhá-lo; considere-se ainda que, a Secretaria tem definida sua ação supletiva no mercado de sementes; assim sendo, considerando o que vem sendo executado no sul do País, torna-se necessário que os Técnicos da Secretaria atuem junto às Cooperativas daquela região, no sentido de que essas Entidades se conscientizem da necessidade das mesmas criarem estruturas para a produção de sementes de trigo certificadas.

f) Reformulação dos critérios de recomendação de cultivares de trigo — há necessidade de se reformular os critérios de recomendação dos cultivares de trigo, principalmente, considerando as disponibilidades reais de sementes; para tanto devem ser tomadas providências junto às Comissões Técnica Estadual e do Ministério da Agricultura.

g) Ampliação da capacidade de armazenamento — urge que a instalação de maquinaria do silo da CEAGESP em Assis, seja acelerada a fim de que, a partir de agosto, passe a receber trigo da safra de 72, reequipando-se ainda a unidade da CEAGESP de Paraguaçu Paulista.

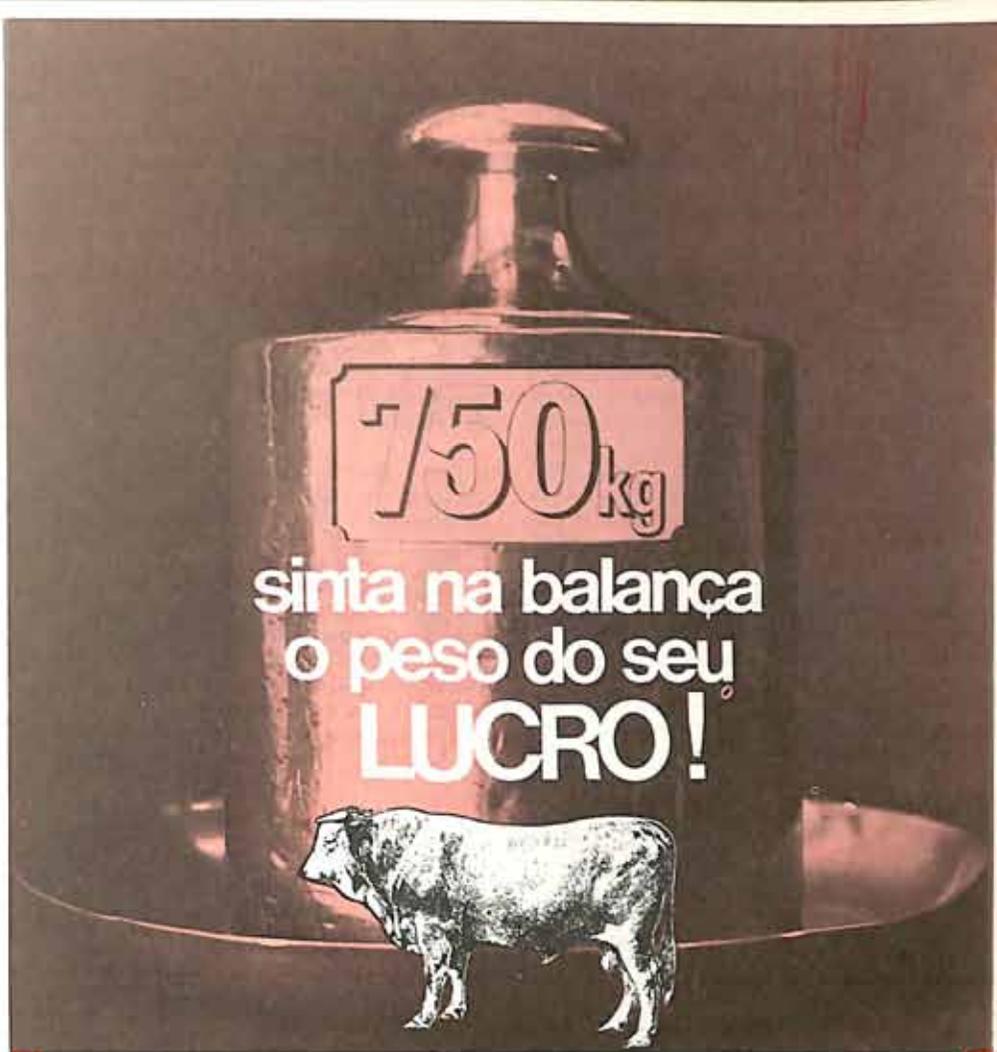
h) Ampliação das compras de sementes de trigo precoce — a Secretaria da Agricultura acaba de lançar um novo cultivar de trigo o Maringá, o qual vem demonstrando um excelente desempenho, razão pela qual está prevista uma demanda muito grande desse cultivar no próximo ano; assim sendo, recomenda-se a ampliação da aquisição da cota já contratada de 10.000 sacas para 20.000 sacas, o que poderá ser feito pela aquisição de excedentes dos Campos de Cooperação já instalados, ou pela imediata fiscalização de culturas cujas sementes foram adquiridas no Posto de Sementes de Paraguaçu Paulista, o que poderá ser facilmente verificado pelos Engenheiros Agrônomos Regionais da Região.

Na área da Assistência Técnica, especificamente, foram destacados os seguintes problemas:

a) Melhor orientação aos agricultores no sentido de que se estabeleça um cronograma de atividades para a execução do esquema soja-trigo, observando-se melhores épocas e condições de plantio.

b) Adoção de cultivares recomendados.

c) Orientação sobre os tratamentos fitossanitários.



sinta na balança
o peso do seu
LUCRO!

Para obter maior rentabilidade, Você precisa fortalecer e aumentar o peso de seu gado, em tempo ideal. Com uma linha completa de produtos veterinários, a FARMITALIA garante tudo isso para Você fazer um negócio de "peso".

FARLOM

Bernicida de alta eficácia, dada à elevada atividade citotóxica do Dimetioato. Penetra e elimina rapidamente os berres. Apresentação: vidro de 1 litro.

COLIFARMINA

Clorantônico, Ftalilsulfatiazol e Sul faguanidina juntos contra gastroenterites (diarrias) de origem polimicrobiana e colibacilar. Apresentação: caixa com 5 tubos de 10 comprimidos de 2 g.

GLUCALENE

Restaurador das funções fisiológicas: cálcio, fósforo e magnésio imediatamente utilizável; vitamina B 12 estimulante das funções hepáticas. Apresentação: Frasco-ampola de 250 ml.

GADOMIX

Sal comum e sais minerais pronto para uso. Contém alto teor de fósforo (13,26%), em forma bem assimilável. Apresentação: Saco de 30 kg.

ELMIFARMA

Anti-helmíntico injetável contra nematódeos gastrointestinais e pulmonares, à base de Cloridrato de Tetramizol. Apresentação: Frasco-ampola de 50 - 250 ml.



Produtos de
alta qualidade

Farmitalia



Divisão
veterinária

2. CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No capítulo anterior, verifica-se que foram levantados vários problemas de competência da área de pesquisa.

Essa área é de grande importância, pois, em geral, o tricultor é um agricultor que absorve com significativa facilidade toda tecnologia que lhe é posta à disposição.

Por outro lado, a pesquisa tríticola é muito dinâmica, e principalmente no setor de melhoramento, onde ininterruptamente devem ser criados novos cultivares, face aos problemas relacionados às doenças que incidem nos trigos. Hája visto o caso das "ferrugens", cujas raças e biótipos se manifestam sob diferentes modalidades, de acordo com o germoplasma dos cultivares adotados ou criados. Esse é, por exemplo, um problema vivo, contínuo, exigindo sempre dos melhoristas, novas e mais numerosas fontes de resistência à essa doença.

E por essa razão que, por exemplo, no Paraná, considerando as limitações de ordem física dos pesquisadores, foi estabelecido um esquema de integração de esforços entre o Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias Meridional-MA e a Cooperativa Agrícola de Curitiba, onde esta Entidade, através de seus Técnicos em Assistência, compromete-se a cobrir grande área daquele Estado com experimentos regionais programados pelo IPEAME.

Nesta Secretaria estão bem definidas as áreas de atuação das diversas dependências, de forma que esquemas como o que foi descrito, não podem ser adotados.

Foram selecionados objetivos específicos que constituem importantes problemas de assistência técnica e que se coadunam perfeitamente com as atribuições de sua área de atuação.

Assim sendo, é necessário que se intensifique a orientação técnica aos agricultores no sentido de que programem melhor suas atividades dentro do esquema de rotação soja-trigo, tendo em vista, a observância das épocas de plantio recomendadas, bem como aprimorem o desempenho das condições de plantio.

Quanto à adoção dos cultivares recomendados, é necessário que se esclareça melhor a questão, considerando que essas recomendações são tomadas em função de experimentos que destacam o melhor desempenho dos mesmos, face às condições ecológicas regionais. Deve-se lembrar ainda das implicações que têm a adoção de cultivares na concessão do crédito aos agricultores.

Quanto aos tratamentos fitossanitários, deve-se enfatizar a necessidade do combate às diversas pragas que vêm ocorrendo nas lavouras de trigo — tanto animais como vegetais.

3. CONTEÚDO TÉCNICO

Neste capítulo, procurar-se-á justificar, dar a forma que deverá ser adotada, a época em que deverão ser aplicadas e com o que se deverá contar, tendo em vista, a realização das recomendações técnicas firmadas para a execução dos trabalhos prioritários.

Esta também é uma afirmativa muito plausível, considerando-se a necessidade de se unificar a linguagem de orientação técnica desenvolvida na área de atuação da CATI.

3.1 — RECOMENDAÇÕES PARA O PLANTIO

3.1.1 — Época

O esquema de rotação soja-trigo exige que o agricultor estabeleça um cronograma de atividade, pois, dispõe ele de períodos relativamente curtos para executar as diferentes atividades exigidas na execução do mesmo.

Tanto para a soja como para o trigo, considerando a situação exposta, deve-se contar com cultivares de ciclo curto e procurar executar as operações de preparo do solo, de forma a se proceder o plantio nas épocas recomendadas. Esse fato é muito importante, pois, um atraso no plantio da soja, por exemplo, ocasionará, inevitavelmente, um outro atraso na instalação da cultura de trigo, com sérios e prováveis riscos para a viabilidade da sua colheita.

Embora não se disponha de dados experimentais que, dentro de uma recomendável análise estatística defina a situação, sabe-se que, considerando os dados apresentados pelo Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias Meridional — IPEAME-Pr-MA e pelo desempenho das culturas de trigo instaladas na Região do Vale do Paranapanema, a melhor época para o plantio do trigo compreende o período de meados de abril a me-

dos de maio, e na pior das hipóteses, até o fim de maio.

Frequentemente, constata-se que agricultores vêm instalando culturas de trigo no mês de junho, comprometendo seriamente a produção, pois, são enfrentadas dificuldades referentes à deficiência hídrica nos primeiros estágios de desenvolvimento das plantas, como também a colheita vem a se processar em um período coincidente com o início das chuvas, o

que compromete seriamente a produção, pois, os chamados trigos "lavado" e muitas vezes "germinado", são indesejáveis para fins de panificação.

Na tabela que aqui é apresentada, com dados obtidos pelo IPEAME, em região ecológica muito semelhante à região onde o trigo vem sendo cultivado no Vale do Paranapanema, demonstra muito bem o que significa sobre a produção, a escolha da época de plantio para o trigo.

RENDIMENTOS EM QUILOGRAMAS POR HECTARE

DATAS	15/3	30/3	15/4	30/4	15/5	30/5
RENDIMENTO	1350	2500	3450	3350	2300	1500
ÍNDICE	100	185	255	248	170	111

Assim sendo, tomando por base as recomendações feitas sobre épocas de plantio apresentadas para o trigo e soja, caberá aos Engenheiros Agrônomos Regionais motivar, a nível massal, todos os agricultores, no sentido de que programem melhor suas atividades, considerando as disponibilidades de maquinaria, adubos, sementes melhoradas, secagem, armazenamento e transporte da produção aos centros de comercialização, com muita antecedência. Caso contrário, serão muitas as dificuldades que eles encontrarão para executar esse esquema de rotação, principalmente para o trigo.

3.1.2 — CONDIÇÕES DE PLANTIO

3.1.2.1 — Subsolação

Em diversas culturas de trigo da região a ser trabalhada, têm sido observadas áreas onde o trigo desde a germinação das sementes demonstra dificuldades de desenvolvimento, chegando em alguns casos a formar rebolças, onde as pequenas plantas podem até perecer.

Foi constatado que esse fenômeno, pode ser ocasionado pela formação de horizontes de impedimento da drenagem natural dessas áreas.

Quando isso ocorre, poder-se-á recomendar a operação da subsolação, tendo por objetivo o rompimento da camada que impede a eficiente drenagem do solo.

Deve-se, contudo, fazer tal recomendação ao se conhecer muito bem as áreas com tal problema, comprovando-se com a verificação através do corte que deve ser feito no solo, tendo em vista o melhor conhecimento do seu perfil.

As recomendações aqui apresentadas são feitas com várias medidas cauteladoras, pois, no afã do interessado querer executar essa operação em solos, por exemplo, rasos, poderá ele provocar efeitos irremediáveis, causando uma drenagem excessiva ou até mesmo uma erosão desenfreada nessas áreas.

Assim sendo, primeira e obrigatoriamente, deve-se verificar se há mesmo horizonte de impedimento, se o solo a ser trabalhado é profundo, recomendando-se ainda que, essa operação seja executada em nível.

Acontece ainda que, áreas trabalhadas continuamente com máquinas pesadas e cultivadas por muitos anos com uma mesma espécie, sofrem uma compactação que dificulta o desenvolvimento radicular das plantas. Ai, também, podem ser observadas culturas com péssimo desenvolvimento, sem respostas satisfatórias às adubações. Verificando-se não haver formação de horizonte de impedimento, mas sim, um adensamento intenso do solo, poder-se-á resolver a questão, com a recomendação no sentido de que se processem arações mais profundas que as que habitualmente são feitas, de modo a proporcionar condições físicas mais favoráveis ao desenvolvimento do sistema radicular das plantas.

3.1.2.2 — Compactação do Terreno

A cultura do trigo é uma atividade totalmente mecanizada, razão pela qual, ela vem sendo, também, praticada por um número cada vez maior de agricultores.

A totalização da mecanização das práticas culturais da lavoura de trigo, faz com que se procure proporcionar condições para que a mesma se desenvolva em um ritmo uniforme, de modo que todas as plantas, em qualquer estágio, apresentem um mesmo desenvolvimento.

Esse fato toma uma importância muito grande, principalmente por ocasião da colheita, quando, postas em funcionamento, as colhedoras exigem que as paniculas estejam em estado de maturação uniforme em todas as plantas da cultura.

Para que isso ocorra, deve-se primeiramente, após as operações de arações e gradações necessárias ao preparo conveniente do solo que vai ser cultivado com trigo, proceder a uma operação que pode ser chamada de alisamento do terreno. Nessa operação também se processa uma ligeira compactação da superfície do solo. Ela se processa fazendo-se passar um pranchão, o mais reto possível, após a gradação que antecede ao plantio. Esse pranchão deverá estar preso à grade de discos com correntes ou cabos de aço, distanciados de 1 a 2 metros dos últimos discos da grade, em posição perpendicular à linha que dá a orientação em que o terreno está sendo gradeado.

Observando-se essa recomendação, a semeadeira-adubadeira, poderá executar a operação de plantio de forma que, bem regulada, possa colocar as sementes a uma mesma profundidade. As sementes sendo colocadas a uma mesma profundidade, terão um desenvolvimento bem mais "parelho", dando grande uniformidade entre todas as plantas da cultura.

Essa operação já vem sendo adotada por vários agricultores. Urge que sua adoção se estenda por toda área onde vai ser executado o esquema de rotação soja-trigo.

Outra operação de grande importância para a cultura do trigo é a que diz respeito à compactação do solo, após o plantio.

Essa operação é realizada em várias regiões tritícolas do mundo, sendo largamente empregadas também principalmente, na lavoura de arroz irrigado.

Considere-se que, as sementes de pequeno porte, como o são as das gramíneas, são muito exigentes na fase inicial de germinação, na maior disponibilidade de água e nas condições físicas do solo para que desenvolvam com maior facilidade.

Em geral, quando semeadas, permanecem ao seu redor bolsões de ar, ficando as sementes com pequena superfície de contato com o solo, dificultando dessa forma a disponibilidade de água à pequena semente. Esse fato poderá trazer como consequência a queda do "stand" de uma cultura.

O contato íntimo da semente com o solo lhe proporciona, portanto, maior disponibilidade de água, o que naturalmente eleva a sua viabilidade de germinação.

Outro fato significativo observado na adoção da prática de compactação das sementes, verifica-se com a emissão de maior número de raízes no estágio inicial de germinação, tornando a pequena plantinha com maior capacidade de retirar maior quantidade de água e nutrientes do solo.

Deve-se lembrar ainda que a compactação proporciona condições de melhor aproveitamento da umidade existente no solo por ocasião do plantio. Esse fator é muito importante, por exemplo, para regiões com queda pluviométrica limitada para a cultura do trigo, como é a Região do Vale do Paranapanema. Assim sendo, deve-se aproveitar o máximo da disponibilidade da água existente, constituindo essa operação um eficiente recurso do qual se pode lançar mão, tendo em vista o aproveitamento integral das limitações apresentadas por essa região durante o ciclo vegetativo do trigo.

Pode-se observar ainda que as culturas onde se compactam as sementes por ocasião do plantio, as plantas apresentam uma capacidade maior de perfilhamento.

A compactação do solo deve ser executada imediatamente após o plantio, quando muito no mesmo dia em que o trigo for semeado.

Caso chova logo após o plantio e a compactação não houver sido executada, pode-se omitir essa operação, pois, a chuva, praticamente, se incumbirá de realizá-la.

Para a execução dessa operação lança-se mão de implementos denominados rolos compactadores, compostos, em síntese, por um eixo ao qual são encaixados discos de ferro, cujos bordos são, preferível e alternadamente, lisos e dentados. Essa particularidade tem importância, tendo em vista que os discos dentados facilitam o deslizamento do rolo compactador sobre o terreno. Não seria recomendável que esse implemento se arrastasse pelo terreno, pois, haveria o perigo de descobrir sementes que foram semeadas. Somente na fase preparatória do terreno, por ocasião da última gradagem é que se utiliza o pranchão, o qual é arrastado sobre o mesmo. No caso do rolo compactador, com discos de bordos lisos e dentados e com um peso que deve girar em torno de 800 kg esse fato não ocorre.

O tipo de rolo compactador acima descrito, compõe-se de somente um corpo de

compactação e se presta principalmente para áreas de topografia suave. Para terrenos mais declivosos esse rolo compactador poderá ser dividido em três corpos, dois traseiros e um dianteiro, em posição intermediária entre aqueles.

Novos modelos de semeadeiras-adubadeiras do tipo "drill", que estão sendo lançadas no mercado, vêm apresentando tipos de roletes na linha de sulco de plantio, fazendo uma ligeira compactação. Essas máquinas deverão ser testadas para que se verifique se realmente realizam com eficiência essa operação. Esse fato, contudo, demonstra o interesse das indústrias sobre o assunto, mesmo porque seria ideal poder-se contar com uma máquina que, simultaneamente, semeasse, adubasse e posteriormente compactasse o solo.

3.2 — COMBATE AS PRAGAS DAS LAVOURAS DE TRIGO

No desenvolvimento deste capítulo serão relacionadas as pragas que incidem sobre a lavoura de trigo — animais e vegetais, reconhecimento, prejuízos e combate.

No combate às pragas animais são apresentadas as seguintes anotações:

1. São recomendadas quantidades de produto comercial em 1 alqueire de cultura (24.200 m²).
2. Usando-se bicos comuns de pulverização (alto volume), há necessidade de se gastar 1.000 litros das soluções por alqueire.
3. Usando-se bicos X2 de pulverização (p/CE e Soluções) (baixo volume), há necessidade de se gastar 200 litros da solução por alqueire.
4. Usando-se bicos de pulverização munidos de pastilha 23 (p/PM) (baixo volume), há necessidade de se gastar 400-500 litros de soluções por alqueire.
5. PM — Pó Molhável
CE — Concentrado emulsionável
PO — Pó

3.2.1 — PRAGAS ANIMAIS

3.2.1.1 — Lagarta militar

Nome Científico: *Spodoptera frugiperda* (Smith & Abbot, 1797)
(Lepidoptera: Noctuidae)

Reconhecimento: A lagarta mede cerca de 5 cm de comprimento; sua coloração varia de parda-escura, verde até quase preta; na parte dorsal do corpo apresenta 3 finíssimas linhas longitudinais branco amareladas e, lateralmente, logo abaixo da linha branca-amarelada, há uma linha mais larga, e inferiormente a esta, uma listra amarela irregular marcada em vermelho; na parte frontal da cabeça nota-se um Y invertido.

Prejuízos: As lagartas mais velhas destroem a folhagem; as mais novas apenas rasgam as folhas.

Combate com inseticidas:

- AMIDITHION (Thiocron) 30% — Sol — 2,0 litros por alqueire
- PHOSPHOMIDON (Dimcron) 50% — CE — 1,0 litros por alqueire

- PHOSPHOMIDON — 1,5% — PO — 40 quilos por alqueire
- PHOSMET (Imidan) — 50% — PM — 1,5 quilos por alqueire
- PHOSMET 3% — PO — 40 quilos por alqueire
- METHOMYL (Lannate) 90% — PM — 0,6 litros por alqueire
- ENDOSULFAN (Malix) 35% — CE — 1,5 litros por alqueire
- ENDOSULFAN 3% — PO — 40 quilos por alqueire
- CAMPHECHLOR (Canfeno Clorado) 65% — CE — 6,0 litros por alqueire
- CAMPHECHLOR 40% — PM — 10 quilos por alqueire
- CAMPHECHLOR 20% — PO — 40 quilos por alqueire
- PROPOXUR (Unden, Baygon) 20% — CE — 2,0 litros por alqueire
- CARBARYL (Carvin) 85% — PM — 1,400 quilos por alqueire
- CARBARYL (Sevin) 7,5% — PO — 40 quilos por alqueire
- PARATHION METILICO (Folidol) 60% — CE — 0,80 litros p/alqueire
- PARATHION METILICO (Folidol) — 1% — PO — 40 quilos por alqueire
- PARATHION ETILICO — (Rhodiatox) 60% — CE — 0,6 litros p/alqueire
- PARATHION ETILICO (Rhodiatox) 1% — PO — 40 quilos por alqueire
- EPN 45% — CE — 1,0 litros por alqueire
- EPN 2% — PO — 40 quilos por alqueire
- MALATHION 50% — CE — 2,0 litros por alqueire
- MALATHION 4% — PO — 40 quilos por alqueire
- MECARBAN (Murfotox) 80% — CE — 1,0 litros por alqueire
- TRICHLORFON (Dipterex) 80% — PM — 2,0 quilos por alqueire
- DIAZINON 60% — CE — 1,0 litros por alqueire
- DIAZINON 1,5% — PO — 40 quilos por alqueire
- MALATHION (Malatol) 96% — LVC — 3 litros por alqueire

3.2.1.2 — Curquerê dos Capinzais

Nome Científico: *Mocis latipes* (Guené, 1852)
(Lepidoptera: Noctuidae)

Reconhecimento: A lagarta mede no seu completo desenvolvimento 4 cm de comprimento; sua coloração é verde escura com estrias longitudinais castanho escuras, limitadas por estrias amarelas; a cabeça é globosa com estrias longitudinais amarelas; são reconhecidas pela maneira de se locomover, conhecida como "mede-palmos".

Prejuízos: Essas lagartas produzem sérios danos, em todas as gramíneas, destruindo toda folhagem, e às vezes culturas inteiras de uma região, podendo depois, migrarem em grande número para as outras culturas.

Combate com inseticidas: Usa-se o mesmo tratamento com inseticidas usados para o combate da Lagarta Militar.

3.2.1.3 — Lagarta do Trigo

Nome Científico: *Pseudaletia adustera* (Schaus, 1894)
(Lepidoptera: Noctuidae)

Reconhecimento: A lagarta, nos primeiros estágios de seu desenvolvimento, tem coloração verde, com listras dorsais e longitudinais; lateralmente possuem faixas amarelas e brancas; posteriormente, a cor predominante é a marrom; essas lagartas passam por seis estágios para completarem seu desenvolvimento, quando atingem 4 cm de comprimento; nos dois primeiros estágios se locomovem como lagartas do tipo "mede-palmos", perdendo esse hábito depois do terceiro estágio.

Prejuízos: Essas lagartas devoram todas as folhas e espigas que estiverem verdes e cortam as hastes mais finas dos perfilhos do trigo, quase maduro, derrubando as espigas.

- Combate com inseticidas:
- CARBARYL (Carvin) 85% — PM — 1,4 quilos por alqueire
 - CARBARYL (Sevin) 7,5% — PO — 40 quilos por alqueire
 - MALATHION 50% — CE — 2,0 litros por alqueire
 - MALATHION 4% — PO — 40 quilos por alqueire
 - DIBRON (Laned) 58% — CE — 2,0 litros por alqueire
 - MALATHION (Malatol) 96% — LVC — 3 litros por alqueire

3.2.1.4 — Elasma

Nome Científico: *Elasmopalpus lignosellus* (Zeller, 1918)
(Lepidoptera: Phycitidae)

Reconhecimento: Completamente desenvolvida a lagarta mede 1,5 cm de comprimento; são muito ativas, de coloração verde-azulada e a ventral mais clara, sendo a cabeça pequena e de coloração marrom escura; a lagarta se alimenta inicialmente de folhas, para logo depois localizar-se ao nível do solo na vegetação nova, abrigando-se sob torrões de terra ou restos de plantas; no centro da haste constroem galerias mistas de terras e teias que se comunicam com o exterior; logo abaixo da superfície do solo, encontram-se no orifício da galeria, excrementos e fragmentos da planta; frequentemente essa lagarta ocorre associada à lagarta dos milhozais, passando despercebida pelo agricultor.

Prejuízos: Atacam as plantas novas, na região da superfície ou pouco abaixo do nível do solo; devido às galerias que constroem, as plantas apresentam-se inicialmente amareladas, confundindo-se esse aspecto com falta de chuva; as plantas terminam por murchar e secar totalmente.

- Combate com inseticidas:
- CARBARYL (Carvin) 85% — PM — 1,4 quilos por alqueire
 - CARBARYL (Sevin) 7,5% — PO — 40 quilos por alqueire
 - DDT 5% — PO — 40 quilos por alqueire

- DDT 50% — PM — 4,5 quilos por alqueire
- ENDRIN 1,5% — PO — 40 quilos por alqueire
- ENDRIN 19,5% — CE — 4,5 litros por alqueire
- CAMPHECHLOR 10% — PO — 40 quilos por alqueire
- CAMPHECHLOR 25% — 6,5 litros por alqueire
- ALDRIM 2,5% — PO — 40 quilos por alqueire

3.2.1.5. — Lagarta Rôsea

Nome Científico: *Agrotis spp* (Lepidoptera: Noctuidae)

Reconhecimento: As lagartas, quando completamente desenvolvidas, apresentam coloração verde escura, podendo atingir até 4 cm de comprimento; quando tocadas, enrolam-se rapidamente, permanecendo na mesma posição, como se estivessem mortas. Por algum tempo, durante o dia as lagartas vivem próximas as plantas, enterradas no solo; possuem hábitos noturnos, atacando o caule na região do colo da planta ou pouco abaixo da superfície do solo.

Prejuízos: Em culturas novas, as lagartas seccionam totalmente as plantas até 20 cm de altura mais ou menos, estas são tenras e finas; com mais de 20 cm são produzidos apenas seccionamentos parciais, provocando o murcharamento, apresentando a cultura sintomas semelhantes àquelas causadas por deficiências minerais.

- Combate com inseticidas:
- CARBARYL (Carvin) 85% — PM — 1,4 quilos por alqueire
 - CARBARYL (Sevin) 7,5% — PO — 40 quilos por alqueire
 - DDT 5% — PO — 40 quilos por alqueire
 - DDT 50% — PM — 4,5 quilos por alqueire

O tratamento com um dos inseticidas recomendados, deverá ser dirigido, principalmente, para o colo das plantas, bem como para o espaço que fica entre as linhas.

Recomenda-se ainda o emprego de iscas: 1 kg de farro de milho, arroz ou trigo, mais 40 gramas de fluossilicato de sódio/verde Paris ou 75 gramas de Canfeno clorado 40%-PM, adicionando-se água até formar uma massa, agitando-se continuamente, distribuindo-se entre as linhas, ao entardecer.

3.2.1.6 — Pulgões

Nome Científico: Folhas (pulgões verdes)

1. *Schizaphis graminum* (Pondani, 1852)
(Homoptera Aphididae)
2. *Acyrtosiphum (metolophium) dirhodum* Walker, 1894)
(Homoptera, Aphididae)
Panículas (pulgões dos cereais):
1. *Macrosiphum (Sitobion) avenae* (Fabr. 1775)
(Homoptera, Aphididae)

Reconhecimento: O pulgão mede de 0,15-0,20 cm de comprimento, de forma ovalada, cor verde clara, às vezes um pouco amarelada; aparecem nas lavouras, em colônias que se localizam na parte inferior das folhas e, também, nas panículas; as espécies nocivas às folhas provocam, de início, a clorose das plantas, que com a continuidade do ataque, determinam a seca das extremidades das folhas, visíveis, através de manchas nas lavouras; a espécie que ataca as panículas, sugando os grãos, afetam o desenvolvimento e a formação dos mesmos.

Prejuízos: Causam danos apreciáveis, principalmente quando atacam as plantas novas e em períodos de estiagem prolongada.

Combate com inseticidas:

- DIMETHOATE (Rogor, Perfektion, Roxion, Fostion MM) 50% — CE — 1,5 litros por alqueire
- DIMETHOATE (Rogor) 30% — LVC — 2,5 litros por alqueire
- PHENTHOATE (Cidial) 50% — CE — 3,0 litros por alqueire
- PHENTHOATE (Cidofen) 90% — LVC — 1,7 litros por alqueire
- MALATHION (Malatol) 50% — CE — 5,6 litros por alqueire
- MALATHION (Malatol) 96% — LVC — 3 litros por alqueire

3.2.2 — PRAGAS VEGETAIS

Dois pragas ocorrem com maior frequência na cultura do trigo:

- Nabiça - *Raphanus repnanistrum* L.
- Mostarda silvestre - *Brassica* sp.

Essas duas espécies pertencem à família das crucíferas e podem ocasionar sérios prejuízos, pois, depois de disseminada pelo terreno, torna-se muito difícil sua erradicação. Geralmente, passam a infestar o terreno quando são utilizadas sementes de trigo de propriedades infestadas com essas pragas e cujo processamento não foi realizado convenientemente.

Caso o agricultor deixe que as plantas dessas pragas cheguem a sementear, suas sementes garantirão a propagação das mesmas, principalmente quando são enterradas em uma aração. É importante que, quando arrancadas, não sejam lançadas em valetas plantas sementeadas, pois, por mais fundo que sejam elas enterradas, voltam a infestar o terreno. Nesse caso, aconselha-se que essas plantas sejam recolhidas e, se possível, queimadas.

Assim sendo, é importante que todo tricultor tenha por norma verificar sempre se as sementes por ele adquiridas possuem impurezas dessa natureza.

Quando há um início de infestação, pode-se erradicá-la com arrancamento das plantas. Caso a infestação seja maior, torna-se conveniente o emprego de herbicidas. O Instituto de Pesquisa IRI realizou um experimento sobre o efeito dos herbicidas no controle de plantas invasoras da cultura do trigo, bem como seus reflexos na produção, conforme consta do quadro que a seguir é apresentado:

Tratamentos	Produção kg/ha	Porcentagem de ervas			Controle
		F. Largas	Gram.	Total	
Brominil	2.184	6	8	14	63%
Ioxynil	2.265	5	2	7	82%
2,4-D	2.228	2	2	4	90%
2,4-D + Brominil	2.011	1	2	3	91%
2,4-D + Ioxynil	2.065	0	3	3	94%
Testemunha não capinada	2.046	13	25	38	0
Testemunha capinada	2.247	0	0	0	100%
C.V.	12%	42%	48%	46%	

Conforme se verifica nos resultados obtidos nos experimentos realizados pelo IRI, o herbicida à base de 2,4-D foi o que melhor resultado apresentou, devendo, portanto, ser recomendado não só pe-

la sua eficiência, como também pelo baixo custo de seu emprego.

Para facilidade dos trabalhos de orientação técnica a respeito do assunto, são relacionados diversos herbicidas à base de 2,4-D:

Denominação	Concentração	Fabricante
Hedonal	720 g/l do princípio ativo	Bayer
Bi-Hedonal	720 g/l do princípio ativo	Bayer
(2,4-D + MCPA)	720 g/l do princípio ativo	Dow Química
DMA 6	720 g/l do princípio ativo	Dow Química
Herbamina	720 g/l do princípio ativo	Basf
U — 46 D Fluido	480 g/l do princípio ativo	Basf
U — 46 D Fluido	720 g/l do princípio ativo	Basf

DOSAGEM: 0,5 a 1,0 kg do princípio ativo por hectare.

Os herbicidas à base de 2,4-D são recomendados para o combate de plantas de folhas largas, sendo aplicado pós-emergência, quando o trigo apresenta-se no estágio de 4 folhas, com uma altura de 15 a 20 centímetros.

É muito importante que essa operação seja realizada antes do emborrachamento, pois, nesse estágio ela poderá implicar em prejuízos que vão desde a má formação da panícula até o prejuízo total.

Deve-se lembrar, ainda, que os aparelhos com os quais se processam as aplicações de herbicidas à base de 2,4-D, devem ser lavados com água quente logo após terminado o trabalho, pois deixam sempre quantidades apreciáveis de resíduos. A lavagem com água quente é uma maneira muito eficiente de se fazer essa limpeza. Considere-se ainda que há plantas muito sensíveis ao 2,4-D, como acontece com o algodão, sendo a soja um

Hospede seu carro em Porto Alegre

Venha de automóvel para Porto Alegre. O HOTEL SÃO LUIZ dispõe de estacionamento privativo para seu carro. Isto é um conforto extra para você, que se soma àqueles proporcionados pela excelente localização do HOTEL SÃO LUIZ: ao lado da magnífica Elevada da Conceição, bem no começo da Farrapos - a entrada e saída perfeita de Porto Alegre. Venha de carro. E ganhe tempo em seus negócios.

APARTAMENTOS COM TELEFONE E RÁDIO
TV E AR CONDICIONADO OPCIONAIS
ÓTIMO SERVIÇO DE RESTAURANTE



Hotel São Luiz

Av. Farrapos, 45/65 - Tel. (0512) 24-9522
PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

pouco mais resistente. Contudo, feita a limpeza dos tanques dos pulverizadores com água quente e trocadas as suas borrachas, convém fazer a pulverização inicial com outro herbicida, em áreas sem cultura, num terreno por exemplo. Caso seja possível, poder-se-á proceder a limpeza dos pulverizadores onde foi usado um herbicida à base de 2,4-D com vapor d'água, sendo essa operação realizada com maior eficiência.

3.3 — ESCOLHA DE CULTIVARES

Já foi abordado neste trabalho que o processo de melhoramento de trigo é muito dinâmico, estando os rendimentos por unidade de área em função muito estreita, principalmente, com a resistência dos cultivares às diversas doenças que ocorrem nas lavouras desse cereal.

Assim sendo, estão os institutos de pesquisa das regiões Sul e Centro-Sul do País muito interessados na criação de novos cultivares. Simultaneamente, estão eles também promovendo a introdução de material oriundo do exterior, tendo por objetivo não somente utilizá-los, se possível, para o cultivo diretamente, bem como transmitir algumas de suas características agrônomicas aos cultivares aqui existentes, num processo de melhoramento.

A distribuição, portanto, de novos cultivares, tem obedecido à execução de um esquema de pesquisas e experimentação, considerando que o melhor desempenho de cada cultivar deva satisfazer o mais satisfatoriamente às condições ecológicas das regiões produtoras de trigo.

É por essa razão que, preliminarmente, a nível estadual são firmadas deliberações sobre a adoção de novos cultivares baseadas nos trabalhos de pesquisa e experimentação, orientação técnica e disponibilidade de sementes.

Posteriormente, se reunirão os técnicos da Região Centro-Sul do País e, a nível regional, serão estabelecidas recomendações sobre os cultivares a serem adotados nessa região. Assim sendo, as deliberações estaduais poderão ser adotadas plenamente nessa reunião ou sofrer reformulações, frente aos resultados apresentados pelas diferentes instituições.

Essas deliberações são firmadas anualmente, no mês de dezembro, sendo coordenadas pelo Ministério da Agricultura, através da Sub-Comissão Norte da Comissão Brasileira do Trigo.

As deliberações dessa Comissão são apresentadas à Rede Bancária, fornecendo subsídios para a política de concessão de crédito aos tricultores.

O Banco do Brasil vem adotando essa orientação, sendo essa a estratégia fixada para, em caráter de compulsoriedade, por em prática a utilização de cultivares recomendados, de sementes melhoradas, cultivo em regiões ecológicas mais favoráveis, bem como ainda nas épocas recomendadas.

Esse esquema deverá ser aplicado com rigor em São Paulo, razão pela qual torna-se conveniente que as Casas da Agricultura esclareçam muito bem esse assunto aos tricultores.

4. ESQUEMA METODOLÓGICO DO PROGRAMA

O programa vai ser desenvolvido pelas Casas da Agricultura dos municípios relacionados no item 1. Numa primeira fase de motivação, os produtores de trigo serão conscientizados para os objetivos específicos do programa: Técnicas para o plantio, Escolha de cultivares e Tratamento fitossanitário.

Na segunda fase de programação, os produtores de trigo serão orientados no sentido de que ponham em prática as recomendações técnicas aqui apresentadas, tendo em vista a solução dos objetivos específicos selecionados para o programa.

A nível de DIRA, serão escolhidas áreas demonstrativas, usando-se uma es-

tratégia que possa envolver o maior número possível de produtores existentes nas áreas onde o programa vai ser posto em prática em caráter de prioridade. Considerando as imensas possibilidades de execução do esquema de rotação nas áreas que apresentam solos dos tipos Latossol Roxo e Terra Roxa Estruturada do Vale do Paranapanema, torna-se conveniente o intercâmbio de conhecimento e experiências com técnicos e produtores de municípios que ainda não foi implantado esse tipo de exploração agrícola, o qual já foi considerado em estudos realizados pelo Instituto de Economia Agrícola como uma das atividades agropecuárias mais rendosas da atualidade.

ALIMENTAÇÃO ANIMAL

Zootecnia debate uso de proteínas animais

O uso de proteínas não convencionais da alimentação animal, tema da reunião internacional realizada em novembro, em Roma, com o patrocínio da FAO, será o principal assunto do 9.º Simpósio Internacional de Zootecnia que a Sociedade Italiana para o Progresso da Zootecnia e a Academia Nacional de Agricultura da Itália promoverão no período de 15 a 17 de abril, na capital italiana.

Em função desse simpósio, o cientista Telsforo Bonadonna — presidente da Sociedade Italiana para o Progresso da Zootecnia, uma das maiores autoridades internacionais no assunto e um dos especialistas estrangeiros que mais conhecem a pecuária brasileira — está solicitando a colaboração de zootecnistas brasileiros, que deverão apresentar sugestões e ou participar do 9.º Simpósio Internacional de Zootecnia.

Com o objetivo de facilitar a participação de zootecnistas do Brasil neste encontro, o professor Bonadonna enviou às instituições de pesquisa ligadas ao setor o esquema básico do simpósio, constituído de seis itens:

1 — Definição e significado biológico das proteínas convencionais e não convencionais, sua importância fisiológica e zootécnica, aspecto de produção, distribuição e utilização.

2 — Utilização das proteínas não convencionais na alimentação de diferentes

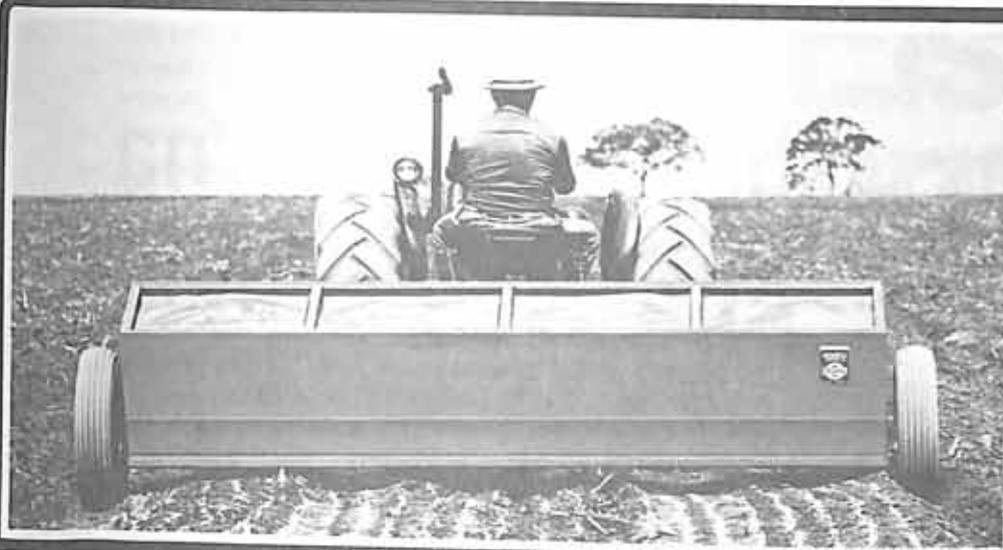
espécies de animais experimentação e extensibilidade de aplicação e metodologia do uso na prática zootécnica.

3 — As proteínas convencionais e o significado energético da ração alimentar, integração e inclusões para aumentar e equilibrar seu valor alimentício e nutritivo, administração quanti-qualitativa com relação à espécie, idade e aptidão econômica.

4 — As proteínas não convencionais, origem e tecnologia de preparação, utilização na alimentação das diferentes espécies de animais, idade e aptidão de produção, modalidades, integrações e inclusões para incrementar e utilizar seu valor alimentício.

5 — Conhecimentos nutricionais comparativos sobre as proteínas convencionais e não convencionais, reflexos sobre os custos da produção zootécnica e consequentes aspectos econômicos relacionados às condições ambientais, às modalidades e finalidades da criação.

6 — Problemas sanitários, nutritivos e culinários, valor quantitativo e gustativo dos produtos alimentícios para o homem e sua conservação e utilização industrial na preparação dos produtos comestíveis tradicionais, possibilidades e limitações na mistura com outros produtos alimentícios, problemas veterinários existentes e presumíveis, alimentação protéica e fecundidade.



O ESPARRAMADOR MOD. EC-750 para pó calcáreo, adubo e similares, tem eixo separado. Isto significa movimento individual das rodas, possibilitando esparramamento uniforme em curvas. 3,00 m de largura, de arraste, equipado com pneus novos. Capacidade: 750 kg. Possibilita resultados excepcionais em terras cansadas e com necessidade de recuperação para novo plantio.

A SEMEADEIRA-ADUBADEIRA JM-15 tem 15 linhas com adubadores laterais e 2 seções de catracas para levante dos discos.

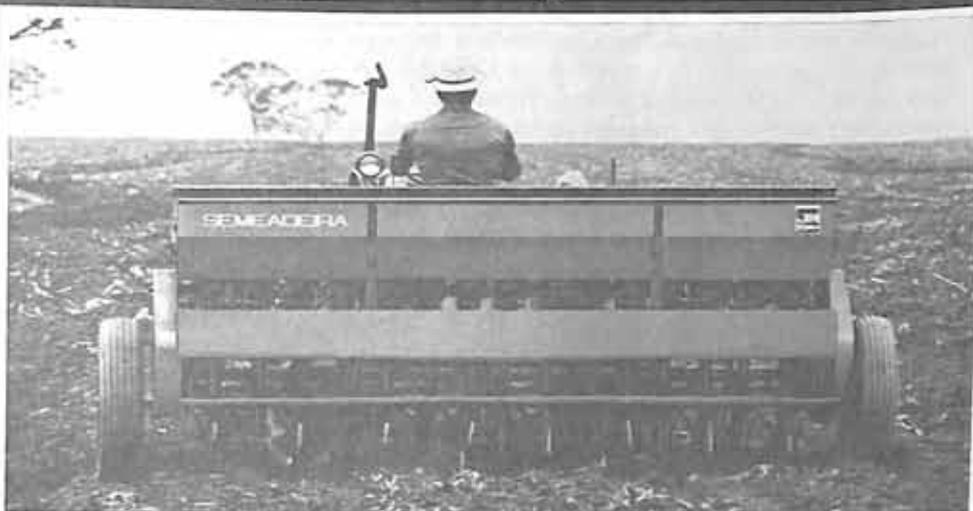
Largura: 3,22 m.

Peso sem implementos: 980 kg. Peso com todos os implementos: 1.025 kg.

Capacidade do depósito de sementes: 260 litros.

Capacidade do depósito de adubo: 300 litros.

Para trigo, soja, sorgo, arroz, etc . . .



A PLANTADEIRA-ADUBADEIRA J.2 sulca, aduba e semeia ao mesmo tempo, na profundidade e espaçamento desejados com notável rapidez.

Linhas independentes entre si, permitem que as duas rodas acompanhem os acidentes do terreno.

Corrente de tração Elo 32, testada pelo Instituto de Engenharia de São Paulo. Sulcador regulável e cobertura de terra sobre o adubo. Discos para plantio de algodão, milho, arroz e amendoim. Platô e discos especiais para plantio de soja. A única máquina equipada com sulcadores semi-automáticos e articulados.

**A Tecnologia Agrícola tem muitos segredos.
A JUMIL ajuda voce a desvendá-los.**



JUSTINO DE MORAIS, IRMÃOS S/A
INDÚSTRIA, COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO

BATATAIS - SP
F. Phone: 4-1500000; Rua Av. Luizi, 568
Fones: FAX 2810, 2813 e 2825
Ca. Postal 75 - End. Tel. "JUMIL"

SÃO PAULO - SP
Escritório: Av. Barão de Limeira, 118
2º Andar - Sala 4
Fones: 222.9518 e 221.1296

PASSO FUNDO - RS
Escritório:
Rua Pedro Góes, 513
Fone: 2224.



Pesquisas sobre pecuária na região da Alta Noroeste

A Secretaria da Agricultura e a CESP (Centrais Elétricas de S. Paulo) firmaram Convênio para a execução de projetos de pesquisa e experimentação com bovinos de corte na região da Alta Noroeste. Para a execução desses projetos, será utilizada a Estação Experimental de Jupiá, no município de Castilho. A medida permitirá a ampliação da base física para a experimentação desenvolvida pelo Instituto de Zootecnia naquela região e representa importante suporte para a implantação definitiva do Centro Tropical de Pecuária de Corte, com sede na Fazenda Experimental de Andradina. De acordo com o referido Convênio, a área de 4.453.011 metros quadrados cedida pela CESP, será utilizada pela Secretaria da Agricultura durante 20 anos.

CENTRO DE AVALIAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO EM ARAÇATUBA

O Sindicato Rural da Alta Noroeste (SIRAN), que é presidido pelo eng. agr. Manoel Afonso de Almeida, apresentou ao Governo do Estado um trabalho preliminar reivindicando a criação e instalação de um Cen-

tro de Avaliação e Aperfeiçoamento da Pecuária em Araçatuba.

Trata-se de reivindicação que se embasa em estudos preliminares e contatos mantidos anteriormente com o Dr. Miguel Colassuono, então Secretário de Economia e Planejamento do Estado.

Em uma das visitas do Secretário da Agricultura, Dr. Rubens de Araujo Dias a Araçatuba, o assunto foi ventilado.

Agora, após os entendimentos entre SIRAN e Prefeitura, a proposição foi apresentada aos órgãos do Governo e os pecuaristas aguardam, ansiosamente, ainda este ano a Criação do Centro e sejam tomadas as providências com relação a Construção da Sede do Centro.

Os objetivos básicos do Centro de Avaliação e Aperfeiçoamento da Pecuária são os seguintes:

- Diagnóstico da situação da pecuária;
- Utilização eficiente dos campos e cerrados;
- Recuperação das pastagens artificiais;
- Suplementação alimentar;

NÃO PERCA — NÃO REGRIDA
GANHE
MAIS CARNE — MAIS LEITE



UTILIZANDO MELHORES REPRODUTORES, JÁ CONQUISTOU CINCO MEDALHAS DE OURO COMO CRIADOR DE GADO. MACHOS E FÊMEAS — NELORE — NELORE MOCHO — CHAROLÉS — TABAPUÁ — HOLANDES BRANCO E PRETO.



SELEÇÃO DE GADO PARA COM SEGURANÇA E GARANTIA MELHORAR SEU REBANHO.

CRIADOR: LELIO DE TOLEDO PIZA E ALMEIDA FILHO
Estado de São Paulo: Município de Jarinu, Km 86 da estrada que liga Campinas a Rodovia Dutra. Em São Paulo: Rua João Bricola, 59 - 2.º andar, Telefone: 56-0674
Correspondência: Caixa Postal, 7599

CONFIE NA MARCA



- Estudo dos fatores ambientais, sobre a produção animal;
- Seleção, melhoramento, cruzamento e manejo animal;
- Sanidade do rebanho;
- Educação, Treinamento de Pessoal e divulgação.

Justifica o SIRAN no seu trabalho que, a produção pecuária tem como imperativo básico a alimentação barata, assim sendo, melhoria de pastagens e forragens, devem ter prioridade de pesquisa primária. Entende o pesquisador que, no contexto atual, a aplicação dos resultados de pesquisa, terão respostas mais rápidas nas pastagens artificiais, cujo situação é amplamente mostrada no trabalho.

A proposição visa a participação do Governo do Estado de São Paulo; — Prefeitura Municipal de Araçatuba; — Sindicato Rural da Alta Noroeste — SIRAN e FAO.

Ao Governo do Estado, caberá a Criação do Centro e destinação de verbas para a construção da sede, com um investimento aproximado em Cr\$ 8.200.000,00 (oito milhões e duzentos mil cruzeiros).

A Prefeitura de Araçatuba fará a doação de 50 alqueires de terra destinadas a instalação do CAAP, e subvenção anual com um investimento aproximado de Cr\$ 1.300.000,00.

O SIRAN destinará 3.500 hectares de terra para instalação dos postos experimentais, situados em regiões das mais variadas características climáticas e de solo e onde se processa a exploração pecuária em larga escala. A disposição desses postos experimentais permitirá não só a execução de experimentos mais próximos a realidade como facilitará a difusão dos conhecimentos técnicos advindos destes experimentos.

O sindicato colocará à disposição do CENTRO para testes e experimentos 3.000 matrizes, reprodutores e sêmen. O investimento do SIRAN, representará aproximadamente uma ordem de Cr\$ 20.000.000,00.

A FAO, segundo entendimentos preliminares já mantidos, por representante oficial de Araçatuba na Europa, se encarregará do custeio dos Experimentos, incluindo-se o pessoal técnico.

Por fatores essenciais, a localização do centro será em Araçatuba, segundo a proposição. Araçatuba possui:

1. O maior número de pecuaristas do Estado, que residem na cidade, possuindo fazendas em outros Estados do Brasil-Central;
2. Perfeito entroncamento rodoviário;

Condições de transportes: rodoviário, aeroviário, ferroviário, fluvial (com a implantação da navegação do Rio Tiete), sendo o maior município do Estado. Por isso, exerce grande liderança político econômica e administrativa sobre vasta região do Estado de São Paulo. É sede de Região Administrativa do Estado (9.ª Região).

Eis a arma.



Elimine os inimigos do seu rebanho (bernes, bicheiras, sarnas) em 5 minutos, impedindo a reinfestação por longo tempo com

curalarv spray

S. Paulo: Av. João Dias, 1084, Sto. Amaro, Tels.: 247-1857 e 240-0011.
Porto Alegre: R. Coronel Vicente, 281, 4.º andar, Cx. P. 1180, Tels.: 25-0862 e 25-4060.



**EU SOU O TABAPUÃ
MAIS PESADO**



Diamante da Prata: nascido em 01.07.71, de Aclamado e Tânia. TABAPUÃ MAIS PESADO na Prova de Ganho de Peso em Sertãozinho — 1972. 2.º Colocado na Classificação Geral.

Criador: Luís Antonio Ribeiro Pinto — Fazenda Morada da Prata — Batatais — SP. E... PESO é mesmo conosco! No ano passado, meu irmão CONTATO DA PRATA, sagrou-se como ZEBUINO MAIS PESADO em Sertãozinho, e só não ganhou o troféu "Diários Associados", porque ainda não havia controle oficial para nossa raça à época de seu nascimento. Este ano quase ganhei a mesma prova, com 487 kg de peso final e 455 kg de peso ajustado, apenas 4 kg a menos que o Guzerá — 1.º Colocado na Classificação Geral de Zebuínos. Na raça Tabapuã fui o 1.º, e o 2.º Colocado foi Defensor da Prata, também meu irmão.

E, para mostrar que não é só PESO o que nossa família tem de bom, vejamos o que estas irmãs aprontaram este ano na Exposição de São José do Rio Preto:



Decorrida: nascida em 15.08.71 — 1.º Premio.

Demitida: nascida em 16.09.71 — Campeã Bezerra.

Derramada: nascida em 24.10.71 — Reservada Campeã Bezerra.

E, se você achar que tudo isso é papo de família, venha verificar pessoalmente. Aguardamos sua visita na Fazenda Morada da Prata, em Batatais, SP, fone 2026 — Vendas a cargo do Sr. Rubens Quintino, fone 8227, em Ribeirão Preto.

Obs.: SÊMEN de nossos reprodutores estará brevemente à disposição dos Srs. Criadores na Agropecuária Lagoa da Serra.

A "diferença prevista" de touros de raças leiteiras produz lucros ou perdas?

Com a seleção de touros dotados de diferença prevista (DP) pode-se elevar a média dos rebanhos e o lucro em relação aos presentes níveis?

A diferença prevista de touros para leite, gordura e, agora, em renda monetária, é calculada para rebanhos médios da raça. Vale dizer, rebanhos que estão produzindo leite em nível igual à média da raça em apreço.

Por exemplo: em um rebanho da raça Holstein, produzindo 14 392 lb de leite

(média da raça Holstein-Friesian, em 305 dias de controle nos EUA, em setembro de 1972), as filhas adultas de um touro melhor classificado em um centro de inseminação artificial do Leste, produzem, em média, cerca de 1 740 lb de leite a mais e 52 lb de gordura a mais que suas companheiras de rebanho. Em outras palavras, significa que um total de 16 132 lb de leite e 571 lb de gordura são produzidas por ano.

Quadro 1 — Médias das Raças para Leite e Gordura em Lactações de 305 dias em setembro de 1972, nos EUA

Raça leiteira	Leite, lb	Gordura, lb
Ayrshire	11 528	447
Guernsey	10 027	462
Holstein	14 392	519
Jersey	9 200	458
Schwyz	12 518	501

Contudo, se a média de um rebanho Holstein estiver abaixo da média da raça, seu criador pode obter um aumento maior de leite que o indicado pela DP dos touros em relação às companheiras de rebanho. Isso sucede porque a DP é calculada com base na média da raça.

Por exemplo, se o criador tiver um plantel Holstein com a média de 12 000 lb de leite e utiliza touros com DP de + 1200 lb de leite, as filhas obtidas produzirão, em média, 13 440 lb de leite, ou terão um aumento de 1440 lb ao invés das 1200 lb previstas.

Quadro 2 — Média de Rebanhos vs Diferenças Previstas dos Touros Usados

Média de Rebanho lb	Diferenças Previstas do Touro			
	+ 1200	+ 400	0	- 800
10 000	11 640	10 840	10 440	9 640
12 000	13 440	12 640	12 240	11 440
14 000	15 240	14 440	14 040	13 240
16 000	16 950	16 150	15 750	14 950
18 000	18 840	18 040	17 640	16 840

Média da raça Holstein, no ano de 1972 = 14 392 lb.

Pela mesma razão, se o criador tem um rebanho com produção acima da média, digamos, 16 000 lb, a DP de + 1200 so-

mente aumenta a média de 950 lb. Portanto, um criador com rebanho altamente produtivo precisa ser bem mais cuidado-

so na eleição de seus touros, para não prejudicar a produção média, mesmo no caso de usar só touros com + DP.

DIFERENÇA PREVISTA MÍNIMA A SER USADA

A fim de calcular a DP mínima necessária para manter a presente média do rebanho, subtrai-se a média da raça da média do plantel em jogo e divide-se o resultado por 10 (ver Quadro 3). Admite-se que somente 10% da diferença entre a média do rebanho em causa e a média da raça são devidos à herança ou patrimônio genético do touro; outros 10% são oriundos da mãe e o restante (80%) provém da alimentação e manejo.

Quadro 3 — Diferenças Previstas Mínimas para Manter a Média do Rebanho

Média do Rebanho, lb	DP Mínima, lb
20 000	+ 560
18 000	+ 360
16 000	+ 160
14 000	- 40
12 000	- 240
10 000	- 440
8 000	- 640
6 000	- 840

O criador com u'a média de rebanho de 16 000 lb deve usar touros com DP de, pelo menos, + 160, unicamente, para que tudo permaneça no mesmo nível. De fato, necessitará usar touros com uma DP mais elevada porque, no momento em que as novilhas começam a dar leite, o nível genético e a produção de seu rebanho terão aumentado.

QUE SIGNIFICA REPETIBILIDADE?

"Repetibilidade" é uma medida de confiança na DP como boa estimativa da real capacidade de transmissão de um touro. Por exemplo, se a repetibilidade for de 17%, isto significa que não temos a confiança em que a respectiva DP seja uma boa estimativa da capacidade de transmissão desse touro. Quando se obtêm mais filhas provadas, em maior número de rebanhos, tem-se uma idéia melhor da verdadeira capacidade de transmissão e o índice de repetibilidade será maior.

Contudo, verifica-se que a DP de certos touros favoritos, com repetibilidade elevada, pode baixar. Assim, o touro "Whirlhill Kingpin teve sua DP calculada em + 1 336 lb de leite, com 99% de repetibilidade em 1971, quando a média da raça Holstein-Friesian era de 13 943; mas aquele índice baixou de quase 100 lb, para + 1 237, em setembro de 1972, quando a média anunciada para essa raça subiu para 14 392 lb. Suas mil e seiscentas e tantas filhas testadas não tiveram produção diminuída, mas a média da raça aumentando reduziu um pouco a diferença antes estimada.

Um fato é preciso sublinhar: Mesmo um touro com elevada DP para leite e

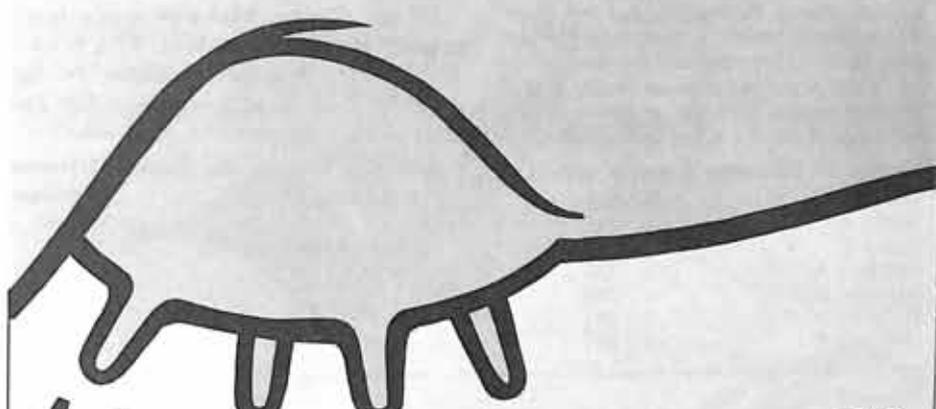
99% de Repetibilidade pode produzir algumas filhas inferiores. Pelos mesmos motivos, um touro com DP negativa pode gerar algumas filhas altamente produtivas. Isto se deve à variação biológica e pode ser demonstrado graficamente (ver Fig. 1).

Na referida figura estão representadas as proles de dois touros que apresentam diferença de 2 200 lb de leite em suas DP. Embora eles tenham muitas filhas com igual capacidade de produção, a prole do genitor representada à direita é, em média, muito superior.

O que acaba de ser referido explica os insucessos que ocorrem com o uso de touros com alta DP e, também, com as poucas filhas altamente produtivas de touros com DP de -500 lb.

AUMENTO DA PRODUÇÃO DE GORDURA?

Enquanto a matéria graxa for usada como base para determinar o preço do leite no mercado, a produção de gordura será importante. O Departamento de Agricultura dos EUA está agora fazendo cálculos à base de "DP-dollar" que é colocada lado a lado com as DP para leite e gordura. Esse é um útil elemento para o criador que poderá usar a DP para leite e gordura de touro aplicando um preço médio por 100 lb e a diferença em gordura para chegar a DP em dólar de um touro.



Acione a máquina de fazer leite



**RAÇÕES PARA
VACAS LEITEIRAS
BEZERROS
TOUROS
CONCENTRADO PARA VACAS LEITEIRAS**

MOINHO PRIMOR PAULISTA LTDA.
Av. Nações Unidas, 2.000 - Pinheiros - Tel. 211-1659 e 211-5183
C. Postal 11.104 - End. Telegr. "RAÇÕESPRIMOR" - São Paulo - SP

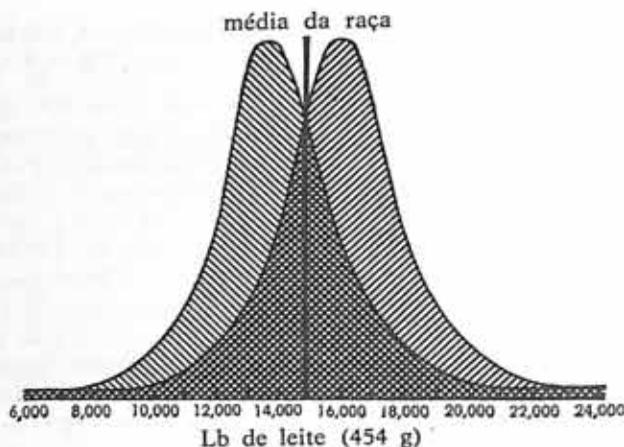


Fig. 1. Distribuição das produções de leite, em duas curvas superpostas, das filhas de dois touros, um (à esquerda) com DP de - 1 100 lb, outro (à direita) com + 1 100 lb, havendo pois uma diferença entre as DP de ambos de 2 200 lb.

Com isso será possível comparar o valor, em dólares, de dois touros. Por exemplo, o touro Jersey A tem uma DP em leite de + 715 e uma DP em gordura de + 19, ao passo que o touro Jersey B tem, respectivamente DP's de + 291 e + 35. Seria difícil decidir sobre qual desses dois

genitores é mais valioso se não tivéssemos a DP em dólares. Mas esta revela que o touro B tem um valor de + 37 e o touro A de + 34. A ampla vantagem em gordura do touro B se sobrepõe a DP bem mais elevada do touro A para leite.

Quadro 4 Diferença Prevista para Leite, Gordura e Dólares de Touros Diversos

Touros	DP-leite	DP-gordura	DP-dólares
Jersey A	+ 715	+ 19	+ 34
Jersey B	+ 291	+ 35	+ 37
Ayrshire A	+ 588	+ 16	+ 29
Ayrshire B	+ 380	+ 20	+ 26
Holstein A	+ 1 281	+ 19	+ 49
Holstein B	+ 611	+ 27	+ 38

Os touros B Ayrshire e Holstein produzem mais gordura que os touros A mas não em quantidades suficientes para cobrir a grande diferença em DP para leite, o que é mostrado pelas DP em dólares dos touros A. Portanto a DP-dólar propicia uma estimativa ainda melhor do valor dos touros que a DP-gordura ou a DP-leite, isoladamente.

O TIPO NÃO DEVE SER NEGLIGENCIADO

O terceiro ponto a ser levado em consideração na escolha dos touros é o tipo. O bom tipo é altamente correlacionado (0,30) com a elevada produção vitalícia das vacas. Os pontos capitais do tipo são úbere, pés e pernas e caráter leiteiro. Para exemplificar, vacas com maus pés e pernas somente devem ser acasaladas com touros que sejam capazes de produzir filhas com bons e fortes pés e pernas.

Face ao enorme número de touros disponíveis nos EUA para transmitir boas características do tipo e que também apresentam DP + para leite de, pelo menos, várias centenas de libras, a tarefa do criador torna-se relativamente fácil.

PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO E O LUCRO, ACONSELHA-SE:

1. Usar vários touros com DP elevada e repetibilidade superior a 60%, em 75 por cento das fêmeas do rebanho. Usar pelo menos touros com + 600 lb de leite no caso da raça Holstein e de + 400 lb para as demais raças.
2. Escolher touros que possam melhorar as fraquezas das vacas em tipo.
3. Usar vários touros, em planos com touros jovens, em os 25 por cento restante das fêmeas do rebanho.

(Segundo o especialista em nutrição e manejo de gado leiteiro da Universidade de Maryland, EUA, D. T. Buchman. Predicted Difference... Profit or Loss? Hoard's Dairyman, Fort Atkinson, 118 (17): 1058, 1975. Trad. adap. L. P. Jordão).

Nota do T. — Neste trabalho foram conservadas as quantidades de leite e gordura em libras porque os Sumários de Touros de que se valem nossos criadores para adquirir sêmen ou reprodutores, somente mencionam dados de DP com essa medida. Outrossim, cumpre sublinhar, em referência ao Quadro 3, em que aparecem DP com valores negativos, que jamais devem ser empregados touros com tais índices negativos. Vários trabalhos experimentais demonstram que genitores com DP negativos abaixam a produção de qualquer rebanho (com produção elevada, média ou baixa) e sempre acarretam prejuízos por diminuírem as produções da melhor parte do plantel. O próprio autor deste artigo, em subtítulo destacado diz: "Selecionando touros com elevada DP o criador pode elevar a média de seu rebanho, quaisquer que sejam os presentes níveis. No Brasil somente se permitem importações de sêmen de touros Holstein-Friesian com DP de + 300 kg (ou + 660 lb), com 100 filhas controladas ou 50% de Repetibilidade.

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE NELORE
PLANTEL COM 174 FÊMEAS REGISTRADAS

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

AGUARDAMOS SUA VISITA COM PRAZER



Hajaruleni da S.C. — P.O., 44 meses, 850 kg. Filho de Evaru V.R. e Chintaladevi.

FAZENDAS REUNIDAS BODINI S/C LTDA.

Avenida Presidente Vargas, 401 — DRACENA — SP
 Fones: 1326 — 1430 — 1395

Assistência veterinária permanente a cargo do dr. Omar Fayad



PROTEINA PARA ELES



avisco

CONCENTRADOS E RAÇÕES PROTEICAS

AVISCO - AVICULTURA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A
ESCR. CENTRAL: RUA ARTUR AZEVEDO, 1643 E 1647
CEP 01000 SÃO PAULO SP CAIXA POSTAL 6920
FONE 80 2161 ENDEREÇO TELEGRÁFICO "AVISCOSA"

Pesquisas procuram antecipar os sinais de nascimento dos bezerros

(Compiladas por L. P. Jordão)

Pesquisas em andamento na Universidade Estadual de Iowa, EUA, têm por objetivo controlar, artificialmente, o nascimento dos animais. Neste sentido procura-se obter um estimulante do nascimento que produz um parto mais precoce e previsível.

Até o momento, os trabalhos vêm sendo feitos principalmente com bovinos e ovinos. Os níveis naturais de hormônios por ocasião do nascimento têm sido comparados aos de vacas em que a parição foi provocada artificialmente. Para estimular artificialmente os nascimentos usam-se gliocorticóides sintéticos.

Ao que parece, os hormônios estrogênicos, existentes no sangue da vaca, não aumentam durante a parição estimulada, tal como no nascimento natural. Os estrógenos no sangue contribuem para o relaxamento dos órgãos reprodutivos e o seu preparo para o parto. As injeções de estrogênios para suprir a falta nos ani-

mais em que a parição foi induzida poderão resolver o problema.

Os nascimentos provocados também fazem com que as membranas fetais fiquem retidas no útero, ao invés de serem expelidas imediatamente, após o nascimento, como ocorre na maioria dos partos naturais.

As pesquisas revelam que o feto, em

si, é o fator estimulador do nascimento. Entretanto estão tentando, agora, encontrar o que determina esse fenômeno. As vezes o feto não se acha suficientemente formado, sendo incapaz de dar o sinal para o nascimento, causando uma prenhez prolongada, que requer uma operação cirúrgica, ou outro tratamento para corrigir a anomalia.

Problemas relacionados com a lactose

O leite é um alimento quase perfeito para muitas pessoas. Contudo, certos indivíduos experimentam dificuldades digestivas porque têm falta da enzima lactase, para digerir a lactose, ou açúcar do

leite, conforme afirma Barnard técnico lacticianista da Pensilvânia.

Muitas pessoas de raça negra e oriental não toleram a lactose. É uma condição hereditária, que pode ser motivada pelo fato delas não terem recebido leite durante sua infância. Em consequência disso são incapazes de aproveitar as proteínas, vitaminas e sais minerais tão necessários ao organismo, contidos nas fontes lácteas.

Trabalhos em elaboração no Departamento de Agricultura dos EUA visam à obtenção de produtos lácteos pobres de lactose. Em estudos anteriores o leite foi coagulado com a lactase de bactérias. Agora a lactase de leveduras parece ser promissora, para utilização na forma líquida. Os resultados indicam que 90% da lactose podem ser hidrolizados. Produtos líquidos, em pó e concentrados têm sido elaborados, com sucesso. Se o processo for prático, comercialmente, haverá, brevemente, derivados do leite pobres de lactose, permitindo que todas as pessoas possam inclui-los em sua dieta diária.

A COMUNIDADE EUROPEIA ESTIMULA A PRODUÇÃO DE CARNE

O Conselho de Ministros da Comunidade Européia autorizou, recentemente, a concessão de prêmios em dinheiro aos proprietários de rebanhos leiteiros que desejem produzir carne bovina. Esses proprietários deverão ter produzido leite e derivados durante um período de quatro anos, mantendo pelo menos o mesmo número de bovinos adultos que possuíam até agora. Também devem ter um número mínimo de vacas, fixado em 15 na Dinamarca, 4 na Itália e 11 em todos os outros países da CEE.

MELHOR CRIADOR E EXPOSITOR NAS EXPOSIÇÕES ESTADUAIS DE MINAS GERAIS

1972 — Barbacena, Leopoldina, Caxambú e Ponte Nova

1973 — Barbacena, Caxambú e Belo Horizonte

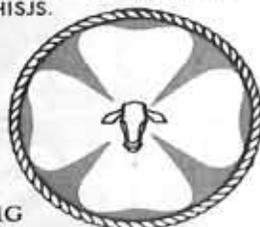
Criteriosa seleção de reprodutores e matrizes da raça HOLANDESA VERMELHA E BRANCA visando:



RIDGES WOOD CIT. R. ALICE-RED — P.O.I. Nasc. 20-2-70, filha de Citation R. Texal e Mark A.A. Red. GRANDE CAMPEA em Barbacena, Caxambu e Belo Horizonte, 1973.

**MAIS LEITE!
MAIS RUSTICIDADE!
MAIS LUCROS!**

Nossas matrizes estão sendo inseminadas com sêmen de touros considerados os melhores do mundo, tais como: TRANSMITER JACK, PIONER, KING BET, BARDINE IVANHOE, SIR ROELAND, RIDGEWOOD, CITATION R e o nosso grande reprodutor TERPHUSTER THISJS.



FAZENDA SERRINHA

Prop. Espólio AFFONSO BARBOSA MELLO

Responsabilidade Administrativa: Francisco N. Teixeira
Sede: Rod. Fernão Dias - Km 21 - Munic. de BETIM - MG
End. para correspondência: Rua Itambé, 227
Tels.: 24-1211 — 24-7634 — 26-7037 — BELO HORIZONTE — MG

O prêmio foi fixado no equivalente a Cr\$ 58,63, por 100 kg de leite produzido durante os 12 meses anteriores. O mesmo regulamento também autoriza qualquer estado membro a não executar o esquema em regiões onde os preços médios do leite pagos ao produtor em 1972-73 forem superiores a 125% do preço teto. Nessas regiões, outro prêmio seria dado para estimular a produção de carne.

Para obter o prêmio o proprietário deve ter, pelo menos, 5 vacas ou novilhas prenhes de touros de raça de corte e procurar manter durante 4 anos um número maior do que aquele existente na data de referência. De qualquer modo não deverão ser mantidas menos do que 8 vacas no 4.º ano do plano. O prêmio de fomento seria equivalente a Cr\$ 1.827,00 por vaca ou novilha prenhe, à mais.

IMPORTÂNCIA DA TOMADA DE AMOSTRAS NA CONFECÇÃO DE SILAGEM

O professor Cullough, da Universidade de Georgia, EUA acentua que os testes da forragem produzem bons resultados quando usados adequadamente na formulação de rações. Assim, na confecção de silagens é necessário ter em conta os seguintes resultados de amostragens efetuadas na referida Universidade:

1. Quando o teor de matéria seca da forragem colocada no silo oscila de 28 a 36%, os teores de proteína, fibra bruta, energia e minerais da forragem e da silagem resultante são muito semelhantes.

2. Ao se ensilar uma forragem rica de matéria seca, podem acontecer coisas diversas.

3. Ao se ensilarem forragens pobres de matéria seca (20 a 25%), verifica-se comumente, aumento de proteína e de fibra, mas diminuição de energia.

4. Em decorrência de muitos fatores envolvidos na formulação das rações, pequenas diferenças nas análises reais da silagem acarretam poucas alterações nas rações recomendadas.



Fórmula do lucro certo:

**VER-MI-SAL+
IVAFÓS:
BOI GORDO.**

Faça o seu rebanho render muito mais em fertilidade e ganho de peso. Misture Ver-Mi-Sal ao sal comum, na proporção de 1 para 90 e deixe a mistura no côcho à disposição do gado, mantendo separada, no mesmo côcho, uma boa quantidade de IvaFós.

É que o gado tem fome específica de determinados elementos, portanto, nunca se deve misturar tudo (macro e micro elementos).

Ver-Mi-Sal tem fórmula completa de micro elementos minerais: ferro, cobre, cobalto, iodo, manganês.

Além da sua comprovada ação vermífuga, mineraliza o gado, evitando a anemia e garantindo fertilidade, ganho de peso, beleza de aspecto e muita saúde.

IvaFós é fosfato bicálcico (45% P₂O₅), ou seja, fósforo e cálcio, dois macro elementos ultra necessários ao organismo

animal, na forma mais assimilável que existe. Pode-se afirmar que o fósforo e o cálcio são essenciais a todas as células do organismo animal e respondem diretamente pelo crescimento físico e pela produção leiteira. E exatamente esses minerais são os que mais faltam às pastagens brasileiras. As maiores fazendas da área da Sudam, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul adotam e com excelentes resultados a fórmula do lucro certo para criação e engorda de gado.

VER-MI-SAL + IVAFÓS = BOI GORDO.

Ver-Mi-Sal - barricas de 10, 25 e 50 quilos ou embalagens de 1 quilo.

IvaFós - sacos impermeáveis de 25 quilos. Despachamos para todo País - frete pago.



Produtos

IVA INSTITUTO DE VETERINÁRIA APLICADA S/A

Rua Jaguaribe, 638 - fones: 52-0276 - 52-8340 - 51-5987

- São Paulo - S. P.

Tatuadores podem transmitir a ruiva ou erisipela suína

O médico-veterinário norte-americano R. Harrington Jr. em recente comunicação técnica, informa que há muitos anos o uso de tatuadores rápidos está restrito a suínos destinados a abate. Recentemente, os assistentes do Serviço de Inspeção de Casas de Abate de Suínos receberam consultas sobre o uso de tatuadores para outros fins de identificação desses animais. Em face de haver pouca informa-

ção sobre as possibilidades de transmissão de doenças por esses instrumentos foi aventada a hipótese de ser veiculada a erisipela pelo fato de já ter sido provada, experimentalmente, a transmissão dessa doença pela mosca de estábulo (*Stomoxys calcitrans*). Por outro lado o agente da ruiva, *Erysipelotrix rhusiopathie* tem sido isolado de carrapatos e outros acaros.

Com o intuito de determinar se o aludido germe podia ser transmitido por tatuadores foram utilizados 6 suínos isentos de doença específica e expostos ao agente da ruiva através de um tatuador. Um dos animais apresentou erisipela suína aguda, indicando que a referida doença pode ser transmitida por essa via, inadvertidamente.



NANUQUE

BRINDOU BELEZA E MOVIMENTO

NELORE

Campeã Senior e Grande Campeã — **Afilhada** — João Joaquim de Carvalho — Nanuque.

Reservada Campeã Senior — **Assucena** — João Joaquim de Carvalho.

Campeão Touro Jovem e Grande Campeão — **Desenho** — Lutz Viana Rodrigues — Lagedão — BA.

Reservado Campeão Touro Jovem — **Ilustre** — Lenine Torres Luedz — Pedra Azul — MG.

Campeão Junior e Reservado Grande Campeão — **Tabarcu** — Lutz Viana Rodrigues.

Reservado Campeão Junior — **Babador** — João Joaquim de Carvalho.

Campeã Junior e Reservada Grande Campeã — **Califa da Cinelandia** — Lutz Viana Rodrigues.

Campeão Bezerra — **Distrito** — Joaquim Oliveira Carvalho Sobrinho — Rio de Janeiro — GB.

Reservado Campeão Bezerra — **Monarca da Santa Rita** — Agro-Pecuária Santa Rita S.A. — Nanuque.

Campeã Bezerra — **Ala da Esperança** — Nelson Martins Quadros — Mucurici — ES.

Reservada Campeã Bezerra — **Alinhada da Cinelandia** — Lutz Viana Rodrigues.

Melhor Conjunto Progênie de Pai — **Himaláia da Santa Rita** — **Gatinha da Santa Rita** — **Gaivotta da Santa Rita** — **Monarca da Santa Rita** — Agro Pecuária Santa Rita S.A. — Nanuque.

Melhor Conjunto de Raça — **Balancceiro da Avenida** — **Afilhada** — **Assucena** — **Cafeína da Avenida** — João Joaquim de Carvalho.

Melhor Tipo Frigorífico Raças Zebuínas — **Desenho** — Lutz Viana Rodrigues.

GUZERÁ

Campeão Senior e Reservado Grande Campeão — **Tirano** — Italo Natali — Nanuque.

Campeã Senior e Grande Campeã — **Krasnaia** — Amarílio Caiado Fraga — Colatina — ES.

Reservada Campeã Senior — **Marujada** — Almir Fernandes de Souza — Nanuque.

Campeão Junior e Grande Campeão — **Dastur** — Amarílio Caiado Fraga.

Reservado Campeão Junior — **Cális** — Italo Natali — Nanuque.

Campeã Junior — **Delta** — Amarílio Caiado Fraga.

Reservada Campeã Junior — **Nadir** — Almir Fernandes de Souza.

Campeão Bezerra — **Militante** — Almir Fernandes de Souza.



Dé, o tesoureiro da III Agropec, recontava o dinheiro da féria (mesmo no domingo de encerramento, entrou receita gorda) então não pôde comparecer no solenial momento da foto. Música alta ao fundo, recepcionistas sorrindo pose em torno à mesa dos premios — taçaria muita — na pista, a mocidade da Comissão Executiva relembra seus tempos de craques de futebol juvenil. Ausente Dermeval Novais de Carvalho (o Dé tesoureiro) posam poster e posteridade, da esquerda, Roberto Rodrigues Viana, Almir Gama, vet., Roberto Viana Rodrigues, Wesley Mendes Ferraz, Nelaton de Carvalho, Italo Natali, Nelson Quadros e Eduardo Matta Pires.

Campeã Bezerra — **Egípcia** — Amarílio Caiado Fraga.

Reservada Campeã Bezerra — **Marta** — Almir Fernandes de Souza.

Melhor Conjunto de Raça Guzerá — **Abimani** — **Abélia** — **Aracy** — **Krasnaya**

— **Amarílio Caiado Fraga** — **Colatina**, ES.

Melhor Conjunto Progênie de Pai — **Aracy** — **Abélia** — **Egípcia** — **Dastur** — **Amarílio Caiado Fraga**.

INDUBRASIL

Campeão Senior — **Toulon** — Francisco Lopes de Almeida — Montanha — ES.

Reservado Campeão Senior — **Sinal** — José Tavares Dantas — Ibicui — BA.

Campeã Senior — **Paris** — Francisco Lopes de Almeida.

Campeão Touro Jovem — **Cacique** — José Tavares Dantas.

Reservado Campeão Touro Jovem — **Altanciro** — Lenine Torres Luedy — Pedra Azul — MG.

Campeã Vaca Jovem — **Rosca** — Lauro Machado Borges — Uberaba — MG.

Campeão Junior — **Gavião** — Francisco Lopes de Almeida.

Reservado Campeão Junior — **Batuque** — Vitorico Alvarenga — Araxá — MG.

Campeã Junior — **Paisagem** — Joel Alves de Almeida — Lagedão — BA.

Reservada Campeã Junior — **Atalaia** — Maria de Oliveira Almeida — Lagedão — BA.

Campeão Bezerra — **Romano da Canafistula** — José Francisco de Góis — Teófilo Otoni — MG.

Reservado Campeão Bezerra — **Piloto da Canafistula** — José Francisco de Góis.

Campeã Bezerra — **Vanusa** — Lauro Machado Borges.

Reservada Campeã Bezerra — **Anabela** — Joel Alves de Almeida.

Melhor Conjunto Progênie de Pai — **Marôto da Canafistula**, **Lacaio**, **Buick**, **Pictto da Canafistula** (Pai: Imperial) — José Francisco de Góis.

TABAPUÁ

Campeão Senior — **Nevoeiro da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza — Lagedão — BA.

Campeã Senior — **Ternura da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Reservada Campeã Senior — **Torrada** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Campeão Touro Jovem — **Motivo II da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Campeão Bezerra — **Pentagono da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Reservado Campeão Bezerra — **Panorama da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Campeã Bezerra — **Península da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Reservada Campeã Bezerra — **Paganais da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza.

Melhor Conjunto Progênie de Pai — **Motivo II da Pampulha** — **Ternura da Pampulha** — **Torrada** — **Uremia da Pampulha** — Deolisano Rodrigues de Souza — Lagedão — BA.



Gente: Povo em massa. Presença de pecuaristas, inusitada. De domingo a domingo o parque em festa era movimento. Era beleza na sequência típica de uma boa Exposição. Baías todas tomadas por exemplares extras em cada raça. Com destaque no Nelore, no Simental, no Chianina, no Indubrasil, nos equinos (deslumbrante!) no Holandês, no Guzerá, ora, em todas. Nanuque é centro de grandes selecionadores. É região rica. O movimento comercial surpreendeu. O padrão racial ultrapassou. Daí o entusiasmo nos julgamentos. De disputa renhida. O campeão não vencia fácil.

Melhor Conjunto de Raça Tabapuã — Motivo II da Pampulha — Ternura da Pampulha — Torrada — Uremia da Pampulha — Deolizano Rodrigues de Souza.

SIMENTAL

Campeã Vaca Jovem POI — Jakie — Amarello Caiado Fraga — Colatina - ES. Reservada Campeã Vaca Jovem POI — Julieta — Amarello Caiado Fraga. Campeão Junior POI — Jumbo — Amarello Caiado Fraga. Campeã Junior POI — Jujuba — Amarello Caiado Fraga. Campeão Senior PC — Sabiá Invicto — Amarello Caiado Fraga. Reservado Campeão Senior PC — Honesto — Edvaldo Siqueira Varejão — Nanuque. Campeã Junior PC — Liria do Pancas — Amarello Caiado Fraga. Reservada Campeã Junior PC — Judia do Pancas — Amarello Caiado Fraga. Melhor Conjunto de Raça — POI — Jakie — Julieta — Jujuba — Josefina — Jumbo — Amarello Caiado Fraga — Colatina — ES. Melhor Conjunto de Raça — PC — Lua do Pancas — Jafera — Liria do Pancas — Judia — Sabiá Invicto — Amarello Caiado Fraga.

SCHWYZ

Campeão Senior PO — Bom Café Irajá — Edvaldo Oliveira Flores — Mucurici — ES.



Campeã Senior PO — Marqueta Bom Café — Edvaldo Oliveira Flores.

Reservada Campeã Senior PO — Roleta Bom Café — Edvaldo Oliveira Flores.

Campeão Bezerra PO — Lisbom — Edvaldo Oliveira Flores.

Reservado Campeão Bezerra PO — Relâmpago A. do Camanducaia — Edvaldo Oliveira Flores.

Melhor Conjunto de Raça — PO — Marfisa Bom Café — Roleta Bom Café — Bom Café Irajá — Moranga Bom Café — Marqueta Bom Café — Edvaldo Oliveira Flores.

SANTA GERTRUDIS

Campeão Senior PO — Zorba — Agropecuária Santa Rita S.A. — Nanuque.

Campeão Junior PO — Japi da Santa Rita — Agropecuária Santa Rita S.A.

Reservado Campeão Junior PO — Japonês da Santa Rita — Agropecuária Santa Rita S.A.

Campeão Bezerra PO — Japy — Edvaldo Oliveira Flores — Mucurici — ES.

CHIANINA

Campeão Senior POI — Palermo — Roberto Viana Rodrigues — Medeiros Neto — BA.

Campeã Junior POI — Gema — Gilman Viana Rodrigues — Medeiros Neto — BA.

Reservada Campeã Junior POI — Gavina — Gilman Viana Rodrigues.

Campeão Junior POI — Irano — Roberto Viana Rodrigues.

Campeão Bezerra POI — Izo — Gilman Viana Rodrigues.

Campeã Bezerra POI — Ista — Roberto Viana Rodrigues.

Reservada Campeã Bezerra POI — Indiana — Roberto Viana Rodrigues.



O campeão não venceu fácil. Até seu irmão de seleção dificultou. Ambos da Fazenda Califórnia, Desenho foi o Campeão Nelore e Tabareu o seu Reservado. E o senhor Juiz Unico, enquanto posava, falou: — Extraordinária a representação nelore. — O caso é que nas outras raças os outros Juizes falaram o mesmo. Que era também a opinião dos entendidos, participantes ou não desta III Agropec. Então Nanuque, de parabens, deve se empenhar para, senão melhorar, fazer a IV Expo-75 igual. Em realizações. Em raça. Afinal, em Expo Pecuária o padrão racial é o objetivo final. Principal. Raça muita em todas as raças é o que importa.

Melhor Tipo Frigorífico Raças não Zebrinas — Izo — Gilman Viana Rodrigues — Medeiros Neto - BA.

NELORE V. MOCHO

Campeão Senior e Grande Campeão — Basco — Almir Fernandes de Souza — Nanuque.

Reservado Campeão Senior — Brucutu — Adriano Moisés Ferreira — Pedra Azul — MG.

Campeã Senior — Lixa — João Joaquim de Carvalho — Nanuque.

Reservada Campeã Senior — Escrava da Pampulha — Dolizano Rodrigues de Souza — Lagedão — BA.

Campeão Touro Jovem — Camo — Antônio Pinheiro Barbosa — São Sebastião do Norte — ES.

Reservado Campeão Touro Jovem — Balôfo — João Joaquim de Carvalho.

Campeã Vaca Jovem — Broca — João Joaquim de Carvalho.

Reservada Campeã Vaca Jovem — Bacana — João Joaquim de Carvalho.

Campeão Junior e Reservado Grande Campeão — Indaiá — Adriano Moisés Ferreira.

Reservado Campeão Junior — Juro — Sérgio Amado Acedo e Filho — Prata — MG.

Melhor Conjunto Progênie de Pai — Balôfo — Bacana — Broca — Banana — João Joaquim de Carvalho — Nanuque.

Melhor Conjunto de Raça — Balôfo — Bacana — Broca — Banana — João Joaquim de Carvalho.

EM 1975 PARTICIPE DA MELHOR EXPO AGROPEC - A IV NA ARENA DO BOI GORDO



CALIS Reservado Campeão Junior, aos 26 meses com 540 quilos.

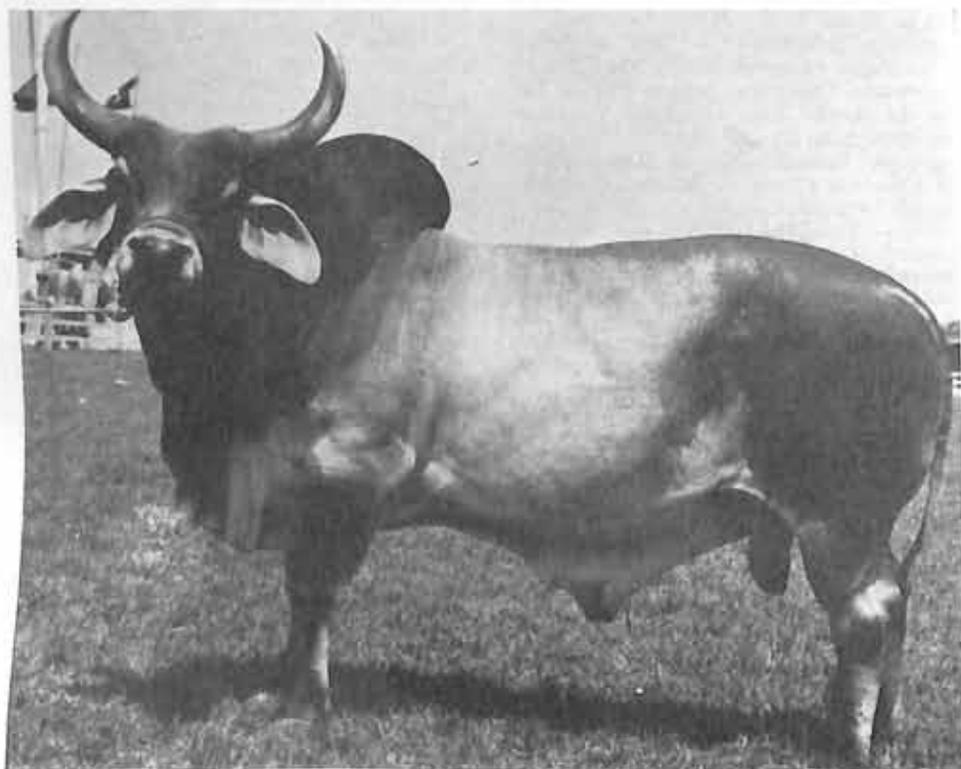
NA III EXPO AGROPEC DE NANUQUE



com 6 animais **IN** conquistou:
Campeão Senior
Reservado de Grande Campeão da Raça
Reservado Campeão Junior
4 primeiros premios
2 segundos premios

FAZENDA RECANTO
CARLOS CHAGAS — MINAS

ITALO NATALI



Rua Barbacena, 217 — fone 739
NANUQUE — MG

Seleção de Guzerá
IN

TIRANO
Reservado de Grande Campeão da raça.
Campeão Senior e Campeão Senior em
Montanha-72.

Tratamento moderno de verminoses gastrintestinais de bezerros

As helmintoses gastrintestinais dos ruminantes têm grande importância na criação desses animais.

Os tricostrogilídeos são principalmente responsáveis pela chamada gastrinterite crônica dos ruminantes, caracterizada por diarreia abundante, fétida, acompanhada de falta de apetite, edemas, anemia e emagrecimento progressivo.

Essas estrongilídeos são cosmopolitas e peculiares aos lugares baixos, alagadiços e úmidos, que representam grandes focos de infestação e disseminação das verminoses, especialmente quando os animais permanecem neles por muito tempo.

Essas verminoses prevalecem nas condições tropicais de criação, com calor e umidade, como costuma acontecer no verão em nosso meio, inclusive nas zonas sulinas, temperadas.

Há cerca de 8 ou mais espécies de helmintos capazes de determinar a estrongilose gastrintestinal dos bovinos (dependendo da zona de criação). A maioria delas é hematófaga, donde o cortejo de sintomas que costuma acompanhar essas parasitoses.

No Brasil as espécies mais comuns são as seguintes:

1. Helmintos do coagulador: *Haemonchus placei*; *Ostertagia ostertagi*; *Ostertagia circumcincta* (Todos da família Trichostrongylidae).

2. Idem dos intestinos: *Trichostrongylus axei*; *Nematodirus spatigher* e *Cooperia punctata* (da família Trichostrongylidae) e *Bunostomum phlebotomum* (da família Strongylidae).

O presente trabalho apresenta resultados obtidos com o emprego de duas drogas (Ripercol e Tiabendazole) no tratamento das estrongiloses gastrintestinais em 30 bezerros portadores desses helmintos, em rebanhos localizados no município de Iguai, RJ.

Seus autores são o Prof. Outubroino Corrêa e cols. do Instituto de Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

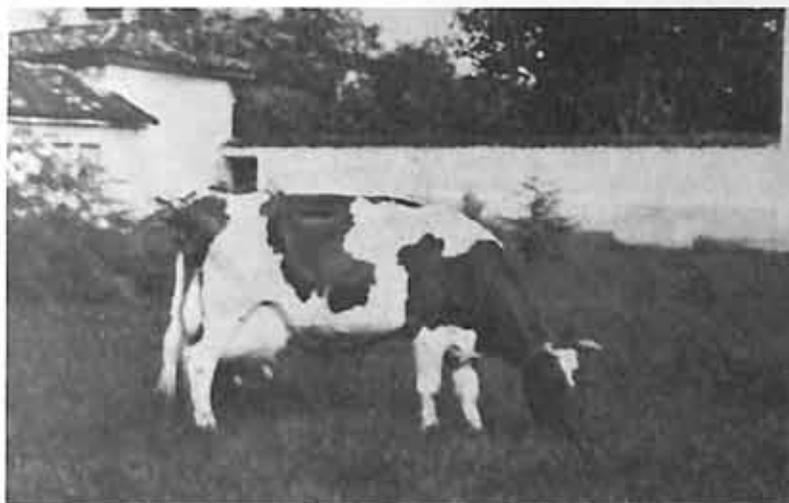
Os animais tratados formaram 3 grupos: indivíduos pouco parasitados; com infestação média e com infestação maciça.

O tratamento foi instituído de acordo com o peso dos animais e cada lote de 10 indivíduos recebeu o seguinte: a. Ripercol em pó; b. Ripercol injetável e c. Tiabendazole. Em todas as experiências houve 5 bezerros como testemunhas.

Em síntese, dentro do ambiente do presente trabalho os resultados apresentados pelo Ripercol em pó, o Ripercol injetável e o Tiabendazole sobre os estrongilos gastrintestinais dos bezerros foram excelentes. Os animais testemunhas mantiveram, positivamente, a infestação inicial, revelada pelos exames de fezes.

Finalmente os Autores opinam que qualquer dessas drogas podem ser recomendadas no tratamento deste grupo de helmintoses, pois todas são antihelmínticos de amplo espectro.

(Corrêa, O. e cols. Modernos tratamentos das estrongiloses gastrintestinais dos bezerros. Arq. U.F.R.R.J. 2 (1): 59-61, 1973. Res. L. P. Jordão).



JARDINEIRA VOLTA AO MUNDO — JB — Está com 12 anos, na 10.ª cria e nunca secou entre uma e outra lactação. Trata-se da última filha de JARDINEIRA II JB, detentora do "Balde" e da "Batedeira de Ouro", troféus instituídos pela Associação Brasileira de Criadores (ex-APCB).

100 anos
de Seleção

FAZENDA
CAMPO
LINDO

PROP.:
URBANO
JUNQUEIRA DE
ANDRADE
CRUZILIA — MG



Alimentação de novilhos mestiços, em confinamento, com uréia e capim-colonião

As rações para gado de corte devem ser convenientemente balanceadas com proteína para proporcionar bons desempenhos. As principais fontes de proteína têm sido subprodutos de sementes oleaginosas, largamente empregadas como suplementos padronizados em todo o mundo.

A ureia, forma de nitrogênio não proteico, pode ser empregada para suprir parte das necessidades de nitrogênio do bovino. Sua utilização na alimentação de ruminantes permite a diversificação das fontes de proteínas vegetais, podendo reduzir o custo das rações de engorda quando adequadamente adicionada às rações de alto valor energético.

O presente estudo, conduzido na Estação Experimental de Cedro, Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata Seca do Estado de Pernambuco pelos eng.ºs Agr.ºs Odon Pessoa Santana e Giovanni Carício Caldas do Instituto de Pesquisas Agrônomicas de Pernambuco, visou a determinar o melhor nível de adição de uréia ao capim-colonião, como único volumoso, bem como comparar o desenvolvimento de novilhos holandeses, como outros, racialmente indefinidos, com base na ingestão voluntária da ração e no ganho de peso dos animais.

Os animais eram 24 holandês-zebu e 24 de sangue indefinido. Os tratamentos, com 12 indivíduos cada um consistiram de capim-colonião (à vontade), tratado com uréia, nos níveis de 0,3; 0,4; 0,5 e 0,6%, como única fonte de nitrogênio suplementar. Todos os animais receberam, indistintamente, 2,0 kg de melação de cana, por dia, aplicados diretamente sobre o capim.

O capim-colonião foi cortado de uma capineira formada há quatro anos e adubada por ocasião dos cortes, no ano de 1970. O período de experimentação prolongou-se de 11 de abril a 31 de julho de 1972, em que a capineira não foi adubada, nem irrigada. O capim apresentava, nos cortes, altura média de 1,20 m, já bem florado. No estábulo foi picado e desfiado em máquina "Cremasco".

A uréia empregada era do tipo industrial, granulada e sua adição ao capim desfiado foi feita no próprio carro de arrastamento, distribuída manualmente por toda a superfície da forragem, seguida de cuidadosa homogeneização da mistura capim-uréia.

Os animais foram confinados em "boxes" com 2 bovinos em cada, com divisões individuais dos cochos. A água foi provida mediante bebedouros com boia automática, nos solários.

O fornecimento de sal, enriquecido com sulfato de cobre, sulfato de cobalto e farinha de ossos foi feito à vontade, em cochos apropriados, dentro dos boxes.

RESULTADOS

Os resultados são apresentados em termos de composição química dos alimentos, expressa percentualmente na matéria seca; em consumo de alimentos e con-

versão alimentar dos bovinos durante 112 dias (em kg animal/dia); em consumo de sal mineralizado durante o período experimental em gramas/animal/dia; em consumo de nutrientes digestíveis totais e proteína bruta equivalente por animal/dia; e em ganhos médios dos animais alimentados com capim-colonião tratado com uréia, durante o referido período. Foram os seguintes:

Item	Níveis de Uréia, %			
	0,3	0,4	0,5	0,6
Número de animais	12	12	12	12
Peso inicial, kg	227	228	228	232
Peso final, kg	328	326	322	326
Ganho diário, kg	0,902	0,875	0,839	0,839

Os ganhos médios, diários, dos bovinos holandês-zebu, em confinamento, durante os 112 dias foram:

Item	Níveis de Uréia, %			
	0,3	0,4	0,5	0,6
Número de animais	6	6	6	6
Peso inicial, kg	242	245	245	257
Peso final, kg	350	348	344	360
Ganho diário, kg	0,964	0,920	0,884	0,920

Os ganhos dos bovinos de sangue indefinido propiciaram os seguintes valores:

Item	Níveis de Uréia, %			
	0,3	0,4	0,5	0,6
Número de animais	6	6	6	6
Peso inicial, kg	213	211	212	207
Peso final, kg	306	305	299	293
Ganho diário, kg	0,830	0,839	0,777	0,768

A superioridade dos animais de sangue holandês foi bem significativa. O custo diário total, por indivíduo, foi Cr\$ 1,17. Foram despendidos com os 48 bovinos Cr\$ 6 289,92 que somados à importância da aquisição totalizou Cr\$ 24 529,92.

Ao término do trabalho os novilhos pesaram, em média, 10,9 arrobas e foram vendidos ao preço de Cr\$ 62,00 a arroba (agosto de 1972), perfazendo Cr\$ 32 438,40 e proporcionando lucro líquido de Cr\$ 7 908,48 ou 32,2%.

Em suma, níveis de uréia empregados como única fonte de nitrogênio suplementar de capim-colonião, com bovinos em confinamento, durante período de 112

dias, proporcionaram dados em que o consumo e os ganhos de peso não diferiram estatisticamente, embora tenha havido tendência para serem inferiores nos dois níveis mais altos de uréia.

Os resultados também indicam que não se deve adicionar uréia além de 0,3% quando o volumoso constar de capim-colonião com elevado teor proteico (8,0%) na matéria seca e que o valor energético da dieta não seja superior ao das rações testadas.

(Santana, O. P. & G. C. Caldas. Níveis de uréia em capim-colonião, no arrastamento de novilhos mestiços confinados. R. Soc. Zootec. 2 (1): 66-81, 1972). Res. L. P. Jordão).

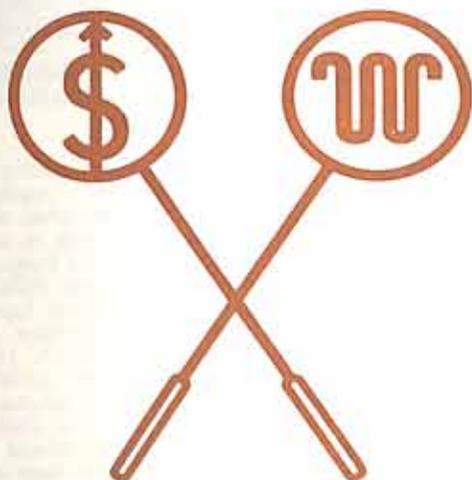


QUARTO LEILÃO



GADO SANTA GERTRUDIS E CAVALOS QUARTO DE MILHA

FAZENDAS SWIFT-KING RANCH



FAZENDA BARTIRA

RANCHARIA - E.F.S.
ESTADO DE S. PAULO

LEMBRE-SE!: ULTIMO SABADO DE MAIO DE 1974

25 DE MAIO, 1974

Bovinos solípedes ou sindáctilos — ocorrência e recomendações para seu controle

L. P. JORDÃO (CRMV-40322)

Os mamíferos, dos quais se conhecem cerca de 2 500 espécies, são classificados segundo a forma de suas unhas (cascos, garras ou unhas chatas) e de acordo com o número e forma de diversos tipos de dentes. Dentre as 12 diferentes ordens de mamíferos, duas, os **perissodáctilos** e os **artiodáctilos** compõem as principais espécies pecuárias, tais como os cavalos e jumentos entre a primeira e os bois, carneiros, cabras e porcos entre a última.

Os perissodáctilos ou imparidigitados, conforme seu nome indica, têm um só dedo ou casco funcional, ou de apoio, por pata; os artiodáctilos apresentam dois dedos principais ou funcionais em cada pata.

Os bovinos, ovinos e suínos são normalmente portadores de dedos pares. Não obstante, eventualmente, podem apresen-

tar em uma ou mais de suas patas, dedos unidos, soldados entre si, à semelhança dos solípedes tais como o cavalo e o jumento. Neste caso eles são cognominados "sindáctilos" ou, vulgarmente, "casco-de-burro".

A sindactilia, ou variação negativa do número de dedos, opõe-se à polidactilia ou variação positiva da quantidade de dedos.

A SINDACTILIA EM BOVINOS E EM OUTROS ANIMAIS

A sindactilia em bovinos foi observada e descrita há muitos anos como provam escritos de Plínio o Antigo, no início da era cristã.

No suíno há muito se conhecem os "porcos-casco-de-burro", vistos por Aristóteles na Ibéria. Em 1863 foi citado que

certo criador escocês conseguira criar várias centenas desses animais. Darwin em 1868 exibiu uma fotografia de um porco irlandês "casco-de-burro". Nos E.U.A. Auld, em 1878 relatou a existência de porcos solípedes, no Texas, acrescentando que essa anomalia era também frequente nos estados de Iowa e Louisiana. Autores alemães, poloneses e de outras nacionalidades indicam igualmente a existência dessa anomalia em suínos e descrevem experiências de cruzamentos entre porcos normais e "casco-de-burro". Alguns cruzamentos foram feitos na via pre-sunção de que os sindáctilos eram imunes à grave doença "hog-cholera".

Nos ovinos a ocorrência de animais com dedos soldados remonta a 1891. Em 1970 dois autores europeus descrevem a soldadura dos dedos envolvendo os quatro pés de um macho Merino.

A sindactilia tem sido observada em cães, aves e nos seres humanos. No homem a soldadura dos dedos usualmente é associada à polidactilia (dedos ou artelhos à mais). Indivíduos que exibem tanto polidactilia como sindactilia são encontrados com certa frequência. Num desses casos o portador apresentava sete artelhos em cada pé sendo alguns deles incompletamente separados. A sindactilia sem polidactilia no homem pode ocorrer com a fusão de três artelhos.

OCORRÊNCIA E CARACTERÍSTICAS EM BOVINOS

Bovinos solípedes ou "casco-de-burro" têm sido observados com certa frequência em indivíduos puros e registrados, assim como entre mestiços de algumas raças.

A anomalia é observada mais frequentemente em animais de sangue Holstein-Friesian, em gado preto nativo japonês Wagyu e na raça zebuína Hariana. Em outras raças (Simental, Hereford, Jersey etc) sua ocorrência parece ser raríssima.

Os casos mais comuns são aqueles em que as duas patas dianteiras são sindáctilas e as duas traseiras aparentemente normais. Entretanto alguns indivíduos apresentam somente um pé (geralmente o direito) afetado e, em outro extremo, todas as quatro patas anormais.

Parece que não foi encontrado nenhum caso em que os pés anteriores eram normais e os posteriores afetados.

Além da variação referente à localização nas patas, também há diferenças quanto ao grau ou intensidade da anomalia.

(Cont. na pág. 56)



**A QUÍMICA
SANTA MARINA LTDA.**

Praça Coronel João Zany, 21
Rio de Janeiro • Guanabara

ANTITÓXICO SM

O Anti-tóxico por excelência reunindo em um só produto três formas diferentes de aplicação: Intramuscular — Endovenosa — Oral.

CALCIOTRAT SM

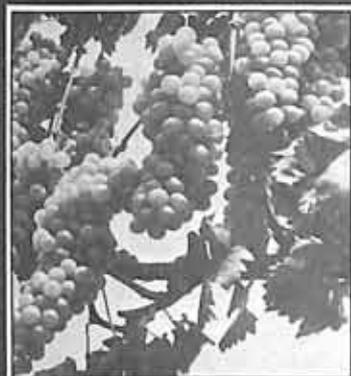
Cálcio e Vitamina D, sob a forma coloidal para uso intramuscular.

COBALTRAT SM

Cobalto e Ferro em doses balanceadas para os casos de carência desses minerais.

ECTOMOSOL SM

Solução a 20% de monossulfureto de tetraetilioram para combater a sarnas e demais tipos de parasitos da pele dos animais.



**Se o seu sucesso
depende
de financiamento,
conte com
o Mercantil.**



BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO
— o mais alto padrão de serviços

lia. Em determinados indivíduos o casco soldado é perfeitamente liso em sua muralha; noutros há um leve sulco que desce pela frente, indicando a duplicidade; em outros o casco é mais dividido, principalmente no alto, mas com a sola inteira.

A ausência de várias características normais no casco dos sindáctilos, tais como a ranilha e a pouca largura dos pés tem levado alguns autores a preferirem a denominação de "casco-único" a "casco-de-burro" (os povos de língua inglesa dizem "mule-foot", casco-de-mula).

A sindactilia sob os pontos de vista anatômico, embriológico, genético e clínico tem sido estudada exaustivamente. Recentemente Leipold, Dennis e Huston, três cientistas norte-americanos, publicaram uma revisão do assunto na revista *Veterinary Bulletin* (43 (8), 1973), da qual existe tradução em português (ver "Seleções Zootécnicas", n. 148, 1974).

A SINDACTILIA NO GADO HOLSTEIN-FRIESIAN

Eldridge, pesquisador norte-americano, tem estudado à fundo esta anomalia em bovinos holandeses nos E.U.A.

Entre muitos casos ele cita o de seis novilhos e um touro, portadores de um ou mais pés com dedos unidos, que foram adquiridos pelo Colégio Estadual de Kansas, para execução de provas de reprodução e estudos diversos. Nesse local realizaram-se vários acasalamentos de que resultaram animais sindáctilos e um só indivíduo com patas normais. Os afetados apresentavam o defeito de modo variável. Alguns tinham todos os quatro pés sindáctilos, outros um só casco afetado, indicando haver a ocasião em que todos os pés são aparentemente normais, embora o animal seja, geneticamente, um portador do defeito. A ocorrência de um produto aparentemente normal, de pais sindáctilos seria, assim, motivo de séria preocupação, indicando que um indivíduo pode ser homozigoto ou puro para o gene indesejável sindáctilo, sem mostrar, entretanto, a anomalia. Este "desvio" segundo Eldridge não é suficiente para anular a hipótese, geralmente aceita, de que a sindactilia tem comportamento recessivo, à semelhança de muitas outras anomalias dos bovinos (paralisia posterior, prenhez prolongada, cauda em saca-rolhas, estrabismo, contratura dos tendões, dropsia, nanismo, tetas unidas, ausência de pelos, cauda torta etc.).

Nos E.U.A. foram detectados nove touros heterozigotos para a anomalia que haviam produzido um ou mais filhos sindáctilos, por inseminação artificial. Vários desses touros haviam sido provados através de sua progênie, antes de terem sido lotados em centros de distribuição de sêmen. Estudos acurados da ascendência e descendência desses reprodutores revelaram, de um lado a existência de um ancestral comum e, de outro, que os dados de produção de leite alusivos à prole desses touros heterozigotos para dedos unidos eram muito bons, fazendo supor que o gene motivador da sindactilia estaria relacionado com o aumento da produção láctea. Daí, possivelmente o elevado número de touros heterozigotos seleciona-

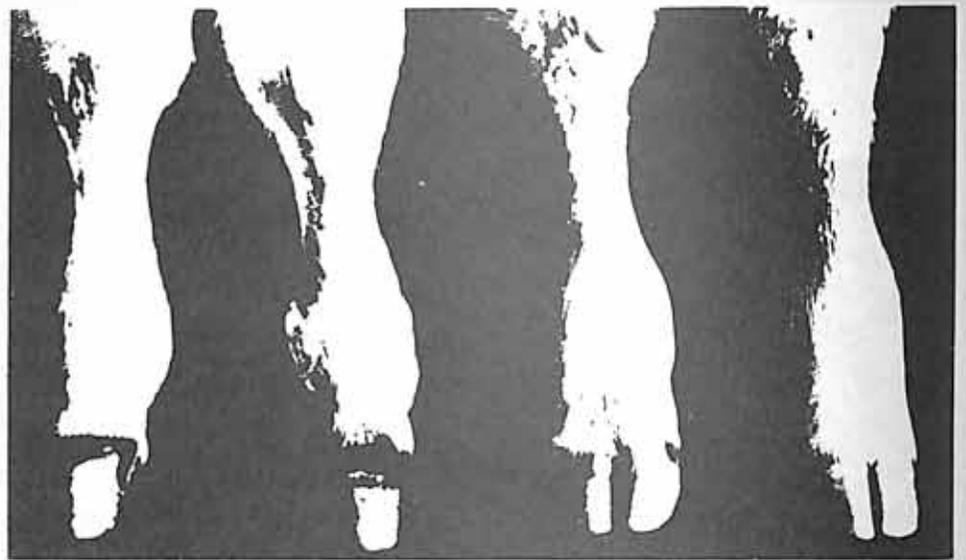


Fig. 1. Sindactilia em bovinos da raça Holstein-Friesian, seg. Eldridge, Smith e McLeod, em que à esquerda se vêem as patas anteriores, solípedes, e à direita as patas posteriores, normais, do mesmo animal (J. Hered. 42 : 241, 1933).

Fig. 2. Diagrama da transmissão da sindactilia segundo Eldridge. Na parte superior, um animal, não portador (homozigoto dominante) quando acasalado com fêmeas portadoras (heterozigotas) pode produzir todos os filhos com aparência normal. Entretanto, a metade dos filhos será portadora e a outra metade não portadora. Na parte inferior vê-se como um touro portador, quando acasalado com fêmeas portadoras pode produzir a proporção de 3 bezerros aparentemente normais para 1 bezerro com "casco-de-burro". Somente 1 dos 3 bezerros aparentemente normais será livre do gene causador do sindactilismo (Seg. Eldridge, F. E., *Holstein-Friesian World*, 52 (4) 1955).



dos e mandados para os centros de inseminação artificial.

PATOLOGIA DOS BOVINOS SINDÁCTILOS

A sindactilia nos suínos, ovinos, bovinos e noutras espécies está catalogada entre as anomalias genéticas sub-vitais.

Em geral os bovinos sindáctilos apresentam sérios problemas de adaptação às temperaturas elevadas, de acordo com observações realizadas no campo e em câmaras climáticas.

Entre outras anomalias paralelas tem-se notado que os sindáctilos apresentam maiores índices de retenção de água no organismo; maior proporção de glóbulos brancos no sangue; menor eficiência reprodutiva; tendência para enfraquecimento, em resultado da exagerada sensibilidade dos pés com dedos unidos; menor desenvolvimento corporal, mesmo quando se lhes dispensa o melhor trato. El-Drige não encontrou nenhuma característica desejável entre os bovinos sindáctilos. O defeito interfere na locomoção, porquanto a superfície de sustentação do indivíduo se torna consideravelmente diminuída e os cascos soldados mostram acentuada tendência para virar para fora ou para dentro, aumentando a sensibilidade dos boletos.

A aparagem dos cascos unidos resulta, comumente, em rachaduras verticais de suas paredes e conseqüente infecção.

ELIMINAÇÃO DA SINDACTILIA DOS REBANHOS

A sindactilia dos bovinos, estudada por vários autores, em diferentes raças, é atribuída a um gene recessivo (denominado sy). Como já foi referido, alguns animais, geneticamente puros (fórmula sy/sy) não exibem sinais do defeito. Assim, presume-se que o gene sy é incompletamente penetrante.

Os principais fatos a serem considerados em planos de eliminação da sindactilia em rebanhos bovinos em que ela ocorre são os seguintes:

1. As características herdadas recessivamente, como a sindactilia, são mais difíceis de eliminar que as herdadas de modo dominante, porque os animais portadores (que não exibem a anomalia) não são facilmente identificados e separáveis dos não portadores (ver a propósito o diagrama anexo do gráfico 2).

2. Parte dos portadores pode ser identificada em consequência do nascimento de um bezerro afetado, mas os restantes não podem ser separados dos não portadores, exceto com o recurso evidentemente não prático do acasalamento desses animais com outros, reconhecidamente portadores, ou evidentemente afetados. Este método, além disso, pode prejudicar o projeto de eliminação do gene, pelo aumento de sua frequência, ao invés de diminuí-la, a menos que todos os produ-

tos resultantes desses acasalamentos sejam sacrificados.

3. As medidas indicadas para eliminar o defeito de um rebanho seriam, pois as seguintes:

a. Sacrificar, imediatamente, o touro que tenha transmitido esta anomalia. A ocorrência de apenas um bezerro com casco sólido incrimina tanto o pai como a mãe como portadores;

b. o touro a ser usado no rebanho não deverá ter relações de parentesco com

os animais sabidamente portadores (pais e mães de bezerros portadores do defeito) e

c. os filhos aparentemente normais, assim como os afetados, de reprodutores reconhecidamente portadores devem ser, sempre que possível, eliminados.

d. finalmente, como recomendação aos criadores de bovinos registrados, a ocorrência de bezerros sindáctilos deve ser imediatamente comunicada à respectiva Associação da raça encarregada dos dados genealógicos.

Conteúdo: 500 gramas

sais minerais PROCAMPO

PRÉ-MISTURA MINERALIZANTE PARA RUMINANTES
CONTENDO OS OLIGO-ELEMENTOS ESSENCIAIS



esta só levanta



com

PROPEN

a mais moderna arma
contra **INFECÇÕES**

**AÇÃO IMEDIATA E
EFEITO PROLONGADO**

CONTRA

- Pneumonias e Broncopneumonias
- Abscessos
- Mamites
- Metrites
- Infecções resistentes a outros antibióticos

1 única dose cada 24 a 72 horas

PROPEN
PROBENECID PENICILINA

Rápido retorno do animal à
linha de produção



LABORATÓRIO ISA
SOCIEDADE ANÔNIMA

Praça Cornélio, 96 - Fones: 62-4178 - 62-8250
Endereço Telegráfico: "IBPEQUE"
Caixa Postal, 1767 - São Paulo

LEITE, O ALIMENTO DO FUTURO

SANTOS OVEJERO DEL AGUA
Doutor em Veterinária

Um dos problemas mundiais que hoje preocupa mais as grandes nações que regem a política do mundo, é obter uma solução para a população humana que desde tempo imemorial padece fome e vive em condições sub-humanas.

A Organização Mundial para a Agricultura e Alimentação (FAO) criada no pós-guerra pela ONU, e a Organização Mundial da Saúde (OMS) realizam esforços e proporcionam a técnica moderna recursos econômicos para aliviar, no possível, o problema mundial da fome.

A UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) ocupa-se da população infantil, e mediante uma acertada obra educativa e os complementos alimentícios, está conseguindo diminuir a mortalidade infantil no mundo, ao mesmo tempo que a melhoria física e moral desses grandes núcleos humanos em desenvolvimento.

Sem nos aprofundarmos no complexo problema de uma correta alimentação quantitativa e qualitativa, façamos uma síntese da situação atual do mundo, onde somente existe uma pequena população que tem satisfeitas suas necessidades alimentícias.

É certo que o problema da fome não existe na Espanha, onde dispomos de recursos agrícolas, pecuários e marinhos suficientes para cobrir as necessidades de nossa população em crescimento. Mas ao contemplar o panorama mundial com espírito cristão e ao meditar sobre o futuro da Humanidade que inverte seus recursos técnicos com um inesgotável espírito de conquista e domínio, recordamos com Lord Boyd Orr que "a fome é mais perigosa que a bomba atômica para o porvir da Humanidade". As estatísticas têm colocado em relevo as possibilidades de sobrevivência de uma criança recém-nascida em diferentes países, chegando a conclusões provisórias como a seguinte: Nos Estados Unidos pode-se alcançar uma vida média de 67 anos, enquanto na Índia este período é de, aproximadamente, 27 anos. Esta situação, devido em parte a uma subalimentação, tem mobilizado parte dos recursos das potências bélicas do mundo (Estados Unidos e União Soviética) e criado nos países ocidentais, de profundo sentido cristão e humanitário, a grande preocupação de ajudar aos organismos

da ONU para que, se possível, desapareça de nossa mente o que Herch qualificou de "desigualdade ante a morte".

Os módulos assinalados pela FAO para uma correta alimentação, tomando as proteínas animais como índice das necessidades nutritivas, são as seguintes:

Homem de trabalho normal, 30 gramas diárias de proteínas animais.

Homem subalimentado, 15-30 gramas diárias de proteínas animais.

Situação de fome: menos de 15 gramas diárias.

Até data recente, e ainda reconhecendo que o problema está em via de uma sensível melhora, os 3.000 milhões que povoam o mundo encontram-se na situação atual que indicamos em continuação:

Seiscentos milhões comem mais de 30 gramas de proteínas diárias.

Seiscentos milhões comem de 15 a 30 gramas de proteínas diárias.

Mil e oitocentos milhões comem menos de 15 gramas de proteínas diárias.

A Espanha, segundo os especialistas em nutrição e as estatísticas da FAO, encontra-se no segundo grupo, embora nos últimos dez anos a melhoria de nosso nível de vida e, por conseguinte, nossos bens de consumo, assinalam uma melhoria importante na situação dos espanhóis. Não é demasiado afirmar que atualmente estamos com um consumo médio de 30 gramas de proteínas animais por habitante, já que somente a avicultura nos coloca entre os países mais progressistas neste importante setor da criação animal.

Ante o panorama mundial de fome, cuja única menção perturba nossos mais elementares princípios humanitários, vamos tentar assinalar brevemente a importância do leite como alimento do homem.

O leite, como veremos mais adiante, é uma fonte magnífica de proteínas animais, assim como de outros compostos nutritivos plásticos e energéticos em perfeito equilíbrio para cobrir a quase totalidade das necessidades do homem adulto.

Uma vez mais seja-nos permitido recordar a composição média do leite de vaca.

Proteínas: caseína, lactalbumina e lactoglobulinas.

Matéria gorda: lipídios.

Lactose: carboidratos.

Ácido cítrico

Cinzas: cálcio, magnésio, cobre, manganês, molibdênio, ferro, zinco, potássio, sódio, fósforo, cobalto, enxofre e iodo.

Além destes elementos químicos, o leite contém enzimas importantes e células.

Vitaminas: lipossolúveis A e D; hidrossolúveis: complexo B (B1, B2, B6).

Vitamina C, niacina, ácido pantotênico, biotina, etc.

"Valor energético do leite de vaca. 650 calorias por litro; leite desnatado, 360 calorias por litro."

"O leite contém todos os aminoácidos necessários para a alimentação humana" (Ramos Córdova). Não obstante, além disso convém recordar que este alimento contém pequenas quantidades de ferro, magnésio e iodo.

"Coeficiente de digestibilidade: As proteínas do leite são digeridas em 94%; a gordura em 95%; a lactose, em 100%."

"O leite constitui o alimento natural mais perfeito do homem" (Kon).

A composição do leite em aminoácidos, vitaminas e oligoelementos, assim como sua digestibilidade, o creditam como um alimento excepcional, apesar do seu escasso conteúdo em ferro e cobre. É de assinalar que o leite é um alimento de excelente qualidade por seu conteúdo em cálcio, o que faz que seja de especial interesse para as mulheres em gestação e para as crianças durante seu período de desenvolvimento.

"O leite desnatado parece ter o mesmo efeito favorável que o leite integral, nas crianças."

"Como fonte de cálcio, o leite é um alimento excelente; contém igualmente fósforo, potássio e sódio" (Prof. Dols).

"A deficiência de ferro se compensa porque o recém-nascido tem no fígado uma reserva inicial deste oligoelemento" (Ramos Córdova).

Everett, médico dos EE.UU., considera que "o crescimento está em proporção direta da quantidade de leite que se consome (cálcio e fósforo)."

"A lactose não é absorvida como tal, mas como uma mistura de glicose e galactose." Segundo Hester, a lactose fermenta menos facilmente no estômago que a sacarose.

"O emprego moderado da lactose tem grande influência para manter em boas condições a flora intestinal" (Dols).

"A gordura que se encontra em estado de emulsão, permite uma boa absorção, uma vez que contém vitaminas lipossolúveis."

A gordura é uma mistura de triglicérides com pequenas quantidades de lecitina e colesterol.

Em relação com o valor biológico das proteínas do leite, integradas pela totalidade dos aminoácidos essenciais: **isoleucina, leucina, lisina, metionina, fenilalanina, treonina, triptótano, valina**, é de interesse assinalar que o leite cru, o pasteurizado e mesmo o desnatado, produzem nas crianças um efeito muito favorável no crescimento e ao seu estado de

saúde, o que confirma os trabalhos experimentais realizados em ratos.

Nos estudos realizados por J. H. Lamberts, da Holanda, em crianças de seis a nove anos com uma bebida suplementada com leite em pó reconstituído e enriquecida com ferro e vitaminas A e D, comprovou-se o efeito favorável sobre sua saúde e desenvolvimento físico (FAO).

Embora reconhecendo que o leite de vaca é quase um alimento completo, é interessante recordar que no homem adulto não é aconselhável como alimento único por seu volume e não satisfazer plenamente o aspecto psicológico do que habitualmente tem o prazer de desfrutar com a variedade de sua alimentação.

"O leite aumentou o valor biológico das proteínas do pão, e a adição de 6% de sólidos lácteos não gordurosos à farinha de trigo, quadruplica o conteúdo em cálcio do pão e adia seu envelhecimento" (S. R. Kon).

O caráter mais importante do leite como alimento do homem e dos animais jovens, é o "valor biológico" de suas proteínas. Sobre um valor ideal de 100, o leite de mulher e o de vaca têm um valor aproximado de 85 ao lado da farinha de trigo com um valor aproximado de 50.

"Bebendo 500 mililitros de leite diariamente, uma pessoa de idade adulta pode satisfazer 35% de suas necessidades em proteínas animais, quase 35% em lisina, 25% em triptófano, etc." (A. Prokorsky, 1969).

Holder da
Santa Cecília,
padreador
principal
das nossas
propriedades

B



Sêmen à venda a cargo da LAGOA DA SERRA - Sertãozinho - SP

**MIGUEL
BARILLARI**

Fazenda Sapucaí

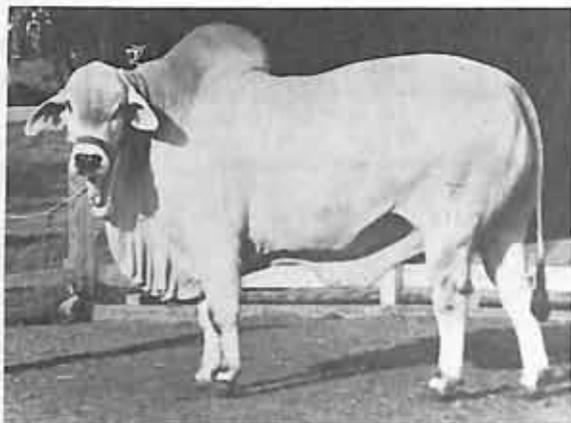
Município de São José da Bela Vista

Correspondência: Caixa Postal 611 —
Tel. 34-1829
Ribeirão Preto

Fazenda São Luiz

Município de Jardinópolis

Correspondência: Caixa Postal 611
Ribeirão Preto



Justificado de Tabapuá T-3160

MOCHO TABAPUÁ DA ÁGUA MILAGROSA - TABAPUÁ, SP

Em 1973 participamos de cinco Exposições (São Paulo, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Bauru e Maringá). Em todas elas tivemos correntes. Em duas delas, em datas coincidentes, tivemos de dividir nosso lote de Exposição para podermos comparecer. No entanto, em todas elas fizemos o maior número de pontos na raça e, em duas delas, o maior número de pontos destas Exposições. Quando pensar em Tabapuá, venha à origem.

ALBERTO ORTENBLAD

res.: Rua Francisco Otaviano, 132 - Rio de Janeiro - tel.: 227-4566
 escr.: Rua Sete de Setembro, 141, 4.º andar - Rio de Janeiro —
 tels.: 221-0678 e 242-0297

MATRIZ: Fazenda Água Milagrosa — Tabapuá, SP tel.: 8

FILIAL NO PARANÁ: Granja Copacabana — Rodovia Marielva Maringá

FILIAL EM MATO GROSSO: Granja Ipanema — km 42 Rodovia Campo Grande-Cuiabá

SÊMEN: PecPlan S.A. - Rua Turiassú, 1.202 - Perdizes - São Paulo, SP.

Deliberadamente não temos destacado o valor energético das gorduras contidas no leite, constituídas especialmente por triglicérides (98%), fosfolipídios (0,5-1%) e substâncias insaponificáveis (1%).

Com respeito ao aumento de colesterol sanguíneo do homem sobre o metabolismo dos ácidos graxos insaturados e coles-terina do leite, parece que não existe nenhuma prova experimental que seja demonstrativa de que o colesterol se forme à base da gordura do leite ou dos produtos lácteos, e ainda está menos demonstrado que o leite seja rico em colesterol.

O ilustre lactólogo, já desaparecido, doutor Rosell, em sua magnífica monografia, **A gordura do leite na alimentação do homem**, afirma que não se pode aceitar que a ingestão normal de leite possa apresentar algum inconveniente, e menos que possa ser considerada como agente causal da arteriosclerose.

O doutor Halden, de Viena, depois de estudar o problema da coles-terina do leite e a arteriosclerose humana, afirma o seguinte: "O óleo de fígado de bacalhau, considerado como um alimento-medicamento importante, os miolos e a gema do ovo, são os de maior conteúdo em coles-terina. É o leite o que menos contém, já que somente é a décima parte da coles-terina que se encontra no sangue do lactante recém-nascido.

"Bebendo um litro de leite integral, a quantidade de coles-terina ingerida é apenas de 120 miligramas, ou seja a mesma quantidade correspondente a 100 gramas de carne de vaca ou meio ovo."

"Pelas cifras anteriores, facilmente comprováveis, pode-se ver mui claramente quão insignificante é a quantidade de coles-terina que positivamente procede do leite."

Por sua parte, o Prof. A. Prokorsky, na Reunião da F. I. L. realizada em Moscou em 1968, ao ocupar-se do leite na alimentação humana, chegava à conclusão de que "o leite não tem propriedades aterogênicas".

Consideramos de interesse insistir sobre a utilidade de um regime alimentar variado, tal qual se realiza habitualmente na Espanha, embora consideremos necessário que o leite faça parte sempre da ração alimentar para um melhor equilíbrio dos

diferentes princípios imediatos e, especialmente, para um aumento do coeficiente de utilização digestivo (C. U. A.).

A interação no metabolismo das proteínas, carboidratos e lipídios favorece uma maior digestibilidade, tendo-se comprovado por alguns investigadores (H. Frahm e A. Lembke, 1969) que as proporções mais convenientes se encontram quando 15% das calorías subministradas o são pelas proteínas, 25% pelas matérias gordas e 60% pelos hidratos de carbono.

Os autores mencionados confirmam que a gordura do leite não favorece o aumento de nível, nem dos lipídios sanguíneos, nem do colesterol sanguíneo. "É a combinação leite e farinha completa a mais favorável e a que se introduz na dietética como regime lactovegetariano."

Examinadas, embora brevemente, algumas das qualidades do leite como alimento, vejamos qual é o consumo normal deste magnífico alimento na Espanha.

Não parece necessário situarmo-nos em consumos como os alcançados pela Suécia, Noruega e Suíça, que superam os 200 litros por habitante/ano. A Espanha dispõe dos melhores pescados do mundo e eles nos proporcionam proteínas de fácil conservação, boa qualidade e preço acessível a todas as economias.

Atualmente os espanhóis estão ainda situados em um consumo de leite anual de 71 litros por habitante/ano, sendo muito baixos os consumos de queijo e outros produtos lácteos. É certo que já está se generalizando o uso de produtos derivados do leite, tão úteis como o iogurte, leites aromatizados, concentrados e o leite condensado com açúcar, de grande emprego.

Não obstante estes aumentos, temos de incrementar o consumo de queijo duplicando inicialmente a quantidade de 2,1 quilos por habitante/ano.

Se a classe médica, os educadores, os pais de família, os veterinários higienistas e os lactólogos colaborarem em prol de uma obra de divulgação em favor do leite, poderá tornar-se realidade o programa do II Plano de Desenvolvimento, que, sem ser ambicioso, poderá alcançar e superar os consumos previstos de 78,7 litros de leite per capita e 2,9 quilos de queijo

por habitante/ano. Estas quantidades nos parecem facilmente superáveis num futuro próximo.

Convém recordar que nossa política agrária atual dedica especial atenção à melhoria da pecuária tanto na produção de leite como de carne.

"De todos os produtos agrícolas e pecuários que proporcionam aumento de nível, os pecuários são os que registram um incremento mais elevado. Em conjunto, enquanto os primeiros sobem 42%, os segundos chegam até 66% em média (Lacasa).

Para não tornar excessivamente longo este trabalho, seja-nos permitido citar somente a título exemplificativo, o consumo da França, país vizinho bem organizado e, como nós, de nobre raiz latina e espírito amplamente cultivado nos campos do saber.

A França atual, de bom nível de vida, orgulhosa de seu europeísmo, sua cultura e sua independência. A França que foi berço de importantes descobrimentos científicos que revolucionaram as ciências médicas do mundo; a França que ama a Espanha porque conhece nossa generosidade e nossos valores humanos, essa França que mantém sua cultura frente ao materialismo avassalador, tem bem resolvido o problema da alimentação com um consumo de leite e produtos lácteos que atualmente se estima nas cifras seguintes:

100 litros de leite por habitante/ano.
 9 quilos de queijo por habitante/ano.
 7,5 quilos de manteiga por habitante/ano.

Para finalizar esta modesta apreciação do grande problema do leite em nossa pátria, é de justiça pôr em relevo a grande obra que realiza o "Serviço Escolar de Alimentação e Nutrição", do Ministério de Educação e Ciência.

Os complementos alimentícios facilitados gratuitamente aos escolares, a obra realizada por estes beneméritos profissionais do Magistério primário, as magníficas publicações de divulgação, constituem entre outros recursos o caminho altruísta e seguro para que o leite e os produtos lácteos sejam na Espanha o alimento do futuro.

(Conclui na pág. 81)

Aprovada a regulamentação florestal

Os Ministérios da Agricultura e do Interior já aprovaram a regulamentação do decreto-lei n.º 1.307, de 16 de janeiro deste ano, que determina novos percentuais para a aplicação de incentivos fiscais em reflorestamento, encaminhando o trabalho à sanção presidencial.

A regulamentação foi elaborada por técnicos do IBDF que ouviram pareceres dos secretários de Agricultura dos Estados de São Paulo, Minas, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os mais diretamente interessados no problema, pois o decreto paulatinamente reduz o volume de aplicações nestes Estados, procurando incentivos as operações no Nordeste.

O IBDF nada quis adiantar sobre a regulamentação, cujos pormenores somente serão conhecidos após sua sanção e publicação no Diário Oficial, o que é aguardado para os próximos dias. Segundo o órgão, a principal característica da regulamentação é que os novos projetos, para continuarem a se beneficiar de 75% dos recursos dos incentivos fiscais, deverão ser integrantes de programas plurianuais em processamento ou então pertencerem a programação para o setor do governo do Estado em que se localizarão.

NOVA FILOSOFIA PARA REFLORESTAR

Transcrevemos a seguir carta que o jornal "O Estado de S. Paulo" recebeu da Associação dos Reflorestadores do Triângulo Mineiro, a respeito da série de interessantes e oportunos editoriais que esse jornal publicou.

"Como sempre acontece no setor de imprensa do País, o grande jornal "O Estado de S. Paulo" se coloca na vanguarda dos legítimos interesses nacionais, sem quaisquer preocupações que sua posição venha agradar ou desagradar áreas da iniciativa privada ou pública. É o que se desprende dos editoriais denominados "Uma nova filosofia para reflorestar".

Senhor diretor: causa-nos estranheza que num simples parágrafo (art. 4.º) do recente Decreto-lei, que introduziu profundas modificações no setor do reflorestamento, toda uma estrutura assentada em sete anos de planejamento e execução fosse sumariamente liquidada, sem que os interessados, o IBDF e — segundo a imprensa do País — o próprio ministro da Agricultura, fossem ouvidos.

Na região do Triângulo e Alto Paranaíba, com início de trabalho em 1968, foram plantados cerca de 200 (duzentos) milhões de árvores, ocupando área aproxi-

mada de 80 (oitenta) mil hectares, sob a responsabilidade de 23 organizações florestais.

A CONTINUIDADE

Haveria necessidade de pelo menos mais dois ou três anos de continuidade de plantio, para que estes maciços pudessem ser aproveitados economicamente, pois que assim atingiriam a idade dos sete/oito anos necessários para desbaste e formação do ciclo regenerativo.

Nas circunstâncias atuais, é difícil prever o destino de mais de Cr\$ 200 milhões de cruzeiros, em incentivos fiscais, canalizados para o Reflorestamento de nossa região, sem se contar com os investimentos de capital das empresas reflorestadoras.

Uma empresa já está se instalando em Uberaba, para aproveitamento de parte da matéria-prima existente. A MINAS-PLAC se propõe, a partir de 1974, data prevista para o término da construção de sua indústria, a consumir 10% da disponibilidade da madeira. Outros estudos estavam em andamento com empresas nacionais, principalmente com a Cia. Suzano de Papéis e a Champion Celulose, visando a implantar, no futuro, uma indústria de celulose.

Nestas condições, queremos crer que a situação do Triângulo e do Alto Paranaíba se enquadraria perfeitamente dentro da tese de V. Sa., ou seja: uma área que merece ser aproveitada, mercê dos esforços e investimentos já feitos, com vistas à implantação de indústrias.

PRIORIDADE

Entendemos, também, que esta deveria ser a meta prioritária do Governo: o aproveitamento racional destas florestas. Caso contrário, seria o desperdício, puro e simples, de grandes recursos oficiais, advindos do Imposto de Renda.

Não pretendemos abordar com V. Sa. o espectro do desemprego na região, onde o Reflorestamento utiliza mais de 10.000 operários, porquanto, em consequência das modificações introduzidas na legislação, criar-se-ão graves problemas de natureza social.

Desnecessário se torna, também, falar do aproveitamento que as empresas da região estão fazendo das terras de chapadão, inaproveitáveis para a agricultura e a pecuária. Na realidade, sem o apoio oficial, através dos incentivos fiscais, impossível seria a recuperação destas terras

para sua utilização econômica. No Reflorestamento é que elas encontraram sua vocação teleológica.

IMPROPRIEDADE

Mas, gostaríamos de abordar um assunto que tem sido pouco ventilado. Embora não passasse despercebido a V. Sa. a impossibilidade de áreas adequadas para associação de projetos industriais naquela região, queremos ressaltar a impropriedade, para reflorestamento, da maioria das terras localizadas na área da SUDENE.

FAZENDA GUAYUVIRA

criação e seleção de gir leiteiro e PESADO

Produção leiteira sob controle oficial da A.B.C. e controle genealógico da A.B.C.Z.



Guayuvira Cristalina Namorada RG L 6580 de nossa criação, possui em apenas 2 crias 4 records brasileiros de produção de leite e gordura aos 3.0 anos 3.254 Kg de leite e aos 4 anos 4.020 Kg. Com um intervalo de apenas 15 dias já iniciou nova lactação. ESTÁ INSCRITA NO LIVRO DE ESCOL E LIVRO DE MÉRITO.

Apresentamos na última Expo de gado leiteiro de São Paulo 12 animais e obtivemos 11 prêmios e 5 campeonatos.

Usamos os melhores touros Gir leiteiro em regime de Inseminação Artificial sendo um de peso superior à 900 Kg.

Venda permanente de reprodutores com transporte próprio para qualquer localidade do país.

A Fazenda Guayuvira está situada a 2 Km da Marechal Rondon, no quilômetro 414 - Município de Guarantã - NOB - São Paulo - C. P. 7

Em São Paulo Fone: 65-53-38

JOSE MARIO SIQUEIRA MATHEUS

Segundo os técnicos, reflorestamento pressupõe regularidade de chuvas. Enquanto na região de Uberaba, segundo estudos do dr. Lambert Golfari, o índice de precipitação pluviométrica anual atinge média de 1.623 mm., em grande parte da região da Sudene, principalmente na parte mineira, raras são as áreas que se aproximam de 1000 mm., e, assim mesmo, com uma impressionante irregularidade.

Não serão pequenas as despesas com que as empresas de reflorestamento terão que arcar para adaptar-se naquela região. Em sua grande parte, é sabida a falta de serviços de infra-estrutura: estradas, energia elétrica, assistência técnica etc. O que não dizer, então, da mão-de-obra sempre escassa e despreparada?

Mas, se isto vier realmente a acontecer, se as empresas tiverem que se deslocar para a área da Sudene, tudo está a indicar que o futuro do reflorestamento no País é sombrio. As experiências já realizadas com reflorestamento em alguns municípios (Lasance e Pitapora) não são de molde a entusiasmar os investidores. O

próprio IBDF, por informação de sua Delegacia de Belo Horizonte, reconhece, por estas experiências, que não existe muita propriedade para o desenvolvimento de grandes projetos florestais, nas referidas áreas. E seria penoso, no futuro, verificar que se tentou implantar matilhas florestais em determinadas regiões impróprias, visando não somente à "comercialização" de Incentivos Fiscais.

Mas, se as experiências em municípios de topografia generosa não têm atendido aos requisitos necessários para sua expansão, o que dizer de outras áreas, de difícil mecanização e sem água sequer para irrigação de mudas em viveiros?

Esta associação, enviou técnicos à região da Sudene, para uma pesquisa sobre as possibilidades de implantação de grandes projetos florestais. Este trabalho se desenvolveu tanto por via terrestre como por via aérea. Os resultados são desalentadores quanto às perspectivas futuras de aproveitamento industrial.

Quanto à possibilidade aventada no Decreto-lei, estabelecendo exigências de o

interessado aplicar recursos próprios, ninguém, em sã consciência, acreditaria em sua viabilidade. Afinal, insistir em que os investidores subtraíam de seu capital de giro, tão carente, recursos para investimentos a longo prazo, como é o caso do reflorestamento, poderia até parecer uma medida inoportuna.

Transferir o onus dos recursos próprios para as empresas reflorestadoras, na sua maioria simples empreiteiras, seria medida inviável. Das quase seiscentas empresas do ramo, menos de uma dezena poderia satisfazer tais exigências.

Queremos acreditar, entretanto, como muito bem diz V.Sa. em seu editorial, que as gravíssimas distorções possam ainda ser corrigidas com a regulamentação do Decreto. Se tal não vier a ocorrer, lamentavelmente teremos de assistir, impassíveis, ao sepultamento de um sonho: ver transformada em áreas industrializáveis toda uma vasta região do Triângulo e do Alto Paranaíba, constituída de terras agricultáveis".

ABC

Associação Brasileira de Criadores

(Ex Associação Paulista de Criadores de Bovinos)

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958
47 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente
Renato da Costa Lima

Vice-Presidente
João de Moraes Barros

Secretários
Linneu Carlos Souza Dias
Luiz Fortunato M. Ferreira

Tesoureiros
Carlos Alberto Willy Auerbach
Francisco F. Barretto

CONSELHO CONSULTIVO

Efetivos
João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
João Laraya
Severo Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Arnaldo Borba de Moraes
Bráulio Madeira Simões
Diogo Branco Ribeiro
Gilberto Arruda Sampaio
José Cassiano Gomes dos Reis
José Octávio da Silva Leme

Suplentes
Dario Freire Meirelles
José Acácio dos Santos
Antonio Bento Ferraz
Franklin Rodrigues Siqueira
José Oswaldo Junqueira
Jaime Watt Longo

CONSELHO FISCAL

Efetivos
Sylvio Bueno Vidigal
Virgílio Lemos da Silva
Antonio Augusto Pires de Oliveira

Suplentes
Antonio Coelho Guimarães
Lívio Malzone
Roberto Sampaio de Almeida Prado

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Gerente
Dr. João Soares Veiga

Registro Genealógico
Dr. Ernesto Ranalli

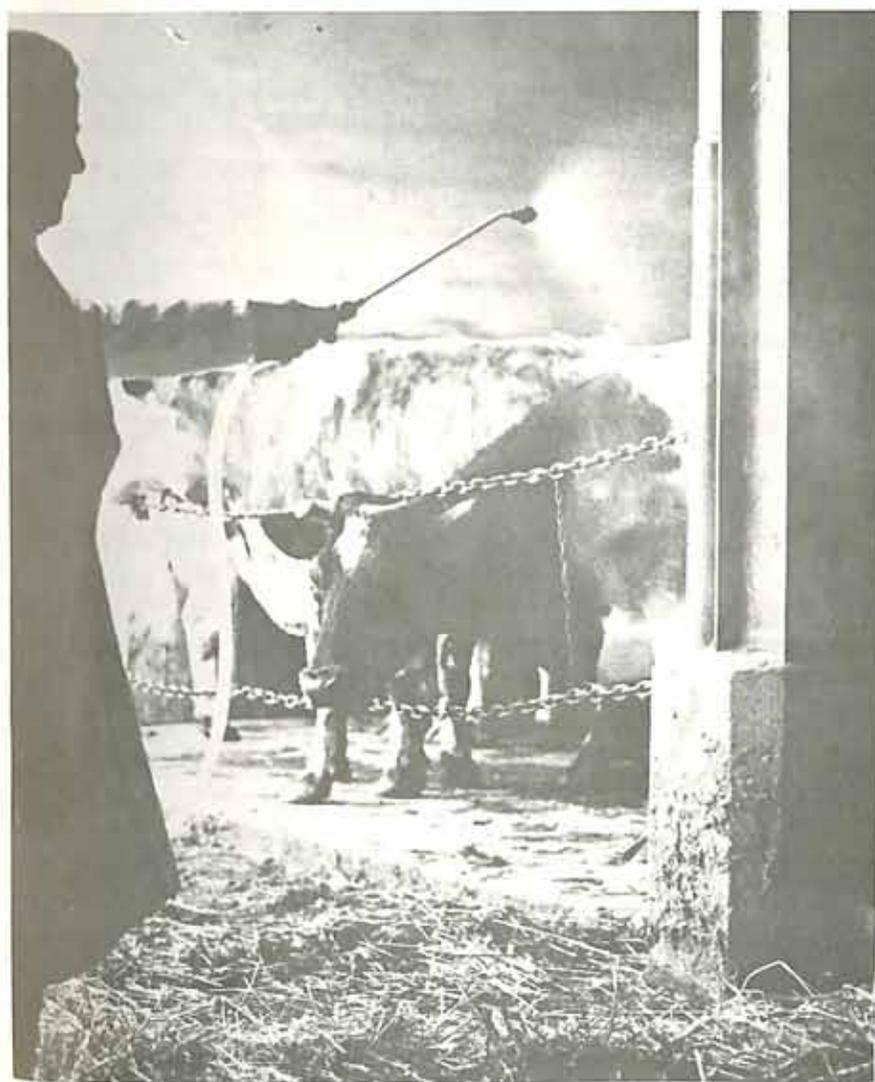
Assistência Veterinária
Dr. Walter C. Battiston
Dr. Sebastião Teixeira de Almeida

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Gerente
Virgílio de Almeida Penna

noticiário TORTUGA

20 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL



DESINFECÇÃO
NA FAZENDA
SIGNIFICA
DEFESA
DO REBANHO

DESINFECÇÃO NA SIGNIFICA DEFESA



Todos sabem, por experiência própria ou através daquela de outros, quanto custa um surto de qualquer moléstia infecciosa. A quebra da produção, expressa em menos leite por vaca, em abortos, em perda de peso, em retardamento do crescimento dos animais jovens, agravada pela mortalidade, que, em muitos casos, chega a dizimar grande percentagem do plantel, desequilibram a economia do criador, quando não o levam à ruína. Somam-se, ainda, a este quadro de consequências funestas, as seqüelas orgânicas, que, às vezes, comprometem de forma permanente a produtividade de exemplares de elevado valor zootécnico.

É, então, da máxima importância defender o rebanho das infecções, qualquer que ela seja, tanto de caráter epizootico, como quando restrita a poucos indivíduos. Esta defesa se consegue através de um conjunto de providências: vacinação, soro-vacinação, diagnósticos preventivos através de antígenos, bom manejo e desinfecção.

Por meio desta última, procura-se eliminar o contágio, mantendo livres de germes utensílios, mãos, abrigos, galpões, estábulos, maternidades, depósitos, comedouros, bebedouros, roupas, enfim, tudo com que os animais tenham contacto. Contudo, a eficiência da desinfecção está condicionada por vários requi-

sitos que o desinfetante deve preencher. Ela é tanto mais satisfatória quanto maior fôr o número destes requisitos atendidos por ele.

REQUISITOS PARA UM BOM DESINFETANTE

Um desinfetante deve possuir as seguintes qualidades para ser eficiente:

1. Amplo poder germicida, atuando sobre o maior número possível de microrganismos infecciosos, tais como bactérias, fungos e vírus.
2. Estabilidade, conservando seu poder germicida por longo período.
3. Ação vigorosa e prolongada sobre as superfícies de aplicação.
4. Penetração, que permite destruir os germes localizados nas anfratuosidades das superfícies irregulares e porosas.
5. Não conferir odor ou sabor aos alimentos e objetos.
6. Não atacar as substâncias comumente utilizadas na confecção dos utensílios: metais, madeira, tecidos, plásticos e borracha.
7. Ser isento de toxicidade para as pessoas e animais.
8. Não irritar a pele e as mucosas.
9. Ser econômico — para tanto, deve ser eficaz em soluções de baixa concentração e possuir boa ação residual.

"DUP" PREENCHE OS REQUISITOS: EFICIÊNCIA E ECONOMIA

"DUP", poderoso desinfetante conhecido internacionalmente como

Halamid e agora lançado pela TORTUGA, no Brasil, preenche a todos os requisitos de eficiência e economia.

Caracteriza-se por:

1. grande poder germicida (destrói bactérias, fungos e vírus);
2. estabilidade;
3. vigor;
4. penetração;
5. não transmitir odor ou sabor;
6. não atacar tecidos, madeira, metais, borracha e plásticos;
7. atoxicidade (não é tóxico);
8. não irritar pele e mucosas, tanto do operador como do animal;
9. possuir grande ação residual.

COMO AGE "DUP"

"DUP" é um composto clorado orgânico. Quimicamente é o p-tolueno-monocloro-sulfamida sódica, apresenta-se como pó branco, cristalino, cuja solubilidade máxima na água é de 10%.

Seu alto poder germicida deve-se à liberação do oxigênio nascente (atômico), que libera quando em contacto com substâncias orgânicas, como são os germes. Simultaneamente, há liberação de cloro, daí o seu ligeiro odor. Este, contudo, é absorvido pelo sódio presente em sua fórmula química, razão por que desaparece logo após a aplicação. A ação desinfetante principal deve-se, então, à pronta destruição dos germes por oxidação pelo oxigênio

FAZENDA

DO REBANHO

nascente, altamente ativo. Dessa forma, quando "DUP" entra em contacto com os germes, libera oxigênio nascente, que esteriliza o local de aplicação; uma vez destruídos os microrganismos, cessa a liberação deste elemento, pela inexistência de matéria orgânica. Ao mesmo tempo, devido à sua estabilidade química, mantém-se o excesso do desinfetante inalterado, pronto para renovada ação esterilizante. Aliás, a economia resulta, também, de seu alto poder oxidante, o qual permite o uso de soluções bastante diluídas (entre 0,3 e 0,5%, conforme o caso).

COMO USAR O "DUP"

O quadro ao lado dá uma orientação para o uso geral deste excepcional desinfetante. Nele se verifica a diluição das soluções e a frequência da aplicação. Importa frisar que no caso de pisos, paredes, vasilhames e mãos, é necessária a lavagem prévia, procedendo-se em seguida à desinfecção e deixando o desinfetante secar espontaneamente, conseguindo-se desta forma, um efeito germicida mais prolongado, prevenindo-se, ainda, a possibilidade de uma recontaminação.

Para facilidade de uso, pode-se preparar uma solução concentrada a 10% do DUP, a qual será diluída a 0,3% no momento do emprego. Para tanto, utilizam-se 30 ml da solução concentrada, para cada litro de água. Esta solução-mãe é estável, conservando-se por três meses sem perder sua atividade desinfetante.

APLICAÇÃO UNIVERSAL DO DUP

Indicação	Solução de DUP (g/litro de água)	Frequência	Observações
Estábulos, currais, boxes, maternidades, pocilgas, galinheiros, gaiolas, câmaras incubadoras e outras instalações rurais	3	Semanal	Em caso de epizootias, diariamente
Comedouros e bebedouros	3	Diária	Adicionado à água de bebida, em caso de infecções generalizadas.
Desinfecção de ambientes	20	Periodicamente	Misturado à tinta aquosa ou leite de cal, na pintura das paredes.
Ordenhadeiras mecânicas	3	Depois do uso	Tubos de vácuo e sugadores
		Semanal	Todas as peças (desmontar)
Úberes	2	Antes e após a ordenha	
Feridas acidentais e cirúrgicas (castrações), tratamento de umbigo; lavagens ginecológicas	5	Diária	Em água morna, $\pm 40^{\circ}\text{C}$.
Instrumental de inseminação artificial	3	Antes e após o uso	
Seringas, agulhas, instrumental cirúrgico, mesas de atendimento clínico, indumentária, sapatos etc.	3	Antes e após o uso	
Pedilúvio	3	Renovar semanalmente	Completar com a solução sempre que o nível exigir.

**Realmente
novo!**

DUP

**Desinfetante
Universal em Pó
de Ação triplice**

- bactericida
- fungicida
- antivírus

TORTUGA - CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA
MATRIZ: R. Progresso, 218 - C.P. 12635 - Tel.: 247-1092 - 247-0247 - 247-6259 - Rio, Amaro - S. PAULO
FILIAL: Avenida Farrapos, 2955 - CJ/2 - Tel.: 22-7747 - C. Postal 3084 - PORTO ALEGRE - Rio Grande do Sul
ESCRITÓRIO: Avenida Afonso Pena, 748 - S/2001 - Telefone: 26-0769 - BELO HORIZONTE - Minas Gerais

Pedreiro: é trabalhador rural ou urbano?

Neste trabalho, o autor procura encaminhar a solução de um problema surgido com a recusa do FUNRURAL e do INPS em acolher como beneficiário de seus programas assistenciais pedreiro contratado para trabalhar em empresa rural.

ROSEMBERG MARSON
Advogado

Uma Associação Rural do Estado de Minas Gerais enviou-nos consulta acerca do enquadramento de trabalhador-pedreiro.

Trata-se do seguinte problema: o proprietário rural contratou um pedreiro, por tempo indeterminado, para executar na fazenda tarefas próprias da sua especialidade, isto é, reforma de casas de empregados, construção e reforma de estábulos, construção de abrigos e quejandos. No momento da vinculação previdenciária, surgiu o problema. O FUNRURAL do lugar não quis classificar o operário como trabalhador rural por entendê-lo trabalhador urbano e a Delegacia do INPS na região, por sua vez, recusou-se a admiti-lo no seu âmbito, por considerá-lo trabalhador rural.

Portanto, o empresário não conseguiu vincular o pedreiro nem ao FUNRURAL nem ao INPS, visto que nenhum dos dois órgãos federais da região considera o interessado como abrangido por qualquer regime previdenciário...

Realmente, estamos diante de uma situação inusitada. O operário, pedreiro, foi contratado para prestar serviços a empregador rural, em prédio rústico, o qual não consegue vinculá-lo a qualquer dos institutos previdenciários.

Este é um dos inúmeros problemas causados pela falta de uniformidade de critério do legislador em matéria de Direito Rural, conforme veremos a seguir.

O antigo Estatuto do Trabalhador Rural (Lei n.º 4.214, de 2/3/63) dispunha no artigo 2.º:

"Trabalhador Rural para os efeitos desta (lei) é toda pessoa física que presta serviços a empregador rural, em propriedade rural ou prédio rústico, mediante salário pago

em dinheiro ou **in natura**, ou parte **in natura** e parte em dinheiro."

Logo, de acordo com as disposições supracitadas, e tendo em vista

o caso em exame, bastava que: 1.º) o operário prestasse "serviços a empregador rural"; e 2.º) que o fizesse "em propriedade rural ou prédio

INTERESSA A TODOS

- VETERINÁRIOS
- AGRÔNOMOS
- CRIADORES
- ESTUDANTES

Biblioteca de Produccion Animal

do prof. M. E. Ensminger
Traduzido ao espanhol da 4ª edição norte-americana, sob orientação do dr. Maurício B. Helman
Composta dos seguintes volumes:



()	Produccion Porcina	562 pgs.	Cr\$ 135,00
()	Bovina para carne	616 pgs.	Cr\$ 135,00
()	Equina	500 pgs.	Cr\$ 135,00
()	Ovina	576 pgs.	Cr\$ 135,00
()	Zootecnia General	820 pgs.	Cr\$ 218,00
()	Manual del Ganadero	820 pgs.	Cr\$ 218,00

Pedidos a

Livraria "EL ATENEO" do Brasil S.A.

RIO DE JANEIRO: Rua da Alfandega, 111 - Gr. 301 - Tel. 221-4283

PORTO ALEGRE: Av. Borges de Medeiros, 453 - cj. 94 - Tel. 24-0003

SÃO PAULO: Av. Rio Branco, 320 - Gr. 23 - Tel. 221-0579

RECIFE: Praça Machado de Assis, 63 - Gr. 403

DESEJO RECEBER PELO REEMBOLSO POSTAL OS VOLUMES
MARCADOS COM (x)

NOME

ENDEREÇO

CIDADE ESTADO

Caso não queira recortar o cupon, escreva-nos indicando os dados acima.

rústico". Dentre os elementos integrantes do conceito de trabalhador rural, os dois acima mencionados avultavam para esclarecer as dúvidas do consulente.

Nos termos da lei, era trabalhador rural o que prestava serviços a empregador em propriedade rural.

Com o advento da Lei n.º 5.889, de 8/6/73, que revogou o Estatuto do Trabalhador Rural, a conceituação, na parte objeto destas considerações, continuou a mesma, rezando o artigo 2.º:

"Empregador rural é toda pessoa física que, em propriedade rural ou em prédio rústico, presta serviços de natureza não eventual a empregador rural, sob a dependência deste mediante salário."

Continuam sendo exigidos, pois, os dois elementos já apontados (a — serviços prestados a empregador rural; e b — em propriedade rural) para a conceituação do trabalhador rural.

Destarte, não importava a função desempenhada pelo operário, pois a lei considerava a condição do empregador como decisiva na caracterização do obreiro rurícola.

O Estatuto e, depois, a recente Lei n.º 5.889/73, souberam estabelecer os contornos do problema.

Na mesma esteira andou o legislador ao disciplinar o enquadramento e a contribuição rural, conceituando como trabalhador rural:

"a pessoa física que presta serviço a empregador rural mediante remuneração de qualquer espécie;" (art. 1.º, I, a, do Decreto-lei n.º 1.166, de 15/4/71).

O dispositivo não exige que a atividade do operário seja tipicamente agrícola. Não. Impõe, sim, que o serviço prestado o seja a empregador rural, silenciando quanto à natureza do trabalho.

E os doutrinadores, que dizem a respeito?

Segundo a melhor orientação, deve prevalecer o enquadramento resultante da empresa, desprezando-se qualquer outro fator. Disse-o o insigne MOZART VICTOR RUSSO-MANO:

"Há a considerar, finalmente, a natureza do serviço executado pelo trabalhador rural. Não basta que a tarefa por ele desempenhada se vincule à exploração da terra, para que seja ele considerado um traba-

lhador rural. É, igualmente, indispensável que o trabalho desenvolvido pelo camponês tenha por cenário a propriedade rural ou o prédio rústico.

Assim, por exemplo, se o trabalhador presta serviços, aparentemente rurais, no pomar de um estabelecimento industrial, ele deve ser considerado, para os fins da lei, como industriário.

Ao revés, se o trabalhador presta serviços na seção de reparos mecânicos de uma fazenda ou de uma granja, será definido como trabalhador rural.

Assim, segundo a definição do Estatuto, a caracterização do trabalhador rural se processa menos pela natureza econômica da atividade desenvolvida pela empresa... (Grifos do original). (Comentários ao Estatuto do Trabalhador Rural, vol. I, Ed. R. Trib., S. Paulo, 1969, págs. 19/20).

Também pensa assim o ilustre ROBERTO BARRETO PRADO ("Tratado de Direito do Trabalho", II vol., Ed. R. Trib., S. Paulo, 1971, pág. 741):

"Não há mais razão para a séria controvérsia a respeito da aplicação do disposto na alínea "b" do art. 7.º da Consolidação, que não considerava como rural o empregado de empresa agrícola que exercia atividades que pelo método de sua execução ou finalidade de suas operações, se classificassem como industriais ou comerciais.

Tais empregados, desde que exercem suas atividades em estabelecimentos agrícolas, isto é, fazendas de lavoura ou pastoreio, são considerados como rurícolas. Prevalece no caso as injunções do meio geográfico e social sobre a natureza das atividades do trabalhador."

Outra não é a opinião da ilustrada NILZA PEREZ DE RESENDE ("Obrigações trabalhistas do empregador rural", Ed. LTr, S. Paulo, 1971, pág. 25), que nos dá esta aula cristalina:

"Nessas condições, se o trabalhador executar serviço que, pela sua natureza, é rural como, por exemplo, cuidar de uma horta, não terá ele a qualidade de trabalhador rural se a empresa, à qual prestar serviços, não for rural, mas explorar atividade industrial ou comercial, como um hotel, uma fábrica, etc.

Se, porém, o trabalhador prestar serviços de mecânico ou eletricitista a uma empresa rural, será considerado trabalhador rural para os efeitos trabalhistas.

O que importa, pois, é a natureza da atividade desenvolvida pela empresa para caracterização do empregado como rural e não a função por ele exercida."

Vê-se que o assunto era pacífico, quer em relação às normas legais, quer em relação aos mestres.

Ocorre, porém, que o legislador, desatento ao que prescreviam a lei trabalhista rural e a lei do enquadramento e contribuição sindical rural, estabeleceu verdadeira dissenção acerca da matéria. Assim é que a Lei Complementar n.º 11, de 25/5/71, que instituiu o PRORURAL, determina:

"Art. 3.º
§ 1.º Considera-se trabalhador rural, para os efeitos desta Lei Complementar:

a) a pessoa física que presta serviços de natureza rural a empregador, mediante remuneração de qualquer espécie;"

A lei previdenciária exige, pois, para caracterizar o trabalhador rural, que os serviços sejam de NATUREZA RURAL, o que não ocorria na conceituação do Estatuto e não ocorre na da Lei n.º 5.889/73, que, conforme vimos, impõe que os serviços se prestem a empregador rural, sem distinção quanto à natureza dessas mesmas tarefas.

Antes, era a atividade da empresa que qualificava a condição do trabalho rural; agora, pela norma previdenciária, prevalece o conceito especial, a saber, a natureza do trabalho há de ser rural.

Verifica-se que existem pelo menos duas definições legais para expressar o que seja trabalhador rural: a) uma, do ETR (hoje Lei n.º 5.889/73); e b) outra, extraída dos dispositivos legais previdenciários do campo (Lei Complementar n.º 25/71).

Essa falta de critério do legislador levará — repetimos — a grande confusão na matéria, de que é exemplo o problema ora estudado.

O consulente não tem para quem apelar. O INPS argumenta que o trabalhador-pedreiro não pode receber os benefícios que conceda,

porque o operário se acha expressamente excluído do seu âmbito; o FUNRURAL não quer conceder-lhe benefícios, visto que o tem na conta de trabalhador urbano...

Em nossa opinião, coerentemente com manifestações pretéritas publicadas no Informativo Rural-Trabalhista e Fiscal, o pedreiro que presta serviços a empregador rural enquadra-se como trabalhador rural. Baseamo-nos, inclusive, na orientação doutrinária dominante, que parece a mais ajustada à realidade do campo.

É bem de ver que, se o pedreiro foi contratado por tempo indeterminado para executar diversos trabalhos na fazenda (reforma de casas de empregados, construção e reforma de estábulos, construção de abrigos, construção de cercas e outros), parece inquestionável que se está diante de um trabalhador rural. Aliás, à categoria de trabalhador rural pertence, entre outros, aquele que constrói cercas, não se podendo afirmar que se trate, rigorosamente, de trabalhador rural; não se pode assegurar que executa serviços TÍPICAMENTE rurais. No entanto, é pacífica a sua vinculação ao FUNRURAL, sob a denominação geral de trabalhador braçal. Quanto trabalhadores nessas condições (braçais) existem fazendo serviços de construção de cercas, muros, abrigos, etc., sem que se lhes neguem a condição de rurícola?

SEÇÃO JURÍDICA

Qual o regime previdenciário de diretor de empresa agropecuária?

Eis a resposta que endereçamos a um consultante que deseja saber se Diretor-Presidente de empresa agropecuária está sujeito ao INPS ou ao FUNRURAL.

Prezados senhores, recebemos sua carta de 30/1/74, em que V.S.'s formulam consulta acerca do enquadramento previdenciário de diretor de empresa agropecuária.

Inicialmente, consignamos nossas escusas pelo engano do Departamento de Circulação, que, quando da primeira consulta, informou não serem V.S.'s assinantes do INFORMATIVO RURAL — TRABALHISTA E FISCAL, condição que, agora, verificamos existir.

Assim, pensamos que a melhor doutrina é aquela que consagrou a tese de que é a qualidade da exploração econômica do empregador (leia-se empregador rural), em que o trabalho é utilizado como fator de produção, que merece servir para caracterizar ou não como rural o empregado.

Não obstante as considerações aqui expedidas, que concluem enfaticamente no sentido de que o pedreiro de empregador rural deve considerar-se trabalhador rural, TANTO PARA OS EFEITOS DA LEI TRABALHISTA (como já ocorre), QUANTO PARA OS DA LEI PREVIDENCIÁRIA, persiste o problema, eis que FUNRURAL e INPS se negam a enquadrar a categoria no âmbito de um ou de outro regime.

Este é o momento de provocar o pronunciamento dos referidos órgãos, a fim de elucidar de uma vez a dúvida.

Sugerimos ao consultante que requeira o pronunciamento escrito das duas autarquias a ver se se obtém sua definição em relação ao problema em apreço.

Seria, mesmo, o caso de levar o problema às autoridades, objetivando a alterar a lei previdenciária, como fórmula capaz de evitar a continuação de divergências sobre o enquadramento do trabalhador que não executa serviços tipicamente rurais. Fica aí a sugestão.

É o nosso parecer.

Em atenção, pois, à consulta formulada por essa prestigiosa empresa, cabo-nos prestar os esclarecimentos abaixo.

O consultante pergunta se, como Diretor-Presidente de empresa agropecuária, está sujeito ao regime previdenciário do INPS ou do FUNRURAL.

Nossa resposta é a de que deve contribuir ao INPS e, conseqüentemente, desfrutar os eventuais benefícios, pelas razões a seguir expostas.

O Decreto n.º 72.771, de 6/9/73, que aprova a nova regulamentação da Lei n.º 3.807 de 26/8/60 (L.O.P.S.), em seu artigo 4.º determina que são segurados obrigatórios desse regime, entre outros, "os titulares de firma individual e os diretores, sócios gerentes, sócios solidários, sócios-quotistas que recebem pró-labore, sócios de indústria, de empresa de qualquer natureza". (Salvo grifos).

Por outro lado, o artigo 31 do mesmo Regulamento, ao tratar da matrícula das empresas no INPS, diz: "Considera-se empresa, para os fins de vinculação ao regime de previdência social de que trata este Regulamento, o empregador, como tal definido no art. 2.º e seus parágrafos da Consolidação das Leis do Trabalho..." E, a seguir: "Equipara-se a empresa, para fins de previdência social, o trabalhador autônomo que remunerar serviços a ele prestados por outro trabalhador autônomo, bem como a cooperativa de trabalho, e a sociedade civil, de direito ou de fato, prestadora de serviços."

O artigo 2.º da C.L.T., a que se refere o artigo 31 supracitado, tem a seguinte redação: "Considera-se empregador a empresa individual ou coletiva, que, assumindo os riscos da atividade econômica, admite, assalaria e dirige a prestação pessoal de serviços."

§ 1.º Equiparam-se ao empregador, para os efeitos exclusivos de relação de emprego, os profissionais liberais, as instituições de beneficência, as associações recreativas ou outras instituições sem fins lucrativos, que admitirem trabalhadores como empregados".

Por seu turno, a Lei Complementar n.º 11, de 25/5/71, que instituiu o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural, em seu artigo 3.º dispõe: "São beneficiários do Programa de Assistência instituído nesta Lei Complementar o trabalhador rural e seus dependentes" (Grifos nossos)...

§ 1.º Considera-se trabalhador rural, para os efeitos desta Lei Complementar:

- a) a pessoa física que presta serviços de natureza rural a empregador, mediante remuneração de qualquer espécie;
- b) o produtor, proprietário ou não, que, sem empregado, trabalhe na atividade rural, individualmente ou em regime de economia familiar, assim entendido o trabalho dos membros da família indispensável à própria subsistência e exercício em condições de mútua dependência e colaboração".

Tendo em vista os dispositivos legais transcritos, cremos não haver dúvidas quanto ao seu enquadramento como contribuinte do INPS. A única possibilidade quanto a ser beneficiário do FUNRURAL, seria o consultante incluir-se na hipótese da letra b, do § 1.º do artigo 3.º, mencionado, o que, parece-nos, não é o caso.

Assim sendo, o consultante deverá fazer as contribuições ao INPS, com base no artigo 226 do Regulamento, observadas as disposições do artigo 448.

Era o que tínhamos a informar. Na expectativa de ter atendido à solicitação de V.S.'s, permanecemos à disposição de V.S.'s mui atenciosamente.

REPRODUÇÃO DE SUÍNOS: o que é preciso observar

Eng.º Agr.º LUIZ PAULIN NETO

O custo de manutenção de uma porca criadeira é alto. Por isso, deve-se dispensar atenção especial à sua produtividade, expressa principalmente pelo número de leitões desmamados. A falta de escrituração zootécnica tem determinado que alguns criadores cometam erros imperdoáveis, mantendo no rebanho animais inférteis ou pouco produtivos. Sabendo que uma porca consome mais de uma tonelada de ração por ano, percebe-se a influência negativa que estes animais podem exercer na contabilidade da empresa.

Pode-se admitir como sendo de quatro anos a vida útil de uma reprodutora suína. Evidentemente animais excepcionais, que devem ser aproveitados na reprodução por um período maior. Dos fatores que exercem influência sobre o ta-

manho da leitegada, com exceção do fator individual, é a idade da fêmea que possui a maior, a mais regular e precisa atuação.

Os registros de produção vieram demonstrar que o número de leitões paridos por uma porca aumenta com a idade até que esta conte 2 e meio a 3 anos, permanecendo relativamente constante até aos 5 anos de vida e declinando a seguir. Na Inglaterra, fizeram-se observações com 150 fêmeas da raça Large White que tiveram dez parições cada uma, portanto, um total de 1.500 partos e 17.214 leitões nascidos. Nesse período, as matrizes foram bem alimentadas e manejadas. Os resultados mostram a verdadeira influência da idade no número de leitões nascidos, como sumarizamos no quadro seguinte:

Ordem de parição	Número de leitões	Oscilação em número
1.º	9,5	2-18
2.º	10,7	3-18
3.º	11,4	4-22
4.º	11,8	4-22
5.º	11,9	5-20
6.º	11,7	4-21
7.º	11,3	4-19
8.º	11,2	5-29
9.º	10,8	2-18
10.º	10,1	2-18

Praticamente, estas porcas alcançaram o ápice da produção da terceira à oitava leitegada. As leitegadas nona e décima tiveram um leitão menos que os obtidos pelas leitegadas mais numerosas.

Num plantel bem cuidado é necessário renovar 25 por cento das matrizes, por ano. Admitindo que numa criação existam 40 fêmeas Duroc Jersey e 60 Landrace, anualmente o criador deverá reservar 10 leitões Duroc e 15 Landrace para fazer face à substituição das reprodutoras mais idosas, das pouco produtivas ou das acidentadas. Em verdade, é de boa norma conservar maior número de leitões, a fim de que se possa proceder a uma seleção mais rigorosa quando elas alcançarem a idade de cobertura ou para atender a qualquer imprevisto.

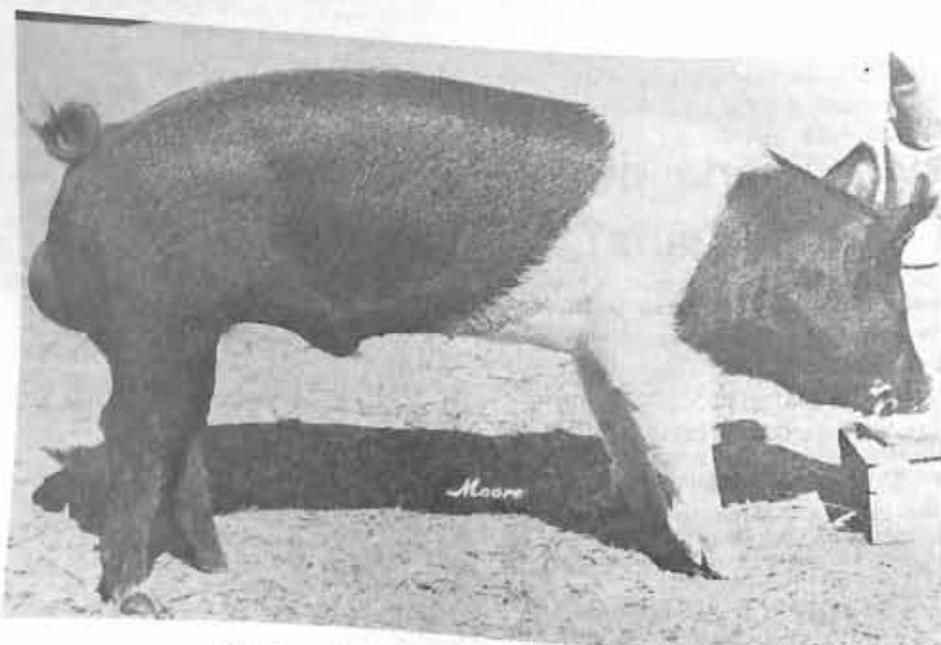
O suinocultor espera que as fêmeas produzam mais e melhores leitões. Isto determina, em geral, aumento substancial da receita da empresa. Para com mais segurança, atingir esse objetivo, o criador, ao adquirir ou selecionar marrãs destinadas ao plantel, deve optar por aquelas que mais se enquadrem no padrão da raça a que pertencem, pois, em quase todas as raças, existem animais excelentes quanto a tipo e conformação. Antes de mais nada, a porca deve mostrar feminilidade, ter pescoço fino, olhos limpos, com boa distância interpupilar, não cobertos pelas orelhas, o mínimo de 12 tetas bem formadas e desenvolvidas. A linha superior dela deve apresentar arqueamento moderado; os lados devem ser lisos e profundos, os pernês bem feitos, as pernas fortes e bons aprumos.

Preenchidas as necessidades do plantel, as leitões excedentes poderão ser vendidas a outros criadores ou destinadas ao abate.

COBERTURA DAS FÊMEAS

A fêmea do porco doméstico tem período de cio frequente durante todo o ano. Ela apresenta o cio com características especiais: monta ou se deixa montar pelas outras; permanece imóvel diante do cachaço; tem grunhido característico; a vulva se entumescce, etc.

Aos 140 dias, as marrãs podem apresentar certas características do cio. Nessa idade, a fêmea não aceita o cachaço, não ocorrendo também ovulação, mesmo quando há evidência do cio. Quando esse tipo de cio se repete quatro a cinco vezes, a fêmea passa a aceitar o macho. Por conformação anatômica, a ovulação ocorre ao cabo da quarta ou quinta repetição. Em outras palavras, pode-se dizer que o



O reprodutor deve exteriorizar masculinidade.

FAZENDA DAS TRÊS IRMÃS

"ORGULHO DA MORADA DO SOL"

REPRODUTORES SUÍNOS DE MAIS ALTA CATEGORIA ZOOTÉCNICA. TIPO CARNE POR EXCELENCIA.

REPRODUTORA HAMPSHIRE



RAÇAS
LANDRACE — LARGE
WHITE (YORKSHIRE)
WESSEX SADDLEBACK
— HAMPSHIRE

AV. NAPOLEÃO SELMI-DEI,
FONES: 2-1832 — 2-0723
PRESIDENTE: ROBERTO SELMI-DEI - ARARAQUARA - SÃO PAULO

primeira ovulação ocorre quando a fêmea aceita a cobertura.

O intervalo do cio na espécie suína é aproximadamente de 21 dias, podendo ocorrer extremos de 19 a 24 dias, com duração de um a cinco dias e maior frequência de dois a três dias.

Segundo alguns autores, a ovulação ocorre 30 a 35 horas depois do começo do cio, tendo a média de 16 a 20 óvulos, dos quais nascem 10 a 12 leitões, pois alguns óvulos não chegam a ser fecundados, outros morrem na forma de embrião e são reabsorvidos, outros ainda perecem na forma de feto. Podemos chamar tais perdas de invisíveis, mas são reais e devidas a várias causas.

O papel da porca na reprodução é mais complicado que o do macho. Ela tem que produzir óvulos normais e ao mesmo tempo liberá-los dos ovários no tempo certo. Em seguida, tem que nutrir os leitões em desenvolvimento dentro do seu organismo, até nascerem.

O processo reprodutivo da porca está sujeito a maior número de complicações do que o do macho. Uma pequena porcentagem de marrãs nunca entram em cio e com isso nunca conceberão. Isto pode ser ocasionado pelo pequeno desenvolvimento do aparelho genital, que não acompanhou o crescimento e maturação da fêmea. Este defeito pode ser atribuído a acidentes do desenvolvimento e à hereditariedade. Algumas fêmeas portadoras de aparelho reprodutor normal podem apresentar intervalos extremamente curtos entre períodos de cio ou estar em cio contínuo. Certas porcas parece que não concebem quando cobertas nem apresentam novo cio no período próximo esperado; retardam-no para data imprevista. Em casos tais, provavelmente, a porca ou marrã teria concebido, mas, por qualquer causa, houve morte dos embriões, que foram depois, reabsorvidos. Outras apresentam períodos regulares de cio, mas

não concebem quando cobertas por cachasos férteis. Isto pode ser ocasionado por doenças do útero ou por algum defeito anatômico no trato reprodutivo, como, por exemplo, cervix bloqueada ou falta de partes do corno uterino, etc. Outra causa da ausência de concepção pode ser a não liberação dos óvulos dos ovários ou liberação no fim do cio.

Verificou-se que a taxa de concepção aumenta de 10 a 20 por cento e que a leitegada cresce um leitão e meio, em média, quando as porcas ou marrãs foram cobertas duas vezes no período de cio, sendo uma vez no primeiro dia e uma segunda vez 24 horas após a primeira cobertura.

As marrãs que substituírem as porcas adultas do plantel devem ser criteriosamente escolhidas e examinadas, evitando-se deste modo a inclusão de animais defeituosos no rebanho de reprodução. As fêmeas devem estar em boas condições na época da cobertura, evitando-se que engordem demais. Frequentemente as porcas ou marrãs são mais gordas do que magras, o que se pode evitar com exercícios e alimentação de energia limitada, com adequada proporção de proteínas, minerais e vitaminas.

Devem ser evitadas condições que possam causar excessiva tensão (stress) como, por exemplo, mudanças de local, removendo a marrã de um grupo com o qual está acostumada para um estranho, ou deslocando-a em dias quentes, etc.

O controle das doenças deve ser o melhor possível, por meio de cuidados higiênicos e outros, pois as moléstias, em geral, afetam a concepção e reduzem a velocidade de crescimento e a eficiência da produção.

Durante a amamentação, entre o segundo e o sétimo dia após o parto, muitas porcas podem apresentar cio, mas cio infértil. Para que seja coberta com sucesso, é necessário que a porca não se en-

contre em lactação. Por isso, muitos criadores preferem desmamar os leitões precocemente, procurando ganhar alguns dias na cobertura e obter maior número de leitões na vida útil da fêmea.

Várias provas vieram demonstrar que quanto mais cedo for feita a desmama, mais dias serão necessários para o aparecimento do cio e menor será o número de óvulos desprendidos. Assim, podemos verificar.

Desmama (dias após o parto)	Dias necessários p/ o cio	N.º de óvulos
10	9,4	12,8
21	6,2	15,2
56	4,0	16,6

Portanto, dentro do esquema aqui apresentado, no quarto ou quinto dia depois da desmama, quase com certeza, aparece o cio, devendo a porca ser coberta, repetindo-se a cobertura 24 horas após. Se ela se encontrar em más condições físicas, é de boa norma recuperá-la com alimentação eficiente, procedendo-se a cobertura no cio subsequente.

Não se deve descurar do problema da brucelose, efetuando prova de hemo-soroaglutinação antes de levá-la ao cachaço.

TAMANHO DA LEITEGADA

Os gastos de construção, mão de obra, equipamento, juros do capital empregado, etc., são computados para as porcas boas como para as de má produção. Sabendo que o número de leitões nascidos por parto parece não influenciar as necessidades alimentares das porcas durante a gestação e mesmo durante a lactação, podemos concluir que o custo de manutenção de uma reprodutora suína é praticamente o mesmo, produza ela 4 ou 15 leitões. Em contrapartida, a renda da empresa oscila

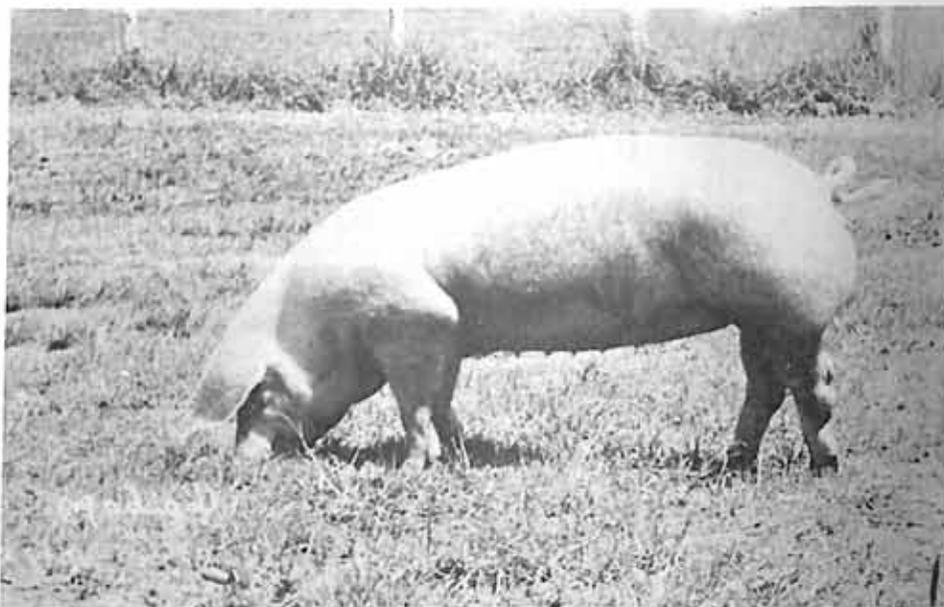
em decorrência da maior ou menor produção de leitões.

Como vimos, a capacidade de uma porca para produzir leitões é também limitada pelo número de óvulos férteis liberados pelos seus ovários. Teoricamente, todo óvulo pode ser fertilizado e dar nascimento a um leitão normal. Na prática, é impossível o completo aproveitamento da capacidade reprodutiva da fêmea. Estudos vieram revelar que 5 por cento dos óvulos liberados não são fertilizados e que 41 por cento dos óvulos fertilizados sucumbem nos diferentes estágios de desenvolvimento pré-natal, chegando a termo 54 por cento do total de óvulos. Foi demonstrado ainda que alguns fetos que chegam ao final da gestação e parecem estar perfeitamente desenvolvidos e normais, nascem mortos. Até o momento não existe método que permita reduzir essas perdas.

Em verdade, o número de leitões paridos por uma porca depende, em primeiro lugar, da própria porca. Por isso, aconselha-se que os animais selecionados para o plantel de reprodução sejam filhos de porcas que apresentem a capacidade de produzir e desmamar o maior número de leitões, bem pesados e sadios.

O MACHO NA REPRODUÇÃO

O papel do cachaço na reprodução é produzir grande número de espermatozoides que fertilizem os óvulos produzidos pela porca ou marrã. Eles devem ser introduzidos no trato reprodutivo da fêmea, em tempo propício para que ocorra a concepção. A introdução dos espermatozoides e a liberação dos óvulos dos ovários devem ser sincronizados porque o tempo de vida, tanto dos espermatozoides como do óvulo no trato reprodutivo da fêmea, é de algumas horas. Normalmente, o macho produz cerca de 20 bilhões de espermatozoides numa ejaculação, enquanto a fêmea produz 16 a 20 óvulos, dependendo da idade, manejo e outros



A marrã deve ser selecionada criteriosamente.

fatores. Esta enormidade de espermatozoides é destinada a fertilizar cada um dos óvulos produzidos pela porca durante o período de cio.

Os espermatozoides podem exercer influência na taxa de concepção, pela presença de formas anormais e pela pouca quantidade, o que pode ter sido causado por alimentação inadequada, doenças, danos ou transtornos fisiológicos.

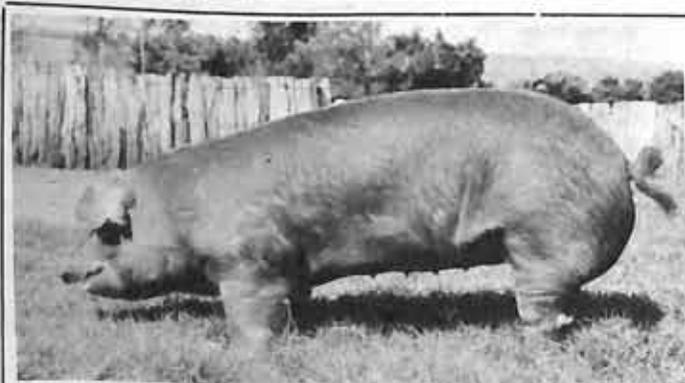
Alguns reprodutores não apresentam ardor genésico, desinteressam-se das fêmeas, deixando assim de efetuar a cobertura. Isso algumas vezes ocorre em certas linhagens de animais, o que indica influência da hereditariedade. Cachaços gordos podem não revelar ardor genésico. Outros apresentam o desejo normal de cobrir, mas deixam de executar a cobertura porque defeitos do pênis ou imperfeições

dos membros posteriores causam dores quando tentam montar sobre as porcas. 5 a 10 por cento dos cachaços novos provam ser inférteis ou ser de baixa fertilidade, geralmente, em virtude dos motivos antes referidos.

O cachaço não deve estar gordo, mas sempre mantido em boas carnes. O exercício diário se faz necessário e sua ração deve ter níveis adequados de proteínas, minerais e vitaminas.

O futuro reprodutor deve ser escolhido entre os filhos das melhores mães e destacar-se pelas características externas, pela grande precocidade e eficiência no aproveitamento da ração. Mais razoável é conservar os melhores leitões e fazer a escolha quando atingirem maior idade.

(Conclui na pág. 81)



REPRODUTORES SUINOS FILHOS DE IMPORTADOS

Raças:

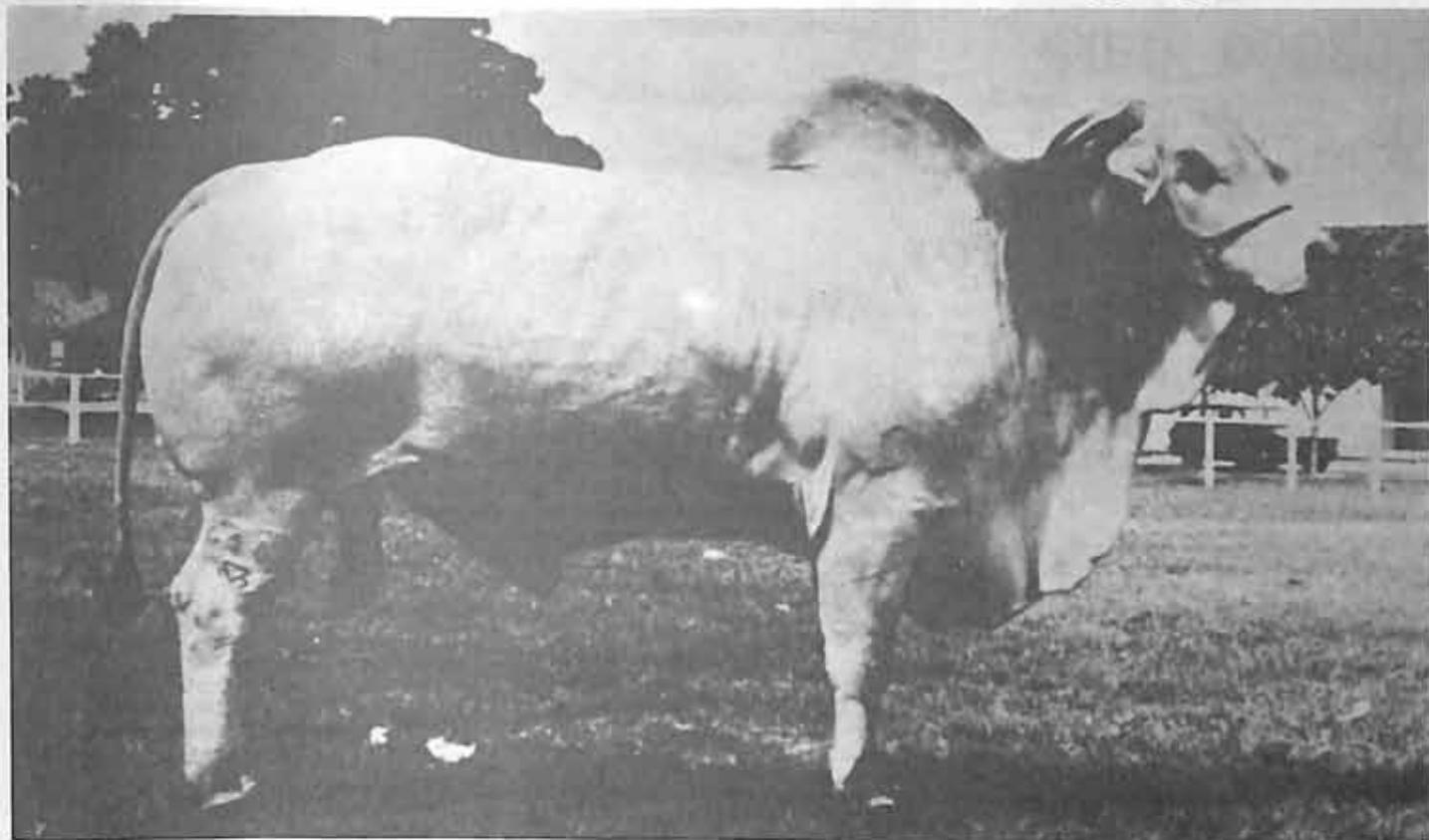
DUROC JERSEY - LANDRACE -
WESSEX - SADDLEBACK

FRIGORÍFICO RIBEIRÃO PRETO S. A.

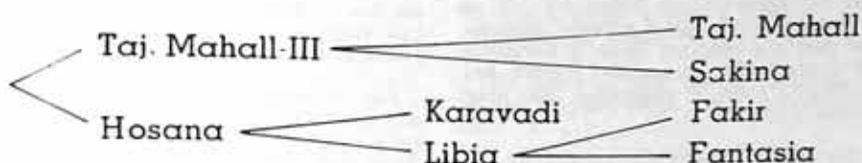
FAZENDA SÃO VICENTE

Fone: 25-33-77 ou
Rodovia da Laranja (SP 322) Km 357 — fone: 10
PITANGUEIRAS
SERTÃOZINHO — Fone 68

Você está na trilha do gigante



MOGNO Reg. 6168
997 kg — 63 meses



Campeão dos Campeões do Nordeste

...você está no caminho certo. O gigante MOGNO é o principal reprodutor Nelore do plantel JI, da Fazenda Queimadas — o mais premiado do Nordeste Brasileiro (controle ponderal de toda produção realizada pela Sudene e Sociedade Nordestina dos Criadores).

O gigante Mogno: Campeão Junior e Frigorífico em 1970; Senior e frigorífico em 1971, de todas as raças zebuínas nas 29.ª e 30.ª Exposições de animais do Nordeste e Campeão dos Campeões da

Raça Nelore na 1.ª Exposição Nordestina dos Campeões em 1973, todas realizadas no Recife.

A filha do gigante Mogno, MANICERA JI é campeã das campeãs Junior na 1.ª Exposição Nordestina dos Campeões, 1973. O filho do gigante MOGNO, IACO JI é campeão tipo frigorífico da raça Nelore e reservado campeão Junior na 32.ª Exposição Nordestina de Animais de 1973.

Sêmen do gigante MOGNO à venda na SOTAVE NORDESTE, a Av. Conselheiro Rosa e Silva, fones: 28-2415 e 28-2757 - Recife, PE.

Inojosa recebe de Prithi Singh, embaixador da Índia, o troféu conquistado por MOGNO — Campeão dos Campeões do Nordeste (1 Nordeste-73).



FAZENDA QUEIMADAS

Dr. JOSÉ INOJOSA DE ANDRADE
TIMBAUBA-PE. SELEÇÃO **NELORE** DA MARCA



Rua Nestor Silva, 194 - Casa Forte - Recife-PE - fones 28-1691 - 28-0769

Esboço para organização de uma marcha de resistência

J. N. FROTA JR.

As marchas de resistência de longo percurso (ou de "largo aliento" como dizem os argentinos) se bem que de indiscutível valia como elemento de seleção de uma raça equina de serviço (e também de esporte), são de dispendiosa e difícil execução, principalmente porque exigindo de seus participantes um longo período de afastamento de suas atividades normais, não desperta interesse entre os cavaleiros amadores, razão porque são sempre profissionais (peões e vaqueiros) que nelas tomam parte.

Por isso os americanos — que paradoxalmente são o povo que mais monta a cavalo — realizam para os cavaleiros amadores as provas de resistência que podemos chamar de condensadas (grande distância num pequeno período), como, entre muitas outras, as já famosas TEVIS CUP e VIRGINIA CITY CUP, disputadas sobre o percurso de 160 km em um dia. Há até, nos EE.UU., uma agremiação que cuida desse tipo de provas. Se não nos falha a memória — e perdemos-nos os leitores se ela falhou — é a NATRC (North American Trail Ride Conference). Há também vários livros sobre o assunto, como o *Endurance Riding and Management*, que ensina a treinar os animais para essas provas e que aconselhamos aos leitores.

Quando falamos em marcha de resistência não queremos dizer longos passeios a cavalo (que os americanos também praticam como recreação e chamam de *cabalgata*). NÃO! Queremos, sim, nos referir a uma verdadeira marcha de resistência, tecnicamente organizada e executada.

Como modelo de exemplo desse importante tipo de prova funcional de seleção — que pode e deve ser tomado co-



Witezarif, um Árabe castrado com 9 anos, 1,45 m de altura e cerca de 425 kg, é o mais famoso cavalo de provas de resistência (condensada) dos Estados Unidos. Já obteve as seguintes vitórias: 1969 — Nevada All State Trail Ride (160 km/1 dia); 1970 — repetiu a vitória na mesma prova, vencendo ainda a Tevis Cup (160 km/1 dia) e a Blue Mountain (80 km/1 dia); 1971 — venceu (2.º vez) a Tevis Cup e a Derby Ditch (80 km/1 dia) e foi 2.º colocado na Nevada All State. Em 1972 venceu a Diamond (160 km/1 dia) e a Tevis Cup (3.º vez). Após vencer em 1969 a Nevada All State, foi considerado o cavalo em melhores condições, prêmio extra. Em breve publicaremos um escrito especial sobre Witezarif.

mo padrão oficial — apontamos a que anualmente realiza, dentro das características próprias da raça, da ecologia local e da finalidade a que se propõe, a *Asociación Criadores de Caballos Criollos*, da Argentina, que descrevemos com abundância de detalhes nas páginas do *Anuário dos Criadores da RC/72* ("O CAVALO RURAL NAS PROVAS FUNCIONAIS E ESPORTIVAS").

Não se compreende a realização dessa prova altamente funcional, de elevado custo e de difícil execução, a não ser que deixe preciosas informações sobre a raça nela experimentada ou testada. Com esse objetivo é que os argentinos e os demais países a realizam.

Três provas de resistência já foram realizadas nos dois últimos anos, num louvável esforço de seus organizadores e dos patrocinadores oficiais: a CCCN e o MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Faltou-lhes, porém, organização técnica. Deixaram, todavia, algum subsídio.

Conhecendo as dificuldades para a realização desse tipo de prova funcional de seleção — da qual só em lhes ouvir o nome algumas associações de criadores ficam apavoradas... — ficamos estupefactos quando fomos procurados, primei-

ro por telefone e depois em nossa casa, por dois senhores — aos quais teremos de reconhecer merecem o honroso qualificativo de **homens do cavalo** — que nos pediam para que lhes esboçássemos "um plano" para realização de uma marcha de resistência de cerca de 1.200 km (segundo eles), entre Senhor do Bonfim, na Bahia, próximo de Joazeiro e Recife-PE, que pretendem realizar por ocasião das comemorações da Semana do Cavalo de 1974, utilizando animais NORDESTINOS (Sertanejos) e ... PIQUIRAS!

Não somos técnicos — e isso fizemos questão de frizar aos ditos senhores — mas, entusiastas que somos do uso do cavalo, do cavalo funcional, mesmo nos sujeitando a passar por críticas, daremos a nossa contribuição de leigos.

Assim, não fungindo ao compromisso assumido, apresentamos a seguir o esboço da programação básica para a realização de uma **marcha de resistência**, que servirá apenas de orientação aos organizadores da prova, que o reformularão adaptando-o à real capacidade física dos animais e à realidade ecológica da região em que a **marcha** se desenvolverá, pois acreditamos muito no adágio popular que diz que "na prática a teoria é outra".

Esboço de programa para uma marcha de resistência para animais da Raça Nordestina

I — Os Animais

O ponto mais importante a ser considerado é o material que vai ser empregado e testado. É o chamado cavalo NOR-

DESTINO, puro, sem nenhuma mestiçagem, sem a mínima fração de sangue de outra qualquer raça, descendente em li-

na reta dos cavalos vindos da Península com os Portugueses, em seu atual estágio de seleção natural, do qual nada se conhece oficialmente, pois só em 1972 o Ministério da Agricultura, por intermédio da Divisão para Animais de Grande Porte (DAGE) do DNPA, com pequena parcela da verba, que lhe é destinada pela CCCCN de acordo com a legislação vigente, iniciou um trabalho — que consideramos tímido, pois pela sua significação deveria ser de convergadura muito maior — de preservação (prejudicado pelo indiscriminado abate e pela mestiçagem com outras raças mais bonitas e maiores) e de recuperação do pouco ou do quase nada que ainda existe, do restinho enfim, desse grupo étnico equino, trabalho já preconizado há mais de 30 anos por LANTULPHO ALVES e OCTAVIO DOMINGUES.

Abrimos aqui um parêntese para o trabalho em causa, pois sobre o mesmo futuramente teremos algumas considerações em escrito especial.

Voltando ao nosso assunto, queremos dizer que sobre as qualidades de resistência, rusticidade, valentia e ... feitura desse pequeno "grande" cavalo, muitos autores patricios e estrangeiros já dissertaram; dentre os últimos sobressai o prof. ANGEL CABRERA ("Caballos de América"). Sabe-se também pela voz do povo — e vox-populi, vox Dei — de inúmeros casos particulares de animais que percorreram mais de 20 léguas "num só dia" (doze horas) e de outros que viajaram milhares de quilômetros conduzindo boiadas, alimentando-se do que encontravam pelo caminho ... mas nada se conhece oficialmente de "em preto no branco".

Não há nem mesmo um fato histórico em que, pelo menos a tradição oral, tenha trazido aos nossos dias o feito meritório de um NORDESTINO. Talvez até tenha havido não um só, mas muitos, porém não chegou o relato até nós.

Isto posto, as citações particulares atrás referidas não têm valor para as nossas observações como elemento informativo.

Como, modernamente, não há mais necessidade de feitos heróicos a cavalo, só

se compreende uma marcha de resistência como fonte de elementos para aplicação na seleção funcional de uma raça, procedida sob organização técnica, deveremos procurar colher da marcha em tela, o maior número possível de dados, por duas razões principais:

1.º — esses dados informativos serão os primeiros a ser registrados oficialmente, e,

2.º — como não acreditamos — pedoem-nos a franqueza — que outra prova da espécie com NORDESTINOS seja tão cedo repetida, há que se aproveitar dessa rara oportunidade, o máximo de ensinamentos.

Feitas essas primeiras e necessárias (pe-lo menos assim entendemos) considerações, entremos mais diretamente no assunto deste item — OS ANIMAIS.

Começaremos por fazer uma pergunta: — qual a carga média (arreamento/cavaleiro) que o tipo médio do cavalo NORDESTINO poderá transportar num desempenho útil?

Não sabemos responder, mesmo porque não conhecemos o tipo médio que vai ser empregado na marcha — dada a variedade morfológica apresentada por cada região onde se formou e vive o NORDESTINO —. O do Cariri é um, o do Salitre é outro.

Tecnicamente a pergunta pode ser respondida com a fórmula de R. BARON e J. CREVAT, que determina qual a carga que um equino pode carregar sem maior sacrifício.

A fórmula é a seguinte:

$$\frac{56 \times T^2}{A}$$

onde T é o perímetro torácico e A a altura.

Com base nessa fórmula a Asociación Criadores de Caballos Criollos, da Argentina, estabeleceu o que podemos chamar de carga-padrão-oficial para a raça em seu país: 110 kg (arreamento/cavaleiro), que vem há muitos anos sendo utilizada nas marchas de resistência que realiza

cada ano (vide detalhes em Anuário dos Criadores da RC/72).

Cabe, também, informar que a A.B.C.C. Crioulos, fundada em 1932, já começa a se interessar em realizar as suas próprias provas de resistência (até então, em se tratando da mesma raça, parece que se louvava nos resultados das provas argentinas). Em 1972 realizou uma em 300 km (a Argentina é em cerca de 750 km) só para éguas e pretende realizar outra este ano, apenas com a diferença dos animais carregarem 95 kg em vez de 110.

Nas duas marchas realizadas pelos PANTANEIROS sob o patrocínio da CCCCN e do MA, não foi estabelecida nenhuma carga-padrão-oficial. Para situar a questão e apenas para argumentar, pesquisamos e observamos que o peso da tração (arreamento) somado ao do cavaleiro, apresentou a média de 86 kg para os 5 cavaleiros e que o peso médio dos cinco animais foi de 351 kg. Então a carga média foi igual a 1/4 do peso médio dos animais.

Se foi muito ou se foi pouco, não sabemos.

Propomos que para a marcha dos NORDESTINOS, tomando por base as medidas médias de T e de A de todos os animais participantes, já que o que interessa é colher elementos sobre a raça e não sobre determinados indivíduos, seja estabelecida uma carga-padrão-oficial, obtida pela aplicação da fórmula de BARON e CREVAT.

Isto posto, propomos finalmente aos organizadores da prova, o seguinte, com referência aos animais:

1 — que seja de 7 (sete) o número de animais participantes, assim discriminados:

a) — três (3) machos inteiros e duas (2) fêmeas, que formarão o lote efetivo, e,

b) — um (1) macho inteiro e uma (1) fêmea, como montarias de reserva.

Haverá, talvez, o inconveniente de misturar machos inteiros e éguas, principal-

FAZENDA RIO DAS PEDRAS

BARÃO GERALDO — FONE 9-7789 — CAMPINAS — SP

Proprietária: ADALRA S. A. AGRÍCOLA E COMERCIAL

Presidente: J. ADHEMAR DE ALMEIDA PRADO

Criador de gado Santa Gertrudis, Schwyz e Red Sindi

mente porque a marcha durará mais de vinte dias e fatalmente uma outra fêmea deve entrar em cio. Mas, pelo que já expomos, devemos aproveitar essa oportunidade rara para provar também as fêmeas (o difícil vai ser encontrar vaqueiro que queira montar as éguas).

Os beduínos árabes montam, de preferência as fêmeas, que consideram muito resistentes. Vamos, assim, testar também as nossas éguas NORDESTINAS;

2 — que os machos inteiros tenham entre 5 (cinco) e 8 (oito) anos, bem como as éguas, pois se forem portadores de morfologia que satisfaça ao "padrão provisório" da raça NORDESTINA instituído pelo MA, poderão receber o "ferro" do "chapéu de couro", com a vantagem de além da morfologia apresentarem também o título de "provados" numa marcha de resistência controlada;

3 — que seja estabelecida, como acima proposto, a carga-padrão-oficial, de acordo com a fórmula de BARON e CRÉVAT;

4 — que os animais sejam pesados na véspera do início da marcha e no dia da chegada a Recife, para se estabelecer a perda ("meirna" dos gaúchos) e analisar, considerando-se os componentes da ração concentrada utilizada no treinamento e durante a prova, das necessidades do organismo dos animais, que, pelo menos, os mantenha em estado físico próximo do que apresentavam no início da prova.

II — Treinamento

Os animais terão que, uma vez reunidos, ser submetidos a um treinamento, que poderá, unindo o útil ao agradável, ser no próprio serviço da fazenda onde forem reunidos.

Já trabalharão com a carga-padrão-oficial e receberão a ração — mesma qualidade, mesma quantidade e no mesmo horário — que será fornecida durante a prova.

III — Arraçamento

Em se tratando de uma prova pioneira em quase todos os sentidos — a começar pelo material que vai experimentado — não se pode, nem de longe, pensar em realizá-la nos moldes de outras provas realizadas em outros países e, muito menos, nos moldes da dos Criollos argentinos, nas quais os animais não recebem nenhuma ração de grão (concentrados), alimentando-se apenas de pasto. Mas já os pastos estão quase sempre em ótimo ponto de pastejo e que "senhores pastos" naturais têm os argentinos. A "nossa" marcha de NORDESTINOS será realizada no fim da estação seca e, com isso, não precisamos dizer mais nada.

Assim, torna-se necessário preparar — pelo menos para essa prova, que servirá de base para as futuras (queira Deus que haja futuras) — os animais, com ração

de concentrados, pois querer deles exigir o esforço extra de uma marcha, com o organismo enfraquecido pela seca que precedeu o início da prova, só de louco... ou de burro.

Essa preparação prévia será de 3 (três) meses no mínimo. Será ou deverá ser, pois não adianta fingir que se dá ração, fazendo-o apenas durante o percurso.

Ai, talvez até que uma das grandes fábricas de rações existentes no País — tendo em vista que o consumo por animal será de 6 kg/dia e são só 7 (sete) animais, o que dá o consumo diário de 42 kg e nos 4 meses (3 de treinamento e 1 da prova) o total a ser consumido será de

IV — Trato (Penso), Ferrageamento e outros Cuidados

Os cavaleiros participantes da marcha saberão, melhor do que nós, zelar pelo seu animal, mas apenas, em se tratando de uma prova controlada, alguns cuidados devem ser obrigatórios e fiscalizados pelo "chefe da comitiva", tais como: a) — "rasquear" e se possível escovar e alisar, o lombo, os flancos e o cilhadoiro. cuidadosamente, antes de encilhar; b) — ao fim de cada etapa lavar, bem lavadas, para tirar o "sal" (suor), as mesmas regiões; c) — verificar as ferraduras e os cascos, antes e ao fim de cada etapa, pro-

5.000 kg — queira colaborar e por à prova, pública e oficialmente, a eficiência de uma de suas rações, pois é fora de dúvida que capitalizaria um significativo atestado do seu valor nutricional, "coisa" que anda meio desacreditada.

A própria Secretaria de Agricultura de Pernambuco poderia em troca ceder gratuitamente o local — para stand ou para barraca no pátio do Parque — para que a fábrica fizesse propaganda de seus produtos e a CCCCN, de sua parte, cederia uma ou mais páginas do seu Anuário, para que os fabricantes publicassem um artigo elaborado pelo seu Departamento Técnico, sobre rações para equídeos.

videnciando, se for o caso, a repregagem (ferradura frouxa) ou a substituição de uma quebrada por outra nova, ou ainda — e tal hipótese só excepcionalmente deverá se verificar, dado os cuidados já preconizados — a colocação de uma nova no lugar de outra que se perdeu durante a noite no pouso.

Da "trilha" de cada cavaleiro deve fazer parte um jogo completo de ferraduras (2 de anterior e 2 de posterior) e 30 cravos. O calcieiro "que sabe ferrar" leva o martelo, a "torquês" e a grossa.

V — Arreamentos

O tipo ou modelo, por questão de coerência e pelo sabor regionalista que a prova deve oferecer, será um dos usados no sertão. De preferência um tipo mais leve — se é que ainda nos lembramos do nosso tempo de garoto — que é chamado "sela Susana", pois acreditamos que a carga-padrão-oficial não deverá ultrapassar os 80 (oitenta) quilos.

Além do mais, tanto o arreio quanto os "baixeiros" não devem ser estreados na marcha. Sela nova machuca tanto o animal, como o "traseiro" do cavaleiro. As selas devem começar a ser usadas no início do treinamento (3 meses antes do início da prova), para se adaptar ao lombo do animal e para que o cavaleiro, por sua vez, modele-a a seu jeito...

VI — Embocaduras e meios de contenção

Dizem alguns cavaleiros americanos que participam com grande frequência de provas de resistência condensadas (percurso longo em curto período), "contra-relógio", pois deverá ser feita no menor tempo possível, sem que o animal ultrapasse certos limites de desgaste físico e apresente determinada capacidade de recuperação nos exames clínicos durante e depois da prova, que o animal rinde mais se for dirigido sem nada na boca, isto é, sem freio ou bridão ou freio-bridão, etc., razão porque usam apenas cabeções de cou-

ro-cru ("bosal") ou racamor ("hackamore") de tipo e efeito leves.

E, como numa marcha, o deslocamento é somente para a frente, sem necessidade de um comando mais enérgico para uma pronta evolução ou parada — sem que com isso ratifiquemos a opinião acima referida nem queiramos "macaquear" — é fora de dúvida que para o animal deve ser muito mais cômoda não ter a boca cheia de ferros...

Assim os nossos NORDESTINOS talvez pudessem ser conduzidos apenas com o nosso cabeção sertanejo.

VII — Os Andamentos

Qual será o andamento que, durante as etapas os cavaleiros pedirão aos seus NORDESTINOS?

De nossa parte nada sabemos a respeito. De um cavalo de esporte sabemos o rendimento passo/minuto, trote/minuto, etc. e sabemos dosá-lo numa prova esportiva ou num longo passeio a cavalo, mas

ignoramos praticamente tudo quanto ao rendimento do NORDESTINO.

As outras raças usam quase que só o passo. Assim aconteceu com os PANTANEIROS e os MANGALARGAS nas suas marchas.

Os cavaleiros saberão como melhor utilizar os NORDESTINOS, para, manter

do-os em condições de terminar a marcha em boas condições, conseguir a média de 45, 50 ou 55 km/dia.

VIII — Os Cavaleiros

Obviamente serão cavaleiros experimentados em longas viagens, capazes portanto de, conhecendo o comprimento de cada etapa e o número delas, ou seja o total da marcha, saber dosar o rendimento dos animais, sem sacrificá-los a ponto de ficarem no meio do caminho...

Dentre eles, como já foi dito, um deverá saber ferrar.

Deverão ser veteranos. Um cavaleiro que não esteja caalejado, começará a sen-

talvez, além do passo, usarão também o "baixo" ou o "meio", para conseguir uma média de bom rendimento.

tir os efeitos da marcha e fatalmente, procurando posições mais cômodas, acabará por distribuir mal o peso na sela, ocasionando fatalmente pisaduras no lombo do animal.

Uma marcha de resistência põe à prova não só a resistência dos animais mas também a dos homens e homem com pele fina. é melhor desistir antes de começar...

IX — A distância total, o itinerário e as etapas

Pretendem os idealizadores da marcha que ela seja, basicamente, de 1.200 km, partindo de Senhor do Bonfim, na Bahia até Recife-PE, pelo seguinte itinerário: Senhor do Bonfim — Ponto Novo — Capim Grosso — Gavião — Capela — Riachão do Jacuípe — Tanquinho — Feira de Santana — Amélia Rodrigues (ex-Lajes) — Catu — Entre Rios e, continuando pela nova BR-101, até Recife, passando por Aracaju e Maceió.

Admitindo que o rendimento nesta primeira marcha de NORDESTINOS — que será o primeiro trabalho oficial sobre sua funcionalidade — seja de 50 Km/dia, o percurso será coberto em 24 dias de marcha efetiva, aos quais somados os 4 dias de descanso, para reparo nos arceios, etc., que deverão ocorrer em Feira de Santana, Aracaju, Maceió e outra cidade próxima de Recife, para preparar a chegada do Parque (cavaleiros barbados, roupas limpas, arceios idem, cavalos escovados, etc.), teremos 28 dias de duração para a prova.

- a) média de 50 km/dia: 24 dias de
- b) média de 55 km/dia: 22 dias de
- c) média de 60 km/dia: 20 dias de

Os PANTANEIROS na última marcha (Prova Gen.Tasso de Aquino) percorreram os 1.200 km entre Poconé e Goiânia em 24 dias, sendo 20 em deslocamento e 4 descansando.

Quanto ao cálculo que vêm fazendo sobre o rendimento de uma marcha, pensamos de forma diferente. A média de rendimento não deve excluir os dias de descanso. Assim a média dos PANTANEIROS na sua última marcha não foi

X — Os altos e os pousos

Os pousos entre uma etapa e outra devem ser em localidades com possibilidades de alojamento para os cavaleiros (cama e comida) e aguada e pasto para os animais. A distância entre cada pouso será necessariamente o comprimento da etapa e deve ser aferida pelo velocímetro

Mas quem sabe realmente o rendimento efetivo dos NORDESTINOS numa marcha de 1.200 km, chegando em condições físicas que a recuperação se faça em poucos dias? Ninguém, parece-nos, pode responder conscientemente.

O rendimento tanto pode ser de 50, 55 ou até de 60 km, mas também poderá ser de apenas 40 km/dia. Há ainda a hipótese de começar com 60 km e à proporção que a marcha vá se desenvolvendo o rendimento começa a decrescer, chegando a menos de 40 km.

Não devemos é procurar obter um rendimento falso, que não expresse as verdadeiras possibilidades normais da raça.

Das várias modalidades em que uma marcha de resistência pode ser realizada, adotaremos aquela com etapas pre-estabelecidas.

Para orientação dos idealizadores da prova, vamos apresentar três hipóteses:

- a) média de 50 km/dia: 24 dias de marcha e 4 de descanso = 28 dias;
- b) média de 55 km/dia: 22 dias de marcha e 4 de descanso = 26 dias;
- c) média de 60 km/dia: 20 dias de marcha e 4 de descanso = 24 dias.

de 60 km/dia ($1.200 \div 20 = 60$) mas sim de 50 km/dia ($1.200 \div 24 = 50$), pois não levaram 24 para ir de Poconé a Goiânia?

Achamos, portanto, que se os NORDESTINOS com a carga-padrão-oficial de 80 kg fizerem os 1.200 km em 28 dias, o que representa uma média real de 42,8 km/dia, já está muito bom para começo de conversa.

do automóvel, quando da preparação da marcha. A distância média de cada etapa será aproximadamente de 50 Km. Um pouco mais ou um pouco menos.

Os altos serão função da vegetação ou construções ao longo do itinerário. Onde

houver a sombra de alguns joazeiros ou de alguns umbuzeiros, poderá ser feito um alto. Numa "corrutela" ou num posto de gasolina. Enfim, onde haja sombra. A ficar exposto ao sol, é melhor andando do que parado...

As jornadas diárias deverão ter início, logicamente, antes do sol nascer, para aproveitar a fresca da manhã. Haverá obrigatoriamente um alto entre as 11,00 e as 14,00 horas.

Do rendimento km/hora de deslocamento, verificado durante o treinamento, é que será estabelecido o horário de início das etapas.

Admitindo-se — por pura teoria — que os animais possam desenvolver, a passo, 5 Km/hora, seriam necessárias 10 (dez) horas diárias de treinamento efetivo.

Então, considerando-se que será no fim da estação seca da região, que a prova se realizará, o quadro seguinte servirá de base para a programação definitiva.

XI — Condições Atmosféricas ou Meteorológicas

Não temos a velocidade de querer que sejam anotadas a velocidade dos ventos nem a umidade do ar, mas queremos, pelo menos, a temperatura MÁXIMA, atingida durante o dia, ao desabrigo, diretamente sob o sol, pois assim se deslocam cavaleiros e cavalos e a mínima registrada durante a noite, nos pousos, ao relento, onde ficam os animais.

Damo-nos ao luxo de pedir também que sejam anotadas as temperaturas, ao desabrigo, à chegada e à saída de cada alto, conforme se vê no quadro que chamamos de CONTROLE DIÁRIO (ver pág. seguinte.)

Um termômetro de Máxima/mínima (e outro de reserva, pois como diz o clichê "quem tem dois tem um e quem tem um não tem nenhum") resolveria o assunto.

Finalmente, tudo que foi esboçado — notem bem: esboçado — apenas para servir de base à definitiva organização da marcha, poderá e mesmo deverá ser totalmente modificado, adaptando-se à realidade das condições locais que só os seus promotores conhecem.

De uma coisa, porém, não abrimos mão. É que a marcha receba o nome de MARCHA DE RESISTÊNCIA DR. LANDULPHO ALVES, em justa e póstuma homenagem ao Engenheiro Agrônomo Dr. Landulpho Alves de Almeida (ele se assina apenas Landulpho Alves), baiano de nascimento, que foi Diretor Geral do DNPA do MA e o primeiro técnico a se interessar e preconizar um trabalho de preservação e seleção do cavalo NORDESTINO.

MARCA DE RESISTÊNCIA
MAPA DE CONTROLE DIÁRIO

...ª etapa —	HORÁRIO		PROCEDIMENTO	Temperatura ao desabrigo (°C)	
 km km		Chegada	Saída
...../...../74					
Preparação	Hora base: 04,00 hs.		1) — Dar: a) — água; b) — 1 kg de ração; 2) — Enquanto o animal come: a) — verificar: cascos e ferraduras; arreamentos; b) — proceder ao penso (rasqueamento) e examinar o lombo.		Anotar a temperatura mínima atingida durante a noite:°C e a seguir desmarcar a coluna de mínima.
Início da Etapa	Hora base: 05,00 hs. Hora real: hs.			°C
1.º Alto c/ 3 hs/marcha Duração: 30 m	Chegada: hs. — Dist. perc.: km Saída : hs. — Méd. horár.: km		Dar água (se houver) e verificar cascos, ferraduras, lombo e arreamento.°C°C
2.º Alto c/ 2,30 hs/marcha Duração: 3 hs	Chegada: hs. — Dist. perc.: km Saída : hs. — Méd. horár.: km		Dar água (obrigatoriamente) e 1 kg de ração (no bernal); verificações de prexe. Afrouxar barriguetas.°C°C
3.º Alto c/ 3 hs/marcha Duração: 30 m	Chegada: hs. — Dist. perc.: km Saída : hs. — Méd. horár.: km		Dar água (se houver) e verificar cascos, ferraduras e lombo.°C°C
Fim da Etapa	Chegada: Hora base: 19,00 hs. — Dist. perc.: km Hora real: hs. — Méd. horár.: km		Desarrear e verificar cascos, ferraduras e lombo. Lavar bem lavado o lombo e a região da barriguetas. Se os animais estiverem acostumados a banho total a essa hora (entrada da noite), dar banho total e passar o enxugador (arco). Dar água enquanto lavar o lombo ou banhar; dar a ração (4 kg). Soltar na "manga".°C	Anotar a temperatura MAXIMA atingida durante o dia:°C e a seguir desmarcar a coluna de MAXIMA.

RESUMO DA ETAPA:

Tempo total em andamento: hs.
 Tempo total dos altos: hs.
 Tempo total da etapa: hs.
 Distância percorrida: km
 Média/horária em andamento: km
 Média/horária da etapa: km
 Temperatura M de dia:°C
 Temperatura M à noite:°C
 Diferença entre M e m:°C

O cavalo rural

J. N. FROTA JR.

"II PROVA DE RESISTÊNCIA"

A Circular n.º 88 de 10/1/74, da A.B.C.C. Crioulos no: dá muitas notícias de interesse. A primeira é a realização da **II Prova de Resistência** para éguas Crioulas registradas e confirmadas, que receberá o nome do saudoso crioulista Gen. Danton Garrastazu Teixeira, com as seguintes características: **percurso** — 300 km; **etapas** — 7; **carga** ("jinete e sua equipe") — 95 kg; **concentração** — de 25 fevereiro a 25 de março na Estância Capela, Bagé; **sede dos trabalhos** — no dia 24 de março os animais deverão ser levados para o local de

remates "Chiru Pereira" de onde serão dadas as partidas. Nesse local os animais, durante seis dias e sob as vistas da Comissão Organizadora, serão trabalhados, ferrados, adelgaçados, etc.; **início**: 1/4; **término**: 7/4. A segunda realização é a **I Exposição de Outono para Éguas Registradas**, no dia 7/4, às 9 horas, no Parque da Associação Rural de Bagé. A terceira realização é o **Grande Remate de Crioulos Registrados**, com "bandeira livre" (sem preço básico), que será realizado no mesmo dia 7 e no mesmo local, às 15 horas.

Salve os crioulistas, principalmente pela **II Prova de Resistência**.

Ponei Clube do Ceará

Quem conhece a organização oficial do hipismo na França, sabe que lá existem cerca ou mais de 50 Poneis Clubes.

No Brasil — onde de uns quatro a cinco anos a esta parte aumentou conside-

ravelmente o número de criadores de poneis e piquiras — acaba de ser criado a primeira agremiação no gênero — o **PO-NEI CLUB DO CEARÁ**.

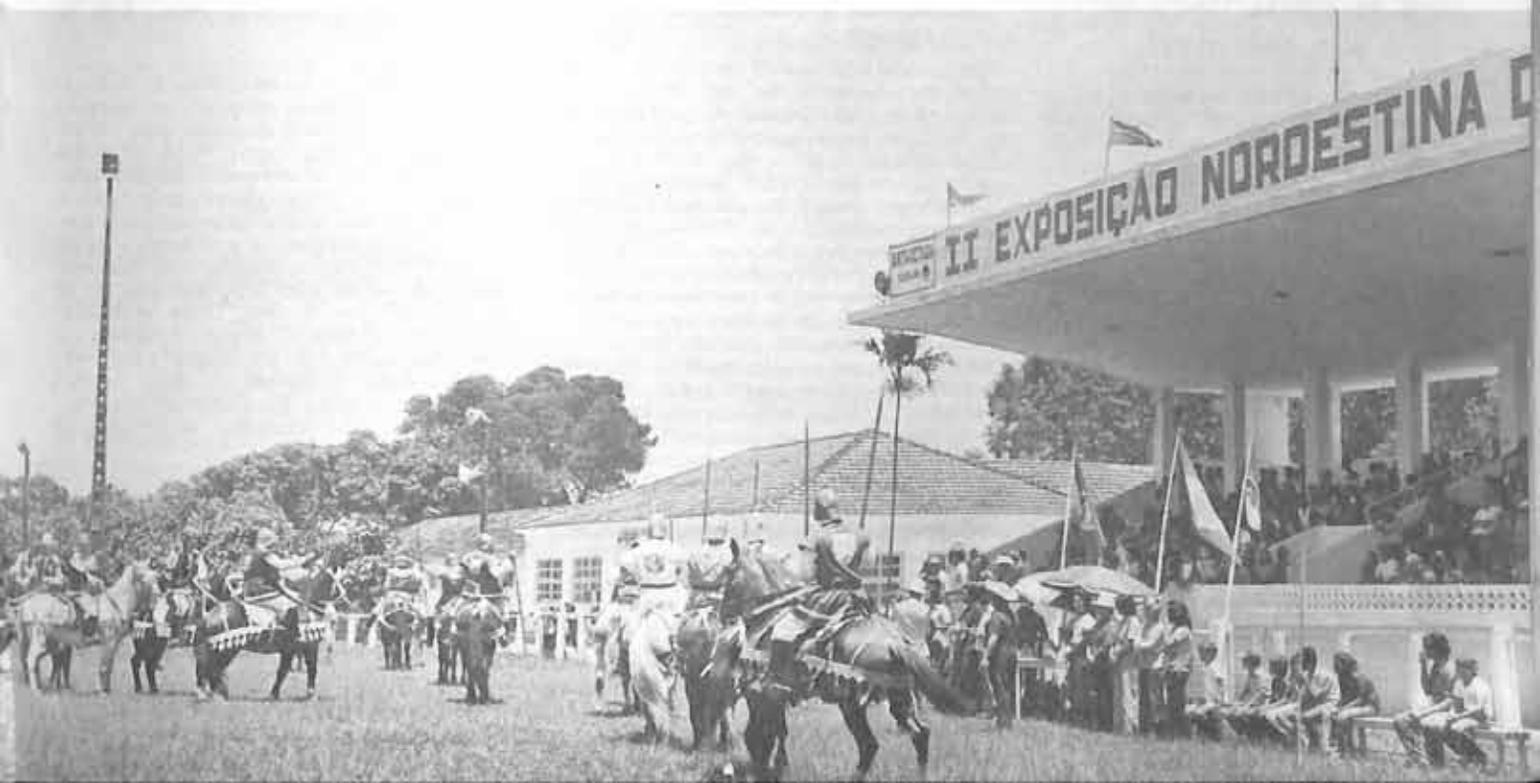
Funcionará no balneário construído pelo Sr. Francisco Martins Moraes e os seus

idealizadores foram os mesmos que querem organizar e realizar a marcha de resistência entre Senhor do Bonfim-BA e Recife-PE.

São os criadores Waldir do Rosário e Edmundo de Queiroz.

—o0o—

Flagrante dos Cavaleiros do Clube de Cavalhadas de Recife, durante a II Exposição de Eqüídeos de Pernambuco, em setembro de 1975. Nada menos de dezesseis cavaleiros aparecem na foto, demonstrando mais uma modalidade esportiva do uso do cavalo, o que é muito importante, isto é, cavalos montados com uma finalidade. O Clube que começou "por brincadeira" já possui hoje sede própria e reúne a "nobreza" recifense. Em breve, além das "sortes" os cavaleiros apresentarão evoluções em conjunto, como "carréssel" e outras demonstrações equestres. Nossas felicitações e nosso integral apoio aos cavaleiros "medievais" pernambucanos. (Foto gentileza do Dr. Renato Moraes — Diretor do DPA da SA — PE).



O "Puro-Sangue-Nacional" Quarto-de-Milha

Já hoje — uma vez que fomos esclarecidos pelo criador Heraldo Araujo, Secretário da ABQM — podemos responder a pergunta que nos foi feita por um admirador e possivelmente futuro criador de Quarto-de-Milha, sobre o PSN da raça. Quería ele saber se, uma vez obtidos machos e fêmeas PSN (31/32 de sangue QM), poderia prescindir de animais PO e "inter-cruzar" esses PSN com o objetivo de obter animais PSN.

A resposta é positiva: produto de PSN x PSN = PSN.

E daqui a uns quatro ou cinco anos começarão a nascer os primeiros PSN-QM, pois em 1973 já nasceram os primeiros 15/16.

Relativamente à indagação dos preços que atingirão esses PSN, recomendamos ao admirador da raça (nosso particular e muito querido amigo, de quatro décadas) que a previsão pode ser feita estabelecendo-se uma proporção entre os preços atingidos nos três primeiros leilões da Swift-King Ranch...

—o0o—

Corridas de Quarto-de-Milha com apostas

Como logicamente previmos e noticiamos várias vezes nestas colunas, assim como os trotadores realizam corridas com apostas, os Quartos-de-Milha poderão em breve realizar corridas, também com a venda de apostas, nos mesmos moldes das realizadas pelos PSI e pelos trotadores.

E sabido que no país de origem da raça — E.E.U.U. — há uma linhagem ou melhor, várias linhagens especializadas para corridas.

—o0o—

E as provas funcionais para cada raça?

Na reunião realizada na noite do dia 8 de junho do ano passado, durante a IX Nacional, em Goiânia, promovida pela CCCCN e da qual participaram autoridades federais do Ministério da Agricultura, estaduais da Secretaria de Agricultura de Goiás, dirigentes de sociedades esportivas e de criadores e expositores, o ilustre representante do MA propôs que as provas funcionais para os cavalos de sela de serviço fossem separadas, isto é, que para cada raça fossem regulamentadas provas de acordo com as suas características e finalidades para as quais são criadas.

Logo a seguir um líder da criação das raças mineiras Mangalarga Marchador e Campolina, apoiando o ponto de vista do representante do MA, disse que as respectivas associações já estavam cuidando do assunto.

Pois muito bem! Já são decorridos sete meses, a Comissão Executiva da X Exposição Nacional de Equídeos e CONCURSOS DIVERSOS já foi designada, já está em pleno funcionamento e até agora, da

regulamentação das provas funcionais especializadas, nem sinal.

—o0o—

Comissão Executiva da X Semana do Cavalo

Está assim constituída:
Presidente: Dr. Renato Andrade de Moraes — Diretor do DPA da Secretaria de Agricultura de Pernambuco.

Membros: Sr. Petrónio Barbosa — Presidente da Federação Hípica de Pernambuco;

Dr. Felix Cantalício Barreto Cabral — Representante da CCCCN;

Ten. Cel. Geraldo Magela Bernardes — Representante da Diretoria de Remonta e Veterinária do Exército;

Dr. Walter de Mello — Diretor do Grupo Executivo da Produção Animal.

Dr. José Inojosa de Andrade — Presidente da Sociedade Nordestina de Criadores.

Deverão ir a Recife

Tão logo foi investido nas funções de Presidente da CE da X Semana do Cavalo — que se realizará de 6 a 13 de outubro próximo, em Recife — o dr. Renato Moraes oficiou às associações de criadores das diversas raças, participando-lhes a realização da Exposição e convidando-as a participarem da mesma, enviando representações que mostrem do verdadeiro valor de cada uma.

A A.B.Q.M. tão logo recebeu o ofício da CE, expediu circular aos sócios participando a realização do certame e convidando-os a enviarem representações de seus criatórios.

Aproveitamos a oportunidade para sugerir o seguinte.

Em outubro já estará em vigor o Regulamento da nova Lei do Turfe. Em Recife há um hipódromo. O Jockey Club de Pernambuco, a exemplo daqueles de outras cidades onde se têm realizado outras Nacionais da CCCCN, organizará programas com páreos para cavalos PSI e trotadores da Sociedade Paulista de Trotadores das comemorações. Então, como parte das comemorações. Então, por que a A.B.Q.M. não entra logo em contacto com a CE e com o Presidente do Jockey Club de Pernambuco, para a realização, no Hipódromo de Madalena, de uns dois páreos para animais Quarto-de-Milha, evidentemente com jóqueis "fardados" (a blusa colorida que o jóquei veste chama-se, tradicionalmente, "fardada"), etc. etc., no mais puro e tradicional estilo clássico das corridas rasas?

Seria, além da demonstração da versatilidade da raça, um espetáculo realmente inédito na Semana do Cavalo.

Outra raça que deverá comparecer, levando representação que realmente mostre o seu real valor — o que não tem acontecido até aqui, com conseqüente

desprestígio para ela — é a magnífica Crioula, do sul do País.

—o0o—

Esporte com... Cachaça?

Este tópico tem endereços certos: CND e CCCCN.

Será, pelo assunto nele tratado, um pouco mais longo do que os demais.

Nossa primeira colaboração para a RC, em fins de 1971, foi um escrito sobre a vaquejada, competição em forma esportiva de um dos recursos utilizado pelo vaqueiro nordestino na sua lida diária para, na caatinga — onde não podem ser usados o laço ou as boleadeiras — "derribar" a res, por-lhe a "máscara" e tangê-la para o curral.

Daquela colaboração a esta parte temos, sempre que se nos oferece oportunidade, procurado divulgar a vaquejada como esporte, para o qual são necessários destreza do cavaleiro e qualidades do cavalo, pois achamos que no Brasil, principalmente no Nordeste, elas deveriam ser melhor consideradas pelos Departamentos de Turismo estaduais, para promovê-la como atração regional, tal como fazem os mexicanos com as suas "coleadas".

Pois muito bem, meus senhores, uma notícia publicada com destaque num suplemento agro-pecuário, com a intenção de promover (?) a vaquejada, começa assim:

"Um esporte que não exige a menor condição física e atlética é a vaquejada e é também o único que o atleta, ou seja, o esportista, é preciso pagar para disputar..."

E mais adiante:

"Para quem ainda não entende bem da vaquejada vale a gente fazer logo outra revelação importante e curiosa: ferindo a regra fundamental de toda boa prática atlética, na vaquejada o homem vaqueiro tem que ser, geralmente, muito bom bebedor..."

Concordamos e não vemos nada de anormal, nenhuma exceção, no vaqueiro ter que pagar para disputar, pois tal pagamento funciona como "taxa de inscrição" e pode ser recuperado, até com grande ágio, com grande lucro, sob a forma de prêmios, aos quais, pagando, pode concorrer. Está certíssima a cobrança da tal "taxa". Precisamos acabar com a mentalidade de achar que tudo tem que ser de graça, dado ou mesmo, como já aconteceu numa exposição, alguns pretensos expositores quizerem ser pagos para levar seus animais à mesma... além de lhes ter sido oferecido frete dos animais, farragamento dos mesmos, "boia" para os tratadores, etc.

Com o que discordamos radicalmente é quanto à nova modalidade de "doping" ético. Se o espetáculo esportivo da vaquejada for público, isto é, o ingresso for pago, cabe ao CND utilizar o "bafômetro" e aplicar as penas cabíveis ao promotor do espetáculo — se for o caso — e ao "atleta dopado". Discordamos tant-

bém e da mesma forma, quanto ao conceito de que ao vaqueiro ou vaqueiros, porque há o que forma a dupla para não deixar a res abrir, não é exigida a menor condição física e atlética. Condição física e estado atlético não significam compulsoriamente treinamento orientado por preparador físico diplomado e especializado. A condição física e atlética o vaqueiro a consegue no desempenho de sua própria e árdua profissão.

Relativamente à CCCCN, que além das normas para o abate de equídeos já baixou também o regulamento para os "rodeios", caberá regulamentar o uso dos cavalos nas vaquejadas, limitando-lhes o número de corridas.

Um entendimento entre os dois órgãos citados resolveria facilmente os assuntos referidos pertinentes à vaquejada — modalidade de prova hípica rural autenticamente brasileira — dando-lhe uma regulamentação digna do belo espetáculo, onde a perícia do cavaleiro e as qualidades do cavalo são postas à prova de forma emocionante.

—o0o—

Já que falamos em vaquejada, aproveitamos a oportunidade para felicitar efusivamente os responsáveis — todos — pela construção do Parque Independência, em São Luiz do Maranhão, onde dando um exemplo de culto às tradições da vida pecuária no Estado, foi construída uma pista para vaquejada, toda iluminada a luz de mercúrio.

—o0o—

De dois em dois anos é realizado o Rodeio Internacional de Vacaria, no Rio Grande do Sul, festejos rurais que segundo um observador também internacional, nada fica a dever ao famoso "rodeo" de Dallas-EE.UU.

Por que no Nordeste, em Recife, por exemplo, um grupo particular não se organiza para promover também bianualmente, intercalado com o Rodeio de Vacaria, a princípio a Vaquejada Nordestina, depois a Vaquejada Nacional e quem sabe, dentro em pouco, a I VAQUEJADA INTERNACIONAL DE RECIFE?

Atrações equestres não faltam no Nordeste.

—o0o—

Associações de Criadores e de Cavaleiros

Os próprios títulos demonstram que são coisas ou atividades diferentes: as de criadores cumprem o seu papel, que é criar e consequentemente vender os seus produtos, desempenhando muito bem as duas coisas, e, as de cavaleiros — conhecemos apenas duas, o clube de Presidente Prudente-SP e o Clube de Cavalhadas de Recife-PE — praticamente não existem em relação ao grande número de animais de todas as raças que é vendido anualmente.

Se tivéssemos, a exemplo do que acontece no hipismo, sociedades esportivas dedicadas ao uso do chamado cavalo rural, localizadas em várias cidades do interior ou mesmo nas capitais dos Estados de tra-

dição pecuária, as competições por elas promovidas seriam ou representariam os testes de funcionalidade desses cavalos.

Mas, não havendo associações de cavaleiros, ainda, enquanto perdurar essa situação a alguém deverá caber a responsabilidade de testar a capacidade funcional — seja lá para o que for — dessas raças de equinos.

Não é de hoje que vimos martelando o assunto e, embora pregando no deserto, continuaremos — sem esmorecimento — procurando um meio de acabar com o cavalo "obra de arte", com o "cavalo perfeito" e quejandas

As associações de criadores recebem, anualmente, uma subvenção da CCCCN, que lhes é entregue pela DAGE do DNPA, independente dessa subvenção, o mesmo DNPA também tem verba para fomento à criação.

LEITE... (Conclusão da pág. 60)

A obra da Direção-Geral de Pecuária produzindo mais leite, a pouco grata e difícil tarefa da Subdireção-Geral de Sanidade Veterinária ao garantir a qualidade higiênico-sanitária deste alimento de consumo: o Serviço de Vigilância de Mercados e, junto à tarefa autoritária e imprescindível do Estado, a obra construtiva e generosa de criadores e industriais integrados com agrônomos, veterinários e outros técnicos no Comitê Nacional Leiteiro do Sindicato Nacional de Pecuária, permitem augurar um grande futuro para a produção e consumo de leite nesta Espa-

REPRODUÇÃO... (Conclusão da pág. 72)

pois aí os defeitos e qualidades serão mais perceptíveis.

Quando se vai adquirir um macho em outras criações, deve-se proceder a rigoroso estudo dos ascendentes bem como dos parentes próximos. Tal critério permite escolha mais acertada.

O reprodutor deve exteriorizar masculinidade, tendo os órgãos reprodutores claramente visíveis e desenvolvidos. O pescoço curto deve vir encimado por uma cabeça que denote robustez; as espáduas proporcionalmente desenvolvidas; as costelas salientes; bom arqueamento da linha dorso-lombar. O traseiro deve ser ótimo, com inscrição de cauda alta, pernis redondos e cheios e os lados sem depressões.

Agirão com acerto todos aqueles que refugarem animais de tendões e articulações fracas, de aprumos defeituosos, com papadas, rugas nos lados, os possuidores de um só testículo ou ainda herniados.

Os suinocultores comumente colocam o reprodutor junto com as porcas. Isto é satisfatório num rebanho pouco numeroso, em que seja pequeno o número de

Mas, enquanto não há ainda associações esportivas de cavaleiros, não seria o caso de cada associação de criadores subvencionada pelo governo, realizar pelo menos uma prova funcional, cujas normas seriam estabelecidas pelos técnicos da DAGE? Uma prova por ano não nos parece muito.

A DAGE poderia, ou melhor, deveria até subvencionar parte dos gastos com essas provas.

O próprio DNPA que cria a raça Árabe deveria, assim como verifica o ganho de peso de seus bovinos Canchim, testar também os seus garanhões Árabes funcionalmente, como cavalo de sela de serviço ou de esporte, reservando os melhores para seu serviço, a exemplo do que é feito nas coudelarias e centros oficiais de seleção zootécnica no mundo inteiro.

—o0o—

nhu que tem que revalorizar os produtos do campo se quiser desfrutar do progresso industrial alcançado na etapa atual.

Quando os povos famintos melhorarem seu nível de vida; quando as guerras forem o último recurso para resolver as discrepâncias no conviver da Humanidade; quando a educação, a cultura e o amor forem os vínculos que unam as gerações, a vida se assentará sobre o trabalho, e a paz será possível modificando o signo desta era onde os progressos da técnica têm melhorado o viver de alguns países afortunados e têm criado um perigo potencial que ameaça a paz que continua sendo uma nobre aspiração da Humanidade.

porcas a cobrir, normalmente inferior à capacidade de utilização do cachaco. Este sistema é menos trabalhoso e todas as porcas que entram em cio são cobertas no momento oportuno. Todavia, há inconvenientes que devem ser salientados:

1 — exige maior número de cachacos;
2 — esgota o reprodutor, por cobrir várias vezes a mesma fêmea, além das necessidades;

3 — pode provocar brigas entre os reprodutores;

4 — impossibilita o controle do dia da cobertura, do provável parto e, convivendo no mesmo lote dois ou mais cachacos, o conhecimento do verdadeiro pai.

No caso de rebanho selecionado, principalmente para a venda de reprodutores, o melhor sistema é o de cobertura controlada ou a mão. Neste caso, o rebanho deve ser cuidadosamente observado todos os dias, de maneira que, quando surja uma porca em cio, possa ser levada ao cachaco para a primeira cobertura. Cumprido reconhecer a fêmea em cio e ter lugar apropriado para a monta, o qual pode ser o próprio piquete do cachaco. Durante a cobertura, deve estar presente o tratador, para intervir quando necessário.

Ex-presidente da SPT defende o cavalo Marabá

Antonio Carvalho Mendes

Este ano, a criação nacional do Puro Sangue Inglês será efetivamente centenária, pois que há cem anos nasceu o potro **Brasil**, por Zephiro e Hieroglyph, que viria a ser o primeiro semental nacional. A hora é, pois propícia para que se ponham em evidência os erros e os acertos e tudo pesado e ponderado, tracemos planos. Devemos aceitar as críticas e estabelecer as bases para obtenção de um **P.S.C.** próprio e de interesse da Nação Brasileira — afirma o ex-presidente da Sociedade Paulista de Trote, coronel Nelson Brotto.

Enquanto todos os países, e a Inglaterra principalmente, abrem sempre uma válvula para o jorro de "sangue novo" admitindo em corrida e proporcionando condições de revelação ao "half bred", permanecemos estáticos, prolongando para todo o sempre a fase adaptativa-imitativa dessa indústria, com reais prejuízos para a Nação e para o criador já quase no segundo século dessa atividade. É necessário que os poderes competentes ditem normas de data certa, para que obtenhamos algo nosso, brasileiro, integrado no nosso **habitat**, tão bom ou melhor que o produto alienígena.

Nelson Brotto, baseado em estudos, afirma também que o Stud Book Brasileiro vive preocupado com o porcentual de brasilidade do rebanho e, posto que a primeira geração dele tenha apenas 10% de nomes alienígenas, na segunda geração a situação se inverte, isto é, 90% dos nomes são estrangeiros. Não há então indícios de raiz nacional na raça — conclui o coronel.

Nenhuma linha 1 atinge a quarta geração e pouquíssimas linhagens 2 atingem a quinta geração. É de supor que uma ponderação de pedigris

dos "produtos nacionais" não atinja 8/64 de linha alta e 16/64 de linha baixa, ou 24/64 nas duas linhas.

Todavia, já era tempo de termos consolidado uma equipe adequada à quarta geração nacional e, prefe-

O coronel Brotto espera ver nos hipódromos o marabá como hoje vemos os puro-sangues ingleses.



J. B. o Mangalarga da atualidade

Você pode começar como começamos
Você pode criar muitos Campeões
Faça-nos uma visita, será um prazer



Lote de éguas

FAZENDA SÃO LUIZ

Criador: João Barillari

Jardinópolis - SP - Km 323 da Rodovia Cândido Portinari

CARTOLA — 3 anos
Por Caxambu e Utinga



rencialmente, alguma coisa "untra-
ced". Não se trata de "mestiça-
gem", mas de formar uma Raça Nos-
sa, com animais tão bons ou melho-
res que o similar estrangeiro.

Quando o "Jersey Act" veio a lu-
me, em 1913, na Inglaterra, a fim
de defender o **thoroughbred** con-
tra a excelência do "**half bred**"
norte-americano, o mundo não
veio a baixo. Muito ao contrário,
Durban II, que seria um desses
"half bred" sem direito a registro
no General Stud Book da Grã Bre-
tanha, venceu o Derby de Epsom,
como que decidido a mostrar que
no papel a coisa é uma e na prática
é outra.

Que dirá o criador brasileiro, ao
saber que os seus potros descendentes
de Coaraze e Fort Napoleon são
"mestiços", à luz daquele "Jersey
Act", através Tourbillon, porque
sua mãe Durban não foi aceita no
General Stud Book? Nen Djebel
vencedor do Prix de L'Arc de Triom-
phe.

Toda essa "mestiçada" norte-ame-
ricana foi enriquecer o sangue do
rebanho francês, menos aristocrá-
tico, mas igualmente bom e muitas
vezes melhor que o inglês de círculo
fechado, com bons reflexos no Bra-
sil através de Novelty e Tourbillon.

Em 1948, o "não puro sangue"
My Babu ganhava o 2.000 guineos,
derrotando os "puro sangue" e
Black Tarquin, o St. Leger.

Esse comportamento do "meio-
sangue" (half-bred) deixou claro
que o General Stud Book, "com suas
regras de admissão, estava em imi-
nente perigo de ser desacreditado"
e que a "pureza de sangue" era a
base de "um almanaque de Gotha
de pureza de sangue projetado no
reino da fantasia".

Torna-se claro, pois, que o Brasil
deve ter o Stud Book Marabá, com
cavalos de aceitável conteúdo nacio-
nal no pedigree e os hipódromos de-
vem reservar para eles provas qua-
lificadas exclusivas e também com
direito a se medirem com o "p.s.i."

Toda indústria trasladada de um
país para outro depois da fase de
adaptação e imitação passa para a
de inovação, sob pena de ser dano-
sa para o país que a recebe. "É mais
barato importar do que criar um
bom cavalo" — é um ditado que
justifica e mostra que o Brasil, a-
pesar de ter uma criação centenária,
ainda está entre a fase de adaptação
e imitação.

O nacional com terceira geração
pura nacional ou o marabá de qual-
quer aliquota, competindo e venci-
do na pista os de menor "conteúdo
nacional", é a fase de inovação do
p.s.c. na qual devemos entrar defi-
nitivamente nos primeiros anos des-
te segundo século — afirma catego-
ricamente Nelson Brotto.

A condição de importador cente-
nário não satisfaz e muito menos
atende à grandeza de nosso País. E
com os meios de que dispomos não
nos será difícil inverter esta situa-
ção. O criador julga erradamente
estar próximo da melhor qualidade,
na medida em que mais lança mão
do sangue estrangeiro — e é isso
que nos está mantendo nessa situa-
ção esdruxula de pagar mais caro
pelo pior.

Não há regra ou tendência constata-
da no mundo do puro sangue que
nos convença de que o "gen cor-
redor" se transmita com alguma
aceitável regularidade. Estamos ape-
nas perante uma presunção, mas
são tantas as exceções que regra não
existe. Vangloriar-nos do conteúdo
de papel seria dar valor ao Almanaque
de Gotha, o que corresponde a
pureza sem finalidade.

De outro lado o preço de custo do
p.s.i. criado no Brasil está subindo
sempre e é possível provar que ele
já atinge Cr\$ 25.000,00. O preço de
venda terá que ser maior. As médias
obtidas nos leilões já evidenciam
uma ascensão apreciável ano a ano.

A situação é boa para uma revi-
são básica do assunto. Está na hora
de "termos uma **Produção Nacional
Efetiva e Exportável**. Os outros paí-
ses estão evoluindo. Estagnar é re-
gredir.

E o primeiro passo é apresentar
oficialmente em campo o **marabá**.

O Braco Alemão, um ótimo cão de caça

Antonio Carvalho Mendes

O Braco Alemão expandiu-se e tem muitos admiradores. É um animal possuidor de grandes qualidades: caça energeticamente, suporta o ensino e "pega" a caça de pena e de pelo. É um cão bonito, robusto, rápido e paciente.

Alguns tipos de Bracos alemães foram um pouco modificados: aligeirados, adquiriram velocidade e ganharam muito em elegância, mas, para conservar o tipo e o galope de Braco, a sua construção deve ser a dos cães continentais, sensivelmente diferente da dos cães ingleses.

Na Alemanha, os métodos de ensino são muito completos. Este Braco Alemão cujo padrão é conhecido, apresenta-se com uma pelagem muitas vezes brilhante, sobretudo nos unicolores: castanho firme ou mosqueado, mais ou menos carregado ou ainda com fundo branco com grandes placas castanhas.

Segundo os entendidos, o Braco Alemão é um animal para qualquer tipo de caçada. É um cão de caça completo. Tem faro, resistência, velocidade e ardor, guiados por uma inteligência notável e uma obediência a toda a prova.

O PADRÃO DA RAÇA

O padrão da raça é o seguinte: Aparência possante, elegante, de média estatura — 60 a 65 cm — sendo a fêmea um pouco menor. Olhos fortes e guarnecidos de bons músculos e pele bem estendida.

As diferentes partes dos membros anteriores e posteriores devem completar-se e ser bem proporcionados em relação ao tronco.

Cabeça e pescoço elevados ao alto; a cauda a maior parte das vezes está erguida, ainda que durante a busca esteja na posição horizontal.

Expressão inteligente, séria em repouso, mas viva quando a atenção está desperta, e doce à vista do homem.

A cabeça é seca, de tamanho médio em relação ao corpo, e não muito pesada. A fronte larga, o crânio ligeiramente bombeado, sem sulco médio.

O occiput é pouco saliente e um pouco acentuado, a testeira não cerrada entre os olhos. O focinho visto de frente e de perfil, é largo e quadrado, os lábios cobrem bem e formam uma prega marcada.

Orelhas de tamanho médio, não muito largas no alto e bem arredondadas em baixo. Devem ser coladas no alto e a toda a largura e cair bem lisas ao longo das faces.

Olho ligeiramente oval, de tamanho médio, nem proeminente, nem muito afundado, castanho mais ou menos carregado segundo a pelagem, mas nunca amarelado como os olhos dos rapaces.

Maxilares fortes e a ponta do nariz de um castanho-carregado, segundo o pelo; as narinas bem abertas (o nariz fendido (duplo) não é admitido).

Pescoço de comprimento médio, possante; nuca ligeiramente bombeada, isento de barbela. Visto de frente, o peito deve ter largura proporcionada ao corpo. Visto de perfil, deve descer mais baixo que o cotovelo, os lados, formando a caixa torácica, devem ser arredondados e nunca planos.

O dorso é curto, largo entre as cruzes e a garupa; os rins tão largos e curtos quanto possível. Ambos devem ser bem musculosos, a garupa não demasiadamente comprida e pouco descaída. O ventre muito firme, sobretudo nos flancos, um pouco levantado para trás.

A espádua deve ser oblíqua e o cotovelo voltado nem para fora nem para dentro. A perna deve ser direita e bem musculada.

Os dedos devem ser arqueados e bem fechados, não abertos. A pata, vista pela frente, deve ser redonda e a sola espessa e dura.

A anca, a coxa e o jarrete bem musculados. A boa posição da perna é nem muito direita nem muito oblíqua.

A cauda é mais forte na base, afilando progressivamente e sempre encurtada.

O pelo é áspero e muito denso, salvo nas orelhas, onde deve ser mais curto e macio, mais denso na parte inferior e debaixo do ventre, sem ser sensivelmente longo.



Eis o Braco Alemão.

ABC

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO da

Associação Brasileira de Criadores
(Ex Associação Paulista de Criadores de Bovinos)

Com a cooperação do Departamento da Produção Animal de São Paulo

Novas Reprodutoras Eméritas

RAÇA HOLANDÊSA – variedade preta e branca

ROLAND 1368 LEDA ORMSBY, Reg. HBB/B24.422, P.O., obteve "LE" aos:

3-1	–	2x	–	358	–	7.783	–	278,3	–	3,57%
5-1	–	2x	–	346	–	9.107	–	317,6	–	3,48%
6-2	–	2x	–	333	–	7.955	–	275,4	–	3,46%

Prop.: Irmãos Rabbers

RAÇA HOLANDÊSA – variedade vermelha e branca

ALFA DO MORRO ALTO, Reg. ABC/61.602, P.C.O.C., obteve "LE" aos:

2-3	–	2x	–	365	–	4.466	–	172,2	–	3,85%
3-4	–	2x	–	363	–	5.003	–	205,6	–	4,11%
4-6	–	3x	–	343	–	6.214	–	236,2	–	3,80%

Prop.: João Passarelli

TÍTULO ALCANÇADO COM LACTAÇÃO PUBLICADA NESTE RELATÓRIO

BRUCELOSE BOVINA

Uma doença contagiosa que ameaça particularmente a fêmea em período de gestação.
Evite este problema: vacine as fêmeas adultas com

DUPHAVAC N.A.

- vacina morta, a base de Cepa Mc Ewen 45/20 com coadjuvante
- pode ser aplicada em bovinos após 6 meses de idade, inclusive vacas em gestação
- confere boa imunidade 4 meses após o início da vacinação
- não dá títulos persistentes aos testes de soro-aglutinação
- facilita detecção de portadores latentes, sem reação sorológica

CONSULTE SEU VETERINÁRIO



PHILIPS DUPHAR S.A.
Produtos Químicos e Biológicos

São Paulo SP - Cx. Postal 20.889 - Tels.: 62-8499 e 65-8146
Ribeirão Preto SP - Tel.: 25-1901 - Presidente Prudente SP - Tel.: 3-5394
Fernandópolis SP - Tel.: 330 - Londrina PR - Tel.: 22-6229

LACTAÇÕES TERMINADAS

1 DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DE-14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			Novo Parição eos (dias)	Dias lec. prante	PROPRIETÁRIO
					Lacte kg	Cond. kg	%			
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca										
Três ordenhas (3x)										
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
Jang. J. Diamond — B25937	PO	3-6	32227	305	3.975	158,9	3,99	402	178	Fernando Alencar Pinto S/A
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
S. A. Della Adantha — B22471	PO	5-8	29034	305	5.049	175,5	3,47	411	169	Olinto Marques de Paulo
Demerts T. 131 R.1579 — B22323	PO	5-3	29481	301	5.020	174,5	3,47	391	185	Fernando Alencar Pinto S/A
Jang. Garota A. Three — B18685	PO	6-10	23107	304	4.766	148,8	3,11	396	183	Fernando Alencar Pinto S/A
Arlere Hanna II — B16223	PO	8-6	20361	305	4.694	160,9	3,42	370	210	Junqueira Dias
Joma L. L. Fidalgo — B22471	PO	5-7	29035	247	3.493	126,9	3,63	341	181	Olinto M. de Paulo
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
Instancia do P. D'Alho — 73540 — LE	PC	2-2	36116	305	5.147	182,4	3,54	413	167	Jacob Rosler Dutilh
Arap. C. Elske 6 — B30216 — LE	PO	2-2	36102	305	5.086	198,5	3,90	385	195	L. Noordgraaf — Arapoti
Arap. de J. Wietske R. Apple — B28605	PO	2-4	36106	305	4.331	150,7	3,47	405	175	C. de Jonge — Arapoti
Migalha P. de Guarap. — RP/33177 — LE	PC	2-5	36014	304	3.973	167,9	4,22	392	187	Com. Agro-Pec. Heliomar Ltda.
S. H. Dora 3 Arlinda 49 — 72895	PC	2-5	36207	284	3.623	127,8	3,52	359	200	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Gavota Dina B. Posse — 71974	PC	2-5	36195	305	3.140	118,0	3,75	368	212	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Famosa Majority C.A.B. — 71164	PC	2-5	36062	305	3.070	112,4	3,66	404	176	Col. Adv. Brasileiro
Façanha Seaman C.A.B. — RP/36043	PC	2-2	36060	305	3.066	104,8	3,41	385	195	Col. Adv. Brasileiro
Amazade C. Ev. Bonnav. — B30072	PO	1-10	36344	287	2.548	83,4	3,27	343	219	Joaquim P. Rocha
Arap. Bronkhorst W. 11 — 14838	GC3	2-2	36104	76	1.272	41,2	3,24	399	—	N. A. Bronkhorst — Arapoti
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
S. Nicolau L. Adonis — B29251 — LE	PO	2-6	36232	298	5.416	173,4	3,20	349	224	Cabaña S. Nicolau
S. Nicolau A. Ilustre — B29245 — LE	PO	2-7	35989	305	5.314	188,1	3,53	424	156	Cabaña S. Nicolau
SJT. C. Senreflect 328 — B31634 — LE	PO	2-6	36138	305	4.602	168,5	3,56	388	388	Cia. A. Faz. Sta. M. da Posse
Iolanda II Duque da Osta — 72059 — LE	PC	2-9	35864	305	4.506	170,3	3,77	410	170	Pasquale Cascino
Cast. Juliana R. 29 — B30608 — LE	PO	2-6	35877	305	3.901	155,6	3,98	418	162	H. H. Rabbers
Diadema Atlas — 78857	PC	2-10	36121	305	3.795	135,8	3,57	388	192	Atlas Agro-Pec. Ltda.
Paraíso S. Fidalgo — B27817	PO	2-9	36142	305	3.634	134,3	3,69	403	177	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Stewartthavan M. Rebecca	PO	2-10	36231	284	2.684	107,2	3,99	364	175	Manuel P. Neto
Par. S. R. Master — B28065	PO	2-8	36255	305	2.536	90,7	3,57	386	194	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Color Esmeralda — 74468	PC	2-11	36942	291	2.261	88,0	3,89	421	145	Lair A. de Souza
Arap. Kok Nav. 2 — 14607	GC2	2-6	36233	81	1.523	49,4	3,24	384	—	A. Kok — Arapoti
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Keeneland D.A. P. Fayne — B26723 — LE	LEPO	3-5	33849	299	4.947	184,2	3,72	365	209	Joaquim P. Rocha
Cast. Exc. P. 211 — B30640 — LE	PO	3-0	35747	305	4.285	167,4	3,90	412	168	Irmãos Salomont
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
Willow T. B. B. Kay — B26703 — LE	PO	3-7	32814	291	5.095	176,1	3,45	357	209	Joaquim P. Rocha
Arapoti de J. Roda 3 — 14030 — LE	31/32	3-7	33656	300	4.722	168,6	3,57	391	184	C. de Jonge — Arapoti
Beaver C. B. Bent — B26671	PO	3-8	33581	305	4.461	140,7	3,15	399	191	Joaquim P. Rocha
Bunker H. F. C. Wendy — B26696	PO	3-7	33578	305	4.384	143,1	3,26	398	182	Joaquim P. Rocha
J. P. R. Catucha — B26772	PO	3-7	33338	305	4.302	130,1	3,02	394	186	Joaquim P. Rocha
Danielle F. H. Love — B26695	PO	3-9	33572	305	4.200	156,0	3,71	369	211	Joaquim P. Rocha
Cast. J. Lolkje 3 — B30604	PO	3-9	32501	280	3.705	132,5	3,57	380	175	H. H. Rabbers
Jang. J. Diamond — B25919	PO	3-9	32055	305	3.658	144,7	3,95	375	205	Fernando A. Pinto S/A
S. H. Aduana 1 Fayne — B27257	PC	3-8	36008	305	3.292	131,3	3,98	410	170	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Inglis M. Berta — B26649	PO	3-9	32653	283	3.051	100,1	3,28	387	171	Cleá de C. e Machado
Ali C. Patsy — 1P — B22058	PO	3-9	36341	171	1.658	50,4	3,04	366	80	Cie. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Semente de M. Nova	NR	3-9	36181	233	1.610	65,4	4,05	357	151	Flavio C. B. Gutierrez
CLASSE CJ — 4 a 4 1/2 anos.										
Malvecia Lins — 70834 — LE	PC	4-5	32474	305	4.790	201,1	4,19	414	166	Waldir J. de Andrade
Mil — Co 44 A. 2 Cotty 18 — B26439	PO	4-2	36153	299	4.732	141,2	2,98	382	192	Claudio V. Roberti
Arap. de J. Irens 6 — 14023	63/64	4-0	36241	305	4.243	145,3	3,42	408	172	C. de Jonge — Arapoti
Jardim Mondilka — B27465	PO	4-0	35848	305	3.769	124,2	3,29	427	153	Cia. Baptista S. Ind. e Com.
Color Doredinha — 67187	PC	4-5	32710	299	3.382	124,7	3,68	370	204	Lair A. de Souza
Gisela de M. Nova	NR	4-3	32209	266	3.035	117,1	3,85	314	227	Flavio C. B. Gutierrez
Par. P. Fidalgo — B26381	PO	4-2	34331	243	2.205	78,0	3,53	355	163	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Lenda Champion — RP/4930	GC1	4-10	29539	274	4.632	167,1	3,60	353	196	João F. Frota
Surodana M. Toro	PO	4-7	35838	305	4.390	143,9	3,27	400	180	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Paraíso P. Fidalgo — 2P — B15750	PO	4-8	29881	305	4.241	145,6	3,43	404	176	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Liana SS — HB—MG/15072	GC1	4-9	33802	267	3.964	151,8	3,82	342	200	João F. Frota
Par. Patilha Magn. — 3P — B15797	PO	4-7	30273	273	2.868	104,8	3,65	363	185	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Roland 1368 L. Ormsby — B24422 — LE	PO	6-2	29507	305	7.591	261,2	3,44	389	191	Irmãos Rabbers
São Nic. G. Madcap — B24857	PO	6-8	26697	268	6.091	184,3	3,02	370	173	Cabaña S. Nicolau
Esc. de S. Miguel — 58142 — LE	PC	6-5	33368	305	5.844	201,0	3,43	423	157	Julvan D. Czapski
Ingleza de Sta. Lucia — 4428 — LE	15/16	6-3	25839	273	5.499	192,5	3,50	405	143	Viveque Vaira S/A
Roselandia de Sta. Helena — LE	1/2	8-0	35888	305	5.313	230,5	4,33	405	175	Ryve C. Barbosa
Arapoti de J. Cootje 3 — 10380	31/32	6-3	24819	305	5.249	177,8	3,38	391	189	C. de Jonge — Arapoti
Cast. S. Evelien 17 B17973	PO	7-3	22172	289	4.862	165,8	3,40	362	202	H. H. Rabbers

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			Novo Partição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Cond. kg	%				
Monje N. J. H. Gaviota - B23149	PO	6-8	27382	305	4.844	142,1	2,93	427	153	Pesqueira Cascino	
Gaucha - 51887	15/16	8-5	36119	290	4.703	135,3	2,87	396	169	Atlas Agro-Pec. Ltda.	
S. M. Escocia D. Burke - 46538	PC	8-7	36202	280	4.556	159,2	3,49	377	178	Atlas Agro-Pec. Ltda.	
Julia Champion SS - 12424	GC1	5-8	26577	277	4.522	150,1	3,32	358	194	João F. Frata	
Paraíso O. Fidalgo - B22630	PO	5-11	28589	294	4.009	140,6	3,50	346	223	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.	
Jang. de Sta. Helena	NR	-	34308	277	3.662	147,2	4,01	337	215	Ryva C. Barbosa	
S. M. Hope P. Walker - B20574	PO	6-2	26035	257	3.606	142,0	3,93	383	149	Joaquim P. Rocha	
Par. O. Sky-Cross - 57097	PC	5-4	28040	265	3.594	128,8	3,58	354	186	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.	
Loneim Supreme Roma - B21932	PO	6-1	35837	294	3.559	155,2	4,36	427	142	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse	
Margarita M. F. E. Hall - 1P-B17148	PO	5-7	28302	272	3.427	131,4	3,83	346	201	Domingos Fasanella	
S. Q. N. Jeremias L 38 - B21073	PO	6-6	24879	205	3.418	122,7	3,59	413	67	Fernando Magalhães	
Martona's D. R. Apple 7-B18540	PO	8-7	20493	274	3.349	127,8	3,81	355	194	Lair A. de Souza	
Lolita J. A. - 10400	31/32	-	24113	303	2.969	111,2	3,74	385	193	Flavio C. B. Gutierrez	
Cent. Conde P. 4 - B17957	PO	7-4	27235	148	1.974	77,0	3,89	398	25	Irmãos Noordegraaf	
Malena 47 M. Majestic - B23827	PO	7-4	30245	81	1.839	56,1	3,05	364	-	A. Kok - Anapoti	
Desculpa	PC	-	32320	182	1.788	62,6	3,50	368	89	Rubens V. de Brito	
RAÇA HOLANDÊSA - variedade vermelha e branca					Três ordenhas (3x)						
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.											
Muquem Garota - 73145 - LE	PC	3-3	35980	305	6.415	219,8	3,42	417	163	Antonio C. R. V. de Almeida	
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.											
Baronaza N. de Sant. - RP/2592	GC2	4-0	33464	305	3.597	130,7	3,63	395	185	Gabriel D. Pereira	
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.											
Afa do M. Alto - 61602 - LE	PC	4-6	29867	305	5.804	220,5	3,79	410	170	João Passarelli	
Castro B. Aida - BB-2442	PO	4-8	30288	267	4.200	137,2	3,26	353	189	Amilcar F. Yamin	
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.											
Brasília de Sant'Ana - 2252	31/32	5-0	25673	305	5.414	176,8	3,26	394	186	Antonio L. N. Galvão	
Dinamarca de Sant'Ana - HB-MG-5741	PC	6-8	27210	305	4.095	158,4	3,86	418	162	Gabriel D. Pereira	
CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.											
Lembrança de Ser. - HB/MG-6194	PC	2-3	36302	265	3.408	132,1	3,87	375	164	Espolio A. B. Mello	
Cascata - 78885	PC	2-3	36472	296	2.720	84,2	3,09	353	218	Agro-Pec. N. Amparo	
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.											
S. Nicolau C. II Cent. - BB2636 - LE	PO	2-8	36110	288	4.516	156,5	3,46	419	144	Cabaña S. Nicolau	
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.											
E. S. Enesita Transm. - BB-2504	PO	3-2	32686	182	2.632	94,7	3,59	420	37	Eduardo Simonsen	
E. S. I. K. B. São Seb. RP/8333	PC	3-2	32927	192	2.354	80,6	3,42	384	83	Eduardo Simonsen	
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos.											
Lema's Abelha - BB-2518	PO	3-10	35872	305	2.716	110,1	4,05	403	177	Hannagarda B.L. e Outros	
Amaral Vanda - BB-2529	PO	3-7	36144	305	2.475	100,2	4,04	380	200	José P. do Amaral	
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.											
Cevada O. de M. Nova	NR	4-2	32529	266	1.481	58,2	3,92	374	167	Flavio C. B. Gutierrez	
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.											
Joiatê Limpeza - 58688 - LE	PC	5-1	29754	252	5.586	176,0	3,15	370	157	Valentim dos S. Diniz	
S. N. C. VII Roland - BB-2102 - LE	PO	6-9	24496	281	5.575	200,1	3,58	392	164	Cabaña S. Nicolau	
Palestina de S. Francisco - 6998	PC	5-10	33550	221	2.988	100,7	3,37	347	149	Marcos Polacow	
RAÇA JERSEY					Três ordenhas (3x)						
CLASSE AJ - De 2 a 2 1/2 anos.											
Suiza N. Milad - 8247 - C. LE	PO	2-5	36672	299	2.960	178,7	6,03	332	242	Albino Malzona	
RAÇA SCHWYZ					Duas ordenhas (2x)						
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.											
Bom Café Iracy - 4524 - LE	PO	2-8	36265	305	3.310	135,5	4,09	371	209	Benedito P. Rennó	
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.											
Cristal do Camandocaia - 59243	PC	4-10	33608	305	2.738	122,0	4,47	337	243	Edgard Jafet	
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.											
Mafalda Bom Café - 3289	PO	9-10	31179	267	3.326	109,6	3,29	383	159	Orlando P. de Souza	
Alvorada de Sta. Maria	NR	-	31180	276	2.510	104,3	4,15	397	154	Orlando P. de Souza	
RAÇA GUERNSEY					Duas ordenhas (2x)						
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.											
Gold B. P. Ivy - 681 - LE	PO	4-10	36225	287	5.962	281,7	4,72	362	200	Custodio C. de Almeida	
Wilemas Stars Italia - 677 - LE	PO	4-11	33792	305	3.230	167,8	5,19	365	215	Tullio Devascovi	
RED-POLL					Duas ordenhas (2x)						
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.											
Primavera Nevada - 54517	PC	6-2	32974	275	3.738	137,8	3,68	401	149	Livio Matzoni	
Primavera Araxá - 33884	PC	13-11	25604	235	2.071	67,1	3,24	390	120	Livio Matzoni	
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8					Duas ordenhas (2x)						
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.											
Aracá (I-035)		2-10	36392	269	1.934	84,2	4,35	371	173	S. A. Frigorífico Anglo	

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			Nova Parição aos (dias)	Dias lac. prenhe	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	%			
Arapuá (4590)		2-11	36394	267	1.809	78,3	4,33	367	175	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE BJ — De 3 a 3 ½ anos.										
Lembrança (H-477)		3-4	36388	289	2.126	94,3	4,43	340	224	S. A. Frigorífico Anglo
Roxinha (4568)		3-2	36396	288	1.896	82,1	4,32	363	200	S. A. Frigorífico Anglo
Piada (B-626)		3-5	36391	244	1.669	77,6	4,64	364	155	S. A. Frigorífico Anglo
Iolanda (4575)		3-2	36502	173	1.311	57,1	4,35	322	126	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE BS — De 3 ½ a 4 anos.										
Vandeca (4550)		3-6	36401	260	2.088	89,9	4,30	350	185	S. A. Frigorífico Anglo
Jarra (B-618)		3-6	36411	305	2.003	83,6	4,17	339	241	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Teteia (8495) — LE		6-2	32354	305	3.486	160,6	4,60	409	171	S. A. Frigorífico Anglo
Reservista (6357)		7-10	23038	267	3.298	147,4	4,46	414	128	S. A. Frigorífico Anglo
Selvagem (F-248)		8-5	24152	305	3.286	140,9	4,28	355	225	S. A. Frigorífico Anglo
Meada (G-159)		8-3	19132	298	3.206	136,9	4,27	412	161	S. A. Frigorífico Anglo
Preguiça (2435)		5-9	31237	277	3.069	128,2	4,17	336	216	S. A. Frigorífico Anglo
Serrinha (F-169)		9-11	20771	278	2.826	114,7	4,05	386	167	S. A. Frigorífico Anglo
Galatina (6053)		—	15944	277	2.724	120,4	4,41	412	140	S. A. Frigorífico Anglo
Paraquada (6240)		8-3	22720	223	2.588	99,7	3,85	312	186	S. A. Frigorífico Anglo
Floriana (B-362)		7-3	25541	247	2.495	112,5	4,50	410	112	S. A. Frigorífico Anglo
Ortencia (E-323)		6-1	29135	236	2.135	90,3	4,23	387	124	S. A. Frigorífico Anglo
Gaviola (B-196)		10-4	18683	228	1.904	88,2	4,63	348	155	S. A. Frigorífico Anglo
Brincalhona (3410)		5-1	32181	197	1.755	77,0	4,38	407	65	S. A. Frigorífico Anglo
Ciranda (H-368)		5-4	29829	209	1.552	62,3	4,01	291	193	S. A. Frigorífico Anglo
Mandraca (6387)		7-6	28143	101	1.127	44,5	3,94	318	58	S. A. Frigorífico Anglo

RAÇA GIR

Três ordenhas (3x)

CLASSE E — De 6 anos e mais.										
Fazenda de Brasília — D-7808 — LE	RE	—	25179	305	3.622	197,2	5,44	361	219	Rubens R. Peres

Dois ordenhas (2x)

CLASSE CS — De 4 ½ a 6 anos.										
Gaveta A. de Brasília — J-4516 — LE	RE	4-6	36058	305	3.236	160,9	4,97	397	183	Rubens R. Peres
Gazela de Brasília — M-6505 — LE	RE	4-6	36057	305	2.892	149,9	5,56	399	181	Rubens R. Peres
CLASSE E — De 6 anos e mais.										
Fabina A. de Brasília — M-6492 — LE	RE	8-0	31829	305	3.067	168,8	5,50	357	223	Rubens R. Peres
Erica de Brasília — G-6528 — LE	RE	6-1	32942	237	2.327	145,3	6,24	404	108	Rubens R. Peres

II DIVISÃO — LACTAÇÕES ATÉ 305 DIAS — TRÊS ORDENHAS (3x)

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord. kg	%		
CLASSE AJ — Até 2 ½ anos.									
J. D. M. Sorais — 5P-D3/923	PO	2-4	36459	365	4.663	172,8	3,70		Junqueira Dias
CLASSE AS — De 2 ½ a 3 anos.									
Marjan Tolita I. Hada — B27825 — LM	PO	2-9	36519	309	6.053	230,5	3,80		Olinto Marques de Paulo
Bond Haven S. S. C. — B28528 — LM	PO	2-9	36278	353	5.449	214,4	3,93		Joaquim Peixoto Rocha
Bond H. R. M. Grace — B27980	PO	2-6	36812	234	3.996	157,9	3,95		Olinto Marques de Paulo
Oriente J. Crisscross — B20324	PO	2-7	35735	274	3.842	150,2	3,90		Antonio Mascoso
S. M. Abby H. P. Pride — B27909	PO	2-7	35998	257	3.094	121,9	3,94		Dario Freire Meiralles
CLASSE BJ — De 3 a 3 ½ anos									
Willow T. Ivan L. Granny — B26730	PO	3-5	33629	359	3.687	138,3	3,75		Clea de Castro e Machado
Faraway A. Elite — B26738	PO	3-4	33627	315	3.349	102,9	3,07		Clea de Castro e Machado
CLASSE BS — De 3 ½ a 4 anos.									
Faraway Vic Rosie — B2662B	PO	3-8	32324	275	6.730	212,8	3,16		Joaquim Peixoto Rocha
Enghill P. Paarl — B26309	PO	3-10	33863	329	5.810	176,5	3,03		Joaquim Peixoto Rocha
Alpine BR P. M. Air — 7242833	PO	3-11	32904	365	5.770	175,1	3,03		Clea de Castro e Machado
Webotuck C. Besty — B26681	PO	3-9	33761	365	4.862	145,3	2,98		Clea de Castro e Machado
Freebrook I. Ideal — B26625	PO	3-11	32900	348	4.766	181,1	3,79		Clea de Castro e Machado
Marry Air C. Ross — B26644	PO	3-11	32893	365	4.672	163,3	3,49		Clea de Castro e Machado
Osunmit Jewel C. Sooth — B26657	PO	3-9	32892	351	4.444	159,7	3,59		Clea de Castro e Machado
Fleetridge H. Mayda — 1P-B26693	PO	3-8	33359	358	4.432	142,3	3,21		Clea de Castro e Machado
Wellsland O.A.P. Helene — B26641	PO	3-10	32651	339	4.391	152,9	3,48		Clea de Castro e Machado
Bardins Farm Dee A. Sharon — B26624	PO	3-11	33765	345	4.309	147,8	3,42		Clea de Castro e Machado
Oakcrest R. S. Patsy — B26663	PO	3-10	32258	364	4.150	146,1	3,52		Clea de Castro e Machado
Matherwfield H. Jill — 7422949	PO	3-9	33766	345	3.251	123,1	3,78		Clea de Castro e Machado

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	N° SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.								
Bond H. M. S. Beauty - B25273	PO	4-5	34168	316	5.884	211,3	3,59	Olinto Marques da Paulo
Glenafon Showgirl Joy	PO	4-2	33724	333	4.194	150,5	3,58	Olinto Marques da Paulo
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.								
Enghill Rockman Cary - LM	PO	4-9	32928	365	7.692	334,6	4,35	Olinto Marques da Paulo
Werrcroft M. Molly - LM	PO	4-7	32589	296	7.216	255,7	3,54	Milton Pannain
Demerts Rosanna 416R1579-B22324	PO	4-11	29480	183	3.168	96,5	3,04	Fernando Alencar Pinto S/A
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Sling Margriet 12 Car.-9528 - LM	GC1	5-10	36227	365	8.944	346,4	3,86	Antonio Carlos Nunes
Hedgesfarm C. Barbie - B22155 - LM	PO	5-2	26482	287	7.430	270,3	3,63	Antonio Moscoso
J. D. Ditadora - LM	PO	6-1	25764	365	6.865	269,4	3,77	Junqueira Dias
Rest. Son C. C. Mend - B22063 - LM	PO	5-10	25696	295	6.427	248,9	3,87	Antonio Moscoso
Nogales T. Alpha - HBA/085191 - LM	PO	6-5	32407	365	6.393	253,7	3,96	Administradora Prince S/A
S. E. Sagr. Elmcroft's - 076258 - LM	PO	7-11	32405	365	6.365	261,6	4,11	Administradora Prince S/A
S. Q. Formosa C. Xaura - B18/7456LM	PO	14-2	9892	365	5.847	231,5	3,95	Pecuária Anhumas S/A
Alamos - B20996	PO	6-4	26251	331	5.533	221,3	4,00	Fernando Alencar Pinto S/A
Quarenta do Engenho - 10171	PC	7-6	23492	314	4.949	180,5	3,64	Junqueira Dias
Linmack Aberta - B22894	PO	6-0	29646	265	4.566	158,2	3,47	Joaquim Peixoto Rocha
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.								
Kate G. Posse - 71977 - LM	PC	2-6	36343	365	6.082	206,4	3,39	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Julia J. F. do Pau D'Alho - GH8/99LM	GH8	2-0	36371	351	5.160	186,9	3,62	Jacob Rosier Dutilh
Garrucha Posse - 71976 - LM	PC	2-3	36196	346	4.704	188,8	3,97	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Arap. C. Pietje 11 - B30220	PO	2-3	37034	365	4.592	156,6	3,40	L. Noordergraaf - Arapoti
Atlas Debutante - B29830 - LM	PO	2-4	36201	362	4.364	172,5	3,95	Atlas Agro-Pecuária Ltda.
Cast. C. Alto Reflection - B29985	PO	2-5	35646	278	4.236	130,6	3,08	Lucas Salomons
Arap. de J. L. R. Apple - B20162	PO	2-5	36242	346	4.146	149,1	3,59	C. de Jonge - Arapoti
Cast. Juliana Ester 1 - B23983	PO	2-1	36296	356	3.853	132,9	3,45	H. H. Rabbers
Cast. Fini Martha 46 - B29965	PO	2-1	35746	296	3.813	140,7	3,69	Jan Herman Groenwold
Glenafon T. Maud - B28517	PO	2-3	36603	309	3.722	145,4	3,90	Manuel Pontes Neto
J. P. R. Dernier - B29197	PO	2-2	36281	356	3.484	125,3	3,59	Joaquim Peixoto Rocha
Lady Crissiner 359 - B29293	PO	2-1	36486	340	3.265	126,7	3,87	Joaquim Peixoto Rocha
Eplanada de Itapemirim	3/4	2-4	36926	231	3.087	136,3	4,41	Deimora Borges
Hia. Margriet Vera 4-5096	GC1	2-0	35640	160	2.105	68,1	3,23	H. de Boer
Jang. Luzia M. t. D. Mark - B28028	PO	2-5	35767	186	2.088	77,2	3,69	Fernando Alencar Pinto S/A
Hia. Carter Dora - 14794	GC1	2-0	35638	157	1.953	65,9	3,37	H. de Boer
Hia. Djk J. 28-17934	31/32	2-1	35639	130	1.502	56,1	3,67	H. de Boer
Cast. M. Wilma 30 - B30757	PO	1-11	35649	103	1.493	53,3	3,56	H. de Boer
CLASSE AB - 2 1/2 a 3 anos.								
Froudale R. Grac. - B30295 - LM	PO	2-8	36203	365	5.982	236,7	3,95	Cia. Adm. Tec. e Agr. Arapoti
Godola B. M. Posse - 71972 - LM	PC	2-10	36194	365	5.665	224,8	3,96	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Dec. Orquidea S. R. Master - B32059LM	PO	2-10	36514	365	5.526	213,2	3,85	José Peres de Oliveira
Guarap. M. Mendinga - B30331 - LM	PO	2-6	36512	337	5.292	187,2	3,53	Coml. Agro-Pec. Heliomar Ltda.
Moguita Pet. Guarap. - 74267 - LM	PC	2-8	36513	328	4.926	179,0	3,63	Coml. Agro-Pec. Heliomar Ltda.
Arap. de J. L. Arlinda - B28604 - LM	PO	2-10	37035	307	4.900	177,5	3,62	C. de Jonge - Arapoti
Branquinha 113 LIB Laura - B28137	PO	2-8	35892	361	4.550	154,5	3,39	Roberto Cordeiro
S. Q. Recordita P. Formosa - B30101	PO	2-8	36525	335	4.265	142,5	3,34	Pecuária Anhumas S/A
SMP P. Gralha A. Pinay - B31636	PO	2-6	36342	344	3.821	154,4	4,03	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Donzela - 36970	PC	2-6	36123	364	3.526	130,3	3,69	Atlas Agro-Pecuária Ltda.
Dec. Soneca F. - Niner - B17643	PO	2-6	35716	220	3.229	101,6	3,14	José Peres de Oliveira
Muis 262 - B30134	PO	2-8	36453	365	3.196	134,8	4,21	Inst. Ext. Pex. S. Holambra II
Arap. Primavera Tea 6 - 16522	GC1	2-10	35527	263	3.141	113,8	3,62	J. Kok - Arapoti
Lorena de Morada Nova	NR	2-10	36177	365	2.727	107,2	3,93	Flavio C. B. Gutierrez
Par. Simbolista Mag. - B31406	PO	2-8	36804	308	2.726	114,9	4,21	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Malena 351 R. Laurel - 47862	PO	2-10	35503	225	2.581	102,5	3,97	Cia. Agro. Faz. Sta. M. da Posse
Corista de Morada Nova	NR	2-11	36353	365	2.317	91,6	3,95	Flavio Castelo B. Gutierrez
Opera de Morada Nova	NR	2-9	36357	365	2.012	85,9	4,27	Flavio Castelo B. Gutierrez
São Quirino R. 3 - 70356	PC	2-8	35789	153	1.518	55,8	3,67	Pecuária Anhumas S/A
Jang. Lisa Emilia t. D. Mark	PO	2-7	35824	113	1.229	42,8	3,48	Fernando Alencar Pinto S/A
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
S. H. Circo 1 Arlinda 49 - 67278 - LM	PC	3-5	36419	365	5.650	182,1	3,22	Cia. Adm. Tec. e Agr. Arapoti
Arap. Bronkhorst Margriet 8 - 13904	GC1	3-5	34307	333	5.425	170,9	3,15	N. A. Bronkhorst - Arapoti
Glenafon C. Corless - B28177 - LM	PO	3-1	35714	365	6.379	194,0	3,60	Luiz Carlos M. Lassance
Cuba Coração - 14134	PC	3-3	31757	365	4.862	185,2	3,39	Rubens V. de Brito
Arap. B. Grietje 11 - RP/4035	GC1	3-5	35754	257	4.799	154,0	3,21	N. A. Bronkhorst - Arapoti
Jang. Ajuaba Promis - B27106	PO	3-4	32841	337	4.318	157,6	3,64	Fernando Alencar Pinto S/A
Durwick B. Hansal - B26721	PO	3-2	32625	301	4.117	154,8	3,76	Joaquim Peixoto Rocha
A. F. Fortaleza Hipotesis - B27200	PO	3-2	32718	225	3.178	102,8	3,23	Adm. Campo Grande Ltda.
Pita 21 A. Sta. Lucia - 9947	PC	3-3	34198	237	2.422	91,0	3,75	Vivecos Vieira S/A
Jang. Julipa M. Dean - B27008	PO	3-1	32832	148	1.896	67,5	3,58	Fernando Alencar Pinto S/A
Hia. Bur Jokje 38 - 15208	31/32	3-1	35641	130	1.747	70,9	4,05	H. de Boer
Farina Willy's de S. A. - 68503 - LM	PC	3-11	36209	330	8.866	305,2	3,44	Vasco Mill Homens Arantes
Enghill R. Meris - B25316 - LM	PO	3-11	34507	353	6.860	263,9	3,84	Luiz Carlos M. Lassance
Atwood M. Vicky - B26707 - LM	PO	3-6	33577	385	6.112	247,4	4,04	Joaquim Peixoto Rocha
By Pond G. Raven - B26658 - LM	PO	3-11	33573	365	6.028	208,1	3,45	Joaquim Peixoto Rocha
S. Q. Quertelada M. Jur. - B25209-LM	PO	3-10	33637	323	5.362	192,3	3,58	Pecuária Anhumas S/A
Faxina Maria Thereza - B25423 - LM	PO	3-11	33903	385	5.183	187,3	3,61	Margarida Polak Lara

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N° SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord kg		
Campista de Sta. Helena - LM	1/2	3-7	34173	357	5.157	216,1	4,19	Ryve Campos Barbosa
Carwytham B. E. Fern. - B26706	PO	3-8	33586	326	4.995	168,2	3,36	Joaquim Peixoto Rocha
Decampinas Santana - B27622- LM	PO	3-6	33787	334	4.939	185,1	3,74	José Peres de Oliveira
Hia. Jager Evita 3-9593	GC1	3-11	33527	209	4.903	177,2	3,61	Cia. Coml. e Indl. Brasil
S. H. Jordania 1 Fayne - 67294 - LM	PC	3-11	36418	365	4.846	203,7	4,20	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Gr. V. Guarã C. 1 Rocket - B27264-LMPO	3-6	3-6	36487	365	4.772	185,8	3,89	Joaquim Peixoto Rocha
Gladtime L. Pasbst - B26640	PO	3-11	32259	365	4.740	148,7	3,13	Clea de C. e Machado
Hia. Conde B. 10-19039	GC2	3-8	32493	299	4.530	169,7	3,74	Irmãos Noordegraaf
Faxina Virginia - B25422	PO	3-10	34127	365	4.390	180,2	4,10	Margarida P. Lara
Hia. Drentina Ina 3-15118	15/16	3-11	30823	223	3.766	133,1	3,53	Jan H. Groenwold
R. Bonheur Becki - B28305	PO	3-9	33957	331	3.696	121,2	3,27	Fernando Alencar Pinto S/A
Cast. Bur Aaltje 112 - B30734	PO	3-7	33668	251	3.115	116,8	3,74	H. de Boer
Jang. J. Master Dean - B24908	PO	3-8	32549	203	2.555	104,3	4,08	Fernando Alencar Pinto S/A
São Quirino Q 4 - 70494	PC	3-8	35785	166	2.306	73,6	3,19	Pecuária Anhumas S/A
Fantasia 49 de Itapemirim	1/2	3-7	34866	199	2.172	82,7	3,80	Deimore Borges
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.								
Monje E. C. Ideal - B25346 - LM	PO	4-0	32749	361	6.099	193,9	3,17	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Kim Talla 8 Cuando - B25407 - LM	PO	4-1	34505	358	5.988	224,1	3,74	Luiz C. M. Lassance
Macs C. Jumper - B26627	PO	4-1	33340	329	5.369	190,7	3,55	Joaquim Peixoto Rocha
Pecorañale Pride Rae - B26623	PO	4-2	30862	328	5.109	163,8	3,20	Joaquim Peixoto Rocha
Rabanada de Sta. Helena - LM	1/2	4-5	34172	350	4.961	193,5	3,89	Ryve Campos Barbosa
Bandida Atlas - 70606	PC	4-4	36120	361	4.742	166,1	3,50	Atlas Agro-Pecuária Ltda.
J. P. R. Cristi - B24915	PO	4-2	30611	317	4.552	171,2	3,76	Joaquim Peixoto Rocha
M's Victor F. Row 5 - B25394	PO	4-5	30223	307	4.537	156,5	3,44	Fernando Alencar Pinto S/A
Deyse 240 Sta. Cruz Escalvado	PC	4-3	33918	365	4.492	174,1	3,87	Fernando Magalhães
Danusa 221 Sta. Cruz Escalv. 8021	PC	4-3	33919	365	4.259	162,8	3,82	Fernando Magalhães
Dalla	PO	4-0	33439	291	3.875	145,1	3,74	Lair Antonio de Souza
Dançarina Coração - 14136	PC	4-4	32319	326	3.760	138,0	3,66	Rubens V. de Brito
Kenkolk Pride Kate - B27420	PO	4-0	34058	365	3.663	138,5	3,78	Clea de Castro e Machado
A. F. Fortaleza Georgia - B24529	PO	4-3	34604	365	2.774	91,7	3,30	Adm. Campo Grande Ltda.
Arap. Conde Sita 9 - B25898 (1)	PO	4-2	31785	194	2.700	96,8	3,58	L. Noordegraaf - Arapoti
Espuma - 63215	PC	4-3	35733	288	2.621	99,8	3,80	Agro-Pec. Primavera Ltda.
São Quirino P. 54 - 70360	15/16	4-3	32610	155	2.316	80,3	3,46	Pecuária Anhumas S/A
Par. Passadeira Luebke - B26354	PO	4-0	35688	248	2.303	84,1	3,65	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Par. Pena Fidalgo - B26356	PO	4-1	35929	220	1.663	59,0	3,54	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Encontrada - 63185	PC	4-0	32820	209	1.606	63,2	3,31	Agro-Pecuária Primavera Ltda.
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.								
S. Nicolau Grauna 1 Adonis - B24871-LMPO	4-8	4-8	29944	359	9.439	292,8	3,10	Cabaña São Nicolau
Roland 1618 G. M. - B24463 - LM	PO	4-11	30496	327	9.152	289,7	3,16	Irmãos Rabbers
Roland 1614 Diana M. - B24462 - LM	PO	4-9	29509	343	8.581	277,8	3,23	Irmãos Rabbers
Kim Cholita 8 Cuando - B25404 - LM	PO	4-10	34502	351	6.999	269,2	3,84	Luiz C. M. Lassance
Ch. P. B. P. 423 Car. - 71362 - LM	GC2	4-8	32540	365	5.291	210,5	3,97	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
13 de Abr. 395 3 Marias - B25331	PO	4-8	33732	353	5.154	181,9	3,52	Luiz Fernando Moraes Rego
Princesa 314 - 63293	PC	4-8	32339	273	5.100	192,2	3,76	Fernando Magalhães
Cast. S. A. Martha 4 - B28364	PO	4-7	33454	223	4.998	174,9	3,49	Cia. Coml. e Indl. Brasil
Mil - Co 38 Perdida 2 Chumbo - B26746	PO	4-8	36154	352	4.799	179,0	3,72	Claudio V. Roberti
Arap. Anba Renske 70 - B23615	PO	4-6	32282	265	4.662	170,6	3,65	B. Koopman - Arapoti
Jang. Iara D. Fayne - B23563	PO	4-11	29958	317	4.466	169,1	3,78	Fernando Alencar Pinto S/A
Jandaia Mentor Grarap. - 60013	PC	4-10	31792	311	4.438	183,9	4,14	Coml. Agro-Pec. Heliomar Ltda.
Jang. Ingrid Lucifer - B23660	PO	4-11	30466	338	3.893	158,4	4,06	Fernando Alencar Pinto S/A
Arap. Conde Etske 4 - B24360 (1)	PO	4-11	29726	182	3.864	123,6	3,19	L. Noordegraaf - Arapoti
S. M. Helgoland W. - B23576	PO	4-7	33751	187	3.675	123,1	3,34	Agro-Pec. Lutfalla S/A.
Amazonas Mr. Iara - 6988	PC	4-11	31656	249	3.557	129,9	3,65	Fernando Magalhães
Par. Parafina Magnifico	PO	4-10	29874	365	3.476	128,6	3,69	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Cast. Harm Wiersma 11 - B23070	PO	4-7	26774	147	2.938	109,5	3,72	H. Rabbers
Leber Mina - 58959	PC	4-11	32935	255	2.846	111,8	3,92	Lair Antonio de Souza
Roland 1592 L. Mirta - B24457	PO	4-7	32497	139	2.836	96,0	3,38	H. Rabbers
Marilu de Sta. Lucia	1/2	4-10	35884	258	2.751	106,5	3,87	Vivacqua Vieira S/A
Car. Sling. Wietske 2 - B23225	PO	4-7	35755	163	2.717	100,4	3,69	A. Kok - Arapoti
Analandia - 57984	PC	4-7	32678	255	2.693	115,4	4,28	Rubens V. de Brito
Foca de Morada Nova	NR	4-10	32208	284	2.596	93,8	3,61	Flavio C. B. Gutierrez
Jang. Haidee F. D. Mark - B23554	PO	4-9	32050	136	2.231	93,9	4,20	Fernando Alencar Pinto S/A
Roland 1582 Prov. Ref. - B24454	PO	4-9	29516	82	2.025	73,7	3,64	Harm Rabbers
Dunlea de Morada Nova	NR	4-10	36354	338	1.897	67,4	3,55	Flavio C. B. Gutierrez
São Quirino P. 27 - RP/30649	PC	4-6	31213	173	1.825	52,3	2,86	Pecuária Anhumas S/A
Cica de Morada Nova	NR	4-6	34436	365	1.758	83,8	4,76	Flavio C. B. Gutierrez
Roland 1554 L. Inka - B24446	PO	4-10	29517	110	1.624	50,2	3,08	Harm Rabbers
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
ST. Angela's Viol. S. - B23000 - LM	PO	7-0	23691	357	8.795	288,0	3,27	Cabaña São Nicolau
Angle T. Terry - B28148 - LM	PO	6-1	32513	365	8.608	290,5	3,37	Manuel Pontes Neto
S. A. Dacia D. Wayne - 58624 - LM	PC	5-2	36210	352	8.035	268,3	3,33	Vasco Mil Homens Arantes
Cast. Fini Klazina 7 - B19921 - LM	PO	7-3	24298	365	7.608	266,2	3,49	Jan Herman Groenwold
Kim Bonita 4 Carol - B25398 - LM	PO	5-7	34506	353	7.089	275,7	3,88	Luiz Carlos M. Lassance
Hia. Fini M's Elisabeth 34-9863 - LM	31/32	6-7	25131	365	7.068	234,0	3,31	Jan Herman Groenwold
Roland 1473 L. Inka - B24429 - LM	PO	6-0	29510	330	6.867	200,0	3,20	Irmãos Rabbers
13 de Abr. 161 R.V.Paine - B20208-LMPO	7-0	7-0	25248	365	6.822	229,1	3,35	Benedito J. S. de M. Pati
Jang. Florida D.M. - B17552 - LM	PO	7-10	19313	365	6.528	242,2	3,71	Fernando Alencar Pinto S/A
Sant. Alada S. Ajax - B18756 - LM	PO	8-7	20726	361	6.290	250,4	3,98	Helio Moreira Salles
Emetea Lila 2 I. 2 Sover. - B18722-LMPO	8-2	8-2	23626	170	6.209	228,2	3,67	Vasco Mil Homens Arantes

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade emoz/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Laito kg	Coord. kg		
São Quirino K 103-42080	PC	9-5	17803	318	6.156	190,3	3,09	Pecuária Anhumas S/A
Arap. C. Sietske - 10431 - LM	31/32	11-7	16831	365	6.113	202,1	3,30	L. Noordgraaf - Arapoti
Morenita 40 C. M. Kay - LM	PO	7-2	24014	353	6.086	229,4	3,76	Helio Moreira Salles
L. C. Dee Trudy - B23356 - LM	PO	6-2	26400	362	6.084	214,4	3,52	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Riquessa Sta. Helena - LM	1/2	10-2	34169	359	5.977	250,0	4,18	Ryve Campos Barbosa
Roland 157B Parla Maud - B24451-LM	PO	5-1	30172	360	5.951	206,9	3,47	Lucas Salomons
Figura Cocib - 5901 - LM	31/32	6-0	32423	365	5.908	234,4	3,96	Luiz G. S. P. Mazzilli
Arap. de J. M. Centurion Rocket	NR	-	36334	321	5.801	191,2	3,29	C. de Jonge - Arapoti
Éta Michael de S. A. - 88551	PC	5-2	36720	247	5.792	199,0	3,43	Vasco Mil Homens Arantes
Cia. Cima Luciernaga 184 - LM	PO	7-0	24016	365	5.709	214,2	3,75	Helio Moreira Salles
Cinderela Sta. Helena - 53091	PC	7-4	33363	323	5.558	198,2	3,56	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Hia. Barca Fransko 15-9895 - LM	PC	5-2	27047	249	5.539	201,5	3,63	Cia. Com. e Ind. Brasil
Russia de Sta. Helena - LM	1/2	10-1	34170	365	5.437	225,8	4,15	Ryve Campos Barbosa
Per. Jatai Mona Galante - B15779	PO	9-10	19500	355	5.341	201,2	3,76	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Mirina Laura 6 SS	NR	-	36285	365	5.297	195,6	3,69	João Figueiredo Frota
Arap. Arragon Willie 3-10532	31/32	7-2	29335	361	5.280	181,5	3,43	H. Van Arragon - Arapoti
Hia. Barca Anje 12 - 2217	15/16	5-1	27051	247	5.261	190,8	3,62	Cia. Com. e Ind. Brasil
Hia. Drent. Zwaantje 3-13773	31/32	7-5	32494	353	5.188	179,1	3,45	Irmãos Salomons
S. O Nautica H. Her. - B21071	PO	6-10	24878	307	5.171	143,4	2,77	Pecuária Anhumas S/A
Corinthiana de Paraíba - 39555	PC	10-7	16414	365	5.165	179,3	3,47	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A
Hia. Fini Sneeuwvitje 2 - 6446	31/32	8-1	18286	296	5.154	174,0	3,37	Jan Herman Groenwold
Suipiro's Cotty 65 - B20248 - LM	PO	6-1	27155	365	5.103	218,6	4,28	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Galera de Sta. Helena	1/2	7-6	36395	318	5.100	205,2	4,02	Ryve Campos Barbosa
Par. Nordica F. Hope - B22337	PO	6-1	26076	365	5.087	181,4	3,56	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Jola Paga Guarapiranga - 600002	PC	5-1	30021	308	5.079	171,2	3,37	Com. Agro-Pec. Heliomar Ltda.
Primavera Lucrecia - B20248 - LM	PO	9-0	18912	340	5.030	185,9	3,69	Claudio V. Roberti
S. Abadia Apollo	NR	7-1	25556	365	5.028	189,1	3,69	Faz. Santa'Ana do R. Abaixo S/A
Par. Miami Texal - B17546	PO	7-5	24645	365	5.010	186,3	3,75	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
13 de Abr. Olli Carn. - B18784	PO	7-9	21752	365	4.935	187,4	3,79	Helio Moreira Salles
Aibala S. Helena - 53112	PC	7-5	29851	365	4.775	172,8	3,61	Cia. Adm. Tec. Agr. Atagri
Martona Primavera - 62235	PC	5-3	31292	307	4.703	165,4	3,51	Agro-Pec. Primavera S/A
Prima Medalist II C. A. B. - 45797	PC	9-10	18139	334	4.657	166,9	3,58	Col. Adv. Brasileiro
S. Q. L. 140 D. Damietta - B17326	PO	8-8	20573	316	4.617	122,5	2,65	Pecuária Anhumas S/A
Ontario H. Fairlea - B23714	PO	6-3	25948	305	4.612	153,9	3,33	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Granjera 576 I. Man-O-War - B24548	PO	6-5	34128	169	4.597	173,9	3,78	Vasco Mil Homens Arantes
E. Gerents 6 P. Reflector - B19695	PO	8-5	22646	168	4.578	191,5	4,18	José Pares de Oliveira
Monje D. F. Alpha - B23154	PO	7-1	26729	316	4.511	128,0	2,83	Pasquale Cascino
Santabri C. S. Salute - B20178	PO	8-3	24210	310	4.487	150,7	3,35	Benedito J. S. de M. Pati
Nebliha de S. Helena - 53038	PC	6-0	36206	361	4.463	158,4	3,54	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Cast. Conde Sita 6-B14145	PO	10-8	13041	365	4.457	170,1	3,81	L. Noordgraaf - Arapoti
Rainha de Sta. Helena	1/2	5-6	34171	366	4.415	171,7	3,68	Ryve Campos Barbosa
Par. Inedita E. Fidalgo - B15772	PO	10-2	16701	365	4.404	161,7	3,67	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S. Q. L. 42 Duke Quinta - B17312	PO	8-11	20118	312	4.371	139,3	3,18	Pecuária Anhumas S/A
Adollina 9 S. Pearl - B23269	PO	6-9	35278	294	4.316	153,1	3,54	Cia. Agr. Faz. Sta. M. da Posse
Finessa Sta. Helena - 45376	PC	8-11	22817	353	4.290	165,8	3,86	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Cast. Conde Sita 10 - B19913	PO	6-2	32776	263	4.265	132,3	3,10	L. Noordgraaf - Arapoti
São Quirino D. 67 - 54800	PC	5-4	26988	285	4.262	149,8	3,51	Pecuária Anhumas S/A
Sylvia 4477 Butuiretê - 71690	PC	5-7	30045	306	4.259	140,2	3,29	Pasquale Cascino
Cast. Conde Janet 4 - B16864	PO	8-3	18853	298	4.254	153,2	3,60	Irmãos Noordgraaf
Faxina Violeta - B25418	PO	5-6	32435	298	4.253	157,2	3,69	Margarida Polak Lara
Trabal Minister Cor. - B22268	PO	6-11	25769	365	4.237	176,8	4,17	Pasquale Cascino
Jang. Grauna Diamond - B21018	PO	6-3	25318	331	4.214	157,6	3,73	Fernando Alencar Pinto S/A
Cast. Altjo Jetske 55 - B15270	PO	9-4	19413	269	4.139	159,4	3,85	C. de Jonge - Arapoti
Cast. Fini Heringa 68 - B20090	PC	6-11	25129	279	4.131	143,6	3,47	Jan Herman Groenwold
Fairford N. Maple - B22888	PO	6-9	29258	345	3.985	139,6	3,50	Joaquim Peixoto Rocha
Achalay Lay J. Band. - B19562	PO	7-4	22905	156	3.978	113,8	2,86	José Pares de Oliveira
Hia. Orentina Thea - 13774	31/32	7-4	30286	224	3.974	140,7	3,53	Irmãos Salomons
Paraíso Luva Babat	PO	8-4	21534	365	3.870	138,3	3,52	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Karina 2ª de Paraíba - 50561	PC	7-4	24673	334	3.804	135,5	3,56	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A
S. A. Aramenha - 47950	PC	8-6	28398	152	3.792	125,3	3,30	Vasco Mil Homens Arantes
Estonia S. Helena - 53092	PC	10-1	34223	312	3.773	135,1	3,57	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Colantha Man Of Rocket - B23979	PO	8-5	36295	328	3.683	146,8	3,98	H. H. Rabbers
Vitoria de Itabira	15/16	8-1	32194	267	3.682	151,4	4,11	Deimora Borges
Roland 1395 M. Laura - B24425	PO	5-10	29518	153	3.604	121,4	3,36	Harm Rabbers
Arapoti A. Houkja 2-3133	31/32	9-7	22103	226	3.585	127,6	3,55	H. Van Arragon - Arapoti
Par. Ogenia Fidalgo - 57100	PC	5-7	28765	317	3.579	126,9	3,54	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Cast. Margriet Minke 42	NR	-	35637	176	3.568	121,5	3,40	H. de Boer
Hig. Marg. Naachtegraaf 7-4009	15/16	9-0	25733	174	3.544	123,7	3,49	H. de Boer
Par. Licença Exotico - B16667	PO	8-5	23485	327	3.535	129,6	3,66	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Odeasa	NR	-	35636	304	3.489	136,1	3,89	Benedito José Corrêa
Primavera de Itapemirim	3/4	7-6	25407	230	3.313	152,7	4,60	Deimora Borges
Cinderela de Itapemirim	1/2	8-11	29449	200	3.305	131,9	3,98	Deimora Borges
Copacabana Romance - 43233	PC	8-9	26184	352	3.303	135,1	4,09	Antonio I. Pupo
Jang. Harmoniosa F. D. Mark - B21653	PO	5-2	26833	200	3.229	116,8	3,58	Fernando Alencar Pinto S/A
Guarina 979 Sta. Const. - 11250	7/8	5-10	34549	247	3.177	120,5	3,79	S. A. Cortume Carioca
Noturna de Itapemirim	7/8	10-10	25410	237	3.168	143,8	4,53	Deimora Borges
Nata Top H. P. Tania - B14191	PO	10-11	15289	294	3.164	113,3	3,58	Eduardo J. de Faria
Cast. Harm Wiersma 1 - B15176	PO	9-9	14327	159	3.113	112,1	3,60	Harm Rabbers
Arap. Primavera Meta 3 - 10482	GC1	5-2	27468	175	3.098	119,3	3,85	Emílio C. K. - Arapoti

NOME DO ANIMAL	Gráu de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord kg		
Nobreza de Itapemirim	1/2	6-5	26567	203	3.097	128,9	4,16	Deimora Borges
Normalista I. Marksmann	1/2	5-9	34201	195	2.977	124,3	4,17	Deimora Borges
Par. Leviana Exotico - 816668	PO	8-1	21136	179	2.927	102,5	3,50	S. A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Maringá de Itabira - 3401	7/8	8-9	25408	198	2.874	116,0	4,03	Deimora Borges
Bandeira de Itabira	NR	5-11	27588	228	2.853	127,0	4,45	Deimora Borges
Jardim Euvira - 819637 (2)	PO	6-11	29865	162	2.818	96,3	3,41	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
Sta. Helena Jandaia - 57274	PC	5-7	32598	184	2.768	114,6	4,14	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Hia. Marujo Lena 2 - 6372	31/32	8-4	37116	159	2.762	91,8	3,32	H. de Boer
Hia. Bur Sietsche 4 - 4010	31/32	9-7	15211	147	2.725	94,0	3,43	H. de Boer
Porcelana Coração - 14137	PC	-	35295	290	2.674	101,0	3,77	Rubens V. de Brito
Rafaelinos Dominio Inka - 822316	PO	5-5	28433	205	2.659	84,8	3,18	Fernando Alencar Pinto S/A
Chupeta do Jaguar - 58284	PC	5-11	26185	358	2.636	86,3	3,27	Antonio Ignacio Pupo
São Quirino M 19 - 47190	PC	7-7	21014	153	2.525	77,7	3,07	Pecuária Anhumas S/A
Moranga	NR	9-0	35299	146	2.422	89,5	3,69	S. A. Cortume Carioca
Par. Lapidada Exotico - 49276	PC	8-2	32608	185	2.410	86,1	3,57	S. A. FAZ. Paraíso Agro-Pec.
Poema de Morada Nova	NR	5-10	32074	334	2.359	95,4	4,04	Flavio Castelo B. Gutierrez
Cast. Harm. Maartje 50 - 821399	PO	5-1	29106	124	2.329	91,0	3,90	Harm Rabbers
Fruteira 197 de Itabira - 4494	1/2	5-6	29161	120	2.136	86,4	4,04	Deimora Borges
Hia. M. A. Glas Juliana - 8-5743	31/32	9-4	35268	144	2.119	68,7	3,24	H. de Boer
Hia. Marujo Elza 3 - 6366	31/32	9-5	28854	101	2.044	65,1	3,18	H. de Boer
Roland 1039 ABC. Diana - 817808	PO	9-2	29530	110	1.861	74,3	3,99	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Cast. Marujo Siske 6 - 815995	PO	9-0	19425	135	1.828	63,9	3,49	H. de Boer
Baronesa J. B.	NR	-	35770	89	1.596	53,1	3,32	Urbano Junqueira Andrade
Hia. Exc. Zwartkop 1 - 3617	31/32	10-6	15772	87	1.527	50,4	3,30	Irmãos Salomons
Cast. Marujo Harmans 15 - 821413	PO	6-1	37114	113	1.285	53,9	4,19	H. de Boer
Veluda de Itapemirim	3/4	8-4	30860	89	1.258	49,2	3,91	Deimora Borges

RAÇA HOLANDÊSA - variedade vermelha e branca.

Três ordenhas (3x)								
CLASSE AJ - Até 2 ½ anos.								
Comarca Noble de Sant'Ana - 6738	GC2	2-5	36284	359	4.437	177,7	4,00	Amílcar Farid Yamin
Beta II - 76742	PC	2-1	36480	347	4.405	146,1	3,31	Amílcar Farid Yamin
Nuança Sov. da Marambaia - 68425	PC	2-5	35327	239	2.339	86,0	3,67	José Sylvio Magalhães
CLASSE AS - De 2 ½ a 3 anos.								
Sylvia M. Ned S. M. P. - 73041 - LM	PC	2-6	36676	365	6.848	257,1	3,75	Antonio C. H. V. Almeida
Escultura N. Sant'Ana - 6749	GC3	2-7	36283	365	6.509	242,5	3,72	Amílcar Farid Yamin
Betina's H. P. Gultarra - 79076 - LM	PC	2-8	36211	365	6.024	226,2	3,75	Pedro Conde
Galv's Japonesa - RP/8840 - LM	PC	2-8	36275	365	5.901	205,3	3,47	Pedro Conde
Keridale Attrac. S. Red - LBB - 149	PO	2-7	36328	266	3.217	119,6	3,71	José Sylvio Magalhães
CLASSE BJ - De 3 a 3 ½ anos.								
Marraca Mauro - 79038	PC	3-3	36481	365	5.555	195,1	3,51	Amílcar Farid Yamin
Miragem Mauro - 79054	PC	3-2	36477	314	4.143	134,5	3,24	Amílcar Farid Yamin
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos.								
Roseira's Flicka - BB - 2428 - LM	PO	3-7	32874	362	6.636	241,5	3,63	Roberto F. Cantusio
Jogata H. da Marambaia - 62817	PC	3-10	32026	227	2.261	83,6	3,69	José Sylvio Magalhães
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos.								
Lucalia N. Sant'Ana - RP/2591	GC3	4-0	33463	362	7.241	250,1	3,45	Amílcar Farid Yamin
Pauliceia N. de Sant'Ana - 7045	GC1	4-0	32107	318	5.366	192,3	3,58	Amílcar Farid Yamin
Marinha Mauro - 79053	PC	4-3	36478	324	4.398	141,9	3,22	Amílcar Farid Yamin
Apodis do Morro Alto - 61605	PC	4-4	34365	329	3.921	148,4	3,78	João Passarelli
Mar. Ruth T. Jack - BB - 2281	PO	4-0	32026	305	3.542	138,0	3,89	José Sylvio Magalhães
Colorada N. de Sant'Ana - RP/2633	GC1	4-2	33884	307	3.520	131,1	3,72	Gabriel Dias Pereira
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos.								
Betina's L. N. Esperta - RP/7317 - LM	PC	4-7	30726	365	7.321	253,9	3,46	Pedro Conde
Cristal L. M. Jarina - 61601 - LM	PC	4-10	29578	327	5.897	226,5	3,84	João Passarelli
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Ridgewood R. R. Amy 2 - BB - 2140LMPO		5-8	29198	365	9.299	279,9	3,01	Pedro Conde
Patrulha de Sant'Ana - 59014 - LM	PC	5-6	26423	365	6.860	236,0	3,44	Pedro Conde
Sapucaia S. H. - 58397	PC	6-9	25590	359	6.248	210,8	3,37	João Passarelli
Mar. Rafia Paganini - BB - 1941 - LM	PO	6-0	26411	329	5.917	226,3	3,82	João Passarelli
Betina's L. N. Condessa - 53810	PC	8-4	22832	285	5.579	203,6	3,64	Pedro Conde
Lilydale Martha 67 Th - BB - 2144	PO	5-1	27595	303	4.795	175,4	3,65	José Sylvio Magalhães
Mar. Ribalta Royal - BB - 1944	PO	5-6	27345	243	4.140	148,1	3,57	José Sylvio Magalhães
Mar. Parola Royal - BB - 1485	PO	8-6	17606	283	3.607	133,4	3,69	José Sylvio Magalhães
Sta. Cecília Monica - BB - 1404	PO	9-11	18463	223	3.089	104,6	3,38	Roberto F. Cantusio

Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - Até 2 ½ anos.								
S. A. Graziela F. M. - RP/9216 - LM	PC	2-3	36673	306	7.114	243,8	3,42	Vesco Mil Homens Arantas
Woodhouse Ann B. R. - LBB - 175 - LMPO		2-1	36536	356	6.107	190,7	3,73	Espolio A. B. Mello
Ridges-Wood R. C. - Red-BB2913 - LM	PO	2-3	36534	358	4.498	168,9	3,75	Espolio A. B. Mello
E. S. Juliana P.S. Sebert. BB - 2827	PO	2-3	36346	366	4.058	141,6	3,47	Eduardo Simonsen
Ridges - Wood Lukes B. R. - BB-2912 - LMPO		2-3	36533	365	3.927	153,2	3,90	Espolio A. Barbosa Mello
E. S. Jasonia R. S. Seb. RP/8967 - LM	PC	2-1	36347	365	3.817	159,9	4,19	Eduardo Simonsen
Indiferença R. Marambaia - 10416	GC3	2-3	36219	326	3.266	137,1	4,19	José Sylvio Magalhães
Lisura de Morada Nova	NR	2-5	36383	366	2.056	83,3	4,05	Flavio C. B. Gutierrez

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias da lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE AS - De 2 ½ a 3 anos.								
S. N. Lee Reflection-BB-2637 - LM	PO	2-7	35990	347	7.489	241,0	3,21	Cabaña São Nicolau
São Simão de Danuza - BB - 2589	PO	2-10	36457	320	3.169	129,8	4,09	Antonio de Toledo L. Netto
Alva de Morada Nova	NR	2-6	36361	365	2.394	80,6	3,36	Flavia Castelo B. Gutierrez
CLASSE BJ - De 3 a 3 ½ anos.								
E. S. Japonesa P. S. Seb. BB-2623	PO	3-0	34925	209	2.444	106,1	4,34	Eduardo Simonsen
F. S. Látitude de Engelo - BB - 2491	PO	3-4	36482	365	2.124	94,8	4,46	Fernando José Santos
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos.								
Juventude R. da Mar. - 11923 - LM	GC1	3-9	38465	317	4.181	168,0	4,01	José Sylvio Magalhães
São Simão de C. - 3P-BB-1742	PO	3-11	33420	365	3.275	152,8	4,66	Antonio de Toledo L. Netto
E. S. Irajá - BB-2497	PO	3-7	32314	228	3.089	111,4	3,60	Eduardo Simonsen
Groenvalle R. G. - LBB-107	PO	3-6	32665	195	2.614	102,3	3,91	José Theophilo F. da Silva
F. S. Lontra Engelo - BB- 2490	PO	3-8	36484	342	2.371	102,4	4,33	Fernando José Santos
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos.								
Fartura C. Machiel - 68521 - LM	PC	4-4	36349	323	7.414	251,7	3,39	Vasco Mil Homens Arantes
S. N. Elza XXX R. - BB2 - 1181 - LM	PO	4-2	32456	358	6.897	256,5	3,71	Cabaña S. Nicolau
Moderna Mauro - 73132 - LM	PC	4-4	36677	365	6.020	183,1	3,04	Antonio C. R. V. Almeida
José Moreira - 61900 - LM	PC	4-3	30124	297	5.372	183,7	3,42	Valentim dos Santos Diniz
Emaltina I. do Mar - 69291 - LM	PC	4-2	36773	330	4.896	181,6	3,71	João Passarali
Borinbak C. Daisy - LBB-40-LM	PO	4-4	29560	336	4.472	173,0	3,86	José Sylvio Magalhães
Ridgewood D. Alarico - BB-2449	PO	4-0	32662	215	3.380	128,5	3,80	José Theophilo F. da Silva
C. Knightholm P. Big - LAA-101	PO	4-2	36466	311	3.328	139,7	4,19	José Sylvio Magalhães
Pojonia M. da Marambaia - 62812	PC	4-1	31592	225	122,9	122,9	3,90	José Theophilo F. da Silva
Morgana de Morada Nova	NR	4-3	32890	365	2.661	100,2	3,76	Flavio C. B. Gutierrez
Leme's Verada - 60771	PC	4-0	35708	246	2.414	92,6	3,83	Harmengarda B. L. e Outros
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos.								
Endira Willyz de S. A. 68557 - LM	PC	4-6	36350	312	7.089	224,4	3,16	Vasco Mil Homens Arantes
José Margo - 61894	PC	4-9	30490	365	4.968	154,1	3,10	Valentim dos Santos Diniz
São Simão de Bebel - BB-2158	PO	4-10	32916	365	4.229	162,2	3,83	Antonio de Toledo L. Netto
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Willy's Marreca II - LM	NR	-	37323	315	5.578	197,7	3,54	Antonio Josino Meirelles
S. M. Páriso Corista - 43817	PC	8-11	20140	329	5.438	172,3	3,16	Antonio Carlos R. V. Almeida
Hortencia de S. A. - 68540	7/8	5-5	31715	136	4.701	156,8	3,33	Vasco Mil Homens Arantes
Leme's Saudade - BB-1605	PO	7-8	29640	298	3.668	131,1	3,57	Harmengarda B. L. e Outros
Mandi Marcus R. - LBB-59	PO	5-3	32139	322	3.478	139,7	4,01	José Sylvio Magalhães
Espanja de Morada Nova	NR	7-4	26311	365	3.402	129,4	3,80	Flavio C. B. Gutierrez
Sta. Cruz Eunice - 46888	PC	8-1	20931	326	3.236	111,8	3,45	Fernando José Santos
Odessa - BB-2080	PO	6-1	29193	234	3.038	112,1	3,69	Roberto F. Centurio
Sta. Cruz Hirlanda Donar - 51558	PC	6-11	22829	318	2.841	100,9	3,55	Fernando José Santos
Esmeralda de Itapermirim	1/2	8-5	25677	90	1.922	74,2	3,86	Delmore Borges
RAÇA JERSEY								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE BJ - De 3 a 3 ½ anos.								
Sulsa A. Nhonho - 198/128 - LM	PO	3-6	33786	337	5.104	221,2	4,33	Albino Malzone
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
S. A. Cabaneira Inv. - 6681 - C	PO	6-9	26631	314	4.369	205,8	4,71	Albino Malzone
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - De 2 a 2 ½ anos.								
Selina S. S. Francisco - 8139 - CLM	PO	2-3	36345	365	3.344	167,0	4,99	Mario Lopes Leão
CLASSE AS - De 2 ½ a 3 anos.								
S. M. S. C. Garbosa - 77524	PC	2-9	36826	306	2.159	101,2	4,58	Decio Luiz Malta Campos
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
S. A. Herdeira Oceano - 1235 - LM	PO	6-10	23971	317	4.075	200,1	4,91	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A
S. A. Generosa Castelo - 5800-C	PO	8-7	22940	305	3.383	167,1	4,93	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A
Babete da Boa Vida - 324/128	PC	6-8	30694	343	2.634	112,9	4,28	Augusto A. da M. Pacheco
Neva P. de Sta. Hilda - 5597 - C	PO	9-11	14597	306	2.507	114,3	4,55	Mario Lopes Leão
Nina do Brejinho - 4283-C	PO	11-6	30697	342	2.298	99,7	4,33	Augusto A. da M. Pacheco
Jovita G. Zanelva	NR	-	31027	365	2.199	95,6	4,34	Eduardo J. de Faria
Difusora - 68827	PC	6-2	35719	216	2.195	98,9	4,50	Decio L. Malta Campos
RAÇA SCHWYZ								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos.								
Bom Café Ismania - 4317 - LM	PO	3-10	33882	365	4.880	224,1	4,59	Benedito P. Rennó
Bom Café Ideli - 4316	PO	3-6	35741	277	4.007	189,1	4,21	Benedito Portugal Rennó
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AS - De 2 ½ a 3 anos.								
Bom Café Ieda - 8145	PO	2-6	36666	307	3.053	107,4	3,51	Benedito P. Rennó
Patricia N. Sta. Madalena - 4565	PO	2-8	36192	346	2.823	131,2	4,64	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Espuma de Maniçoba - 4671	PO	2-11	36473	355	2.244	80,1	3,57	Oriando Pinto de Souza
Favorita R. Sta. Madalena - 69599	PC	2-10	36188	359	1.804	79,7	4,41	Cia. Agro-pec. Sta. Madalena
CLASSE BJ - De 3 a 3 ½ anos.								
Báronesa C. Sta. Madalena - 87331	PC	3-2	36189	359	2.602	105,7	4,05	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Bom Café Idemeia - 4378	PO	3-1	35630	219	2.168	87,2	4,02	Benedito P. Rennó
Birmania Sta. Madalena - 74675	PC	3-4	35875	288	1.948	74,8	3,84	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		eº	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos. Jarrime H. Pamela Sta. Mad. 4261	PO	3-11	33374	348	2.878	128,4	4,46	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos. Manina C. Sta. Madalena - 4263	PO	4-3	32202	304	3.384	130,2	3,84	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Gressol do Camandocaia - 64033	PC	4-1	33952	321	2.915	119,9	4,11	Edgard Jafet
Negrinha C. Sta. Madalena - 61723	PC	4-5	35699	235	1.546	68,5	4,43	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
V. B. Crescent Priscilla - 4506	PO	4-0	34261	233	1.275	53,5	4,19	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos. Kit Crescent S. Madalena - 4259	PO	4-7	31772	284	2.508	104,6	4,17	Agro-Pec. Sta. Madalena
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Quietação de Pinheiro - 3926	PO	6-1	27319	365	3.075	121,4	3,94	Minist. da Agricultura
Inglatera Sta. Madalena - 3573	PO	8-0	21388	343	3.193	125,8	3,94	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Bom Café Poliana - 2874	PO	13-0	19582	339	2.553	87,2	3,41	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Alvorada Sta. Madalena - 56610	PC	5-10	28516	202	1.982	81,2	4,09	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
Eulalia de Sta. Marina - 40138	PC	9-11	31605	283	1.790	71,3	3,98	Oriando Pinto de Souza
Rozalie's Mary Sue - 3711	PO	8-8	19590	228	1.740	72,8	4,18	Cia. Agro-Pec. Sta. Madalena
RAÇA GUERNESEY								Duas ordenhas (2x)
CLASSE AJ - Até 2 ½ anos. Pax A. G. Banner Alto - 694 - LM	PO	2-1	36224	365	6.276	302,7	4,82	Custodio C. de Almeida
Patricia S. do Paradise - 730 - LM	PO	2-5	36460	331	5.864	270,3	4,61	Custodio C. de Almeida
RAÇA DINAMARQUESA								Três ordenhas (3x)
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos. Sta. A. Crilles Marquesa - 41 - LM	PO	3-7	33530	365	8.758	335,9	3,83	De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Philippa - 88 - LM	PO	7-4	26119	365	11.126	406,2	3,65	De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda
Polly - 81 - LM	PO	7-1	27060	365	7.660	285,4	3,72	De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda
								Duas ordenhas (2x)
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos. Sta. Monica Alterosa - RP/3	PO	4-7	31270	365	4.409	155,2	3,52	Paulo Nogueira Neto
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Norma - 98 - LM	PO	7-8	26114	281	5.236	205,8	3,93	De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda
Nanny - 82 - LM	PO	6-9	26122	304	4.482	191,1	4,26	De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda
R. D. M. Thea - 53684	PO	7-6	23765	314	3.628	161,9	4,46	Olavo Barbosa
SUECA VERMELHA								Duas ordenhas (2x)
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos. Baroneza Bona - 76861	PO	4-0	35589	290	3.206	142,8	4,45	Agencia Maritima Johnson S/A
RED-POLL								Duas ordenhas (2x)
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos. Fidalguia Primavera - 72595	PC	3-7	36588	326	2.805	96,6	3,44	Livio Malzoni
Fegulha Primavera - 72593	PC	3-11	36589	326	2.764	106,0	3,83	Livio Malzoni
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos. Primavera Eloquencia - 62674	PC	4-6	36594	365	3.508	117,6	3,36	Livio Malzoni
Primavera Elaitora - 62688	PC	4-8	36591	353	3.094	117,1	3,78	Livio Malzoni
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Primavera Arara - 54553	PC	8-3	29276	365	3.721	137,8	3,70	Livio Malzoni
Primavera Delgada - 62688	PC	5-7	36587	338	3.294	121,1	3,67	Livio Malzoni
RED-POLL 5/8 X GUZERÁ 3/8								Duas ordenhas (2x)
CLASSE AS - De 2 ½ a 3 anos. Sonia (3658)		2-10	36501	365	2.400	111,2	4,63	S. A. Frigorifico Anglo
Roche (7484)		2-9	36393	365	2.372	106,2	4,47	S. A. Frigorifico Anglo
CLASSE BJ - De 3 a 3 ½ anos. Natureza (9324)		3-3	36387	365	3.568	162,2	4,54	S. A. Frigorifico Anglo
Aliança (G-505)		3-2	36506	365	3.213	135,9	4,22	S. A. Frigorifico Anglo
Sihana (3628)		3-4	36402	365	3.066	141,1	4,60	S. A. Frigorifico Anglo
Manduca (A-397)		3-0	36414	361	2.483	104,2	4,19	S. A. Frigorifico Anglo
CLASSE BS - 3 ½ a 4 anos. Italiana (9315)		3-6	36498	343	2.574	111,8	4,34	S. A. Frigorifico Anglo
Centina (3484)		3-9	35576	291	2.342	102,1	4,35	S. A. Frigorifico Anglo
Corinthiana (7391)		3-8	35569	265	2.009	85,3	4,24	S. A. Frigorifico Anglo
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos. Selva (6547)		4-2	34151	365	3.239	140,5	4,33	S. A. Frigorifico Anglo
Madureza (D-369)		4-3	35576	263	2.284	96,7	4,23	S. A. Frigorifico Anglo
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos. Escova (6531)		4-6	33837	365	2.931	120,7	4,12	S. A. Frigorifico Anglo
Modernista (9259)		4-6	32182	280	2.128	91,1	4,28	S. A. Frigorifico Anglo
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Estralinha (6310)		8-7	23836	328	3.910	166,6	4,25	S. A. Frigorifico Anglo

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	%	
Cuiabá (2450)		5-4	29151	365	3.829	163,8	4,27	S. A. Frigorífico Anglo
Estrelada (3251)		8-0	22702	352	3.763	171,9	4,57	S. A. Frigorífico Anglo
Belina (8490)		5-6	30971	365	3.661	157,5	4,30	S. A. Frigorífico Anglo
Deninho (8333)		7-8	22334	283	3.644	159,6	4,37	S. A. Frigorífico Anglo
Parada (D-362)		6-5	29144	355	3.532	145,7	4,12	S. A. Frigorífico Anglo
Preta (F-259)		8-4	22692	365	3.473	149,6	4,30	S. A. Frigorífico Anglo
Oper (8181)		10-3	18668	365	3.436	145,3	4,22	S. A. Frigorífico Anglo
Sucupira (8451)		5-8	32356	326	3.411	164,4	4,52	S. A. Frigorífico Anglo
Gemada (B-451)		-	30734	365	3.396	146,2	4,30	S. A. Frigorífico Anglo
Pingada (6338)		7-5	23438	318	3.333	146,8	4,40	S. A. Frigorífico Anglo
Batins (4271)		8-6	22704	324	3.190	138,3	4,33	S. A. Frigorífico Anglo
Belga (F-020)		12-1	13995	270	3.171	131,1	4,13	S. A. Frigorífico Anglo
Cachopa (3373)		5-3	32631	300	3.128	131,0	4,18	S. A. Frigorífico Anglo
Bota (F-364)		7-2	25521	330	3.042	129,4	4,25	S. A. Frigorífico Anglo
Organizada (A-427)		13-3	12537	332	3.040	131,3	4,31	S. A. Frigorífico Anglo
Nabuquinhão (9031)		8-4	21264	308	2.996	124,0	4,13	S. A. Frigorífico Anglo
Rapina (4333)		7-5	25537	362	2.952	129,1	4,37	S. A. Frigorífico Anglo
Serena (8373)		7-3	23283	315	2.883	119,6	4,14	S. A. Frigorífico Anglo
Profeta (D-380)		6-7	28475	314	2.831	118,8	4,19	S. A. Frigorífico Anglo
Bela (8173)		10-3	16181	346	2.758	116,7	4,23	S. A. Frigorífico Anglo
Dadá (F-157)		10-0	18685	252	2.596	112,6	4,33	S. A. Frigorífico Anglo
Briçanga II (3270)		7-1	29133	279	2.573	113,3	4,40	S. A. Frigorífico Anglo
Ostrieda (5212)		8-1	22296	300	2.559	108,3	4,23	S. A. Frigorífico Anglo
Posira (B-361)		7-1	26533	272	2.469	100,4	4,06	S. A. Frigorífico Anglo
Rica (F-269)		8-6	23047	306	2.456	97,6	3,97	S. A. Frigorífico Anglo
Teguera (3383)		5-2	31445	268	2.131	93,7	4,39	S. A. Frigorífico Anglo
Carícia (3314)		6-8	25533	250	2.066	96,1	4,65	S. A. Frigorífico Anglo
RAÇA GUZERÁ		Dois ordenhas (2x)						
CLASSE E - De 6 anos e mais.								
Baviera J. A. - A-3844 - LM	RE	10-2	18178	365	3.486	195,2	5,60	Allyrio J. de Abreu
Barcelona J. A. - A-5527	RE	8-4	29215	265	3.074	162,6	5,28	João C. B. de Abreu
Jurama J. A. - A-2115	RE	13-3	28211	171	1.737	82,0	4,71	João Carlos B. de Abreu
RAÇA GIR		Três ordenhas (3x)						
CLASSE D - De 5 e 6 anos.								
Gelatina	NR	5-11	29763	330	3.815	180,7	4,73	Francisco F. Barretto
Fornalha	NR	5-9	31401	277	3.366	158,1	4,69	Francisco F. Barretto
CLASSE E - De 6 anos e mais.								
Florista - LM	NR	6-2	32061	365	4.605	228,6	4,96	Francisco F. Barretto
Califórnia - F-2892 - LM	RE	9-4	24430	365	4.042	213,6	5,28	Francisco F. Barretto
Enchente - I - 230	RE	-	25010	365	3.094	149,6	4,83	Francisco F. Barretto
Molirinha - 201	NR	15-0	15352	310	2.925	141,8	4,84	Francisco F. Barretto
Dívina - 4/39	NR	8-3	22056	315	2.651	120,1	4,52	Francisco F. Barretto
Febra - I - 225	RE	6-2	26624	287	2.521	115,3	4,57	Francisco F. Barretto
Bancaria - 213	NR	10-4	16690	292	2.419	125,9	5,20	Francisco F. Barretto
Farda	NR	6-4	26088	270	2.204	112,0	5,08	Francisco F. Barretto
		Dois ordenhas (2x)						
CLASSE BJ - 3 a 3 ½ anos.								
C. A. Florada - 821	NR	3-5	36251	357	2.045	102,3	5,00	Gabriela de O. Costa
CLASSE BS - De 3 ½ a 4 anos.								
C. A. Falsa - 771	NR	3-9	36248	363	2.535	128,8	5,08	Gabriela de O. Costa
C. A. Fantasia - 774	NR	3-9	36445	365	2.521	123,4	4,89	Gabriela de O. Costa
Jurua	PC	3-9	37657	167	1.279	68,5	4,57	José F. de Carvalho
CLASSE CJ - De 4 a 4 ½ anos.								
Glicérina de Br. - J - 4515 - LM	RE	4-5	36461	328	3.405	175,6	5,15	Rubens R. Peres
C. A. Esperança - 716	NR	4-3	36249	363	3.017	143,0	4,74	Gabriela de O. Costa
Avenida - J-4833	RE	4-3	35672	268	2.533	126,5	4,99	José J. S. R. dos Reis
Antúlia - I-9142	RE	4-2	35417	273	2.085	89,2	4,27	Roberto de Andrade
CLASSE CS - De 4 ½ a 5 anos.								
C. A. Estância - 649	NR	4-10	38250	357	2.819	139,9	4,96	Gabriela de O. Costa
C. A. Espada - 653	NR	4-10	38446	365	2.750	131,5	4,78	Gabriela de O. Costa
CLASSE D - De 5 a 6 anos.								
Definida - C-8242	RE	5-8	31017	328	3.223	144,2	4,47	Gabriel D. de Andrade
Diana - G-8961	RE	5-7	31919	338	3.160	142,7	4,51	Gabriel D. de Andrade
Barra Mansa - G-8268	RE	5-0	35657	298	2.167	102,9	4,74	Roberto de Andrade
CLASSE E - De 6 anos e mais.								
Conquista - E-1262	RE	7-0	29169	265	3.221	144,0	4,47	Gabriel D. de Andrade
Brisa de Brasília - D-7806	RE	9-2	22928	348	3.058	165,3	5,08	Rubens R. Peres
Cerejeira - G-7014	RE	6-0	26829	299	2.703	140,4	5,19	Gabriel D. de Andrade
Ditadura - E-2314	RE	9-9	34708	302	2.555	104,7	4,09	Gabriel D. de Andrade
Princesa - G - 9473	RE	6-0	35801	276	2.446	117,9	4,81	Gabriel D. de Andrade
C. A. Andorinha - E/531	RE	13-2	13384	288	2.390	117,6	4,92	Gabriela de O. Costa

O que vai pelo Serviço de Controle Leiteiro

DR. WALTER C. BATTISTON
CRMV/4/355

Finalizando o ano de 1973, o relatório mensal do Serviço de Controle Leiteiro (SCL) n.º 349, referente a Dezembro, apresenta as lactações encerradas de 539 vacas, 464 em regime de 2 ordenhas, e 75 em 3 ordenhas.

Foram representadas 10 raças, a mais numerosa das quais, com 301 animais, foi a Holandesa, com suas variedades Preto e Branca (249) e Vermelho e Branca (52 exemplares); em segundo lugar, surge, brilhantemente o cruzamento Red Poll X Guzerá, conhecido como raça Pitangueiras, com 157 fêmeas, seguindo-se a Gir com 35 exemplares. A raça Schwyz tem 17 vacas e o 4.º lugar é ocupado pela Jersey, com seus 11 bovinos; a Dinamarquesa com 7 fêmeas está em 5.º lugar, ao qual se seguem a Tabapuá de Uchôa com 4 e a Red Poll com 3 animais; em penúltimo lugar aparece com 2 vacas a Guzerá e o encerramento cabe, com só 1 animal, à raça Guernsey e mais 1 bubalina.

Na Divisão (I) de até 305 dias, com nova parição dentro de 14 meses, inscreveram-se 162 vacas e na outra Divisão, 377 fêmeas.

Reprodutoras Eméritas

Todo animal que atinge pela 3.ª vez a inscrição em Livro de ESCOL, recebe, conforme disposições regulamentares, o título de REPRODUTORA EMÉRITA e o seu proprietário, o respectivo certificado; foi o que aconteceu agora com ASTRUDE (F442) da raça Pitangueiras, propriedade de José Resende Peres.

Esta vaca, a única entre 157 da raça que não pertence à S/A Frigorífico Anglo, obteve, em 2 ordenhas, em 298 dias, aos 5 anos e 7 meses, seu 3.º LIVRO DE ESCOL, com 4.121 kg de leite e 196,4 kg de gordura, fazendo jus ao título de Reprodutora Emérita (RE).

De Rubens Resende Peres, é a outra Reprodutora Emérita, da raça GIR, que apesar do nome, DEBUTANTE DE BRASÍLIA, já havia atingido o título em lactação anterior

Raça Holandesa Variedade Preto e Branca

Representando 54% do total, as 249 holandesas Preto e Branco, distribuíram-se da seguinte forma: 68 estão inscritas na I Divisão, sendo 10 em regime de 3 ordenhas e 181 na II Divisão, com 33 em igual regime. Alcançaram LIVRO DE ESCOL 16 fêmeas, e 32 LIVRO DE MÉRITO (LM).

Na Divisão de até 305 dias, em regime de 3 ordenhas, aparecem 4 lactações, a mais alta das quais foi 8.650 kg de leite e 312,7 kg de gordura, em 305 dias, obtida por WILLY'S MAGICO SHIRLEY, aos 7 anos e 3 meses, de Olinto Marques de Paulo.

Entre as novas, as vacas que mais se destacaram foram, de Joaquim Peixoto Rocha, FREETRDGE MON FRANCY, com 5.684 kg de leite e 202,8 kg de gordura, aos 3 anos e 8 meses, e ROY-

BROOK TELSTAR BABE, com 2 anos e 9 meses, e 5.059 kg de leite e 214,0 kg de gordura, ambas em 305 dias.

Em regime de 2 ordenhas, inscreveram-se em LIVRO DE ESCOL, 12 vacas, sendo a mais nova GLENAFTON CITATION BABE, com 2 anos e 4 meses, de Joaquim Peixoto Rocha, que deu, em 305 dias, 4.108 kg de leite e 153,2 kg de gordura.

Da Cabaña São Nicolau, despontaram duas P.O.: S. N. JOSEFINA 1 ADONIS, que aos 2 anos e 8 meses, em 292 dias, deu 4.688 kg de leite e 163,5 kg de gordura e S. N. MARAVILHA 1 CITATION, 3 meses mais velha, dando, em 294 dias, 5.792 kg de leite e 178,8 kg de gordura.

A melhor produção em LE, 7.724 kg de leite e 243,0 kg de gordura, foi obtida por ACHALAY UNIVERSO L. PROMOCION, de Benedito José Soares de Mello Pati, aos 6 anos e em 305 dias.

Na classe BS, sem alcançar LE, dando, em 305 dias, aos 3 anos e 11 meses, 4.075

(4.272 kg de leite e 231,8 kg de gordura, em 313 dias) confinado, pela 4.ª vez, agora, com 4.307 kg de leite e 220,3 kg de gordura, também em 3 ordenhas, em 340 dias.

Recordistas de Produção de Leite e de Gordura

A única representante da raça Guernsey, PORCELANA DE PIACATU, de Custódio Cabral de Almeida, sagrou-se recordista em ambas as produções, com 6.827 kg de leite e 327,6 kg de gordura, em 305 dias, aos 10 anos e 1 mês; ela conseguiu ultrapassar um dos mais antigos records, obtido em 1959, por DORA DAS AGULHAS NEGRAS, com 4.118 kg de leite e 182,7 kg de gordura.

Como Recordista GIR em ambas as produções, surge na Divisão de até 365 dias, em 3 ordenhas, C. A. FARTURA, de Gabriela de Oliveira Costa; em 360 dias, deu 3.613 kg de leite e 188,0 kg de gordura, sobressaindo-se à Recordista anterior (1970) TIMBIRINHA DE SANTA ROSA, com seus 2.983 kg e 163,4 kg, respectivamente, de leite e gordura.

Recordista de Produção de Leite

Entre os 3 exemplares da raça Red Poll, de Livio Malzon, em regime de 2 ordenhas, encontra-se um só na I Divisão, PRIMAVERA CANDIDATA, a nova Recordista de Produção de Leite, com seus 4.144 kg e 149,5 kg de gordura, aos 6 anos e meio, em 305 dias. Derrotou, assim, sua companheira de rancho, OMEGA MILLIE 78, que no ano passado produziu 4.336 kg de leite.

Na raça Holandesa, variedade preta e branca, de Cornélio de Jonge, em Arapotí, encontra-se ARAPOTI DE JONGE BLESJE 3, que, aos 4 anos e 7 meses, é a Recordista de Produção de Leite, com 9.244 kg e 311,6 kg de gordura. Ela derrotou o recorde de WANDA, em 1960 — 8.376 kg de leite.

kg de leite e 153,2 kg de gordura, PARAISSO PRIMITIVA FIDALGO.

A Divisão de 365 dias pertencem 181 vacas, 33 das quais em regime de 3 ordenhas, sendo 9 em LIVRO DE MÉRITO e, destas, a mais jovem é, de Dário Freire Meirelles, S.M. NETTIE WAYNE CENTURION, com 6.273 kg de leite e 225,6 kg de gordura, em 365 dias, aos 2 anos e 10 meses.

Na classe BS, com 3 anos e 7 meses, dando 7.779 kg de leite e 249,6 kg de gordura, em 365 dias, aparece ELKOL W. JEWEL ALMA, de Joaquim Peixoto Rocha.

CARNATION MARIE WINIE ABBY, de Milton Panain, alcançou seu LM, aos 4 anos e 9 meses, em 293 dias, com 7.776 kg de leite e 300,3 kg de gordura.

Na classe "Adulta", em 365 dias, do Antonio Moscoso, em LM, salientaram-se, acima de 10 mil quilos de leite, 3 vacas: RAFA REFLECTION C. CANDY 4 (8 anos e 4 meses, 11.291 kg de leite e 396,9

kg de gordura) TILFORD ASTRONAUT INKA (6 anos e 3 meses, 10.775 kg de leite e 380,7 kg de gordura) e EMETEA LILA 3 INSPIRATION ROMULO (6 anos e 5 meses, 10.442 kg de leite e 386,1 kg de gordura).

Em regime de ordenha dupla, das 148 cabeças, 23 obtiveram inscrição em LIVRO DE MÉRITO, a começar pela jovem de 2 anos e 5 meses, ARAPOTI DE JONGE CENTURION, que, em 365 dias, deu 6.819 kg de leite e 218,9 kg de gordura, na Granja de Cornelis de Jonge.

Outra bastante expressiva, por ter somente 1 ano e 10 meses, foi CASTROLANDA CONDE SETSKE 50, dos Irmãos Noordegraaf, dando em 360 dias, 4.502 kg de leite e 159,8 kg de gordura.

"J.P.R. DENGOSA", com 2 anos e 8 meses, de Joaquim Peixoto Rocha, representa bem a classe AS, com seus 6.107 kg de leite e 210,4 kg de gordura, em 350 dias. Do mesmo proprietário é FLUITLAND'S MIA MODEL, com 3 anos e 11 meses, dando, em 365 dias, 6.445 kg de leite e 231,9 kg de gordura.

Na fazenda de José Peres de Oliveira, aos 4 anos e 4 meses, vamos encontrar DECAMPINAS GENY, que, em 365 dias, teve 5.415 kg de leite e 239,0 kg de gordura.

Na classe seguinte despontou a já mencionada Recordista de Produção de Leite, ARAPOTI DE JONGE BLESJE 3.

Entre as "Adultas", com 6 anos e 5 meses, surge SUCUMAS KYNA PROJECT, da Pecuária Anhumas S/A, dando, em 341 dias, 7.534 kg de leite e 213,4 kg de gordura.

Raça Holandesa Variedade Vermelha e Branca

Os 52 representantes da variedade Vermelha e Branca estão assim distribuídos: 9 na I Divisão, dos quais 8 em regime de 2 ordenhas, 43 na outra Divisão, com 29 no mesmo regime; 4 alcançaram, em 2 ordenhas, inscrição em LIVRO DE ESCOLA, 7 inscrição em LIVRO DE MÉRITO, em 3 ordenhas e 4 em 2 ordenhas.

Na Divisão de até 305 dias, com nova purificação, dos 4 com LE, 2 pertencem a Joaquim Peixoto Rocha e os outros dois à Cabaña São Nicolau.

GALAXIA JONIA SIGNET, com 2 anos e 4 meses, em 305 dias, deu 4.161 kg de leite e 175,6 kg de gordura e GALAXIA ISABELA SIGNET, com 3 anos e 5 meses, em 301 dias, produziu 4.590 kg de leite e 191,1 kg de gordura.

Os animais da Cabaña São Nicolau são: S.N. THEODORA PAUL CENTURION, com 4.239 kg de leite e 148,5 kg de gordura, em 287 dias, aos 2 anos e 9 meses, e S.N. JURUJUBA 1 CENTURION, com 6.205 kg de leite e 215,8 kg de gordura, em 305 dias, aos 4 anos e 1 mês.

Na II Divisão, em regime de 3 ordenhas, a que obteve LM mais nova foi MUQUEM DEFESA, com 4 anos e 4 meses, de Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida, dando, em 365 dias, 7.596 kg de leite e 256,2 kg de gordura.

De Gabriel Dias Pereira, com 5 anos e 4 meses, em 365 dias, SURPRESA DE SANT'ANA, deu 7.986 kg de leite e 256,6 kg de gordura.

"BETINA'S L.N. DALVA", de Pedro Conde, em 298 dias, aos 4 anos e 10 meses, produziu 6.155 kg de leite e 248,0 kg de gordura.

Em regime de 2 ordenhas, dos 29 animais, 4 obtiveram inscrição em LIVRO DE MÉRITO e a melhor produção foi de FACULDADE DE LINS, de Waldyr Junqueira de Andrade, com 5.342 kg de leite e 197,2 kg de gordura, em 352 dias, aos 5 anos e 2 meses.

Com 4 anos e 5 meses, em 354 dias, "ATIBAIA R. C. B. B.", de Antonio Carlos Rachou Vaz de Almeida, obteve seu LM com 5.843 kg de leite e 196,6 kg de gordura.

"WILLY'S PLUMA", com 4 anos, de Antonio Josino Meirelles, em 288 dias, deu 4.783 kg de leite e 173,9 kg de gordura.

Sem conseguir LM, aos 2 anos e 5 meses, E.S. JAMBA, de Eduardo Simonsen, em 283 dias, deu 3.905 kg de leite e 138,4 kg de gordura.

Raça Jersey

Somam 27 animais, distribuídos por 6 proprietários, os representantes da raça Jersey, que se colocaram 6 na I Divisão e 21 na II Divisão, 3 dos quais em regime de 3 ordenhas.

Na I Divisão, todos em duas ordenhas, destacou-se em LM, da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A, em 305 dias, SANT'ANA DANAIDE IPÊ, em LE, dando 3.697 kg de leite e 180,0 kg de gordura.

Na II Divisão, em regime de 3 ordenhas, 2 alcançaram LM, dentre as 3, todas pertencentes a Albino Malzone.

SANT'ANA ESQUIVA OLEIRO, foi a melhor, com seus 5.450 kg de leite e 236,4 kg de gordura, em 311 dias, aos 7 anos e 7 meses.

Dentre os 18 inscritos em regime de 2 ordenhas, 11 pertencem a Decio Luiz Malta Campos, 3 à Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A e 2 a Mário Lopes Leão, somente 2 atingiram LM.

"SANT'ANA HISTORIA CASTELO, com 7 anos e 10 meses, foi o melhor animal, com a produção de 4.967 kg de leite e 239,0 kg de gordura, em LM.

O outro LM, pertence a Mário Lopes Leão, é MADAME PAXFORD DE SANTA HILDA, com 10 anos e 8 meses, também em 365 dias, deu 3.723 kg de leite e 175,6 kg de gordura.

Raça Schwyz

A conhecida raça suíça tem 17 animais, todos em 2 ordenhas, sendo que 2 estão inscritos na I Divisão: COLOMBINA BOM CAFE, de Benedito Portugal Rennó, aos 4 anos e 2 meses, foi o melhor na I Divisão, com 3.278 kg de leite e 130,9 kg de gordura, em 295 dias.

Na II Divisão somente DIVISA DA ALIANÇA, de Francisco Amarante Mendes, conseguiu, aos 2 anos e 8 meses, o LIVRO DE MÉRITO, dando 3.445 kg de leite e 145,3 kg de gordura, em 365 dias.

VALLEY HILL OZARK'S IRENE, com 7 anos e 10 meses, PO, da Cia. Agro Pecuária Santa Madalena, em 361 dias,

TABAPUÃ DE UCHOA — Carne e Leite

Controle de Desenvolvimento Ponderal e Leite pela ABC, ex-APCB

FAZENDA

SANTA CECILIA

Rodolpho Ortenblad

ATENÇÃO CRIADORES

TABAPUÃ — ÚNICO ZEBU COM LIVRO ABERTO PARA REGISTRO.

— UTILIZEM REPRODUTORES TABAPUÃ DE UCHOA EM SUAS ÓTIMAS VACAS PARA FORMAÇÃO DE PLANTÉIS DE ELITE COM POSSIBILIDADES DE REGISTRO GENEALÓGICO.

— APROVEITEM ESSA OPORTUNIDADE E, NUM FUTURO PRÓXIMO PASSARÃO A VENDER REPRODUTORES, COM GRANDE VALORIZAÇÃO DE SEUS PLANTÉIS.



DANÚBIO DA SANTA CECILIA — GRANDE CAMPEÃO E CAMPEÃ SENIOR em Uberaba 1973 — 44 meses — 858 Kg DP 24 meses 554 Kg.

UCHOA — Via Washington Luiz, Km 412 — C.P. 88 — Tel. 27

SÃO PAULO — Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.119 - ap. 9-A - Ed. Chatel Fones: 210-2966 — 282-5841

SEMEN com CIANB — Central de Inseminação Artificial "Nhozinho Barbosa" Praça Rui Barbosa, 240 - ITUVERAVA-SP

deu a mais alta produção de leite, 3.968 kg, não alcançando, porém, com seus 168,4 kg de gordura a inscrição em LM.

Cruzamento Red Poll 5/8 X Guzerá 3/8

A raça resultante do cruzamento Guzerá com Red Poll, conhecida por Pitanguieras, possui 68 exemplares na I Divisão e 89 na II Divisão, todas em regime de 2 ordenhas.

Somente ASTRUDE F. 442, sagrada como Reprodutora Emérita, não pertence à S/A Frigorífico Anglo, responsável pelo aparecimento da raça.

Além desse animal, inscreveram-se em LIVRO DE ESCOL, CANA FISTA, com 3 anos e 2 meses, 3.135 kg de leite e 136,9 kg de gordura, em 296 dias, e VINGANÇA A-413, que, aos 13 anos e 1 mês, em 281 dias, deu 3.057 kg de leite e 138,2 kg de gordura.

Na II Divisão, dentre os 89, 16 alcançaram LM, destacando-se os 4.878 kg de leite e 214,2 kg de gordura alcançados, em 256 dias, por BAINHA H-122, com 9 anos e 2 meses.

MANSINHA H-508 é a mais jovem em LM pois, com 2 anos e 11 meses, em 365 dias, alcançou 3.106 kg de leite e 144,5 kg de gordura.

Três meses mais velha, NOIVA 9328, também obteve LM, em 365 dias, com 3.556 kg de leite e 164,4 kg de gordura.

Na classe CI, aos 4 anos e 2 meses, CAIANA H-424, em 365 dias, obteve seu LM com a alta produção de 4.234 kg de leite e 186,0 kg de gordura.

Como animal mais velho, 14 anos e 3 meses, LAVAREDA-0173, teve seu LM, em 365 dias, com 3.376 kg de leite e 144,2 kg de gordura.

Raça Dinamarquesa

Os 2 bovinos colocados na I Divisão, em regime de 2 ordenhas, obtiveram inscrição em LIVRO DE ESCOL: ATRIZ SÃO JOSE, de Olavo Barbosa, com 2 anos e 10 meses, em 291 dias, deu 3.042 kg de leite e 135,8 kg de gordura, e SANTA ALDA MOSES TANSINGE TRINDADE 10, com 5 anos, em 305 dias, na Fazenda Santa Alda, produziu 4.323 kg de leite e 182,8 kg de gordura.

Na II Divisão, também em 2 ordenhas, somente SANTA ALDA CRILLES PRINCESA 48, obteve LM, aos 2 anos e 10 meses, em 221 dias, com 3.120 kg de leite e 145,1 kg de gordura. Ela pertence a De Paoli S/A, como as outras 4, em cuja companhia encontra-se SELMA 91, que, aos 7 anos e 4 meses, em 238 dias, deu 4.079 kg de leite e 171,3 kg de gordura.

Raça Red Poll

PRIMAVERA CANDIDATA, a mencionada Recordista é a única inscrita na I Divisão, mas, na II Divisão, há mais 2 outras de propriedade de Lívio Malzoni, a melhor das quais é FILIGRAMA PRIMAVERA, que, aos 3 anos e 3 meses, deu, em 365 dias, 1.925 kg de leite e 73,5 kg de gordura.

Raça Tabapuã de Uchoa

Os 4 exemplares dessa variedade de mocho são de Rodolpho Ortenblad, colocados 2 em cada Divisão, o melhor dos quais, com 2.064 kg de leite e 99,1 kg de gordura, é ANGÉLICA DE SANTA CECÍLIA, com 6 anos e 4 meses e lactação de 359 dias.

Raça Gir

Somam a 36 os representantes da raça Gir, 3 dos quais (inscritos) colocados na I Divisão.

São 2 inscritos em LIVRO DE ESCOL e 12 em LIVRO DE MÉRITO.

Na I Divisão, em regime de 3 ordenhas, há somente a citada DEBUTANTE DE BRASÍLIA, com seu título de Reprodutora Emérita.

A outra em LE é DISCRETA, com 9 anos e 7 meses, de José Fernandes de Carvalho, que, em 259 dias, obteve 3.168 kg de leite e 146,7 kg de gordura.

Na I Divisão, em regime de 3 ordenhas, entre as 8 que estão em LM, sobressaiu a Recordista de Leite e de Gordura, C.A. FARTURA, de Gabriela de Oliveira Costa.

A mais alta produção na raça GIR foi a de HUNGARA que, em LM, com 4 anos e 10 meses, em 365 dias, deu 4.875 kg de leite e 235,9 kg de gordura, na fazenda de Francisco F. Barretto.

Outros 2 bons animais, do mesmo criador, foram: GUAMA, com 5 anos e 2 meses dando, em 365 dias, 4.548 kg de leite e 221,0 kg de gordura e FINTA — 1-671, também em LM, em 365 dias, com 6 anos e 2 meses, e 4.678 kg de leite e 236,1 kg de gordura.

Em regime de 2 ordenhas, aparecem 2 vacas, das quais 4 em LM, e mais nova das quais é GAMELA 347, de José Fernandes de Carvalho, e que, em 293 dias, aos 4 anos e 11 meses, produziu 2.829 kg de leite e 158,2 kg de gordura.

Alcançaram inscrição em LM mais 3 vacas de Rubens Resende Peres, a melhor das quais foi POMPEIA DE BRASÍLIA, que, em 312 dias, deu 3.418 kg de leite e 165,8 kg de gordura.

A mais leiteira da classe E, sem atingir o LM foi KINOVAK, com 11 anos e 11 meses, em 303 dias: 3.503 kg de leite e 150,7 kg de gordura.

Raça Guzerá

João Carlos Burguês de Abreu inscreveu PAULISTA J.A. e José Osório Júnior, BOLACHA J.O., os únicos bovinos da raça Guzerá no presente relatório.

Estes, aos 6 anos e 4 meses, em 365 dias, 2.805 kg de leite e 140,2 kg de gordura.

Raça Guernsey

Encerrou sua lactação uma só vaca da raça Guernsey, em regime de 2 ordenhas, na I Divisão, a já mencionada Recordista PORCELANA DE PIACATU, com seus 6.827 kg de leite e 327,6 kg de gordura.

Bubalina

A búfala NEVE, da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A, representa sua espécie como único exemplar e deu, em 311 dias, em 2 ordenhas, 1.779 kg de leite e 132,1 kg de gordura.

Evolução da agricultura brasileira

O relatório anual do Banco do Brasil evidencia o empenho do governo Médici em fomentar as atividades rurais. Em 1967 montavam a 1,4 bilhão de cruzeiros os empréstimos concedidos à produção agropecuária; em 1973 tais créditos somavam 20,2 bilhões de cruzeiros; a preços constantes, essa diferença corresponde a um acréscimo geométrico anual de 22%. Diz o relatório: "O apoio ao setor agrícola se verificou não apenas pela outorga, nas bases habituais, de financiamento à produção, comercialização e estocagem de produtos — com recursos próprios ou executando programas governamentais —, como no atendimento de situações de emergência ou no estímulo à diversificação das exportações, sobretudo com vistas ao melhor aproveitamento de condições ecológicas favoráveis, de que são exemplos os incentivos ao plantio de caju no Nordeste e à fruticultura de clima temperado nos Estados sulinos".

Em verdade, o Banco do Brasil tornou-se o maior banco rural do mundo. No ano

passado, seus empréstimos às atividades agropecuárias acusaram uma expansão real de 41% do total dos créditos concedidos. Este índice revela um esforço coerente visando o crescimento da oferta de gêneros de primeira necessidade e de outras matérias-primas cuja procura, no mercado mundial, é maior do que a oferta. Aliás, estendendo-se esta orientação a todo o nosso sistema bancário, será possível reduzir os efeitos negativos do encarecimento mundial do petróleo e de seus subprodutos sobre a nossa balança comercial e o nosso balanço de pagamentos.

Bastante auspicioso é o fato de continuar a ampliar-se a participação de tratores e outras máquinas agrícolas no total dos empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil à agricultura.

O quadro seguinte indica a participação percentual de melhoramentos e equipamentos:

(Conclui na pág. 107)

Destaques do Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal

DR. WALTER C. BATTISTON
Chefe do S.C.D.P.

Abribo o ano de 1974, com abundante chuva em todo o Estado de São Paulo e nas regiões limítrofes, o mês de janeiro está representado no relatório n.º 53 do Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal (SCDP) por 221 bovinos inscritos, pertencentes a 15 esforços criadores.

Lidera a classificação das raças, com 163 exemplares, a Nelore, à qual se segue a Guzerá, com 38 animais; vem a seguir a Charolesa com 11 bovinos, enquanto em 4.º lugar empataram, com 4 bovinos cada, as raças Gir e Mocho Tabapuá; no final,

com 1 só representante, está a Sto. Gertrudis.

A maioria (79%) encontra-se em regime de somente pasto; ao todo, somaram 98 machos, sendo 59 na I divisão, e 123 fêmeas, das quais 117 estão também nessa classificação.

Lamentavelmente, chegaram à pesagem final dos 730 dias só 47 animais, ou seja 21%, é provável que interesses de negócios tenham levado os criadores a retirar do controle os restantes 79% antes de alcançarem o ponto ideal para se avaliar seu desenvolvimento ponderal.

PETE-3410, já comentado, e FOX TROT-555, e as fêmeas FAKUSSA-561 já mencionada e FRESE-565; ambas de Arnaldo Zancaner.

FOX TROT-555, nascido em 16-12-71, com 37 kg e depois chegou 184, 229, 320 e 411 kg, na fazenda do Dr. Arnaldo Zancaner, onde está também FRESE-565; esta, nasceu com 31 kg em 23-12-71, e atingiu 373 kg depois de ter pesado 195, 239 e 309 kg.

O macho FLUXO-367, do Dr. Walter H. Zancaner, nasceu com 30 kg em 01-9-71 e chegou a pesar 200, 267 e 377 kg; mas "parou" nos 550 dias tendo atingido nesse ponto o maior peso de todos os nelore, da I divisão. Se tivesse continuado o controle, possivelmente seria o "mais pesado" entre os 221 animais.

Foi ultrapassado, porém, por TABERNEIRO-3401, da II divisão, que nasceu em 5-1-72, com 25 kg e obteve as "marcas" de 167, 243 e 395 kg.

Com o peso de 331 kg aos 550 dias, DIETA GR-419, nascida em 16-9-71, com 30 kg vinha se revelando, pois obteve 182 e 345 kg, respectivamente aos 205 e 365 dias; somente a "mais pesada" FAKUSSA-561, alcançara pesagens maiores também nessas "eras".

RAÇA GUZERÁ

Os 38 bovinos que compõem o lote guzerá, estão classificados da seguinte forma: 20 são machos e 18 são fêmeas; 33 estão na I divisão e 5 na II divisão; 16 machos e 17 fêmeas colocaram-se na divisão de "somente pasto": enquanto que 4 machos e 1 fêmea receberam "trato" além do pasto.

Entre os 6 criadores dessa raça, destacou-se com 12 machos e 10 fêmeas a Soc. Agro P. Filadélfia Ltda; em 2.º lugar, com 3 machos e 4 fêmeas surge Dr. Arnaldo Zancaner, ao qual segue seu irmão Dr. Walter H. Zancaner, com 1 macho e 3 fêmeas.

Também com 3 animais, todos machos, colocaram-se os Irmãos Garcia Cid.

Tendo 2 Guzerá, um de cada sexo, Allyrio Jordão de Abreu ocupa o 4.º lugar; com só 1 exemplar, fêmea colocada na I divisão, Celso Garcia Cid encerra o grupo.

Os 4 animais mais pesados foram FRONTÃO-219, GAFIETRA-223, GABIRU-224 e GADELA-221, pertencentes ao Dr. Arnaldo Zancaner; os 2 primeiros, já

ANIMAIS MAIS PESADOS

O macho mais pesado é FRONTÃO-219, Guzerá de Dr. Arnaldo Zancaner, com 443 kg, ao qual se lhe segue TAPETE-3410, com 416 kg, nelore de Fabio Leopoldo e Silva.

Entre as fêmeas, destacaram-se FAKUSSA-561, com 415 kg, nelore de Arnaldo Zancaner, e GALHETA DE STA. CECILIA-103, com 385 kg, mocho tabapuá de Dr. Rodolpho Ortenblad, está em regime de pasto suplementado com ração.

FRONTÃO-219, nascido com 44 kg em 01-12-71, aos 205 dias pesou 242 kg passando depois para 295 e 380, nas pesagens de 365 e 550 dias; na mesma fazenda de Arnaldo Zancaner, e idêntica "era", com 35 kg nasceu FAKUSSA 561, fêmea que obteve as pesagens de 207, 249 e 337 kg. Ambos ocupam o 1.º lugar, cada qual em seu sexo, entre todos 221 animais controlados.

TAPETE-3410, nascido com 26 kg em 16-1-72, chegou às pesagens de 205, 365 e 550 dias, com 153, 241 e 263 kg, respectivamente e ocupa, o 2.º lugar entre os mais pesados machos.

O único exemplar da raça Mocho Tabapuá, GALHETA DE STA. CECILIA-103, nascido em 10-1-72, com 25 kg, destacou-se com seus 175, 194, 284 e 385 kg entre os 43 animais colocados na II divisão e chegou a ocupar o 2.º lugar feminino de todo o controle e o 1.º lugar naquela divisão.

RAÇA NELORE

Representando 74% do total inscrito, a raça nelore apresenta-se com 75 machos e 68 fêmeas; na I divisão estão 41 machos

e 87 fêmeas e na II divisão, quando recebeu também "trato" suplementar, 34 machos e somente 1 fêmea.

O peso médio, na I divisão, foi de 347 kg para os machos e 332 kg para as fêmeas; na II divisão, a média foi de 332 kg para os 2 únicos machos que chegaram aos 730 dias.

Aos 205 dias, os machos alcançaram a média de 165 kg e as fêmeas 146 kg, na I divisão, e 138 kg e 154 kg respectivamente, na outra divisão.

Atingindo o 1.º ano, os machos pesaram, em média 216 kg na I divisão e 207 kg na II divisão, e as fêmeas, respectivamente 176 e 189 (uma só fêmea nesta categoria).

O maior número de nelore controlado 87, pertence a Jamil Nicolau Aun que compareceu com 31 machos (9 na I divisão) e 56 fêmeas, todas na II divisão.

Fabio Leopoldo e Silva teve 37 nelore inscritos, sendo 25 machos, dos quais 14 na I divisão, e 12 fêmeas todas na II divisão.

Com 24 exemplares, o rebanho do Dr. Arnaldo Zancaner ocupa o 3.º lugar no presente relatório; são 8 machos e 16 fêmeas todas na I divisão.

Dos 8 nelore do Dr. Walter H. Zancaner, 7 são machos, e 1 fêmea todos na I divisão.

Celso Garcia Cid apresentou 3 machos e 1 fêmea colocados em regime de pasto. Preferindo o regime de pasto com suplementação de ração (II divisão) o lote de Fausto Simões é composto de 3 fêmeas.

Somente 21 machos e 18 fêmeas terminaram a pesagem, aos 730 dias. Dentre eles, destacaram-se, entre os machos TA-

foram mencionados, restando-nos comentar o outro casal.

GABIRU-224, nasceu com 34 kg em 12-1-72 e posteriormente atingiu 187, 236, 294 e 382 kg; a fêmea **GABELA-221** nascida em 12-1-72, com 34 kg, chegou aos pesos de 181, 220, 217 e 345 kg.

Um dos 31 animais (82%) que não chegaram à pesagem dos 730 dias foi o macho **FRUITO GHALOR I DA N. DELHI-622**, que nasceu com 28 kg em 17-11-71 chegou a 172, 229 e 349 kg, na II divisão, marca esta somente ultrapassada pelo citado **FRONTÃO-219** e por **FANFARRO G. I N. DELHI-613**, que atingiram, respectivamente 380 e 372 kg aos 550 dias; estes estão em outra divisão e nasceram mais pesados.

A média de peso final foi, para os machos 395 kg e para as fêmeas 314; na II divisão, nenhum animal chegou aos 730 dias e a média aos 550 dias foi de 332 kg para os machos e a única fêmea pesou 314 kg.

Ao atingirem 1 ano, a média de peso para os machos foi de 227 kg e 210 kg, e as fêmeas 203 e 292 kg (1 só animal) respectivamente na I e na II divisão. O peso médio, aos 205 dias, na mesma sequência foi: 160, 152, 157 e 154 (uma só fêmea na II divisão).

RAÇA CHAROLESA

Os onze exemplares dessa raça de origem francesa são fêmeas, e estão na I divisão e pertencem a Agro Pecuária Primavera S/A.

Somente **P. Itapira F. Assis-614** chegou à pesagem final com 338 kg; ela nasceu com 32 kg em 23-12-71 e obteve 107, 238 e 274 kg.

Aos 550 dias, a mais pesada foi, com 324 kg, **P. JOSEFINA FABIANA-617** e chegou a 129 e 284 kg.

A média de peso, foi de 272 kg para as 9 fêmeas que chegaram aos 550 dias e 227 para os 365 dias.

MOCHO TABAPUÁ

O Dr. Rodolpho Ortenblad apresentou 1 touro e 2 fêmeas da raça Mocho Tabapuá e o Dr. Alberto Ortenblad somente 1 fêmea; desses 4 animais, o mais pesado foi o já mencionado **GALHETA DE STA. CECILIA**, do Dr. Rodolpho Ortenblad.

Também pertence ao mesmo criador o macho mais pesado, com 377 kg, **GONO DE STA. CECILIA-100**, que nasceu em 7-1-72, com 30 kg e pesou a seguir 147, 220 e 278 kg.

Bastante promissora foi **NAMORADA DE TABAPUÁ-3271**, do Dr. Alberto Ortenblad; ela nasceu com 31 kg em 8-1-72 e obteve 197 e 248 kg, respectivamente aos 205 e 365 dias, que foram os maiores pesos na "era", entre os 4 exemplares da raça.

RAÇA GIR

Colocados na II divisão aparecem 1 macho, **Krishna S.V.IV G.IV-95**, que não passou dos 205 dias e 3 fêmeas; estas pertencem a Antonio Coletti enquanto que o macho foi criado por Mauro Conrado Mesquita.

RINHA-629, nascida com 24 kg em 22-12-71 obteve o bom peso de 307 kg, aos 550 dias, tendo pesado anteriormente 154 e 212 kg. Esta fêmea foi a mais pesada representante da raça gir.

RAÇA STA. GERTRUDIS

Esteve em controle, no relatório, somente 1 animal da raça Sta. Gertrudis: o macho nascido em 3-1-72, com 27 kg, de Guilherme Ernesto Constantino, **AGRIANO-21**, ele não ultrapassou aos 205 dias, quando obteve 134 kg.

RIO GRANDE ABATEU

1.350.000 RESES

No ano findo, o abate de bovinos no Rio Grande do Sul atingiu 1.350.627 cabeças, total divulgado pela Secretaria da Agricultura. Desse total 849.514 são machos e 501.113 são fêmeas. O total acima compreende os abates nos estabelecimentos fiscalizados pelo Ministério da Agricultura e também os abates em outros locais ainda sem inspeção. Também inclui os abates para consumo nas fazendas. Como o rebanho vacum no Rio Grande está estimado em 11.500.000 cabeças, se-gu-se que esse abate representa um desfrute de 11,7%. Quase todos os animais abatidos são criados e engordados em pastagens nativas. Em 1972, o abate foi de 1,2 milhões, em machos e fêmeas.

GRANDE IMPORTAÇÃO DE TOUROS DA INGLATERRA

Na exposição de Gado Hereford, realizada na Inglaterra, nos primeiros dias de fevereiro deste ano, 8 touros premiados daquela raça de corte, foram adquiridos para criadores do Rio Grande do Sul. Deve-se reconhecer que a raça Hereford é criada no Rio Grande desde os primeiros anos deste século. Atualmente é a raça que mais animais puros de pedigree registra todos os anos nos livros do Registro Genealógico Riograndense, que desde 1906 vem recebendo a inscrição dos animais puros das raças bovinas de corte criadas no Estado.

As fazendas gaúchas que fizeram compras foram as seguintes:

Cabanha Camaquã, do sr. Augusto Mattos Bittencourt, de Bagé, que adquiriu o Reservado de Campeão Senior, o touro Beaudessert I Goldeneye;

Cabanha Cerrito, do sr. Rodolfo C. Moglia Marino, de Bagé que comprou 2 touros — Haven Hero e Haven Horatio — ambos com primeiros prêmios naquele certame;

Cabanha Haedo, do cel. João Wilson Paz, de Bagé, que comprou o touro Drexton Nero, de 28 meses, também classificado com primeiro prêmio.

Carlos Nochi, de Bagé, que adquiriu outro primeiro prêmio, o touro Norridge Hudrian, de 18 meses.

Cabanha São Geraldo, do sr. Antonio de Ilano Valls, Bagé, que comprou o touro Stanton Long Marksman, de 21 meses, também contemplado com um 1.º prêmio.

Além desses 6 touros, mais dois touros vieram para o Estado, devendo ser vendidos em remate.

A escolha e compra dos animais foi efetivada pelo zootecnista rio-grandense Mário de Oliveira Cesar, que viajou para a Inglaterra comissionado pelos criadores interessados. Na Exposição de Hereford havia 413 touros daquela raça, dos quais foram a leilão 360, agrupados em 16 categorias, formadas por animais de um a três anos. No citado certame, outros países, como Uruguai e África do Sul também fizeram compras de touros da raça "cara branca", popular nas fazendas e ranchos do Continente Americano bem como na Austrália e África do Sul.

NOTÍCIAS DO RIO GRANDE DO SUL

EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS DO RS:

até 22 de junho as inscrições para a Exposição Internacional

A 25 de agosto realizar-se-á a 2.ª Exposição Internacional de Animais do Rio Grande do Sul. Promovida pela Secretaria da Agricultura e pela FARSUL, o grande certame está sendo organizado dentro de um ambiente de animado interesse. Dez países já anunciaram sua intenção de participar, o que por certo permite esperar para a festa de Estácio um êxito ainda maior que o da primeira Internacional gaúcha realizada em 1972.

Criadores de vários Estados do País também estarão presentes, como aconteceu na primeira Internacional. O programa já distribuído adverte aos criadores nacionais que o prazo para inscrição de animais expira a 22 de junho. Nessa data, os pedidos de inscrição deverão ter dado entrada na Secretaria de Agricultura. O

pedido de inscrição será feito em formulário especial, fornecido pelo Serviço de Exposição, da mencionada Pasta da Agricultura.

As datas do futuro certame internacional do Parque de Estácio, a 20 km de Porto Alegre, são as seguintes:

22 de junho — Encerramento das inscrições

25 de agosto — Abertura da Exposição

26 de agosto — Julgamento de admissão e pesagem

27 a 29 de agosto — Julgamento de classificação

31 de agosto — Inauguração oficial

31 de agosto a 2 de setembro — Leilão dos animais

2 de setembro — Encerramento da Exposição.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
TABAPUÁ DE UCHÔA								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE B1 - De 3 a 3 1/2 anos. Courada II da Sta. Cecília - 1672	RE	3-2	35546	294	2.376	103,0	4,33	Rodolpho Ortenblad
CLASSE E - De 6 anos e mais. Cricula da Sta. Cecília - 1454	RE	11-4	20690	332	2.296	100,5	4,37	Rodolpho Ortenblad
Granada da Sta. Cecília - 1647	RE	8-7	23631	330	2.207	110,2	4,99	Rodolpho Ortenblad
Caravela da Sta. Cecília - 2965	RE	8-2	22129	262	1.706	79,3	4,64	Rodolpho Ortenblad
Faz. da Sta. Cecília - 2844	RE	6-11	30327	259	1.577	70,5	4,47	Rodolpho Ortenblad
LE -			LIVRO DE ESCOL					
IM -			LIVRO DE MÉRITO					
V. -			VENDIDA					
(2) -			MORREU					

RESULTADOS PARCIAIS DO CONTROLE

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos/meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
RAÇA HOLANDESA variedade preta e branca						
Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de Minas Gerais. Controle em 3/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Ariete Balada II	PO	8-3	6,0	157	19,0	3,15
Ariete Dorica Platara	PO	6-6	3,0	60	19,0	3,55
Ariete D. Duke Platara	PO	6-11	2,0	42	24,0	3,55
Ariete H. S. Platara	PO	5-10	4,0	120	21,0	3,00
Ariete B. Duke Platara 4ª	PO	6-4	3,0	77	23,0	3,23
Dr. Manoel Garcia Filho. Itú. Est. de São Paulo. Controle em 19/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Billy Rose Pachola Signet	PO	8-8	3,0	96	19,0	3,21
Martona's S. S. Reflection 11	PO	7-6	1,0	35	25,0	3,20
Paraiso Neuta Glamour Boy	PO	7-5	2,0	40	20,0	3,80
Joma Fiorrada Fond Hope	PO	5-11	2,0	59	18,0	3,54
Bardens Farm Piney Arlene	PO	4-10	3,0	67	22,0	3,45
Jaway T. G. R. Urn	PO	4-4	3,0	78	18,0	3,24
S. T. M. Aglaya P. Master	PO	2-4	2,0	49	14,0	3,34
S. T. M. Avany M. A. Citation R.	PO	2-3	1,0	15	18,0	2,95
S. T. M. Araruama C. Master	PO	2-2	1,0	20	13,0	2,85
Agro-Pecuária Lutfalla S/A. Sorocaba. Est. de São Paulo. Controle em 27/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Dorozea 10 Eva	PO	6-1	8,0	229	19,0	3,31
Brintol Agro Rita	PO	3-10	5,0	133	19,0	3,27
S. Martinho C. P. Ace	PO	6-5	6,0	180	15,0	3,98
Brintol Agro Sybil	PO	3-8	3,0	71	22,0	3,41
Malena 245 R. Majestic	PO	5-11	4,0	90	16,0	3,73
Inka 5 R. I. Madcap	PO	4-1	8,0	225	13,0	4,04
Donna 161 I. M. Madcap	PO	5-5	5,0	149	18,0	3,37
Dorozea 37 H. Primavera	PO	5-0	4,0	105	19,0	3,12
L. F. Moraes Regó Arq. Const. Agro-Pec. Ltda. São J. dos Campos Est. de S. Paulo. Controle em 12/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Ariense R. Star Rosa	PO	6-0	6,0	157	16,0	3,26
Ali S. Lucky Lady	PO	4-4	10,0	265	13,0	3,91
Trebol Roland 816	PO	5-10	3,0	68	19,0	3,69
Rafaelinos Libertad Crisco	PO	3-4	2,0	48	16,0	3,70
Iara Rio Claro	PCOD	10-4	3,0	68	16,0	3,38
Luromas F. A. Curtiss	PO	2-9	7,0	171	15,0	3,60
Caçarola Rio Claro	7/8	4-3	6,0	174	15,0	3,20
Acari Imperia Convanio	PO	2-6	6,0	160	13,0	3,67
Anavil Aleta Colty Rosaura	PO	2-6	6,0	147	14,0	3,60

BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO

Realizaram-se em fevereiro, p.p., as Assembleias Gerais Extraordinárias e Ordinária do Banco Mercantil de São Paulo, presididas pelo dr. Christiano Altenfelder Silva, tendo como secretários os srs. Armando Freire de Mattos Barreto e Flavio de Almeida Prado.

Foi homologada na Assembleia Geral Extraordinária a elevação do Capital do Banco, de Cr\$ 153.000.000,00 para Cr\$ 214.200.000,00, tendo sido aprovada, na ocasião, proposta de um voto de congratulação à Diretoria, pelo êxito alcançado no referido aumento do capital.

A Assembleia Ordinária aprovou o Relatório da Diretoria, as contas do exercício findo de 1973, e os pareceres dos Conselhos Consultivos e Fiscal, reelegendo para o Conselho Consultivo os srs. Adolpho Lindenberg, Alvaro Augusto de Bueno Vidigal, Antonio Aymoré Pereira Lima, Caio de Alcantara Machado, Dario Freire Meirelles, Edmundo de Macedo Soares e Silva, Eduardo Caio da Silva Prado, Francisco de Paula da Costa Carvalho, Gastão de Mesquita Filho, José Ermirio de Moraes Filho, Lucas Nogueira Garcez, Mauro Lindenberg Monteiro, Severo Fagundes Gomes e Vasco T. Leitão da Cunha; para diretor presidente o dr. Gastão Eduardo de Bueno Vidigal; para diretor vice-presidente, o dr. Luiz de Paula Figueiredo; para diretores gerentes, os srs. Gastão Vidigal Baptista Pereira, Oswaldo Morelli, Rubens Opice, Ariovaldo Aily, José Lourenço dos Santos, Jairo Eduardo Loureiro e Geraldo Machado; para diretores executivos, foi reeleito o sr. Fábio Luiz Alves Lima e eleitos os srs. Francisco Marcondes Rezende, Milton Centini e Ruy Marques; para membros do Conselho Fiscal, foram reeleitos os srs. Antonio Augusto Monteiro de Barros Neto, Antonio de Queirós Telles Junior e Willie de Mello Peixoto Brabazon Davids e eleitos os srs. Jorge Mesquita Mendonça e Roberto da Silva Porto; para suplentes do mesmo Conselho, foram reeleitos os srs. Antonio Dino Bueno Neto, Einar Alberto Kok, Heitor Penteado de Mello Peixoto e José Luiz Freitas Valle e eleito o sr. Auro Alufio Prado de Moura Andrade.

COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

44 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDÊS

NOSSAS CRIOULAS



CARTA II MEDALIST CAB — Magnífico exemplar pertencente ao nosso plantel. Sua produção: 9-4 2x 365 d 11.009 kg L 392,3 kg G 3,56%.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- **FORTALEZA**, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam nas páginas desta edição, médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em São Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilômetro 23 da estrada asfaltada de Itapecarica — via Sto. Amaro.

Colégio Adventista Brasileiro

Caixa postal 7258 — Fone 269-4011

SÃO PAULO

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
Gaiivota	PCOD	5-11	5.º	118	17,0	3,25
Bandeira de Rio Claro	7/8	5-3	5.º	121	15,0	3,46
Candeia de Rio Claro	15/16	4-4	5.º	68	15,0	3,14
Anama Beta R. 1529	PO	2-10	2.º	43	16,0	3,21
Luromas F. F. Artista	PO	3-1	2.º	24	16,0	3,51
Dengosa	PCOD	2-7	2.º	36	18,0	3,32
Dunga	7/8	2-11	2.º	52	14,0	3,65
Darcy	PCOD	2-8	1.º	20	17,0	3,25
Abelha	PCOD	2-11	1.º	10	16,0	3,72

Dr. André Broca Filho, Guaratinguetá, Est. de São Paulo. Controle em 9/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Jac	PO	8-2	1.º	18	22,0	5,43
Emerald	PO	7-7	2.º	41	15,0	4,79
Stip	PO	7-6	5.º	146	19,0	3,74
Nodz	PO	7-3	2.º	38	21,0	3,85
Terkos	PO	7-4	1.º	16	17,0	4,62
Burgas	PO	6-11	5.º	149	16,0	4,25
Miltura	PO	7-3	1.º	25	29,0	5,42
Rott	PO	7-8	7.º	208	13,0	3,93

Dr. Antonio Ignacio Pupo, Pedreira, Est. de São Paulo. Controle em 17/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Careta do Jaguaru	PCOD	7-2	8.º	212	14,0	3,68
-------------------	------	-----	-----	-----	------	------

Ramos, Medeiros & Cia. São J. Novo, Est. de S. Paulo. Controle em 28/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Emetea Aroma 11 Imp. 2 R. Apple	PO	5-8	6.º	162	13,0	4,10
Trebol Royal Tijereta	PO	6-1	2.º	37	22,0	3,03
Trebol Prince 52	PO	6-4	2.º	52	16,0	4,26
Militer K. S. Skokie	PO	5-1	6.º	162	15,0	3,46
Ali S. Imp. Carla	PO	4-9	3.º	60	24,0	2,14
Olgas Trueno Magico Gata	PO	5-6	7.º	201	20,0	2,26
Ali Especial Animosa	PO	4-6	7.º	200	15,0	3,73
R. M. Alta Pontiac	PO	3-5	3.º	81	20,0	3,37
Ali 94 Burke Comet	PO	4-1	8.º	217	14,0	4,64
R. M. Bela Premier	PO	2-4	7.º	217	13,0	4,15

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio, Itanhandú, Est. de Minas Gerais. Controle em 6/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Jardim Beleza	63/64	10/11	1.º	4	29,0	2,94
Jardim Mondilka	PO	5-2	1.º	20	23,0	2,94

Dr. Flavio C. Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. Minas Gerais. Controle em 8/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Perola de Morada Nova	31/32	—	2.º	62	13,0	3,09
Venezuela de Morada Nova	NR	—	3.º	78	17,0	3,50
Coramina de Morada Nova	NR	4-4	8.º	219	14,0	3,80

Jacob Rosier Dutilh, Campinas, Est. de São Paulo. Controle em 14/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas

Cevada do Pau D'Alho	PCOC	9-5	6.º	175	22,0	3,48
Chupa-Flor do Pau D'Alho	GHB	9-1	4.º	106	33,0	3,37
Achada do Pau D'Alho	PCOD	11-2	8.º	241	17,0	4,92
Doçura do Pau D'Alho	GHB	8-1	8.º	229	17,0	4,15
Dengosa do Pau D'Alho	PCOC	8-1	7.º	246	20,0	4,48
Curitiba do Pau D'Alho	15/16	9-3	1.º	10	34,0	4,10
Gacheta do Pau D'Alho	PCOC	4-4	8.º	289	15,0	4,00
Hebraica do Pau D'Alho	PCOC	4-3	2.º	81	22,0	4,49
Ilha do Pau D'Alho	PCOC	3-2	9.º	273	16,0	3,68
Igaçava do Pau D'Alho	PCOC	3-9	2.º	60	30,0	3,17
Pau D'Alho Importancia	PO	3-1	9.º	267	14,0	4,47
Identidade do Pau D'Alho	PCOC	3-2	10.º	290	22,0	3,33
Ideografia do Pau D'Alho	PCOC	3-4	8.º	245	15,0	3,68
Ihota do Pau D'Alho	PCOC	3-7	4.º	105	28,0	3,48
Inclinada do Pau D'Alho	PCOC	3-2	6.º	176	22,0	3,91
Inspirada do Pau D'Alho	PCOC	3-5	4.º	106	25,0	5,00
Indaiatuba do Pau D'Alho	PCOC	3-10	1.º	1	26,0	3,27
Imensa do Pau D'Alho	GHB	3-2	3.º	72	26,0	4,26
Indigena do Pau D'Alho	PCOC	3-4	4.º	106	32,0	4,32
Instancia do Pau D'Alho	PCOC	3-4	1.º	10	30,0	2,69
Jubilosa do Pau D'Alho	PCOC	2-1	9.º	280	13,0	4,25
Joia do Pau D'Alho	PCOC	2-1	7.º	251	13,0	3,67

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trôle	Dias de lactação	Leite	%
Joaquina do Pau D'Alho	PCOC	2-3	7.º	205	14,0	3,83
Jupia do Pau D'Alho	GHB	2-2	7.º	199	16,0	3,80
Japonesa do Pau D'Alho	PCOC	2-3	5.º	165	21,0	3,00
Jornalista do Pau D'Alho	PCOC	2-3	6.º	176	16,0	4,59
Janela do Pau D'Alho	PCOC	2-2	6.º	161	18,0	3,75
Jardineira R. M. Bulgária do P. D'Alho	GHB	2-1	5.º	131	21,0	3,77
Jamanta do Pau D'Alho	GHB	2-3	3.º	72	15,0	3,87
Java do Pau D'Alho	PCOC	2-3	2.º	51	18,0	4,47
Inteligencia do Pau D'Alho	PCOC	3-3	2.º	45	23,0	4,11
Irmã Pineyhill C. do Pau D'Alho	GHB	3-0	1.º	28	23,0	4,73

Fernando Alencar Pinto S/A, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo. Controle em 12/1/1974.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas						
Martona's Nell Sensation 15	PO	11-6	1.º	32	22,0	3,89
Martona's Skyliner Front Row 3	PO	10-10	2.º	36	26,0	3,28
Jangada Eliada Diamond	PO	9-4	3.º	96	33,0	3,29
Jangada Estimada Seiling	PO	7-2	2.º	49	22,0	3,73
Jang. Flama A. Prince	PO	8-6	2.º	42	19,0	3,66
Jangada Garota A. Three	PO	7-11	1.º	17	29,0	3,29
Hedda	PO	8-0	5.º	149	19,0	3,47
Jangada Fani A. Prince	PO	7-9	4.º	116	19,0	3,50
Hansigne	PO	7-11	6.º	166	19,0	3,53
Jangada Granada F. D. Mark	PO	6-11	6.º	151	18,0	3,58
Jangada G. F. D. Mark	PO	7-3	3.º	77	34,0	3,25
Jang. Helvetia Diamond	PO	6-11	1.º	32	35,0	3,40
Jangada Guariba Fidalgo D. Mark	PO	6-10	6.º	163	21,0	3,50
Jangada G. Master Dean	PO	6-10	3.º	82	25,0	3,54
Passau	PO	7-4	2.º	65	29,0	3,41
Jorgi	PO	8-8	3.º	84	19,0	3,36
Jang. Helena Diamond	PO	6-6	7.º	193	27,0	3,16
Jang. Herança Diamond	PO	6-10	1.º	30	37,0	2,94
Sirna	PO	7-2	1.º	17	21,0	3,26
Jang. Hilda Diamond	PO	6-1	5.º	154	19,0	3,64
Jang. Hesitação Diamond	PO	6-4	3.º	74	19,0	3,89
Peli	PO	6-10	4.º	99	18,0	3,41
Jangada H. D. Fayne	PO	5-10	5.º	148	23,0	3,45
Jangada H. Diamond	PO	6-3	4.º	112	20,0	4,63
Jang. Hera Dunlogin Fayne	PO	6-2	2.º	32	27,0	3,32
Jang. Herna Lucifer	PO	6-1	1.º	17	25,0	3,56
Jang. Guaranesia Diamond	PO	6-8	5.º	148	29,0	3,44
Jang. Helen Diamond	PO	5-11	5.º	154	22,0	3,59
Jang. Helimar Lucifer	PO	5-11	3.º	66	25,0	3,57
Demerts Rosana 416 R 1579	PO	6-2	1.º	31	25,0	3,49
Demerts Tacuartia 131 R. 1579	PO	6-3	1.º	20	30,0	3,53
Martona's Keeneland Elector 2	PO	5-1	6.º	159	22,0	3,86
Jangada I. F. A. D. Mark	PO	5-3	3.º	85	20,0	3,73
Jangada Indiscreta	PO	5-1	4.º	123	21,0	3,51
Jangada Irmã I. D. Fayne	PO	4-11	3.º	73	23,0	3,21
Jangada Independencia Lucifer	PO	4-10	3.º	85	23,0	3,56
Demerts Lagunita 39 R. 1579	PO	5-5	7.º	225	22,0	3,06
Jangada Irma II Dunlogin Fayne	PO	5-0	2.º	47	25,0	3,31
Jangada Jurema Master Dean	PO	4-8	4.º	114	17,0	3,94
Jangada J. Gov. Leader	PO	4-6	5.º	128	22,0	3,58
Jangada Jacobina Diamond	PO	4-7	3.º	77	18,0	3,03
Jangada Jamaica Diamond	PO	4-8	2.º	54	23,0	2,97
Jangada Jornada Presidente	PO	4-6	3.º	74	21,0	3,13
Jangada Joana Diamond	PO	4-8	3.º	77	17,0	3,19
Jangada J. Diamond	PO	4-8	4.º	93	19,0	3,57
Jangada J. Diamond	PO	4-9	1.º	20	29,0	3,66
Jangada Jard. Diamond	PO	4-5	4.º	113	21,0	3,88
Jangada Juarita Presidente	PO	4-4	2.º	54	20,0	3,03
Martona's Victor F. Row 5	PO	5-2	2.º	59	29,0	3,46
Martona's D. G. Prilly 24	PO	5-1	5.º	138	22,0	3,11
Jangada Jurada Diamond	PO	4-7	1.º	35	30,0	3,59
Jangada Jaçanã G. Leader	PO	4-3	5.º	123	18,0	3,12
Jangada Jandira Lucifer	PO	4-10	2.º	58	17,0	3,91
Jangada Javaneza Gov. Leader	PO	4-3	4.º	107	17,0	4,02
Jangada Jacé Promis	PO	4-1	3.º	80	22,0	4,14
Jangada Jarrinha E. Promis	PO	4-0	4.º	94	23,0	4,42
Jangada Japira Diamond	PO	4-7	1.º	25	24,0	3,37
Jangada Jacqueline Master Dean	PO	4-6	1.º	13	27,0	3,53
Jangada Juliana M. Dean	PO	4-4	2.º	45	21,0	3,96
Jangada J. Presidente	PO	4-3	3.º	84	20,0	3,43
Jangada Janete Diamond	PO	4-6	2.º	57	25,0	3,91
Jangada Liberdade H. Promis	PO	3-11	2.º	41	24,0	4,15
Jang. Lindoia H. R. Master	PO	3-6	6.º	161	20,0	4,23
Jangada Janusa Promis	PO	4-2	3.º	92	25,0	3,70

FRANCISCO F. BARRETTO

Km 295 da estrada
Mococa-Cajuru
Fone: 50-801

MOCOCA — Fone 50-085
Caixa, 18

SÃO PAULO — Rua 15 de
Novembro, 193 - 3.º andar
Fone 33-48-30

38 anos na Seleção do
Gir Leiteiro

380 vacas em CONTROLE
OFICIAL pela Associação
Brasileira de Criadores

OUTRA NOSSA GRANDE
PRODUTORA:



ESCALA-541 — REGISTRADA —
RG-ABCZ H-1650, SCL-26.091, nas-
cida em 21/12/1965, filha de HIN-
DOSTAN-P.O. - RG 7.098 e JAR-
RINHA-108 - RG I-641, produziu
6.418,890 quilos de leite e 277,838
quilos de gordura, em 365 dias de
lactação, com média diária de 17,586
quilos de leite.

Industrialização e venda de Sêmen:
LAGOA DA SERRA - Fone 23 -
Caixa 139
SERTÃOZINHO - Estado de S. Paulo

GIR LEITEIRO DE MOCOCA

MAIS CARNE
MAIS LEITE

307 Vacas no Livro de Mérito
11 Vacas no Livro de Escol

SINDI

LEITE EM ZEBU

Registro genealógico pela
A B C Z

★

Contrôle leiteiro
pela A P C B



CARTOLA reg. 203 ABCZ

2a 8m-1847 kg leite-4.90 gord.
3a 7m-2559 kg leite-5.29 gord.
4a 8m-2462 kg leite-5.69 gord.
5a 9m-2257 kg leite-5.37 gord.
7a 2m-3375 kg leite-6.04 gord.

TOTAL 12.500 kg leite



Fazenda Fortaleza

João Carlos Pedreira
de Freitas

ARCEBURGO — MG

NOME DO ANIMAL

	Grav. do sangue	Idade em meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
Jangada Luana E. I. Duke Mark	PO	3-7	2,0	48	22,0	3,89
Jangada Lilia D. R. Master	PO	3-10	2,0	52	20,0	3,18
Jangada Lisa Emilie I. D. Mark	PO	3-9	1,0	17	22,0	3,93
Jangada Jarra G. Promis	PO	4-1	1,0	13	16,0	4,06
Jangada Marilia H. Butterman	PO	2-5	6,0	180	23,0	3,78
Jangada Jacarta Miga de Ouro	PO	4-1	5,0	132	18,0	3,60
Jangada Melina 0125 Butterman	PO	2-5	5,0	130	19,0	3,79
Jangada Leandra A. I. D. Mark	PO	3-4	4,0	122	19,0	3,35
Jangada L. F. Promis	PO	2-9	4,0	123	20,0	3,31
Jangada Mimada I. K. Butterman	PC	2-7	3,0	68	20,0	3,32
Jangada Liz 0127 Promis	PO	3-2	3,0	73	20,0	3,95
Jangada M. E. Butterman	PO	2-7	3,0	83	22,0	3,38
Jangada M. II Tirgoe Butterman	PO	2-7	2,0	56	20,0	3,56
Jangada Mocieira 0140 Butterman	PO	2-3	2,0	64	18,0	2,96
Jangada Meire H. Butterman	PO	2-10	2,0	40	21,0	3,36
Jangada Mimosa I. Butterman	PO	2-9	2,0	47	17,0	3,31
Jangada Marta I. Butterman	PO	2-7	2,0	59	20,0	4,23
Jangada Maré Fort. Infante D. Mark	PO	2-9	1,0	36	19,0	3,85
Jangada Moema Indicada J. Diamond	PO	2-9	1,0	14	23,0	3,77
Jangada Madri Itala Butterman	PO	2-7	1,0	34	16,0	4,04
Jangada Lua Mirosa Infante D. Mark	PO	3-8	1,0	30	21,0	3,74

2 ordenhas

Jangada Fiandeira Leadsman	PO	8-4	5,0	153	19,0	3,40
Jangada Fabula Three	PO	8-5	3,0	75	14,0	3,51
Jangada Fernanda A. Three	PO	7-8	6,0	165	17,0	3,40
Jangada Helice Diamond	PO	6-1	6,0	152	16,0	3,87
Faraelinos Cleo Inka	PO	7-0	4,0	125	13,0	3,08
Karvana	PO	7-0	6,0	166	15,0	3,93
Jangada Isabel D. Fayne	PO	5-8	3,0	69	17,0	4,13
Jangada Iberia D. Fayne	PO	10-7	9,0	269	15,0	4,80
Jangada Invejada D. Fayne	PO	4-8	8,0	248	13,0	3,67
Jangada Junta Diamond	PO	4-3	7,0	211	16,0	3,50
Jangada Ipueira M. Dean	PO	4-5	8,0	253	14,0	3,64
Jangada Imperatriz D. Mark	PO	5-2	6,0	164	17,0	3,09
Jangada Jazida A. Michael	PO	4-0	7,0	205	19,0	3,72
Jangada J. Presidente	PO	4-2	4,0	111	14,0	3,39
Siwa	PO	6-10	5,0	132	14,0	4,21
Jangada J. Alert Michael	PO	4-3	6,0	166	15,0	3,64
Jangada L. H. Promis	PO	3-7	6,0	161	16,0	4,22
Jangada Lella G. Promis	PO	3-5	4,0	99	17,0	3,98
Romandale Countess Helen	PO	2-7	8,0	250	13,0	4,46
Jangada M. H. J. Diamond	PO	2-4	6,0	166	13,0	3,51
Jangada Lameira H. R. Master	PO	3-4	6,0	174	14,0	3,47

Fazenda e Haras Castelo S/A. Jaguariuna. Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S. Quirino Paraiba Merrit R. Inka	PO	5-1	1,0	16	22,0	3,25
S. L. M. 122 Baiana Astro	PCOD	5-8	1,0	60	20,0	3,98
S. L. Bisca	PCOD	5-10	1,0	28	19,0	3,33
São Quirino Q 17	PCOC	4-9	1,0	25	19,0	3,00
Castelo V 41	PCOD	8-1	1,0	18	20,0	3,17
Castelo V 2	PCOD	8-2	1,0	17	17,0	4,04
V 52 do Castelo	PCOD	5-1	1,0	16	16,0	3,04
Castelo V 48	PCOD	8-1	1,0	12	17,0	4,11
Castelo V 19	15/16	6-1	1,0	11	20,0	4,10
Canada Florença	PCOD	5-6	1,0	4	21,0	3,30

Dr. Jamil Zantut. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 29/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Leber Ricaça	PCOD	6-1	5,0	145	19,0	3,24
Diana Kuperus Reflection	PO	6-10	6,0	178	14,0	3,85
Rafaelinos Temporal Inka	PO	7-1	6,0	186	14,0	3,54
Rafaelinos C. Super	PO	6-10	1,0	10	20,0	4,65
Rafaelinos Sarot Way	PO	6-10	5,0	146	15,0	3,75

Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. Controle em 9/1/1974. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

C.A.B. Safra Medalist	PO	8-9	6,0	174	15,0	2,92
Festinha Medalist C. A. B.	GHB	8-3	3,0	65	16,0	3,05
Rialta Medalist C. A. B.	PCOC	6-3	4,0	103	16,0	3,84
C. A. B. Flauteira II Medalist	PO	6-6	2,0	53	20,0	2,68
C. A. B. Favorita Medalist II	PO	6-2	3,0	86	16,0	3,40
Leitora Medalist II C.A.B.	GHB	6-4	4,0	103	19,0	2,78
Belica Medalist II C. A. B.	GHB	5-8	7,0	205	17,0	3,71

NOME DO ANIMAL	Gravidade Sangue	Idade anos meses	Controle	Dias da lactação	Leite	%
Festiva Medalist C. A. B.	PCOC	5-10	3.0	73	18,0	2,73
Fontenova Colonel C. A. B.	PCOC	15-6	3.0	80	17,0	3,30
C. A. B. Florada Medalist II	PO	5-6	6.0	159	17,0	3,16
Complicada Medalist C. A. B.	PCOC	4-7	4.0	98	17,0	3,50
F. L. G. Radiosa Flashy Medalist	PO	5-11	1.0	8	18,0	2,38
C. A. B. Sinovia Colonel	PO	4-11	5.0	141	16,0	3,09
Bela Medalist II C. A. B.	PCOC	4-3	3.0	73	19,0	3,05
Promotora Colonel C. A. B.	PCOC	4-5	7.0	228	15,0	2,96
Façanha Seaman C. A. B.	PCOC	3-2	1.0	16	16,0	3,05
Famosa Majority C. A. B.	PCOC	3-7	1.0	6	17,0	3,03
Fontoura Colonel C. A. B.	PCOC	3-6	2.0	35	15,0	2,73
Bonapa Model C. A. B.	PCOC	2-5	9.0	265	14,0	3,24
C. A. B. Fazoleza Monitor	PO	2-8	8.0	218	13,0	3,34
Lorena Graciela C. A. B.	PCOC	2-6	4.0	66	13,0	3,04
C. A. B. Fatura Seaman	PO	2-7	3.0	55	15,0	3,15
C. A. B. Firmeza Seaman	PO	2-9	3.0	44	18,0	3,04
C. A. B. Safira Seaman	PO	2-7	3.0	64	14,0	2,84
Certaza Graciela C. A. B.	PCOC	2-9	1.0	8	19,0	3,08
Dediva Seaman C. A. B.	PCOC	2-6	1.0	22	13,0	3,04

Domingos Fasanella, Angatuba, Est. de São Paulo. Controle 14/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Malberty 578 Marisa Bumbi	PO	8-9	3.0	77	15,0	3,33
Margarita M. F. Eaton Hall	PO	6-6	1.0	30	16,0	4,23
Lorelei M. Sybil	PO	6-0	7.0	225	13,0	3,44
S. J. T. Natalia Boywar 2 Royal 222	PO	5-5	2.0	39	15,0	3,66
S. J. T. Ninfa Violeta 2 Royal 244	PO	5-1	2.0	39	18,0	4,10

Dr. Benedito J. Soares de M. Patri. Santo Amaro. Controle em 18/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13 de Abril 93 Agraciada N. Pats	PO	6-7	7.0	283	16,0	3,11
Achalay U. Ligera Promocion	PO	7-1	2.0	51	36,0	3,23
Ontario Hormiguita Sandra	PO	6-6	5.0	143	24,0	3,40
Monje Dolar Inspirivy Dolly	PO	6-7	9.0	305	17,0	2,79
Anama Chicha Pow	PO	8-5	4.0	120	20,0	2,94
Valdivia's Traz Ble 145 Chumbo	PO	6-3	5.0	130	37,0	4,06
Santos Matilde Cotty	PO	5-11	7.0	192	24,0	3,71
Brillante 212 Ivona	PO	7-1	2.0	42	20,0	2,84
Ontario Nochera Patina	PO	5-6	4.0	121	31,0	3,25
Militer A. Aurora Skokison	PO	5-7	10.0	334	19,0	3,10
Achalay Imperio S. Escolta	PO	6-2	7.0	194	25,0	3,83
Valdivia's Limonero 150 Chumbo	PO	5-3	9.0	297	18,0	4,24
Desvelo 49 P. Payanca R.	PO	6-5	2.0	38	35,0	5,07
Ensayos P. Donosa	PO	5-3	11.0	349	13,0	3,55
Militer F. M. Taperito	PO	5-11	5.0	125	29,0	3,05
Ariense P. Ref. Leona	PO	5-6	10.0	346	20,0	2,64
Militer Cantora Trovadora Universo	PO	5-6	4.0	120	26,0	3,20
Valdivia's Violeta 65 Chumbo	PO	5-10	7.0	260	21,0	4,19
Valdivia's Patina 227 Ferrari	PO	4-11	7.0	205	19,0	3,82
Ontario A. Leona	PO	5-6	10.0	296	17,0	3,76
Recodo 116 G. Buenita 89	PO	5-7	9.0	304	19,0	2,90
Cuárajhi E. Cacumen D. 10	PO	6-3	2.0	29	27,0	2,79
Martindale Dora 20	PO	6-1	7.0	299	18,0	2,89
Achalay Oro Elavada Opinion	PO	6-7	4.0	106	30,0	2,89
Brillante 254 Onakita	PO	5-7	10.0	325	21,0	2,55
Arena Rag Apple Premier	PO	3-6	8.0	281	19,0	3,58
Marcha 902 Faa M. 709	PO	4-9	10.0	283	14,0	4,00
Bacana Donosa TAbaré	PO	2-0	7.0	194	18,0	3,29
Calunga D. Victoria	PO	2-2	10.0	322	15,0	3,80
Cassandra Cacumen Model	PO	2-3	7.0	194	14,0	4,03
Canadá Patina Model	PO	2-4	4.0	94	19,0	3,04
Coroada Maravilha Reflector	PO	2-6	2.0	37	22,0	2,84
Ciranda Ivona Model	PO	2-6	2.0	47	16,0	3,21
Cinderela Chumbo Model	PO	2-8	2.0	48	16,0	2,71

Dr. Benedito J. Correa. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Rory's Zenta Kay Tordito	PO	7-4	7.0	223	14,0	3,82
--------------------------	----	-----	-----	-----	------	------

João Baptista Salm. Bocaina. Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nogales Sky Rocket Laurel	PO	10-8	1.0	41	18,0	4,50
Suspiros Citation Rina 18	PO	5-11	4.0	111	19,0	3,36
Bacallang 118 Michelita 16 R. 782	PO	10-1	4.0	130	17,0	3,75
Oncativo 433 Petunia R. A.	PO	8-1	5.0	171	18,0	3,58

ALIMENTAÇÃO

Queijo e vinho - a união perfeita do sabor

Dizem os conhecedores que queijo e vinho formam a união perfeita, o casamento mais estável, entre tantos outros rituais da arte de comer. Os franceses são tão ciosos de suas tradições e do valor dos seus queijos e vinhos, que escolhem locais apropriados, onde nunca há menos de 350 marcas de sabor e procedências diferentes.

No Brasil, a degustação sofre a influência de uma temperatura quase sempre alta — raramente temos uma temperatura de menos de 10 graus — o que não favorece em nada a repetição dos hábitos franceses na perfeita combinação de marcas, qualidade e sabores. Pierre Bloch, dono da Cave aux Fromages, no Leblon, por isso mesmo, elaborou uma lista de queijos e vinhos adaptada ao nosso clima (e igualmente requintada), em que não foi esquecido o camembert, que se come com Beaujolais; o boursin, que se degusta com Chateaufort e o maouilles ou roquefort, que vai bem com o St-Emilion.

Os queijos são tão antigos, que a lenda que corre é a de que foram inventados por Aristeu, filho de Apolo e de Cirene. Há uma outra lenda que dá a versão de ter sido Júpiter o seu inventor, quando, na ilha de Creta, sobreviveu às costas de um queijo de leite de cabra.

O vinho, por sua vez, remonta a eras tão antigas, que parece ter nascido junto com a história do homem, sempre presente em todos os seus momentos: dramáticos, festivos, irreverentes.

Juntos formam um binômio tão especial, que se torna difícil encontrar na literatura e nas artes, autor que não tenha se referido à degustação e das delícias de saber prová-la no momento e no local exatos. Acompanhado do pão, presença indispensável para muitos, o queijo ganha destaque, sendo mesmo o elemento principal ao qual se deve render todas as homenagens. Os gourmets aconselham deixar passar o vinho entre os pedaços de queijo na boca, para aumentar seu sabor. E, para acompanhar roquefort, nada como pão torrado — medida que se estende aos queijos de massa mole.

Pão francês, quente, cai otimamente bem com um vichi, já o queijo tilsit se come com um pedaço de pão de centeio. Tudo, de preferência, numa noite fria sem chuva, céu com estrelas e algum vento.

NOSSOS QUEIJOS

Nossa produção de queijos, tal como a de vinhos, já pode hoje ser considerada bem importante. Alguns de nossos queijos têm merecido mesmo referências elogiosas de experts franceses.

Nosso provolone é muito elogiado, o mesmo acontecendo com um queijo espe-

cial, fora de mercado, o *petit catupiry*, feito da nata do requeijão do mesmo nome e que se tornou exclusividade de uma *cave* paulista, a *Cave do Jacques*. O *camembert* nacional, parecido com o francês, entre nós sofre os problemas de conservação curta, ao contrário do estrangeiro, que atinge seu ponto máximo quando a emboloração é quase total. Vendido pelo processo de *meia-cura*, permite ao consumidor terminar sua maturação, se deixar a caixa destampada durante alguns dias. Os conhecedores esclarecem que quase todos os tipos de queijos industrializados precisam terminar a *cura*, o que costuma acontecer com os produtos nacionais.

Aconselham também guardar os queijos em local frio, mas sem excesso. Um queijo guardado por muito tempo, exige a temperatura máxima de 2°. nunca submetendo-o a menos de 0° (grau) queijo que entra e sai da geladeira não prossegue no seu processo de amadurecimento e morre. E perde o sabor.

PROBLEMA DO CLIMA

Na França há 400 tipos de queijos, enquanto que na Inglaterra há tipos bem saborosos e conhecidos, como o *cheddar*, o queijo azul, que se come com colher, depois de escavá-lo e derramar xerez ou vinho do Porto em seu interior. O *edam*, holandês, delicioso, e o *emmental*, suíço, nada ficam a dever ao *gruyère*, seu irmão em sabor.

O brasileiro que ama os queijos e pratica sua degustação com vinhos, tem certa dificuldade em encontrar bons queijos importados, porque as casas especializadas, temendo os efeitos de nosso clima, pouco a pouco vão restringindo a importação de queijos mais raros e de adaptação difícil.

Os vinhos também encontram essa mesma dificuldade entre nós, principalmente na hora de bebê-lo. Para Henrique Becker, um expert em vinho, "o Rio de Janeiro é uma cidade infeliz para os vinhos, porque só há três meses por ano em que podemos bebê-lo".

Aconselha, por isso mesmo, colocar os vinhos tintos na geladeira, um pouco antes de servir, "servindo-o *frappé*, porque é impossível conseguir a temperatura ambiente de 20°C como seria de desejar".

APROVAÇÃO CARIOCA

Produzimos bons vinhos e bons queijos, como o de Minas, conhecido até mesmo no exterior, o *cobocó*, o *estepe*, o *gouda*, todos fracos, sem falar nos fortes, como o *limburgo*, o *gorgonzola*, o *port-salut*, o *tilsit*. Recomenda-se começar pelos queijos fracos, acompanhados de vinho verde português ou de nacionais de safras particulares. Os queijos de sabor médio, degusta-se com vinhos tintos leves, queijos fortes com vinhos tintos encorpados. Bons vinhos tintos fortes, nacionais: o *Bernard Thailand*, o *Santa Ursula*, o *Cabernet*, da *Granja União*. Tintos leves: o *Grand Pierre*, o *Chateau Duvalier*.

Pierre, da *Cave aux Fromages*, acredita que o carioca pouco a pouco vai desco-brindo o prazer da degustação, tanto as-

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trôle	Dias de lactação	Leita	%
Suspiro's Kina Burke	PO	6-1	1,0	31	26,0	3,48
Zabalua Monarch Wally	PO	6-11	1,0	20	28,0	3,08
Amazonas Marmauthe Leiteira	PCOC	5-8	1,0	29	26,0	3,18
Amazonas Marmauthe Loureira	PCOC	5-1	3,0	90	20,0	4,15
Amazonas Marmauthe Lenita	PCOC	5-4	5,0	186	15,0	3,37
Amazonas Marmauthe Lontra	PCOC	4-11	5,0	170	15,0	4,12
Oncativo 569 Alambre 341 R. A.	PO	5-8	2,0	71	22,0	3,82
Oncativo 569 Alambre 341 R. A.	PO	5-8	1,0	39	23,0	3,38
Suspiro's Citation R. Ada 33	PO	5-0	5,0	139	17,0	3,53
Firmes 458 Folie Lorne	PO	5-7	3,0	91	26,0	3,48
Sanregs 425 Ing. Cariñoso 208	PO	7-2	5,0	143	16,0	3,85
Suspiros Donna Angela 1	PO	4-1	5,0	172	17,0	3,48
Paraiso Receita Citation	PO	3-9	4,0	116	21,0	3,50
Pinheirinho 11 Lam 364 Belastiqui	PCOC	3-3	3,0	82	16,0	4,12
Amizada Yesters Fronda	PO	3-1	3,0	94	14,0	3,51
S. D. Royal Yankee G. Adonis	PO	2-5	1,0	47	14,0	4,08
S. D. Royal Yankee G. Adonis	PO	2-5	2,0	79	15,0	4,00
Pinheirinho 1 Dak 219 Senator	PCOC	3-4	1,0	47	14,0	4,08
Pinheirinho 1 Dak 219 Senator	PCOC	3-4	2,0	79	15,0	3,88
Pinheirinho 19 Lam 74 Royal	PCOD	3-2	2,0	71	15,0	3,71
S. D. Ravenglen G. G. Adonis	PO	2-5	1,0	36	19,0	3,18

Dr. Joaquim da Rocha Medeiros, São Carlos, Est. de São Paulo. Controle em 24/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Granjeira 771 Inka	PO	3-5	2,0	120	13,0	3,50
Granjeira 662 Inka Rosafé	PO	5-5	2,0	47	14,0	3,51
Granjeira 776 Inka Rosafé	PO	3-5	2,0	53	14,0	3,52

S. A. Fazenda Paraiso Agro-Pecuária, São João da B. Vista, Est. de São Paulo. Controle em 2/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sertão Gabela P. Glenafton	PO	13-3	2,0	75	16,0	3,52
Paraiso J. Alicia Fidalgo	PO	10-10	2,0	58	29,0	3,44
Paraiso Itagua Pabst	PO	10-11	9,0	260	16,0	4,81
Sertão Ipeca Batuta	PCOD	11-2	1,0	32	27,0	3,28
Par. Jordania G. Fidalgo	PO	9-11	5,0	136	16,0	3,55
Paraiso Libra Exotico	PO	8-11	9,0	254	18,0	3,51
Paraiso Jaqueta Fidalgo	PCOC	10-1	3,0	70	21,0	3,55
Paraiso L. Estiva Harden	PCOC	9-8	3,0	111	15,0	3,88
Paraiso Jarnais Pabst	PCOC	9-7	8,0	232	15,0	3,53
Paraiso Limeira Fidalgo	PO	9-3	9,0	37	29,0	3,28
Paraiso Licita Kenjo	PO	9-8	2,0	47	20,0	3,24
Paraiso Loide Pabst	PCOD	8-11	2,0	50	23,0	2,88
Paraiso Memoria Adonis	PO	8-5	3,0	79	27,0	3,55
Paraiso Musa Adonis	PO	8-3	2,0	57	26,0	3,08
Paraiso Lanisa Pabst	PO	9-2	2,0	72	19,0	3,58
Paraiso Latente Segis Host	PO	9-5	1,0	28	19,0	3,10
Paraiso Malra Fidalgo	PO	7-8	6,0	160	20,0	3,53
Paraiso Mulata Exotico	PO	8-2	2,0	41	19,0	3,58
Paraiso Louvada Fidalgo	PO	9-3	3,0	118	15,0	3,60
Paraiso Matterna Exotico	PCOD	7-11	2,0	48	23,0	3,08
Paraiso Natalia Jaguar	PO	7-4	7,0	204	16,0	3,55
Paraiso M. W. Mark	PCOC	8-1	4,0	112	17,0	3,40
Paraiso Mineira Clyde	PCOD	8-5	3,0	96	19,0	3,58
Alcira Jupiter Elvira	PC	9-2	6,0	168	18,0	3,40
Paraiso Nazaré Jaguar	PCOC	7-4	3,0	99	18,0	3,41
Paraiso Mara Exotico	PO	7-7	6,0	166	18,0	3,60
Paraiso Montanha F. Hope	PO	8-0	1,0	33	21,0	3,68
Paraiso Magda Texal	PO	7-11	4,0	115	16,0	3,42
Paraiso Naty Roburke	PO	5-11	5,0	138	20,0	3,70
Paraiso Opala Sky-Cross	PO	6-1	4,0	119	18,0	3,98
Paraiso Nagy Spring	PCOC	7-2	2,0	68	23,0	3,73
Paraiso Oway Fidalgo	PO	6-2	5,0	151	16,0	3,79
Paraiso Orbita Luebke	PO	6-1	7,0	196	16,0	3,60
Paraiso Obata Exotico	PO	6-1	5,0	144	15,0	3,90
Paraiso Olga Fidalgo	PO	8-11	1,0	22	16,0	3,45
Paraiso Ormaca Fidalgo	PO	6-5	5,0	121	17,0	3,33
Paraiso Oleira Sky-Cross	PCOC	6-4	1,0	21	27,0	3,63
Paraiso Odila Roburke	PO	6-11	1,0	31	20,0	3,22
Paraiso O. Fidalgo	PCOC	6-9	1,0	16	25,0	3,44
Paraiso Okama Roburke	PCOC	6-2	5,0	135	15,0	3,80
Paraiso Ossa Fidalgo	PO	6-3	4,0	112	18,0	3,79
Paraiso Oasis Fidalgo	PO	6-10	1,0	28	24,0	3,81
Paraiso Olvidada Fidalgo	PCOC	5-9	4,0	128	18,0	3,47
Paraiso Isca Fancy Exotico	PO	10-10	4,0	122	17,0	3,70
Paraiso Oblita Jupiter	PCOD	6-1	2,0	63	21,0	3,54
Paraiso Jadilla Galante	PCOC	9-10	4,0	126	19,0	3,51
Paraiso Osma Luebke	PO	6-3	3,0	77	23,0	3,43

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trôle	Dias de lactação	Leite	%
Paraíso Olhada Fidalgo	PO	5-11	3,0	105	18,0	3,29
Paraíso Ostra Roburke	PO	6-4	2,0	49	19,0	3,26
Cochran Corvet Chervl	PO	8-7	6,0	166	15,0	3,83
Paraíso Pita Fidalgo	PO	5-9	1,0	20	27,0	3,06
Paraíso Pomar Magnifico	PO	5-2	5,0	151	15,0	3,49
Paraíso Passata Exotico	PO	5-8	1,0	29	18,0	3,25
Paraíso Danaçu Magnifico	PCOC	5-10	3,0	90	20,0	3,29
Paraíso Penha Roburke	PO	5-9	2,0	59	20,0	3,19
Paraíso Promesa Magnifico	PO	5-0	6,0	172	16,0	3,72
Paraíso Pelomita Magnifico	PO	5-3	6,0	188	18,0	3,50
Paraíso Patilha Magnifico	PO	5-7	1,0	20	23,0	3,79
Paraíso Paris Fidalgo	PO	5-1	5,0	135	16,0	3,92
Paraíso Obrigada Exotico	PO	6-7	3,0	77	23,0	3,56
Paraíso Padilha Roburke	PO	5-6	1,0	11	24,0	3,00
Paraíso Petala Fidalgo	PO	5-5	4,0	128	16,0	3,68
Paraíso Pruma Luebke	PO	4-11	5,0	131	16,0	3,94
Paraíso Parada Luebke	PO	5-7	2,0	47	25,0	3,47
Paraíso Pansa Roburke	PO	5-2	6,0	169	16,0	3,60
Paraíso Platora Magnifico	PO	5-2	2,0	47	21,0	3,47
Paraíso Preferencia Magnifico	PCOC	5-0	2,0	65	18,0	3,27
Paraíso Peusa Roburke	PO	5-4	1,0	21	18,0	3,34
Paraíso Primitiva Fidalgo	PO	5-1	2,0	61	22,0	3,41
Paraíso Perola Magnifico	PO	4-11	11,0	345	16,0	4,49
Paraíso Rebeca Fidalgo	PO	4-7	6,0	125	18,0	3,64
Paraíso Recordista Magnifico	PO	4-3	4,0	118	18,0	3,71
Paraíso Petala Magnifico	NR	—	2,0	51	22,0	3,43
Paraíso Procurada Fidalgo	PO	5-2	1,0	30	24,0	3,32
Paraíso Reservada Fidalgo	PO	4-3	6,0	167	19,0	4,13
Paraíso Rumana Forty-Niner	PO	4-1	6,0	165	16,0	3,96
Paraíso Roleta Fidalgo	PO	4-6	1,0	15	24,0	2,94
Paraíso Moca Jaguar	PO	7-8	5,0	130	17,0	3,70
Paraíso Panteada Luebke	PO	5-0	4,0	116	16,0	3,62
Paraíso Rafaela Fidalgo	PO	3-10	5,0	140	15,0	3,87
Paraíso Palermo Magnifico	PO	4-11	2,0	47	21,0	3,16
Paraíso Refeita Fidalgo	PO	4-0	1,0	26	21,0	3,26
Paraíso Realista Fidalgo	PO	4-6	6,0	139	15,0	3,55
Paraíso Salpicada Fidalgo	PCOC	3-9	1,0	12	26,0	3,66
Paraíso Perla Luebke	PO	5-1	3,0	101	16,0	3,36
Paraíso Resistiva Fidalgo	PO	3-9	4,0	113	17,0	3,68
Paraíso Rumorosa Fidalgo	PO	4-1	2,0	54	18,0	3,54
Paraíso Pena Fidalgo	PO	5-4	1,0	7	18,0	3,50
Paraíso Beleta Fidalgo	PO	3-8	3,0	78	20,0	3,62
Paraíso Salina Sky-Cross	PO	3-9	2,0	65	17,0	3,70
Paraíso Saliente Fidalgo	PO	3-10	1,0	22	20,0	3,66
Paraíso Regina Fidalgo	PO	4-10	2,0	41	15,0	3,20
Paraíso Selga R. Master	PO	3-9	1,0	31	17,0	3,07
Paraíso Internacional Randy	PO	2-8	3,0	92	15,0	3,18
Paraíso Regencia Luebke	PO	4-5	3,0	74	19,0	3,14
Paraíso Salsa Magnifico	PO	3-2	3,0	81	16,0	3,76
Paraíso Tigeta Fidalgo	PO	2-7	2,0	41	16,0	3,59
Paraíso Parquetina Magnifico	PO	5-4	2,0	43	17,0	3,43
Paraíso Solomita Majority	PO	3-1	2,0	44	20,0	3,68
Paraíso Tenacata R. Master	PO	2-6	2,0	50	19,0	3,15
Paraíso Sociavel D. Ann	PO	3-0	2,0	50	19,0	3,33
Paraíso Reginalda Fidalgo	PO	4-2	2,0	50	17,0	2,81
Tatiana Magnifico do Paraíso (A-833)	GHB	2-5	2,0	52	17,0	3,57
Paraíso Serpentina Piebe	PO	3-1	1,0	5	15,0	3,70
Paraíso Tamará Jaguar	PO	2-9	1,0	15	18,0	3,56
Paraíso Tambora Dale	NR	2-10	1,0	16	19,0	3,30
Paraíso Sarjadeira Fidalgo	PO	3-4	1,0	22	21,0	3,16
Paraíso Tarrafa D. Ann	PO	2-10	1,0	29	24,0	3,24
Paraíso Poma Keystone	PO	5-9	1,0	38	22,0	2,97

Lair Antonio de Souza, Araras, Est. de São Paulo, Controle em 29/1/1974, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Martona's Dictator Reg Apple 7	PO	9-6	1,0	6	16,0	3,55
Martona's Dictator S. R. 12	PO	8-5	8,0	252	15,0	3,16
Martona's Zuba Senator	PO	9-0	6,0	181	13,0	3,86
Color Bagunça	7/8	7-4	2,0	47	18,0	3,78
Color Canastra M. Nogaes	PO	5-11	6,0	187	13,0	4,24
Color Balsa	15/16	7-3	1,0	10	25,0	3,58
Color Baliza	15/16	7-1	3,0	89	18,0	4,10
Color Baroneza	PCOC	6-11	4,0	117	14,0	3,91
Calabreza	NR	—	2,0	53	18,0	3,83
Leber Fada	PCOC	5-11	4,0	106	14,0	4,08
Color Balzaqueana	PCOC	6-11	3,0	95	15,0	3,81
Color Doradinha	PCOC	5-5	1,0	16	23,0	2,56

sim que ele não deixa de viajar anualmente para a Europa, onde escolhe pessoalmente as marcas de seus queijos e vinhos, para um público sempre fiel no inverno ou no verão.

DEGUSTAÇÃO A CARIOCA

Vinhos	Queijos
Côtes-du-Rhone	Camembert
Beaujolais	Petajale
	Mimolette
	Edam
Chateaufneuf du-Pape	Boursin Ail
Nuits-St-Georges	Port Salut
Gevrey-Chambertin	Bleu
Domaine-de-Bou-teilley	Pyramide
	Buche
Chateau Bellegrave	Brie
	Boursin Poivre
St-Emilion	Pont L'Eveque
Chateau l'Angelus	Curé
	Munster
	Rocquefort
	Maroilles
Bianc de Blancs	Baby Bel
Chablis	Kiri
Pouilly-Fuisse	Brie
	Baton
	Gruyère
	Raclette
	Fondue

(Transcrito do "Jornal do Brasil")

EVOLUÇÃO...

(Conclusão da pág. 98)

Ano	%
1971	21,6
1972	27,7
1973	30,3

Estamos convencidos de que o governo do general Ernesto Geisel intensificará os esforços visando a modernização e a atualização das atividades rurais. Deste modo, além de fortalecer-se nossa capacidade de competição nos mercados internacionais, os consumidores nacionais de alimentos e de outros produtos rurais serão beneficiados.

Reeleito o Dr. Almir Vieira Gonçalves para a presidência da Farsul

Em eleição realizada a 7 de fevereiro, o dr. Almir Vieira Gonçalves, médico e ruralista gaúcho, que vinha ocupando o cargo de presidente da Federação da Agricultura do RGS, foi reeleito para o biênio seguinte. Vice-presidente foi eleito o dr. João Salvador Jardim, advogado, criador e risicultor nos municípios de Guaíba e Camaquã. Para a segunda vice-presidência foi reeleito o dr. Nilton Heller Fichtner, risicultor no município de Guaíba.

Fundada em 1927, a entidade máxima do ruralismo gaúcho foi transformada em organização sindical, atualmente integrando cerca de 50 sindicatos rurais municipais, aos quais cabe eleger a diretoria da FARSUL.

Continuação dos resultados parciais de controle

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	Leite	%
	do	anos	trôle	de				do	anos	trôle	de		
	sangue	meses	lactação	lactação				sangue	meses	lactação	lactação		
Leber Garça	PCOD	6-1	2,0	51	15,0	3,86	Rowntree M. Paula	PO	6-2	3,0	110	20,	3,8
Dolly	PO	5-3	1,0	18	22,0	3,95	Americana 68 B. Inka	PO	11-5	3,0	70	22,0	2,94
Leber Negra	PCOD	6-4	4,0	110	15,0	4,10	Roglias R. Carnation	PO	8-7	8,0	234	14,0	3,4
Elena	31/32	-	2,0	43	18,0	3,66	Carnation Marie Rea Texal	PO	4-10	9,0	253	14,0	3,57
Color Ede	PCOC	4-10	2,0	45	17,0	3,81	Analandia 27 R. D. Pabst	PO	4-2	7,0	198	16,0	3,54
Color Durinha	PCOC	5-2	3,0	84	14,0	4,81	Analandia 28 R. Dekol Pabst	PO	4-5	3,0	86	19,0	3,25
Color Deusa	PCOC	4-11	3,0	76	16,0	3,00	Analandia 35 Dart C. Inka	PO	3-10	7,0	202	16,0	4,09
Leber Dama	PCOD	6-1	1,0	10	18,0	2,76	Pan Criss R. Francisca	PO	3-5	3,0	71	18,0	3,68
Color Esmeralda	PCOD	4-1	1,0	17	15,0	2,77	Pan Criss R. Fedra	PO	2-8	11,0	307	14,0	3,66
Galena	NR	-	2,0	54	14,0	4,33	Pan M. P. Gisela	PO	2-4	7,0	199	13,0	3,27
Garotinha	7/8	10-11	2,0	43	15,0	4,41	Pan R. J. Giorgina	PO	2-3	7,0	180	16,0	3,79
Fascinada	NR	-	1,0	20	15,0	3,93	Ebyholme Ref. Jennie	PO	4-4	7,0	181	21,0	3,03
Freira Color	PCOC	3-7	1,0	19	19,0	3,17	Pan Tidy Burke Gilda	PO	2-6	6,0	173	17,0	3,77
Galega	NR	-	1,0	19	14,0	3,59	Pan Pontiac Georgeta	PO	2-3	4,0	93	14,0	4,08
Garantia	NR	-	1,0	13	15,0	3,10	Pan Seilling M. Glauca	PO	2-6	3,0	65	23,0	2,51
Gaiteira	NR	-	1,0	9	18,0	3,50	Pan R. Perseus Gigi	PO	2-6	2,0	57	22,0	3,19
Fabia	NR	-	1,0	1	18,0	3,15							
Genovisa	NR	-	1,0	1	23,0	3,14							
Granada	NR	-	1,0	10	16,0	3,39							
Gardenia	NR	-	1,0	10	14,0	3,36							
Gazela	NR	-	1,0	10	14,0	3,50							

Dr. Rodolpho Figueira de Mello, Três Rios, Est. Rio de Janeiro. Controle em 7/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Ali Esplanada R. Red	PO	3-10	5,0	110	25,0	4,00	Antonio Moscoso, Passa Três, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 15/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Pimenta	31/32	8-10	8,0	207	25,0	3,59	Emetes Martins 10 S. Pinto 2	PO	6-9	7,0	199	18,0	4,00
Milionaria	7/8	4-8	8,0	263	25,0	3,58	Leonilda B. B. Rosafé	PO	6-10	2,0	40	44,0	3,39
Milonguita	31/32	4-4	8,0	240	24,0	3,85	Leonilda Rosina B. Rosafé	PO	7-0	5,0	120	37,0	3,75
Horizontalina II	31/32	4-2	4,0	102	22,0	3,87							
Quinta	31/32	3-3	8,0	255	20,0	4,12							
Ortholm P. Attraction Red	PO	3-3	8,0	231	22,0	3,80							
Windy Brae V. K. Red	PO	2-5	8,0	228	22,0	4,07							
Bob Lucky Connie Red	PO	2-10	7,0	186	28,0	3,91							
Menchada	NR	-	5,0	123	18,0	4,35							
A. Sue Nugget Red	PO	3-1	4,0	151	24,0	3,67							
M. R. Rubi W. Plutalat	PO	2-4	4,0	105	27,0	3,69							

Dr. Luiz Carlos Moraes Lessa, Casemiro de Abreu, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 17/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
2 ordenhas													
Surodana Lola Toro	PO	5-4	7,0	194	16,0	4,09	Washington Luiz C. Vianna da Silva, Casemiro de Abreu, Est. Rio de Janeiro. Controle em 18/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Kim Pollia 12 Cuando	PO	4-6	9,0	312	16,0	3,77	3 ordenhas						
Kim Talla 7 Cuando	PO	4-10	2,0	116	25,0	3,71	Nogales Texal Clover	PO	6-3	3,0	100	29,0	3,58
Malaber Garota	PO	9-5	3,0	73	20,0	4,08	2 ordenhas						
Aguico Bobita 2 Cuando	PO	5-8	6,0	173	19,0	3,79	Areal I. Madcap Pabst	PO	2-7	2,0	60	19,0	3,57
Romandale Maximus Hilda	PO	2-11	6,0	193	13,0	4,03							
Cincerro Antares Captain	PO	2-8	4,0	98	17,0	4,02							
Cincerro B. C. Captain	PO	2-5	4,0	83	20,0	3,83							
Cincerro V. C. Captain	PO	2-7	1,0	23	24,0	3,77							
3 ordenhas													
Surodana Ollie Toro	PO	4-2	10,0	266	18,0	4,02							
Surodana Janie Toro	PO	4-8	9,0	237	23,0	4,16							
Bond H. O. Collen	PO	3-8	5,0	141	24,0	3,80							

Dr. Milton Pennain, Vargem Alegre, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 20/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
3 ordenhas													
Kui Percrest Ref. Lindy	PO	7-8	11,0	323	16,0	3,91	Josquim P. Rocha, Itatiba, Est. de São Paulo. Controle em 30/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Aushland Doree Ivanhoe	PO	9-8	4,0	101	31,0	3,20	3 ordenhas						
Rowntree M. Supreme M. B.	PO	5-7	8,0	264	17,0	4,15	Ebba	PO	7-5	8,0	167	24,0	3,37
Kuipercrest Royal Lassie	PO	7-1	5,0	139	24,0	3,85	Grahaven R. Liz	PO	7-8	3,0	84	22,0	4,09
Oak Ridge R. Lynette	PO	5-3	9,0	263	19,0	4,33	Acme Citation Annette	PO	6-4	10,0	286	19,0	3,70
Oak Ridge Ormeby Lois	PO	4-1	9,0	273	21,0	3,93	Glenark Gov. Selie R.	PO	6-8	10,0	285	20,0	4,08
C. Marilyn Star Jewel	PO	7-0	8,0	237	28,0	3,17	Downalane B. Karen	PO	8-5	8,0	218	26,0	4,85
Paclamar M. C. Faith	PO	7-10	7,0	193	24,0	3,81	International Claudia	PO	7-4	3,0	91	23,0	3,85
2 ordenhas													
Rafaelinos Dorolinda D.	PO	8-1	3,0	62	21,0	3,38	Romandale Reflection Ivy	PO	7-0	3,0	86	31,0	2,69
Rafaelinos F. Wayne	PO	8-7	10,0	190	18,0	3,21	Manorsprings Ref. Danone	PO	4-0	5,0	147	22,0	3,84
Meljus Count Maud	PO	7-3	9,0	268	13,0	3,71	Fruitlands D. Model	PO	4-2	7,0	202	20,0	3,67
Carnation M. F. Princess	PO	6-10	4,0	94	24,0	2,73							
Paquequer M. Baiona	PO	6-10	7,0	199	20,0	3,26							
Oak R. R. Jean	PO	7-4	8,0	221	14,0	3,55							
Earlyway R. Skyliner	PO	5-8	8,0	218	14,0	4,07							

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Pinbush Texal Paula	PO	7-9	1.0	24	28,0	4,27
Emercort Gemine Bessie	PO	3-11	3.0	90	22,0	3,30
Bond H. T. I Beauty C.	PO	4-0	1.0	33	19,0	3,36
J. P. R. Dirlinha	PO	3-7	3.0	76	20,0	3,68
J. P. R. Duquesa	PO	3-1	5.0	192	18,0	2,98
Roybrook Tolstar Babe	PO	3-11	2.0	51	18,0	3,01
Grafton Citation Babe	PO	3-5	2.0	60	22,0	3,32
Randale Cent. Kate	PO	3-9	3.0	78	17,0	2,36
Josely T. I. N. Troble	PO	5-0	2.0	37	34,0	4,35
Roybrook Peg	PO	3-5	7.0	191	18,0	3,41
Mokrdale Cent. Design	PO	3-10	7.0	187	18,0	4,04
J. P. R. Embromação	PO	2-4	4.0	103	18,0	3,75
J. P. R. Eliane	PO	2-3	3.0	85	17,0	2,11
J. P. R. Escalente	PO	2-4	2.0	53	21,0	3,50
J. P. R. Eleanora	PO	2-4	2.0	50	17,0	3,10
J. P. R. Derci	PO	3-7	1.0	25	21,0	3,54
Bond Haven O. B. A—Alt	PO	3-8	1.0	39	18,0	3,42
J. P. R. Etelvina	PO	2-4	1.0	13	18,0	3,47

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Mil-Co 44 A. 2 Cotty 18	PO	5-2	1.	30	20,0	3,69
Dr. Carlos Antenor Consoni. Ribeirão Preto. Est. de São Paulo. Controle em 1/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Brisa Morena da Rosa	PCOC	5-11	8.0	110	21,0	3,40
Altezinha da Rosa	PCOD	6-3	9.0	256	16,0	3,68
Eliza O. da Rosa	PCOC	6-9	7.0	189	14,0	3,54
Paraíso P. Fidalgo	PO	5-5	2.0	40	27,0	3,41
Paraíso P. Magnífico	PO	5-2	4.0	99	16,0	3,62
Opala M. D. de Rosa	PCOC	4-3	9.0	256	16,0	3,82
Ira A. da Rosa	PCOC	4-11	3.0	70	17,0	3,64
Spring B. Attraction Jess	PO	3-9	8.0	215	21,0	3,63
International Carolyn	PO	2-9	6.0	173	16,0	3,62
Glencloskey A. R. Ana	PO	2-10	2.0	47	17,0	3,24

Waldir J. de Andrade. Lins. Est. de São Paulo. Controle em 18/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Calada	PCOD	3-11	6.0	201	15,0	3,24
Reliquia I Lins	PCOD	7-8	1.0	16	14,0	2,73
Concanda Lins	PCOD	7-5	8.0	216	15,0	4,19
Suzana Lins	PCOD	5-8	8.0	219	19,0	3,77
Parola Lins	PCOC	4-4	5.0	122	15,0	4,20
Chianina Lins	NR	4-2	6.0	153	18,0	3,65
Carala Lins	PCOC	2-2	5.0	130	13,0	3,66
Suzes Lins	PCOD	2-5	3.0	80	14,0	3,19

Dr. Manuel P. Neto. Ituverava. Est. de São Paulo. Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Begging's Citation Ruperta	PO	6-2	4.0	102	21,0	3,76
Grafton C. Dianna	PO	8-3	9.0	247	14,0	4,07
Marylka S. Marion	PO	7-6	3.0	101	16,0	3,54
Angie T. Terry	PO	6-1	12.0	365	19,0	3,58
International Bonita	PO	6-0	6.0	186	18,0	3,48
L. M. Graciosa Maria Paul	PO	3-2	6.0	152	14,0	4,52
Elmlyn Citation Polly	PO	6-6	1.0	15	26,0	3,78
Agro Acres F. Maria	PO	3-2	5.0	125	17,0	3,05
Calada Heptad Lena	PO	4-10	1.0	13	20,0	4,28
Roybrook Ema	PO	4-1	2.0	76	15,0	3,57
Stewartthavan M. Rebecca	PO	3-10	1.0	1	18,0	3,82
Amizade Angela P. Rockman	PO	2-0	6.0	155	13,0	3,88
Grafton Maxime Greta	PO	2-8	3.0	100	17,0	3,42

Juqueira Dist. Carmo de Minas. Est. de Minas Gerais. Controle em 23/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Arlete Hanna II	PO	9-6	1.0	3	14,0	3,44
J. D. Marciana	PO	6-10	7.0	191	16,0	3,60
J. D. Margarida	PO	5-7	5.0	165	15,0	3,36
J. D. Belinda	PO	3-8	6.0	191	14,0	3,42
Pellen	PO	7-1	2.0	80	21,0	3,78
J. D. Erika R. Master	PO	2-5	2.0	59	13,0	3,25
J. D. Ester R. Master	PO	2-4	1.0	14	16,0	3,12
J. D. Garcia	PO	2-9	1.0	2	18,0	3,55

Dr. Claudio V. Roberti. Bragança. Est. de São Paulo. Controle em 28/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Dornaire do Pau D'Alho	GHB	8-2	6.0	171	15,0	3,30
Galante	PCOD	9-9	7.0	229	17,0	3,62
Emerald do Pau D'Alho	GHB	7-2	7.0	201	16,0	3,16
São Quirino M 129	PCOC	8-1	5.0	132	22,0	3,10
Grana Divina Xaura	PO	6-11	4.0	106	19,0	3,33
Fama do Pau D'Alho	GHB	6-5	5.0	154	22,0	3,16
Roland 1608 R. Cascade	PO	6-2	8.0	218	17,0	3,70
Grana do Pau D'Alho	PCOC	5-3	3.0	86	19,0	3,72
Hilaria do Pau D'Alho	PCOC	4-3	5.0	154	18,0	2,91
International Nanie	PO	4-6	4.0	119	26,0	3,39
Intensa do Pau D'Alho	PCOC	3-3	6.0	156	17,0	3,88
J. P. R. Divina	PO	3-8	3.0	97	25,0	3,15
Três Irmãos Inka Leda	PO	3-4	2.0	61	15,0	3,83

Bertooldo Perri Camargo. Manduri. Est. de São Paulo. Controle em 20/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Merendá 69 E. M. Burke	PO	3-11	1.0	24	16,0	3,61

José P. de Oliveira. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 4/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 a 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
3 ordenhas						
Donna 36 Reflection Inka	PO	10-0	5.0	135	28,0	3,12
2 ordenhas						
Gardenia	PCOD	11-4	11.0	330	15,0	3,88
Anama P. 1 Misterio	PO	8-9	1.0	10	30,0	3,04
Anama Diablonia Misterio	PO	8-7	2.0	34	28,0	2,72
Donna 30 E. Ormaby	PO	9-9	12.0	342	18,0	3,24
Decampinas Dallia	PO	7-0	2.0	62	24,0	3,18
Decampinas Dana	PO	6-5	9.0	249	18,0	3,57
Marquesa de Campinas	PCOC	9-4	5.0	135	23,0	3,44
Decampinas Melindrosa	PO	5-10	8.0	229	19,0	4,10
S. T. Mariazinha	PCOD	9-4	6.0	181	16,0	4,05
Decampinas Vanuza	PO	5-10	3.0	69	23,0	3,29
Decampinas Paula II	PO	7-1	2.0	52	24,0	3,58
Decampinas Corranteza	PO	6-4	4.0	92	22,0	3,43
Sta. Teresinha Sulina	PCOC	7-6	5.0	135	17,0	3,22
P. P. Lecta C. R. Q. Transm.	PO	5-6	2.0	50	16,0	2,93
Decampinas Lourdinha	PO	4-9	9.0	303	17,0	4,19
Chapa V 482	PCOD	11-4	4.0	107	25,0	3,86
Decampinas Belinda	PO	4-10	6.0	157	15,0	3,32
Decampinas Platere	PO	3-9	9.0	249	15,0	3,66
2 ordenhas						
Decampinas Platere	PCOD	7-5	10.0	318	14,0	4,70
Decampinas Suzana	PO	3-9	9.0	248	16,0	3,60
Decampinas Leo	PO	3-11	9.0	249	15,0	3,55
Decampinas Fortelaza	PO	3-8	9.0	246	17,0	3,30
Decampinas Faz. Carita	PO	3-6	8.0	303	15,0	3,36
Decampinas Martinha Plabe	PO	3-5	9.0	247	13,0	3,76
Decampinas Leticia R. Ap.	PO	3-3	4.0	88	17,0	4,27
Decampinas Pantera	PO	4-1	5.0	135	17,0	4,24
Decampinas Graçinda	PO	4-11	6.0	135	17,0	3,42
Sta. Teresinha Pitanga	PCOD	7-1	12.0	244	14,0	4,29
Decampinas Leninha Ref.	PO	2-8	12.0	339	13,0	3,86
Decampinas D. R. Master	PO	2-10	11.0	334	16,0	3,60
Sta. Teresinha Medalha	PCOC	3-11	10.0	300	19,0	3,99
Decampinas C. A. Chief	PO	2-6	10.0	289	15,0	3,83
Decampinas H. R. Master	PO	2-4	10.0	274	17,0	3,51
Decampinas C. R. Prince	PO	2-7	8.0	239	13,0	3,88
Decampinas K. R. Prince	PO	2-11	6.0	166	17,0	3,68
Sta. Teresinha Baleia	NR	-	5.0	155	15,0	3,52
Decampinas F. A. Chief	PO	2-8	4.0	119	17,0	3,62
Sta. Teresinha Arabia	NR	-	3.0	60	23,0	2,55
Decampinas M. A. Chief	PO	2-10	1.0	35	18,0	2,75
Decampinas L. F. Ninar	PO	3-6	1.0	1	20,0	4,07

João Figueredo Frota. Varginha. Est. de Minas Gerais. Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	%
Farra SS	PCOD	10-9	1.0	17	31,0	3,39
Julia Champion SS	GC1	6-7	1.0	17	30,0	2,87
Leticia SS	GC2	5-3	9.0	246	21,0	3,54
Lena Leader SS	GC2	5-1	10.0	265	20,0	3,96
Linda Champion	GC1	5-9	1.0	19	29,0	3,19
Lady Marshall SS	PO	5-0	5.0	164	20,0	4,00
SS. Art. B. R. Apple	PO	5-8	2.0	46	31,0	3,41
Art. Gerda 3	PO	7-5	1.0	25	27,0	3,72

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	%		NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	%	
	do	anos	trôle	de				de	de	de	de		de
	sangue	meses	lactação	lactação				sangue	meses	lactação	lactação		
Singerland M. 12 de Car.	GC1	5-10	13.º	365	19,0	4,04	Malena 351 R. Laurel	PO	4-3	1.º	14	19,0	3,67
São Vito Mensinha	NR	—	10.º	278	17,0	4,36	Malena 272 R. Aaltje	PO	5-4	5.º	173	17,0	3,64
2 ordenhas			º				Lonsim Supreme Roma	PO	7-3	1.º	30	20,0	3,50
Carlo Jardim	GC1	8-11	3.º	104	14,0	3,99	Surodana Missy Toro	PO	5-8	1.º	51	22,0	2,90
Dr. Fernando Magalhães. Sta. Cruz Est. da Guanabara. Controle em 3/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							S. J. T. C. Senreflect 328	PO	3-7	1.º	53	25,0	3,81
Piracama J. I. Susover	PO	8-7	4.º	101	19,0	3,38	Gaivota D. B. Posse	PCOC	3-5	1.º	35	18,0	3,23
Sta. E. R. Sportlight	PO	7-7	6.º	187	14,0	3,27	Ali Creston Patsy	PO	3-9	1.º	8	23,0	3,26
Surodana D. Shelley	PO	6-3	5.º	148	13,0	3,81	Ch. P. Conta Duke 463 de C.	PCOC	3-6	7.º	236	14,0	3,75
Surodana J. Toro	PO	5-7	6.º	169	13,0	3,94	S. M. P. Posse G. B. Kate	PO	2-6	7.º	217	15,0	3,24
Rosa 368	31/32	5-3	6.º	191	13,0	3,13	Firmes 448 B. Hazelwood	PO	6-6	6.º	185	15,0	3,84
S. J. T. O. C. Rockman	PO	4-2	5.º	149	14,0	2,84	Viana Z. 19 B. Squire	PO	2-8	6.º	183	14,0	3,89
Patricia 150 S. Adulona	PO	5-5	6.º	184	14,0	3,58	Malena 283 Gen. Majestic	PO	5-2	4.º	128	15,0	3,85
Debra 178 de Sta. C. do Esc.	PC	4-10	5.º	139	13,0	3,92	Gr. Vienna t. E. Rocket	PO	2-5	1.º	6	19,0	3,83
Clara 212 de Sta. C. do Esc.	PC	5-0	6.º	175	13,0	3,68	Gr. Vienna Indigna Monarch	PO	2-4	1.º	53	17,0	3,80
Delores 231 de Sta. C. do Esc.	PC	5-3	4.º	113	14,0	3,15	Posse Hortencia D. Burke	PCOC	2-0	1.º	41	17,0	3,46
Debra 251 de Sta. C. do Esc.	31/32	5-0	5.º	142	13,0	3,38	Olinto M. de Paulo. Valinhos, Est. de S. Paulo. Controle em 11/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Denise 230 de Sta. C. do Esc.	NR	—	2.º	60	17,0	3,64	Nogales S. Cochran Moncade	PO	12-0	4.º	119	15,0	3,33
Monta Signet Marksman	PO	4-9	7.º	200	13,0	3,74	Paraíso Laurea Exotico	PO	8-7	7.º	220	19,0	3,40
Casa C. Chamarrita 39	PO	6-3	2.º	60	15,0	3,75	Paraíso Maravilha Ginger	PO	8-10	1.º	10	27,0	2,53
Dr. Fernando Magalhães. Sta. Cruz, Est. da Guanabara. em 23/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Paraíso Lutadora Host	PO	9-7	1.º	10	26,0	2,78
Piracama J. I. Susover	PO	8-7	5.º	121	18,0	3,52	Grahaven C. Dawnt	PO	11-2	4.º	100	27,0	3,60
São Quirino Namasca Jeremias	PO	7-7	2.º	24	14,0	3,38	Braeholm L. Aggie	PO	7-3	3.º	77	19,0	3,10
Sta. E. R. Sportlight	PO	7-7	7.º	207	13,0	3,50	Lonsim M. Rachel	PO	6-11	11.º	322	14,0	3,79
Lonsim M. Sylvia	PO	6-6	1.º	26	15,0	3,55	Sta. Elenas M. H. M. L.	PO	8-3	4.º	100	19,0	3,12
Surodana J. Toro	PO	5-7	7.º	189	13,0	4,10	M's. Golden P. S. Ref. 15	PO	8-9	5.º	156	15,0	3,60
S. J. T. O. C. Rockman	PO	4-2	6.º	169	14,0	3,64	Paraíso Nubla Jaguar	PO	7-9	4.º	93	20,0	3,45
Patricia 150 S. Adulona	PO	5-5	7.º	204	14,0	3,88	Haysen D. V. Vivian	PO	12-0	4.º	129	15,0	3,30
Clara 212 de S. Cruz do Esc.	PC	5-0	7.º	195	13,0	3,60	Paraíso Nevea Exotico	PO	7-7	4.º	112	17,0	2,76
Delores 231 de S. Cruz do Esc.	PC	5-3	5.º	133	13,0	3,51	Nogales P. T. Tords	PO	8-5	10.º	313	15,0	3,95
Debra 207 de S. Cruz do Esc.	PC	5-1	7.º	199	13,0	3,77	M's Double G. Prilly 9	PO	9-3	1.º	10	15,0	3,46
Denise 230 de Sta. C. do Esc.	NR	—	3.º	80	17,0	3,51	Martona's V. Elector 1	PO	8-5	4.º	109	22,0	3,57
Casa Cine Chamarrita 39	PO	6-3	3.º	80	14,0	3,99	Joma F. E. Medalist	PO	6-10	4.º	107	15,0	2,60
Guilhermina de Sta. C. do Esc.	PC	2-9	2.º	47	13,0	3,21	Paraíso N. Fidalgo	PO	7-3	2.º	46	23,0	3,26
Dr. Rubens V. de Brito. Atibaia, Est. de São Paulo. Controle em 30/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Martona' D. S. Rref.	PO	8-10	5.º	124	15,0	3,51
Monogram	PCOC	8-6	4.º	180	15,0	3,59	Paraíso N. Jaguar	PO	7-1	7.º	207	16,0	3,28
Santabri C. S. Monogram	PO	8-4	1.º	79	18,0	3,27	Suspiro's Kina 8	PO	6-8	5.º	135	16,0	3,68
Sen G. P. Carola	PO	8-0	1.º	88	16,0	3,49	Sta. Angela's D. Adentha	PO	6-10	1.º	10	28,0	3,68
Sta. E. M. Temporal M.	PO	6-6	4.º	185	14,0	3,79	Joma L. L. Fidalgo	PO	6-7	1.º	10	23,0	3,59
Ithone	PCOD	8-1	3.º	158	15,0	3,35	Paraíso N. Exotico	PO	6-9	5.º	132	18,0	2,72
Cuba Coração	PCOD	4-3	1.º	20	15,0	3,63	Oak Ridges C. Dora	PO	11-2	4.º	116	22,0	3,13
Troia Coração	PCOD	5-9	2.º	103	19,0	3,32	Joma L. Luebke	PO	5-10	5.º	167	21,0	3,60
Supe Coração	PCOD	6-3	6.º	243	14,0	3,35	Joma Lema Luebke	PO	5-8	4.º	110	14,0	3,56
Cambuquira Coração	PCOD	5-4	1.º	82	22,0	3,19	Bond H. S. 1 Beauty	PO	5-3	3.º	89	16,0	3,67
Porcelana Coração	PCOD	4-6	1.º	39	17,0	3,46	Joma K. D. Crisscross	PO	4-10	8.º	189	15,0	4,59
Medalha Coração	PCOD	5-0	2.º	116	13,0	3,41	Joma J. A. F. Hope	PO	4-11	3.º	80	16,0	3,01
Novilha (22)	NR	—	1.º	39	16,0	3,42	Joma P. D. Golden Prilly	PO	4-6	6.º	174	13,0	4,16
Guanabara Coração	PCOD	4-9	1.º	92	15,0	3,79	Martona's V. Beacon 1	PO	4-8	5.º	122	14,0	4,51
Ca. Agrícola Faz. Sta. Maria da Posse. Itupeva, Est. de São Paulo. Controle em 28/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							Glenafon S. Joyce	PO	5-4	5.º	127	15,0	3,51
Amazonas G. M. Clem.	PCOC	12-0	3.º	103	20,0	3,83	Bond H. C. R. Collen	PO	4-7	6.º	199	15,0	3,39
Brasa	GHB	8-1	5.º	156	15,0	4,10	A. M. B. Marquis Sus	PO	8-2	3.º	67	18,0	3,63
114 Libeth	PO	7-10	5.º	142	15,0	3,73	Martona's V. G. Prilly 10	PO	4-6	6.º	175	17,0	3,70
Suspiro's Cotty 35	PO	8-11	4.º	127	18,0	3,50	Martona's C. Victor 3	PO	4-10	2.º	46	26,0	3,50
Escaplang 237 M. R. 1507	PO	7-4	2.º	77	20,0	2,96	Alsfarm Crisscross Ella	PO	4-8	2.º	46	19,0	3,70
Suspiro's Cotty 83	PO	5-8	6.º	200	15,0	3,40	Willola Corless Kit	PO	4-9	8.º	186	16,0	3,70
Sta. Angela's S. S. Walker	PO	6-0	4.º	129	19,0	3,50	Enghill Rockman Tamy	PO	3-8	5.º	177	16,0	3,71
Ontario H. Fairlee	PO	7-1	1.º	33	15,0	3,65	Joma Imp. Victor Emperor	PO	4-1	4.º	93	15,0	3,55
Audé-Vis A. Ref. Juliette	PO	10-2	4.º	113	17,0	3,60	Bond H. R. Favorit C.	PO	4-11	5.º	152	16,0	3,77
El Brillante 186 L. Simpetico	PO	7-6	3.º	106	19,0	3,58	Allens H. D. Supreme	PO	3-7	3.º	68	17,0	3,23
Analande 13 R. B. R. A. de K.	PO	6-1	1.º	40	21,0	3,70	Glenafon R. Corrine	PO	4-9	5.º	124	19,0	4,05
Dina	PCOC	5-10	4.º	127	22,0	3,63	Marjan Ravy Simon	PO	2-11	6.º	175	14,0	3,69
Dilís	PCOC	6-2	2.º	73	14,0	3,72	Marjan Ka Hada	PO	2-11	5.º	144	13,0	4,00
Ch. P. M. G. Rag A. 440 Car.	GC2	4-10	1.º	36	23,0	3,50	Marjan Ala Hada	PO	2-5	5.º	137	14,0	3,08
Surodana Susile Toro	PO	4-9	5.º	145	21,0	3,64	Marjan Melissa Re Echo	PO	2-8	5.º	152	13,0	4,03
Ch. P. T. E. Admiral 434 Car.	PCOC	4-11	4.º	121	18,0	3,28	Administradora Campo Grande Ltda. Nova Odessa, Est. de São Paulo. em 13/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 a 2 ordenhas.						
S. J. T. N. B. Susover 249	PO	4-11	2.º	88	20,0	4,00	A. F. F. Carina C. G. R. P.	PO	9-3	3.º	88	23,0	4,17
Faça Brag. P. Posse	PCOC	4-5	1.º	31	20,0	3,35	A. F. Fortaleza Fábula	PO	6-8	4.º	130	23,0	3,30
							A. F. Fortaleza Inacia	PO	3-2	3.º	104	22,0	3,19
							A. F. Fortaleza Jangada	PO	2-2	5.º	165	20,0	3,67
							A. F. Fortaleza Jla	PO	2-0	4.º	148	21,0	3,63
							International Wandá	PO	3-1	4.º	145	23,0	3,25
							A. F. Fortaleza Jerra	PO	2-4	2.º	64	26,0	3,33

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%		
2 ordenhas													
Gray V. Blooming X	PO	7-8	6.0	191	18,0	4,46	Cia de C. e Machado. Itú. Est. de São Paulo. Controle em 8/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas						
A. F. F. Edição F. H. Karen	PO	7-5	6.0	195	22,0	3,29	Dutch C. H. Astronaut	PO	4-4	9.0	280	15,0	3,63
A. F. Fortaleza Gata	PO	4-10	7.0	235	18,0	3,94	Inglis Modeling Berta	PO	4-10	2.0	67	22,0	3,68
A. F. Fortaleza Herdade	PO	4-2	7.0	213	18,0	3,46	Mitchell A. Modelada	PO	4-9	1.0	12	26,0	3,10
A. F. Fortaleza Hiade	PO	4-4	5.0	165	15,0	3,92	Thornstead I. Theresa	PO	4-1	10.0	302	14,0	3,17
A. F. Fortaleza Holanda	PO	4-1	5.0	161	18,0	4,21	Bud R. A. Ben	PO	4-7	3.0	89	22,0	3,59
A. F. Fortaleza Heptana	PO	4-2	6.0	206	16,0	4,20	Beaver C. B. Ina	PO	4-3	7.0	211	17,0	3,68
A. F. Fortaleza Jabuticaba	PO	2-1	9.0	288	15,0	3,80	Beaver C. P. Heven	PO	3-7	8.0	330	15,0	3,60
A. F. Fortaleza Jaleca	PO	2-1	7.0	236	17,0	3,87	Fleetridge Monitor Suzy	PO	4-5	5.0	148	21,0	3,54
Romandale M. Sherry	PO	3-1	5.0	196	17,0	3,74	Willow T. R. Lyote	PO	3-3	10.0	321	14,0	3,30
A. F. Fortaleza Japona	PO	2-1	5.0	168	19,0	3,27	Emerling D. Mandy	PO	4-2	3.0	104	18,0	3,64
A. F. Fortaleza Jibira	PO	-	3.0	82	15,0	3,72	Pacoradale R. Naomar	PO	4-2	5.0	151	13,0	3,30
Pecuária Anhumas S/A, Campinas, Est. de São Paulo. Controle em 23/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
São Quirino N 47	PCOC	7-4	4.0	99	22,0	3,64	Mears G. B. Kerk	PO	4-6	6.0	199	16,0	3,58
S. Quirino D. I. P. 19 Mant.	PO	7-11	4.0	103	20,0	3,17	S. T. M. Aglaab B. Perseus	PO	2-1	2.0	76	13,0	3,25
Los Angeles Karla Admiral	PO	7-3	4.0	108	25,0	2,78	S. T. M. Augusta S. Rockman	PO	2-5	1.0	19	16,0	3,24
Encayos P. Saltarina	PO	7-2	4.0	89	24,0	3,11	Margarida Polak Lara. Sta. Gertrudes. Est. de São Paulo. Controle em 16/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
San C. K. Sorteada	PO	7-4	3.0	84	19,0	2,88	Faxina Marevilha	PO	11-5	3.0	142	14,0	3,58
São Quirino K 113	15/16	10-1	3.0	68	19,0	3,74	Faxina Violeta	PO	6-9	1.0	3	20,0	4,10
S. Q. Ocada D. Pat L. 129	PO	6-4	5.0	141	18,0	3,40	Faxina Luiza	PO	3-0	3.0	104	13,0	3,67
São Quirino M 147	18/16	7-10	5.0	130	19,0	3,64	Dr. Julgan D. Czapski. Itú Est. de São Paulo. Controle em 2/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
S. Quirino L 142	PCOC	9-1	5.0	130	18,0	4,16	Escola de S. Miguel	PCOC	7-7	1.0	28	15,0	3,78
S. Quirino O 148	PCOC	6-1	3.0	73	18,0	3,28	Laranja de S. Miguel	PCOC	5-2	1.0	74	16,0	3,68
S. Q. Oceania D. P. Ingenua	PO	8-4	2.0	53	28,0	2,76	Vivacqua Vieira S/A, Cachoeira de Itapemirim. Est. Espírito Santo. Controle em 19/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
S. Quirino N 90	PCOC	7-1	4.0	105	18,0	3,45	Foliada de Sta. Lucia	7/8	10-3	5.0	124	16,0	4,15
S. Quirino O 141	PCOC	6-4	1.0	17	23,0	2,91	Inglesa de Sta. Lucia	15/16	7-4	2.0	36	32,0	3,57
S. Q. Ocarina D. P. Florença	PO	6-5	3.0	72	31,0	3,76	Fechadura de Sta. Lucia	1/2	10-1	8.0	242	14,0	4,49
S. Quirino O. R. P. Cometa	PO	6-9	2.0	59	24,0	3,41	Clara de Sta. Lucia	7/8	12-0	9.0	268	14,0	4,00
S. Quirino P. 16	NR	5-7	5.0	127	20,0	3,28	Noturna 4 de Sta. Lucia	3/4	9-11	8.0	219	13,0	3,26
S. Q. P. D. Mark Heloisa	PO	5-9	3.0	82	21,0	3,44	Iara de Sta. Lucia	15/16	8-1	7.0	189	14,0	4,36
S. Quirino P 34	PCOC	5-5	4.0	116	19,0	3,50	Angstuba 2 de Sta. Lucia	15/16	5-5	1.0	20	28,0	3,63
S. Quirino P 14	PCOC	5-9	3.0	78	18,0	3,09	Estima 3 de Sta. Lucia	7/8	4-7	3.0	64	22,0	3,68
S. Q. Quadra M. C. R. 1110	PO	4-10	3.0	64	21,0	3,00	Gada de Sta. Lucia	3/4	8-4	7.0	184	17,0	3,30
S. Quirino N 22	PCOC	7-7	2.0	65	21,0	2,97	Mariú de Sta. Lucia	1/2	6-2	1.0	17	15,0	3,36
S. Quirino Q 9	PCOC	4-9	4.0	100	20,0	3,94	Monica de Sta. Lucia	1/2	5-2	3.0	59	23,0	3,60
S. Quirino R 9	PCOC	3-9	2.0	58	21,0	3,23	Avetã de Sta. Lucia	3/4	8-6	5.0	124	16,0	4,17
S. Q. Radiante P. Nautica	PO	3-7	3.0	67	19,0	3,28	Goatama 2 Ancar de Sta. L.	3/4	2-10	10.0	292	14,0	4,19
S. Q. S. M. Malhada	PO	2-9	1.0	25	20,0	2,89	Noiva de Sta. Lucia	1/2	3-11	9.0	268	13,0	4,11
Roberto de Andrade, Calciolandia, Est. de Minas Gerais. Controle em 21/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Primeira de Far-West	31/32	3-6	4.0	118	14,0	3,97	Linguica de Sta. Lucia	1/2	5-0	6.0	156	16,0	3,85
Antilha de Macauba	PC	7-6	2.0	35	18,0	5,76	Lo eif de Sta. Lucia	3/4	3-1	4.0	112	14,0	3,90
Lira F. W.	PC	6-8	2.0	34	17,0	4,26	Latente de Sta. Lucia	3/4	4-1	4.0	137	15,0	3,73
Pulsela	NR	-	2.0	41	17,0	4,14	Rendeira 4 de Sta. Lucia	3/4	7-6	3.0	85	21,0	4,32
Pequale Cascino, Itariba, Est. de São Paulo. Controle em 4/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Monje N. I. H. Gaviota	PO	7-10	1.0	43	18,0	3,59	Otima de Sta. Lucia	7/8	4-3	1.0	1	21,0	3,78
Monje V. B. Ninfa	PO	6-6	3.0	100	16,0	3,78	RAÇA HOLANDESA - Variedade vermelha e branca.						
Monja G. C. Grecus	PO	6-6	1.0	49	17,0	3,60	Dr. Eduardo S. Bragança, Est. de São Paulo. Controle em 6/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Chiquita 108	PCOC	5-10	3.0	99	22,0	2,63	3 ordenhas						
Coronada	PCOC	6-0	1.0	43	21,0	3,54	E. S. Giovana	PO	6-10	1.0	25	41,0	3,27
Sylvia 4518 Acerajé	PCOC	6-1	2.0	78	18,0	3,50	2 ordenhas						
Lucy 084	PCOC	5-2	3.0	157	17,0	3,44	E. S. Inesita Transmitter	PO	4-4	1.0	20	22,0	3,30
Sylvia 4484 Batulratá	PCOC	6-1	3.0	129	16,0	3,26	E. S. Ivanita K. B. de S. S.	PCOC	4-2	1.0	9	17,0	3,35
Campina	15/16	8-7	1.0	28	15,0	3,59	E. S. Ibirá	PO	4-6	2.0	38	24,0	3,68
Durezo 071	PCOC	5-9	1.0	4	23,0	3,13	E. S. Jandaia K. B. de S. S.	PCOC	3-7	4.0	94	22,0	3,63
Patricia D. da Hostra	15/16	4-10	7.0	235	15,0	3,64	E. S. Jeitosa Pioneer	PCOC	3-3	5.0	130	20,0	4,62
Gembaia	NR	-	1.0	46	27,0	3,40	E. S. Jordania Pioneer	PCOC	3-5	1.0	27	25,0	3,44
Sylvia 4249 Batulratá	PCOC	7-4	3.0	166	16,0	3,55	E. S. Jonia Pioneer	PCOC	3-1	5.0	137	20,0	3,67
Duque D'Aosta Benquinha	PCOC	6-6	1.0	10	17,0	3,50	E. S. J. Transm. da S. Seb.	PO	3-2	4.0	124	19,0	4,03
Duque D. N. D. Perseus	PO	3-10	3.0	128	15,0	3,54	E. S. Levita Transm. da S. S.	PCOC	2-2	7.0	209	16,0	4,10
Duque D. Balinha	PCOC	6-9	3.0	106	19,0	3,50	E. S. L. P. da S. Sebastião	PO	2-2	7.0	189	13,0	3,64
Lamperina II D. da Hostra	PCOC	4-2	2.0	68	17,0	3,65	E. S. L. P. da S. Sebastião	PO	2-4	6.0	171	17,0	3,68
Monje M. Prince Iria	PO	6-7	3.0	163	20,0	3,60	E. S. L. P. da S. Sebastião	PO	2-2	6.0	158	19,0	3,50
Iolanda II D. da Hostra	PCOC	3-10	1.0	49	17,0	3,50	E. S. Jov. Transmitter	PCOC	3-0	4.0	92	13,0	3,91
Aurora	NR	-	5.0	238	13,0	3,91	E. S. Suzana P. da S. Seb.	PO	2-3	3.0	74	16,0	4,21
Sylvia P. S. F. Hope	NR	-	3.0	149	14,0	3,72	E. S. Luzia T. da S. Seb.	PO	2-1	1.0	21	18,0	4,02
Embaixatriz	PCOC	7-6	3.0	101	19,0	3,22	E. S. Janatuba R. da S. Seb.	PCOC	3-5	1.0	9	23,0	2,74
Pombinha II	NR	-	1.0	27	16,0	3,54							
Duque D'Aosta K. Neveg.	PO	2-9	1.0	32	16,0	3,50							
Duque D'Aosta F. R. Alpha	NR	-	1.0	43	20,0	3,40							

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	%
	do	anos	trôla	de	
	sangue	meses	de	lactação	Leite

NOME DO ANIMAL	Gráu	Idade	Con-	Dias	%
	do	anos	trôla	de	
	sangue	meses	de	lactação	Leite

Agropecuária N. S. do Amparo S/A. Amparo. Est. de S. Paulo. Controle em 18/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Atenas	PCOD	10-3	2.º	42	20,0	3,69
St. Rafael 223 F. G. Duka	PCOC	4-8	2.º	32	21,0	3,37
Aracêz A. do M. Alto	PCOC	4-1	4.º	113	16,0	4,23
Casas do Morro Alto	PCOC	3-3	1.º	13	18,0	3,12
Atenas II	PCOD	5-3	2.º	53	17,0	3,70

Sta. Cecilia Norma	PCOC	10-4	4.º	119	21,0	3,00
Sta. Cecilia Restinga	PO	5-7	8.º	228	13,0	4,37
Sta. Cecilia Rolandia	PCOC	6-2	6.º	176	14,0	3,79
Sta. Cecilia Sartaneja	PO	5-7	4.º	113	17,0	3,50
Tromba da Sta. Cecilia	PCOC	4-2	4.º	114	16,0	3,44
Tagarela da Sta. Cecilia	PCOC	3-9	7.º	192	14,0	4,27

Dr. Paulo Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. Est. de Minas Gerais. Controle em 8/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Boia Nova	NR	-	4.º	117	16,0	5,01
Boia Nova	NR	-	3.º	81	17,0	3,74

Espolio de Affonso Barbosa Mello. Belo Horizonte. Est. de Minas Gerais. 3/1/1974. Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Chicoope V. T. Judi	PO	3-11	4.º	106	14,0	3,82
---------------------	----	------	-----	-----	------	------

Agropecuária EL Camargo. Bragança. Est. de S. Paulo. Controle em 6/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Condela T. das Americas	GC1	12-1	7.º	208	15,0	4,45
Colônia Muquem	PCOC	8-11	4.º	105	18,0	3,09
Fria Muquem	PCOC	8-3	8.º	234	16,0	3,65
Graciosa Muquem	PCOD	6-0	7.º	190	15,0	3,32
Graciosa Muquem	PCOC	9-5	2.º	88	25,0	3,88
Graciosa Muquem	PCOD	6-6	4.º	104	18,0	3,64
Graciosa Muquem	PCOD	9-1	6.º	182	15,0	4,83
Graciosa Muquem	PCOC	9-10	3.º	69	20,0	2,88
Graciosa Muquem	PCOD	6-8	3.º	75	26,0	4,39
Graciosa Muquem	PCOD	8-6	3.º	92	18,0	2,60
Graciosa Muquem	PCOD	8-0	3.º	89	22,0	3,46
Graciosa Muquem	PCOD	6-3	7.º	204	15,0	3,60
Graciosa S. H.	GC1	7-1	7.º	207	17,0	4,13
Graciosa Muquem	PCOD	10-7	2.º	83	20,0	3,82
Graciosa Muquem	PCOC	3-8	4.º	121	19,0	3,91
Graciosa Muquem	PCOC	3-4	3.º	61	16,0	3,07
Graciosa Muquem	PCOD	3-7	8.º	233	15,0	3,71
Graciosa Muquem	GC1	3-1	5.º	134	15,0	3,66
Graciosa Muquem	31/32	4-9	3.º	73	21,0	3,85

João B. Sahn. Bocaina. Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Dina	PCOC	10-10	1.º	26	15,0	4,03
------	------	-------	-----	----	------	------

Dr. Pedro Conde. Sorocaba. Est. de São Paulo. Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Aspas	PCOC	9-9	1.º	18	29,0	4,20
Aquarela	PCOC	9-5	3.º	80	33,0	3,48
Miragem de Sant'Ana	31/32	10-5	4.º	173	23,0	5,29
Coroa de Sant'Ana	31/32	9-4	3.º	113	24,0	3,81
Brazilia de Sant'Ana	31/32	6-0	1.º	28	26,0	3,68
Betina's L. N. Dama II	PCOC	6-5	7.º	195	23,0	4,04
Pronuncia de Sant'Ana	PCOD	6-9	4.º	154	21,0	3,45
Leviana de Sant'Ana	PCOD	7-11	2.º	104	32,0	2,49
Duallyn K. Ada	PO	6-0	4.º	112	26,0	4,40
Dun-Did Duraline M. C.	PO	7-5	1.º	27	26,0	3,89
Betina's L. N. Gilinha	PCOC	6-7	6.º	177	21,0	3,08
Betina's L. N. Dulce	PCOC	6-0	4.º	108	27,0	3,85
Betina's L. N. Eliana	PCOC	5-6	4.º	119	28,0	2,81
Nobreza N. de Sant'Ana	PCOC	5-0	3.º	127	22,0	3,39
Castanha	PCOD	6-11	2.º	96	21,0	3,62
Betina's S. H. P. Fragata	PCOC	4-1	1.º	18	23,0	2,82
Betina's A. B. Gipsy	PCOC	3-5	6.º	154	21,0	3,13
Betina's R. R. P. Guapa	PCOC	3-5	5.º	134	21,0	3,11
Betina's R. R. P. Gralha	PCOC	3-1	6.º	189	28,0	3,54
Betina's L. N. Fabulosa	PCOC	4-2	4.º	108	20,0	3,77
Betina's R. R. P. Guaracy	PCOC	3-6	6.º	271	25,0	3,20
Betina's R. R. P. Guadalejara	PCOC	3-5	3.º	84	23,0	3,25
Albertina's A. B. Gavea	PO	3-3	5.º	134	22,0	3,15

Dr. Fernando J. Santos. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 11/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sta. Cruz Elite	PCOC	10-4	3.º	75	21,0	3,60
Sta. Cruz F. Truman	PCOC	9-9	1.º	19	16,0	3,50
Sta. Cruz Garupa Truman	PCOC	8-9	1.º	20	16,0	3,80
Marpretha	PO	8-4	4.º	140	13,0	4,05
Sta. Cruz G. Paul	PCOC	8-2	4.º	125	13,0	3,23
Sta. Cruz H. Lolke	PCOC	7-10	1.º	5	19,0	3,51
Sta. Cruz G. Paul	PCOC	8-1	3.º	83	17,0	3,70
L. P. Grac. de S. Sebastião	PO	6-8	3.º	78	19,0	3,32
Sta. Cruz J. Engels	PCOC	5-6	3.º	122	13,0	4,00
Sta. Cruz J. Hendrik	PCOC	5-6	3.º	78	16,0	2,88
L. P. Garoteia da S. Seb.	PO	6-1	4.º	142	13,0	4,47
Sta. Cruz Jida Engels	PCOC	5-0	3.º	64	18,0	3,15
Sta. Cruz Novica Transm.	PCOC	2-10	1.º	17	15,0	3,12
Sta. Cruz Namorada Transm.	PO	2-11	1.º	14	16,0	3,73

Dr. Marcos Polacow. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 8/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Leme's Reserva	PCOC	9-0	6.º	125	15,0	3,27
Leme's Pati	PO	9-11	4.º	101	19,0	3,84
Leme's Renata	PO	9-3	1.º	14	23,0	3,29
Leme's Ocarina	PCOC	9-9	7.º	171	18,0	3,72
Leme's Sonia	PCOC	8-11	2.º	34	15,0	3,63
Leme's Tesoura	PCOC	7-2	4.º	117	14,0	4,12
Palestina de S. Francisco	PCOC	6-9	1.º	11	20,0	3,63
Democracia de Sant'Ana	NR	-	5.º	95	17,0	4,44
Jussara de S. Francisco	PCOC	5-11	7.º	197	14,0	4,02
Alegria de Serra Negra	PCOD	4-7	4.º	119	18,0	3,28
Bolicho	NR	-	7.º	156	17,0	4,16
Menina de Serra Negra	PCOD	4-10	4.º	115	21,0	3,60
Leme's Rosely	PO	9-3	4.º	117	18,0	3,90
Carneuba de Serra Negra	PCOD	10-1	4.º	124	21,0	3,87
Leme's Vereda	PCOC	5-2	1.º	29	23,0	3,07
Paraíba de Sant'Ana	GC1	2-6	5.º	94	21,0	3,08
Leme's Vicky	PO	5-2	2.º	59	18,0	4,14
Flôr de Mata de Sant'Ana	PCOC	10-8	1.º	16	18,0	3,46
Alfa 3Expert	PCOC	2-2	1.º	2	16,0	4,20
Leme's Vinha	PO	5-4	1.º	2	22,0	-

João Passarelli. Itaquaquecetuba. Est. de São Paulo. Controle em 24/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Marambala Yone Osasco	PO	8-1	6.º	158	19,0	4,08
Marambala Felicia Jang.	PO	8-0	3.º	62	25,0	3,16
Marambala J. Omega	PO	7-10	3.º	66	27,0	2,92
Oferenda P. de Marambala	PCOC	7-0	2.º	37	29,0	3,54
Alto do M. Alto	PCOC	5-7	1.º	6	29,0	3,42
Companha R. do Morro Alto	PCOC	3-3	9.º	188	14,0	4,55
Estreito do Sul Insp.	PCOC	4-3	7.º	217	19,0	3,98
Elegancia Insp. do Mar	PCOC	3-8	6.º	123	21,0	3,73
Palmeira	PCOC	2-5	6.º	151	16,0	3,45
Palmeira	PCOD	5-2	5.º	120	22,0	3,62
Escotilha Insp. do Mar	15/16	4-1	5.º	157	15,0	3,47
Reserva	PCOD	6-8	10.º	272	15,0	4,23

Dr. José Procópio do Amaral. São João da B. Vista. Est. de S. Paulo. Controle em 13/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Amaral Rebeca	PO	7-2	1.º	35	15,0	3,66
Amaral Seleta	PO	6-8	3.º	81	14,0	4,12
Amaral Vera	PO	4-6	4.º	112	15,0	4,06
Amaral Vanda	PO	4-8	1.º	36	17,0	3,79
Amaral Saudada	PO	6-10	1.º	26	16,0	3,93
Amaral Vistosa	PO	4-8	1.º	18	20,0	3,61

Dr. Carlos Whately. Bernardino de Campos. Est. de São Paulo. Controle em 13/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite %	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite %
Dr. Joaquim Procópio de Araújo. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 25/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas					S. M. Paraíso Pocahontas M. N. GHB 2-8 3.0 145 23.0 3.07				
Galaxia Helenice Jack	PO	5-3	6.0	167 16.0 3.80	S. M. P. Susan M. Ned	GHB	2-7	2.0	68 24.0 4.00
Galaxia Helena Jack	PO	5-8	3.0	66 17.0 4.24	2 ordenhas				
Galaxia Helena Maninho	PO	4-10	4.0	95 22.0 4.26	S. Manuel P. Carícia	GHB	9-4	6.0	229 20.0 2.07
Galaxia Ida Signet	PO	4-5	5.0	114 20.0 3.81	Marambaia R. Royal	PO	7-5	4.0	165 18.0 3.00
Galaxia Idalina Row	PO	4-7	4.0	114 17.0 4.46	S. Manuel Paraíso Certaza	GHB	7-2	5.0	206 17.0 4.08
Galaxia Isabela Signet	PO	4-7	4.0	51 28.0 3.89	S. Manuel Paraíso Carminha	PCOD	8-10	8.0	303 13.0 3.08
Galaxia Isair Signet	PO	3-4	8.0	242 16.0 4.47	São Manuel P. Comédia	GHB	6-1	6.0	261 13.0 3.08
Galaxia Ibaria Signet	PO	3-6	8.0	244 18.0 4.08	São Manuel P. Sant. Cantora	GHB	5-0	7.0	294 16.0 3.08
Galaxia Ipana II Signet	PO	3-9	5.0	182 13.0 4.16	São Manuel P. Sant. Colantha	GHB	3-9	6.0	236 17.0 3.08
Galaxia Jacqueline Signet	PO	3-8	2.0	43 24.0 4.80	Platina Muquem	PCOD	3-9	6.0	207 16.0 3.08
Galaxia Jônia Signet	PO	3-7	2.0	52 22.0 4.51	-----				
Galaxia Janir Signet	PO	3-4	3.0	83 18.0 3.87	Waldir J. de Andrade. Lins. Est. de São Paulo. Controle em 18/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.				
Antonio de T. L. Netto. São Simão. Est. de S. Paulo. Controle em 14/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					Maravilhosa Lins PCOD 6-6 8.0 175 16.0 3.08				
3 ordenhas					Patativa III Lins PCOD 6-10 7.0 191 15.0 3.04				
Grietje 7	PO	7-7	4.0	118 18.0 4.12	Virgula 18 Lins PCOC 5-11 8.0 214 14.0 4.00				
Djoke 20	PO	8-4	6.0	157 17.0 4.10	Diana Lins PCOC 4-6 3.0 77 17.0 3.00				
2 ordenhas					Ana Lins PCOC 4-3 3.0 74 17.0 3.00				
Cristal Flotilha	PCOC	9-8	3.0	91 19.0 3.45	-----				
Cristal Vaidade	PCOC	7-11	6.0	167 14.0 4.33	Antonio Josino Meirelles. Batatais. Est. de São Paulo. Controle em 19/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.				
Cristal Alistada	PCOC	8-6	6.0	141 14.0 4.46	Angai Maurits 3 PCOC 9-11 8.0 217 17.0 3.08				
Cristal Gbólina	PCOC	7-8	7.0	202 15.0 4.26	Willy's Florisbela PCOD 7-9 3.0 69 20.0 3.00				
Isabella 4	PO	8-10	1.0	17 19.0 3.91	Willy's Margarida PCOD 8-0 7.0 190 15.0 3.00				
Cristal Reportagem	PCOC	7-1	8.0	206 16.0 3.43	Stella M. E. Maurits 3 PO 6-4 4.0 104 17.0 3.00				
Mercades de S. Simão	PCOD	7-0	5.0	137 13.0 4.97	Willy's S. Theodor GC1 4-7 5.0 131 15.0 3.00				
Taiha de São Simão	PCOD	7-0	6.0	176 14.0 4.48	Willy's Taimosa PCOD 4-2 2.0 39 21.0 3.00				
-----					Willy's F. Pioneer PCOC 7-9 3.0 69 23.0 3.00				
Fazenda Planal Ltda. Jarinú. Est. de São Paulo. Controle em 29/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					Willy's Bidú PCOD 6-2 6.0 166 18.0 3.00				
Marambaia Nação Pelé	PO	6-7	6.0	181 15.0 4.26	Willy's A. Citation PCOC 2-4 4.0 118 15.0 3.00				
Betania P. de Marambaia	PCOC	5-6	6.0	172 18.0 3.31	Willy's Flauta Theodor PCOC 2-9 4.0 105 16.0 3.00				
Gina G. Roland I	PCOC	4-8	4.0	105 16.0 3.30	Marota NR - 3.0 69 16.0 3.00				
Marambaia X. William	PO	3-7	6.0	190 15.0 4.15	Willy's Lady Bardine PCO 2-7 3.0 67 16.0 3.00				
S. M. P. Gabriela M. Ned	PCOC	2-4	5.0	153 13.0 3.81	-----				
Cruzília de S. Sebastião	PCOC	2-4	5.0	89 13.0 4.18	Hermengarda de B. Leme e Outros. Pinhe Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.				
Mariana	31/32	2-3	3.0	89 13.0 4.18	3 ordenhas				
Ribalta de Santana	GC1	2-5	3.0	87 17.0 3.47	Leme's Saudade PO 8-10 1.0 28 21.0 3.00				
Ribalta	31/32	1-8	3.0	85 19.0 3.78	Leme's Abelha PO 4-11 1.0 33 21.0 3.00				
Invocação	GC2	2-4	3.0	78 14.0 3.23	Bahia Juweel Leme PCOC 3-8 1.0 28 20.0 3.00				
Traituba de S. Sebastião	PC	3-0	3.0	76 17.0 3.44	2 ordenhas				
Lara	31/32	2-7	3.0	72 13.0 2.99	Leme's Fofoca PCOD 11-10 6.0 179 16.0 3.00				
Dadiva	GC1	2-8	3.0	71 18.0 3.91	Leme's Sensação PO 7-6 8.0 235 13.0 4.00				
Formosa João Alves	GC1	2-6	3.0	67 13.0 3.90	Leme's Tietje 11 PO 9-0 3.0 75 16.0 3.00				
Alameda D. O. P. Alta	GC1	2-3	3.0	87 14.0 2.73	Leme's Pandora PCOC 10-2 3.0 88 18.0 3.00				
Ribe de Santana	PC	2-2	3.0	86 15.0 3.68	Leme's Tereza PO 7-7 4.0 99 18.0 4.00				
Elaine	31/32	1-7	3.0	85 17.0 3.82	Leme's Viscondessa PO 5-0 3.0 72 14.0 3.00				
Donzela	GC1	2-11	3.0	64 16.0 3.63	Leme's Umbela PO 5-8 8.0 241 15.0 4.00				
Rota (13)	PO	2-7	3.0	63 18.0 3.29	Leme's Carol R. R. Leme PCOC 2-6 6.0 134 14.0 4.19				
J. P. A. B. Royal da Sta. Inez	PC	-	3.0	89 15.0 2.84	Calina R. Red Leme PCOC 2-6 5.0 131 14.0 3.00				
Linda	PO	2-6	2.0	58 14.0 3.19	Leme's Alfenas PO 4-0 3.0 68 16.0 3.00				
Renda de Santana	31/32	2-3	2.0	58 13.0 5.21	Leme's Uruguaiana - - 2.0 60 16.0 3.00				
Ramona D. R. de Sta. Inez	PCOD	-	2.0	40 18.0 3.38	-----				
F. S. Herta M. Doner	PO	2-1	2.0	38 14.0 3.77	Dr. Roberto F. Cantusio. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.				
Diana	PO	7-10	1.0	27 18.0 4.07	Roseira's Dançarina PO 6-8 4.0 100 20.0 3.00				
Etape	GC1	2-10	1.0	22 19.0 3.52	Djoke 28 PO 5-8 5.0 127 17.0 4.10				
	GC1	3-8	1.0	8 14.0 3.22	Margriet 24 PO 5-7 9.0 248 18.0 3.00				
Antonio C. R. V. de Almeida. São Manuel. Est. de S. Paulo. Controle em 31/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					Grietje PO 5-8 4.0 100 18.0 4.00				
3 ordenhas					Roseira's Fátima PO 4-3 3.0 84 21.0 3.00				
Didi Mag's	31/32	8-2	4.0	172 24.0 3.70	Roseira's Embaixatriz PO 5-8 4.0 91 28.0 3.11				
S. Manuel P. Calista	GHB	7-4	5.0	197 19.0 3.65	Roseira's Exata PO 5-0 3.0 64 23.0 4.00				
S. Manuel P. Cantora	GHB	7-7	4.0	169 19.0 4.44	Roseira's Hossena Bat NR - 1.0 15 21.0 3.00				
Sta. Cecília Seresta	GHB	5-0	4.0	200 21.0 4.07	Roseira H. Bat NR - 1.0 15 17.0 3.00				
S. Manuel P. Colina	GHB	5-1	4.0	169 19.0 3.68	-----				
S. M. Paraíso S. Calista	GHB	5-2	3.0	140 22.0 3.84	Gabriel D. Pereira. Olímpio de Noronha. Est. de Minas Gerais. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.				
S. M. Paraíso S. Cigarra	GHB	5-0	4.0	169 18.0 4.46					
S. M. Paraíso S. Cevada	GHB	3-11	7.0	284 15.0 4.35					
Muquem Jupira	PCOD	4-6	3.0	128 23.0 3.77					
Muquem Garota	PCOD	4-5	1.0	43 33.0 3.15					
Sylvia M. N. S. M. Paraíso	PCOC	2-6	9.0	351 14.0 4.28					
Louise M. N. S. M. Paraíso	GHB	2-9	4.0	160 18.0 3.70					

NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PESO (kg)	NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PESO (kg)				
Costa de Sant'Ana	PCOD	7-8	10.º	296	20,0	3,38	Marambaia A. T. Jack	PO	5-3	3.º	71	24,0	3,55
Princesa de Sant'Ana	127/128	7-9	11.º	325	14,0	4,81	Sinfonia J. Royal da Meramb.	PCOC	5-2	9.º	287	15,0	4,14
M. N. Ana 5	PO	7-6	6.º	181	20,0	3,77	Carlota R. da Marambaia	PCOC	5-0	7.º	214	17,0	5,23
Camélia de Sant'Ana	31/32	9-1	6.º	180	19,0	3,52	C. Bird Holm D. Red	PO	4-5	8.º	252	17,0	3,09
María II de Sant'Ana	GC2	5-9	9.º	259	14,0	3,99	Carrick Ivanhoé Lady	PO	4-10	2.º	29	23,0	3,43
Vitória de Sant'Ana	31/32	6-10	5.º	133	23,0	4,13	Marambaia Ester Roeland	PO	4-10	8.º	253	15,0	4,38
Dinamarca de Sant'Ana	PCOD	7-10	1.º	18	28,0	2,92	Delta Palé da Marambaia	PCOC	5-1	6.º	150	15,0	4,24
Perle M. Gossena	PO	5-9	3.º	86	26,0	4,11	Ursa Royal da Marambaia	PCOC	4-9	5.º	163	20,0	3,84
Selenara de Sant'Ana	GC1	5-8	8.º	225	15,0	4,07	Areal F. Pabst Reflection	PO	4-7	3.º	74	17,0	3,88
Vespeada de Sant'Ana	GC3	5-4	9.º	252	16,0	4,10	Mag's Hortencia Bossa nova M. PO	PO	4-1	1.º	53	20,0	3,59
Baronesa de Sant'Ana	GC2	5-1	1.º	19	25,0	3,06	Le D. B. Ivanhoé Dawdrop	PO	3-8	6.º	196	18,0	4,30
Thelma G. de Sant'Ana	GC2	4-11	11.º	132	22,0	4,05	Hollcane H. I. Red	PO	4-7	3.º	101	18,0	4,14
Paula C. Noble	PO	4-6	6.º	146	19,0	3,41	Marambaia Nava Royal	PO	4-0	4.º	110	17,0	3,62
Sordina de Sant'Ana	GC1	3-1	11.º	316	18,0	3,43	Iara Roeland Mag's	GHB	3-10	2.º	49	17,0	4,38
Isolda N. de Sant'Ana	GC1	3-0	5.º	118	16,0	3,72	Mag's Roeland S. Ioné	PO	3-6	3.º	61	18,0	3,74
Camelata de Sant'Ana	GC1	5-10	3.º	88	25,0	3,11	Elm L. Fortune F. Red	PO	4-4	2.º	25	19,0	3,88
Colombina de Sant'Ana	GC1	9-8	2.º	45	28,0	3,40	Isabel W. da Marambaia	GC1	3-11	8.º	245	15,0	3,62
Carinhosa de Sant'Ana	31/32	6-9	2.º	44	26,0	2,86	Marambaia G. Royal	PO	2-8	7.º	216	14,0	4,13
Paula J. de Sant'Ana	GC2	2-6	1.º	22	18,0	3,18	Obra S. da Marambaia	GC4	3-3	5.º	174	13,0	4,14
Gracinda N. de Sant'Ana	GC2	3-4	1.º	12	20,0	3,23	Soneca Royal da Marambaia	GC3	2-7	6.º	165	14,0	4,79
Bonifacia de Sant'Ana	31/32	4-0	1.º	5	24,0	3,47	Sereia Sov. da Marambaia	GHB	2-7	6.º	159	16,0	4,13

Coop. Agro-Pecuária Holambra. Jaguariuna. Est. de S. Paulo. Controle em 31/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas

Araçá	PCOD	7-9	6.º	178	13,0	4,21
Françoisa da Holambra	PCOC	2-4	4.º	129	13,0	3,35
Tarcusa da Holambra	PCOC	2-7	4.º	107	14,0	3,64
Carora da Holambra	PCOC	2-7	4.º	109	16,0	3,20
Júlia da Holambra	PCOC	2-5	4.º	110	15,0	3,45
Beverly de Quilombo	NR	7-9	4.º	110	16,0	3,05
Bonita do Sto. Antonio	PCOD	2-2	3.º	75	21,0	2,74

Dr. José S. Magalhães. Sta. Cruz. Est. da Guanabara. Controle em 3/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Piranga R. da Marambaia	GHB	8-5	6.º	174	17,0	4,39
R. da Marambaia	PCOC	8-4	6.º	182	18,0	4,30
Marambaia Ondulação Royal	PO	8-0	6.º	237	13,0	4,85
Fome Royal da Marambaia	GHB	6-8	5.º	154	14,0	3,51
Uelene R. da Marambaia	PCOC	6-1	2.º	49	26,0	3,68
Maywood C. T. Duches	PO	5-6	6.º	185	16,0	5,43
Carlota R. da Marambaia	PCOC	5-0	6.º	196	16,0	5,04
Carrick Ivanhoé Lady	PO	4-10	1.º	10	23,0	3,66
Areal F. P. Reflection	PO	4-7	2.º	55	14,0	3,36
Marambaia N. Royal	PO	4-0	3.º	91	16,0	3,14
Iara Roeland Mag's	GHB	3-10	1.º	30	15,0	4,13
Mag's Roeland S. Ioné	PO	3-6	2.º	42	18,0	4,20
Elm L. F. Freda-Red	PO	4-4	1.º	6	23,0	3,62
Sereia S. da Marambaia	GHB	2-7	5.º	140	14,0	4,23
Dulcinea S. da Marambaia	PCOC	2-5	3.º	90	15,0	4,57
Rirre P. Red	PO	3-8	3.º	81	14,0	3,89
Janete	NR	—	2.º	67	15,0	4,16
Jamília	NR	—	2.º	39	16,0	4,19
Delmata S. da Marambaia	PCOC	3-10	1.º	57	22,0	3,19
Joan Roeland Mag's	PCOC	2-6	1.º	32	15,0	4,61

Dr. José S. Magalhães. Sta. Cruz. Est. da Guanabara. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Marambaia O. Royal	PO	9-11	8.º	245	16,0	3,63
Marambaia Peladina H. Royal	PO	8-9	7.º	269	16,0	3,48
Marambaia Patrulha Royal	PO	8-6	8.º	277	19,0	3,24
Piranga R. da Marambaia	GHB	8-5	7.º	193	18,0	4,13
Jovence R. da Marambaia	PCOC	8-4	7.º	200	19,0	4,14
Chama Mag's	GC1	8-4	10.º	309	15,0	3,81
Marambaia O. Royal	PO	8-0	7.º	255	15,0	5,08
Marambaia R. Diamantina	PO	8-9	2.º	83	17,0	3,64
Façanha O. da Marambaia	PCOC	7-2	9.º	282	14,0	4,14
Quimera O. da Marambaia	GHB	8-0	5.º	167	18,0	3,09
Fome R. da Marambaia	GHB	6-8	6.º	173	15,0	3,91
Marambaia N. Royal	PO	6-1	9.º	273	21,0	3,43
Marambaia J. Royal	PO	6-7	3.º	89	19,0	3,77
Uirina R. da Marambaia	PCOC	6-1	3.º	68	27,0	3,79
Twin B. A. Sally	PO	6-0	8.º	267	14,0	4,14
Maywood C. Ty Duches	PO	5-6	7.º	203	17,0	4,88
Flore Mag's	63/64	6-3	9.º	284	17,0	3,85

Dulcinea S. da Marambaia	PCOC	2-5	4.º	109	16,0	4,65
Rirre P. Red	PO	3-8	4.º	100	16,0	4,21
Janete	NR	—	3.º	86	17,0	4,26
Bomerangue	NR	—	2.º	75	18,0	3,41
Naiede	NR	—	3.º	72	15,0	4,89
Jamília	NR	—	3.º	58	18,0	3,09
Delmata S. da Marambaia	PCOC	3-10	2.º	75	23,0	3,38
Joan Roeland Mag's	PCOC	2-6	2.º	51	18,0	4,00
Mag's Joma Pioneer	PO	2-5	1.º	23	18,0	5,05
Aalfazema	NR	—	1.º	10	19,0	4,14
Joana B. N. M. Mag's	PCOC	2-11	1.º	46	15,0	4,49
Orvalhada R. da Marambaia	PCOC	3-4	1.º	63	19,0	3,64
Oláia	NR	—	1.º	10	17,0	4,11
Ultra Transm. J. de Meramb.	PCOC	2-8	1.º	48	20,0	4,14
Joni	NR	—	1.º	10	26,0	3,64
Cheryl	NR	—	1.º	10	22,0	3,69
Dunlap	NR	—	1.º	10	22,0	3,64
Rosary	NR	—	1.º	10	23,0	3,64
Rosanna	NR	—	1.º	10	22,0	3,80
Joan	NR	—	1.º	10	24,0	3,14

Amílcar F. Yemin. Atibela. Est. de São Paulo. Controle em 26/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas

Castro Bela Aida	PO	5-7	1.º	35	29,0	4,26
Colorida de Santa'Ana	GC1	4-8	5.º	150	27,0	3,14
Brasília Corona	PCOD	7-4	8.º	259	22,0	3,21
Gaitosa Corona	PCOD	7-4	8.º	268	20,0	3,26
Urnida Corona	3/4	6-1	5.º	142	21,0	3,46
Opala Corona	PCOD	5-0	5.º	142	23,0	3,72
O' Boa Corona	PCOD	4-0	5.º	153	21,0	3,51
Evocação Nobre de Sant'Ana	PCOC	2-7	4.º	121	21,0	2,82
Caprichosa Corona	PCOD	3-11	4.º	101	20,0	4,11
Violeta Corona	PCOD	5-4	3.º	82	21,0	4,50
Medalha Mauro	PCOD	3-7	3.º	88	27,0	3,75
Bragança Corona	PCOD	5-4	3.º	86	28,0	2,23
S. M. P. Doreen Belfast	GHB	3-7	3.º	89	24,0	2,32
Labareda Coração	PCOD	4-1	3.º	86	27,0	3,18
Musica Mauro	PCOD	5-0	1.º	99	27,0	2,86
Belga Corona	PCOD	4-9	1.º	104	23,0	3,18
Alteza Corona	PCOD	11-1	1.º	10	21,0	2,88

Valentim dos Santos Diniz. Itirapina. Est. de São Paulo. Controle em 6/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Joga Jotê	PCOC	8-1	2.º	112	23,0	3,73
Jotatê Limpesa	PCOC	6-1	1.º	27	23,0	3,09
Jotatê Morena	PCOC	5-6	1.º	2	24,0	3,30

Espolio da Dr. Affonso Barbosa Mallo. Belo Horizonte. Est. de Minas Gerais. Controle em 31/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Lembrança de Serrinha	PCOD	3-4	1.º	27	23,0	3,79
Chicoape V. T. Judi	PO	3-11	5.º	134	15,0	4,24

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em anos	Con- trôle	Dias de lactação	Leite %							
Bettie 12	PO	8-3	7.	206	13,0	3,59	Centelha da Aliança	PCOC	4-4	2º	44	15,0	4,5					
RAÇA JERSEY						Dr. Carlos Cardoso de Almeida Amorim. Cacondá. Es. de S. Paulo. Controle em 24/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenhas.												
Dr. Eduardo Jenner de Faria. Tatuf. Est. de São Paulo. Controle em 11/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Bon Café Marreta						PO	7-7	7º	199	15,0	3,5	
Jussara de 3 Marias	PO	3-4	5,º	135	17,0	4,33	Marta Bom Café	PO	9-0	2º	49	14,0	4,0					
Jordania de 3 Marias	PO	3-10	5,º	129	10,0	4,75	Santana Macumba III	PO	3-3	2º	38	14,0	4,0					
Japona de 3 Marias	PO	4-7	1,º	24	10,0	4,19	Santa'Ana Prima	PCOC	6-5	1º	25	16,0	3,4					
Dr. Augusto A. da Motta Pacheco. Tatuf. Est. de São Paulo. Controle em 13/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Loira de S. Carlos						PO	4-0	1º	24	13,0	3,0	
Santana Boêmia Mimado	PO	7-11	3,º	72	13,0	4,50	Bom Café Impala	PO	6-2	1º	1	18,0	4,0					
Esmeralda Rey	PO	6-5	3,º	72	12,0	3,87	Benedicto P. Rennó. Jacutinga. Est. de M. Gerais. Controle em 28/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.											
Grevilha Rey	PO	4-1	1,º	19	13,0	5,06	3 ordenhas.											
Dr. Albino Malzona. Jundiá. Est. de São Paulo. Controle em 21/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						Bom Café India						PO	6-1	6º	157	17,0	4,15	
Sant'Ana G. Oceano	PO	8-9	5,º	130	15,0	4,17	Bom Café Ivone	PO	4-9	10º	311	17,0	4,0					
Sant'Ana Caça Minister	PO	9-9	3,º	66	17,0	4,49	2 ordenhas											
Suíssa A. Nhonho	PO	5-7	3,º	68	18,0	4,59	Bom Café Marciana	PO	7-7	4º	104	17,0	2,0					
Jorge da C. Buano. Manduri. Est. de S. Paulo. Controle em 21/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Bom Café Misteriosa						PO	6-11	3º	68	17,0	3,0	
Ucrania Oakland C. Prince	PO	4-1	3,º	70	10,0	4,55	Colombina Bom Café	PO	5-3	2º	69	17,0	3,0					
Uvala O. Cute Prince	PO	2-10	3,º	70	10,0	4,40	Solteira	NR	-	5º	122	18,0	5,0					
Dr. Mario L. Leão. Jundiá. Est. de S. Paulo. Controle em 23/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Bom Café Ideli						PO	4-8	1º	32	21,0	4,0	
Estrela J. de Olinda	PO	5-0	1,º	16	21,0	4,80	Bom Café Iracy	PO	3-8	1º	16	19,0	4,0					
S. A. Odila 2ª Sovereign	PO	5-0	10,º	325	12,0	5,47	Bom Café Inglesa	PO	2-10	2º	41	16,0	3,7					
S. A. Ninon 2ª Sovereign	PO	5-2	10,º	320	12,0	4,80	Edgard Jafet. Jaguariuna. Es. de São Paulo. Controle em 31/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
S. A. Burquesa 2ª Sovereign	PO	5-10	3,º	74	16,0	4,08	Cristal do Camandocaia						PCOD	5-9	1º	21	18,0	3,0
S. A. Xula 2ª Wiseman	PO	4-9	2,º	42	11,0	5,00	Dr. Orlando Pinto de Souza. Porto Feliz. Est. de São Paulo. Controle em 7/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
S. A. Excelsa 2ª Sovereign	PO	4-7	3,º	60	15,0	4,82	Mafalda B. Café						PO	10-10	1º	36	13,0	3,0
S. A. Esperança 5ª Lider	PO	4-7	1,º	14	20,0	5,09	Allegria de Manicoba	PCOD	7-3	1º	11	14,0	3,4					
S. A. Merambala 2ª Sovereign	PO	4-4	2,º	53	13,0	4,87	RAÇA GUERNSEY											
S. A. Esperança 8ª Wiseman	PO	4-7	1,º	12	14,0	4,20	Dr. José J. Schmidt. Sacra Família do Tinguá. Est. do R. de Janeiro. Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
S. A. Lanterna 3ª Sovereign	PO	4-4	3,º	67	13,0	4,71	União de S. Francisco						PO	2-8	6,º	164	10,0	4,0
RAÇA SCHWYZ						Teteia de S. Francisco						PO	10-8	3,º	93	14,0	4,0	
Cla. Agro-Pecuária Sta. Madalena. Jacarezinho. Est. do Paraná. Controle em 8/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Malva de S. Francisco						PO	11-0	3,º	73	17,0	3,0	
Brejo Advinha	PO	11-0	6,º	151	17,0	3,37	Petrolina de Sta. Maria	PO	8-3	2,º	37	19,0	3,5					
Tysun's Prudence Pamela	PO	8-9	5,º	145	15,0	4,02	Dr. Custódio C. de Almeida. Alto da Boa Vista. Est. de Guanabara. Controle em 26/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
Alice's Grace Dawn	PO	8-8	6,º	154	14,0	4,04	Raemelton M. D. Magic						PO	5-0	5,º	150	16,0	4,0
Mentira de Sta. Madalena	PO	8-2	9,º	251	14,0	4,03	Wayside B. S. Sillie	PO	5-7	5,º	131	16,0	3,0					
Broadview Bo's Trixie	PO	8-11	9,º	251	14,0	4,70	Porcelana do Piaçatú	PO	11-3	2,º	42	14,0	4,0					
Fada de Sta. Madalena	PO	7-5	6,º	152	13,0	4,44	Gold B. Princess Ivy	PO	5-10	1,º	9	19,0	3,0					
Moeda de Sta. Madalena	PCOC	6-10	3,º	61	16,0	4,21	Princess Sillie do Paradise	PO	8-3	2,º	37	19,0	3,5					
Jangada C. de Sta. Madalena	PCOC	5-1	7,º	203	16,0	4,21	Tullio Davescovi. São Roque. Est. de São Paulo. Controle em 1/2/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
Lavina do Gandhi de S. Mad.	PCOC	5-7	2,º	39	20,0	4,26	Villa W. S. N. Clow						PO	4-9	7,º	273	11,0	4,0
Falcao do Principe de S. Mad.	PCOC	5-6	7,º	204	13,0	3,47	Wilemas S. Idalia	PO	5-11	1,º	46	16,0	4,0					
V. B. C. Pluma Dinah	PO	3-11	7,º	210	13,0	4,56	Wilemas H. V. Hattie	PO	5-2	6,º	250	10,0	5,0					
Ativa do Princ. de S. Mad.	PO	5-11	3,º	81	17,0	3,67	Kem Mar Ivanda	PO	5-2	4,º	160	14,0	4,1					
Merusca C. de Sta. Mad.	PCOC	3-8	3,º	70	15,0	3,68	Osli de Novo Horizonte (23)	PO	2-7	6,º	229	10,0	4,0					
Jarrina C. de Sta. Madalena	PO	3-4	5,º	132	17,0	4,73	Francisco A. Mendes. S. J. da Boa Vista. Est. de S. Paulo. Controle em 28/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.											
Ma V. C. de Sta. Madalena	PO	3-8	4,º	102	14,0	4,82	Bonca da Aliança						PCOC	5-3	3,º	71	14,0	3,85
Odete C. de Sta. Madalena	PO	4-8	1,º	22	14,0	3,42	Bela da Aliança	PCOD	10-10	7,º	184	14,0	3,79					
Jangada C. 2ª Sta. Mad.	PO	4-5	2,º	49	14,0	4,15												
Suzana N. de Sta. Madalena	PCOC	3-7	2,º	42	16,0	3,55												
Cascata R. de Sta. Madalena	PCOC	3-5	1,º	32	16,0	3,50												
Pamela C. de Sta. Madalena	PO	3-0	1,º	26	13,0	3,09												
Clavina R. de Sta. Madalena	PO	3-5	1,º	23	16,0	3,82												
Odete C. 2ª de Sta. Madalena	PO	3-2	1,º	12	15,0	3,16												

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %		
BLUMENGA						3 ordenhas							
Dr. João Leite S. Ferraz Jr. Regionópolis. Est. de São Paulo. Controle em 4/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Baga	RE	10-11	8.0	229	12.0	5,57	
Francisca	NR	8-6	1.0	2	11,0	3,66	Baleia	RE	10-11	6.0	159	16,0	4,34
Osquiana	RE	6-7	3.0	70	12,0	3,74	Discreta	RE	10-8	2.0	42	19,0	5,11
Ela	RE	6-7	5.0	139	12,0	4,32	Favela	NR	-	4.0	104	15,0	3,91
Cozco	RE	6-0	6.0	163	11,0	4,30	2 ordenhas						
Lagoa	RE	7-9	1.0	14	16,0	4,15	Formiga II	RE	4-0	3.0	87	12,0	3,94
Floreza	RE	-	6.0	155	13,0	4,32	Francisco F. Barretto. Mocôca. Est. de S. Paulo. Controle em 17/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
BAÇA DINAMARQUESA						3 ordenhas							
Ouro Barbosa. Guaxupé. Est. de M. Gerais. Controle em 26/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Campinas	NR	15-5	2.0	48	10,0	4,97	
Urcuz	PO	7-7	6.0	174	16,0	4,22	Alba	RE	12-2	3.0	74	12,0	4,67
Jansen	PO	6-6	9.0	250	13,0	3,96	Bandeira	RE	11-6	4.0	100	16,0	4,31
Yca	PO	7-1	8.0	235	13,0	4,06	Balança	RE	11-3	5.0	128	10,0	5,67
Korben	PO	7-2	2.0	54	19,0	4,13	Bandeira	RE	11-4	3.0	87	16,0	5,13
Antônio S. José	PO	3-11	2.0	49	16,0	3,71	Tiroleza	RE	13-1	6.0	157	10,0	4,17
De Paoli S/A - Faz. Sta. Alda. Pôrto Novo do Cunha. Est. de M. Gerais. Controle em 13/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						Baleia	NR	11-4	2.0	47	11,0	5,83	
3 ordenhas						Bolacha	NR	10-11	4.0	119	16,0	4,53	
Práxima	PO	7-4	13.0	363	15,0	4,11	Cachola	RE	10-4	4.0	101	13,0	4,96
Sta. Alda Crilles Frida	PO	3-7	10.0	288	13,0	4,30	Caldeira	NR	10-2	4.0	101	19,0	5,31
Sta. Alda C. Marquesa	PO	3-7	12.0	362	18,0	4,06	Bravete	NR	10-11	4.0	92	10,0	5,14
2 ordenhas						Baleia	NR	11-3	4.0	95	12,0	5,17	
Sta. Alda M. T. Trindade	PO	6-1	2.0	47	15,0	3,77	Cabreuva	NR	15-4	7.0	199	10,0	4,00
SUECA VERMELHA						Cambraia	NR	9-8	6.0	168	13,0	5,13	
Agência Marítima Johnson S/A. Itátiba. Est. de São Paulo. Controle em 29/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Cadeira	NR	10-2	4.0	116	15,0	5,03	
Sta (168)	PO	7-7	5.0	136	14,0	4,20	Fantasia	NR	13-0	2.0	39	11,0	5,09
RED-POLL						Manteiga	NR	13-0	3.0	87	11,0	4,65	
Dr. Livio Malzoni. Jundiá. Est. de São Paulo. Controle em 24/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Cafua	RE	4-10	3.0	63	16,0	6,03	
P. Aracá	PCOD	15-0	1.0	15	11,0	3,63	Cachucha	RE	10-4	4.0	98	15,0	4,58
Berella	PCOD	15-10	3.0	85	12,0	3,53	Diadema	NR	9-2	4.0	92	19,0	3,97
P. Candidata	PCOC	7-7	2.0	44	12,0	3,01	Caçoada	NR	10-5	3.0	69	14,0	4,48
P. Nevada	PCGD	7-3	1.0	14	16,0	3,42	Dolencia	RE	8-11	4.0	112	14,0	5,22
BAÇA GUZERÁ						Dourada	RE	9-1	3.0	78	16,0	5,29	
João C. B. de Abreu. Boa Sorte. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 8/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Dorna	NR	8-7	8.0	233	14,0	5,89	
Luzete J. A.	RE	11-6	4.0	102	13,0	4,00	Doceira	RE	9-2	2.0	57	14,0	4,83
Luziosa J. A.	RE	6-5	4.0	113	13,0	5,23	Distancia	NR	9-3	2.0	42	17,0	4,73
Ramaracá J. A.	RE	8-2	2.0	57	12,0	1,73	Elfa	NR	8-9	4.0	103	17,0	5,92
Milyrio J. de Abreu. Boa Sorte. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 28/12/1973. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Estampa	RE	8-1	3.0	63	14,0	5,23	
Província J. A.	RE	10-4	1.0	20	13,0	5,52	Delicia	RE	9-0	11.0	312	12,0	6,11
Estadone J. A.	RE	6-3	3.0	64	12,0	6,26	Duraza	NR	9-3	1.0	26	16,0	5,68
Dr. José O. de Azevedo Jr. S. João da B. Vista. Est. de S. Paulo. Controle em 22/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						Bateia	RE	10-8	9.0	286	13,0	5,09	
Indira J. O.	RE	13-5	2.0	46	10,0	4,10	Estola	NR	8-1	2.0	54	18,0	4,30
Eccopa J. O.	NR	16-11	2.0	55	11,0	4,94	Errada	RE	7-10	6.0	164	12,0	4,79
Azevedo J. O.	RE	8-9	1.0	13	12,0	4,18	Enganada	RE	8-2	4.0	106	12,0	4,51
Anilina J. O.	RE	-	5.0	138	12,0	5,86	Era	NR	-	2.0	41	11,0	4,89
BAÇA GIR						Fartura	NR	7-3	4.0	91	17,0	5,50	
José F. da Carvalho. Jacaref. Est. de S. Paulo. Controle em 23/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						Escala	RE	7-6	8.0	217	17,0	5,20	
						Felção	NR	7-0	7.0	186	12,0	4,77	
						Fivela	RE	6-7	8.0	221	14,0	4,75	
						Fiada	NR	7-4	2.0	48	19,0	3,88	
						Ferramenta	RE	7-5	1.0	7	17,0	5,43	
						Fingida	NR	8-11	5.0	125	14,0	4,76	
						Flor	NR	6-10	5.0	141	14,0	5,50	
						Fauna	NR	7-2	4.0	116	13,0	4,95	
						Flotilha	NR	6-9	5.0	139	11,0	5,00	
						Feva	RE	7-4	4.0	105	17,0	4,15	
						Fiadeira	NR	7-2	4.0	109	14,0	3,65	
						Farinha	RE	7-5	4.0	96	12,0	4,40	
						Fiteira	NR	6-11	3.0	83	11,0	4,72	
						Ftinha	NR	7-0	4.0	113	12,0	4,66	
						Entraga	NR	8-2	4.0	104	14,0	4,68	
						Garatuja	NR	6-8	4.0	111	17,0	5,34	
						GAtuna	NR	6-3	4.0	94	16,0	4,23	
						Galga	NR	6-0	11.0	334	11,0	4,82	
						Galharda	NR	8-6	4.0	106	15,0	4,75	
						Flauta	RE	6-11	4.0	94	16,0	4,91	
						Groelandia	RE	6-1	5.0	134	18,0	4,76	
						Galocho	NR	6-3	6.0	158	13,0	4,76	
						Guarapari	NR	6-4	4.0	104	14,0	5,18	
						Groza	NR	6-1	5.0	145	12,0	4,67	
						Guaipava	NR	5-11	4.0	92	15,0	4,14	
						Florista	NR	6-2	12.0	353	10,0	5,03	
						Gasconha	NR	6-0	4.0	106	13,0	4,72	
						Gasca	NR	5-8	6.0	159	12,0	4,68	
						Greve	RE	6-4	6.0	169	15,0	4,24	
						Helvetia	NR	5-3	9.0	272	11,0	5,45	
						Halitane	NR	5-6	6.0	142	15,0	5,41	

NOME DO ANIMAL	Grão	Idade	Con-	Dias	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grão	Idade	Con-	Dias	Leite	%
	do	anos	trôle	de				do	anos	trôle	de		
	sangue	meses	lactação	lactação				sangue	meses	lactação	lactação		
Gata	NR	5-9	5,0	150	15,0	4,94	Dr. José C. V. de Andrade, Casa Branca, Est. de S. Paulo, Controle em 17/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
Hidra	NR	5-8	4,0	102	13,0	5,34							
Hamburguesa	NR	5-4	3,0	71	11,0	5,03	3 ordenhas						
Gravura	NR	5-3	3,0	69	11,0	3,82	Canã JV	NR	-	5,0	125	15,0	5,03
Guerreira	NR	5-11	4,0	95	10,0	5,09	2 ordenhas						
Gondoleira	NR	5-11	4,0	93	15,0	5,34	Antiga	NR	11-3	3,0	79	12,0	5,03
Hiena	NR	5-7	1,0	21	17,0	4,84	Ciranda	NR	-	6,0	160	11,0	4,93
Herva	NR	5-6	3,0	66	12,0	4,27							
Hera	NR	5-8	4,0	103	14,0	5,06							
Ilustre	NR	4-7	4,0	121	14,0	5,68							
2 ordenhas													
Dinastia	RE	9-0	3,0	64	11,0	5,22	Roberto de Andrade, Calciolandia, Est. de Minas Gerais, Controle em 21/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Embromada	RE	8-7	1,0	16	11,0	4,35							
Dra. Manuel e José J. Salgado Rodrigues dos Reis, Rio das Flores, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 16/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Mancinha	RE	7-8	7,0	191	12,0	6,25	Adaga	RE	5-4	4,0	99	11,0	5,03
Biondina	RE	8-0	7,0	191	13,0	7,23	Achegada	RE	8-11	4,0	106	10,0	4,93
Menina	RE	7-8	5,0	147	12,0	5,87	Uberlandia	NR	-	3,0	70	12,0	4,93
Manchete	NR	7-8	8,0	228	11,0	6,44							
Araponga	NR	6-6	5,0	143	14,0	6,16							
Sta. Cruz A. Cachimbo	RE	4-4	11,0	318	10,0	6,66							
C. A. Fivela Sertão	NR	4-1	2,0	63	11,0	5,37							
Dr. José J. S. R. dos Reis, Conceição Aparecida Est. Minas Gerais, Controle em 5/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Garça II	NR	8-10	8,0	169	13,0	5,48	Dr. Gabriel D. de Andrade, Calciolandia, Est. de Minas Gerais, Controle em 17/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Sta. Cruz B. Cachimbo	NR	4-2	6,0	106	11,0	5,02	Galeria	RE	7-9	4,0	106	12,0	4,93
Juliana	RE	5-8	9,0	188	10,0	4,76	Estima	RE	8-8	5,0	70	10,0	3,96
Sta. Cruz C. Cachimbo	NR	3-4	2,0	37	12,0	4,46	Entidade	RE	5-0	8,0	235	10,0	5,03
							Dulcevíta	RE	6-0	8,0	225	10,0	5,03
							Evidência	RE	5-9	2,0	39	14,0	3,96
							F-4846 - Duqueza	RE	-	6,0	162	11,0	4,93
							Vitoria	RE	9-0	4,0	110	10,0	5,03
							Grãfina	RE	3-8	2,0	55	10,0	4,93
							Escrava	RE	5-9	2,0	42	11,0	4,93
							Aletria	RE	6-0	1,0	17	11,0	4,93
Rubens Resende Peres, S. Pedro dos Ferros, Est. de M. Gerais, Controle em 27/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.													
3 ordenhas													
Pratinha de Brasília	RE	14-8	2,0	51	22,0	6,53							
Pradista de Brasília	RE	12-5	3,0	84	17,0	4,93							
Fazenda de Brasília	RE	-	1,0	3	17,0	4,93							
Duquesa de Brasília	RE	10-2	1,0	2	17,0	4,93							
Debutante de Brasília	RE	-	2,0	66	16,0	4,93							
Crusma de Brasília	RE	9-0	4,0	102	16,0	5,03							
Dolores de Brasília	RE	8-8	3,0	94	16,0	5,03							
Caçamba de Brasília	RE	9-9	1,0	34	18,0	4,93							
Fabrina de Brasília	RE	8-8	3,0	95	17,0	6,03							
Fajani de Brasília	RE	6-8	3,0	96	16,0	6,03							
Erica de Brasília	RE	7-2	1,0	14	13,0	6,03							
Entrevista de Brasília	RE	7-6	1,0	29	16,0	6,03							
Franceline de Brasília	RE	5-7	8,0	246	12,0	5,53							
Groça de Brasília	RE	4-2	3,0	73	17,0	6,03							
Ferusa de Brasília	RE	5-10	7,0	208	13,0	5,43							
Encantada de Brasília	RE	7-1	1,0	29	15,0	6,13							
Gazela de Brasília	RE	5-7	1,0	11	18,0	6,43							
Gaveta A. de Brasília	RE	5-7	1,0	15	18,0	4,93							
Harmosa de Brasília	RE	4-6	4,0	102	16,0	6,13							
Garça de Brasília	RE	5-9	2,0	53	16,0	6,13							
Harmala de Brasília	RE	4-11	1,0	15	16,0	4,73							
Gordura de Brasília	RE	5-5	1,0	10	16,0	4,53							
2 ordenhas													
Baderna de Brasília	RE	-	6,0	176	12,0	5,53							
Baiana de Brasília	NR	10-3	6,0	186	11,0	4,93							
Dinamarca de Brasília	RE	10-8	7,0	198	11,0	4,93							
Bonita de Brasília	RE	-	6,0	171	12,0	5,14							
Embiri de Brasília	RE	7-2	2,0	87	13,0	6,03							
Escrava A. de Brasília	RE	7-0	4,0	121	10,0	6,33							
Empresa de Brasília	RE	6-10	5,0	143	12,0	6,43							
Fidela de Brasília	RE	6-4	4,0	128	12,0	4,63							
Fronteira de Brasília	RE	6-4	5,0	132	11,0	6,63							
Geometria de Brasília	RE	5-3	6,0	172	12,0	6,13							
Gelatina de Brasília	RE	5-5	3,0	83	12,0	6,53							
Gilete de Brasília	RE	5-5	2,0	68	13,0	6,13							
SINDI													
João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, Est. de Minas Gerais, Controle em 20/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.													
Fortaleza	RE	12-9	4,0	99	13,0	4,93							

NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite %			NOME DO ANIMAL	Gráu do sangue	Idade em meses	Con- trôle de lactação	Dias de Leite %			
Nricana	RE	8-0	3	81	11,0	4,78	Primavera da Sta. Cecilia	RE	7-7	2º	68	9,0	4,53	
Andorinha (130)	NR	-	2	45	14,0	4,36	Dilema da Sta. Cecilia	RE	-	3º	78	9,0	4,82	

TABAPUÁ DE UCHOA

Dr. Rodolpho Orrenblad. Uchoa. Est. de S. Paulo. Controle em 24/1/1974. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Tecura da Sta. Cecilia	RE	10-6	3,0	100	8,0	5,25
Diamantina da Sta. Cecilia	RE	11-1	2,0	59	10,0	3,97
Berira da Sta. Cecilia	RE	9-3	3,0	95	9,0	5,06
Ímpire da Sta. Cecilia	RE	9-6	1,0	16	12,0	5,19
Gerota da Sta. Cecilia	RE	7-0	2,0	47	10,0	4,33
Alança da Sta. Cecilia	RE	7-2	3,0	75	8,0	3,47
Freixeira da Sta. Cecilia	RE	6-7	5,0	138	9,0	6,02

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — puro por cruz de origem conhecida; PCOD — puro por cruz de origem desconhecida; PO — puro de origem; RP — registro provisório; RE — registrada; GHB — Gado Holando Brasileiro.

São Paulo, Janeiro de 1974.

Dr. João Soares Veiga
Gerente Técnico

RELATÓRIO N.º 54 — FEVEREIRO DE 1974

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da ABC

Em cooperação com a Secretaria de Agricultura de São Paulo e a INDA

RESULTADOS PADRÕES MUSTADOS DE:

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg)				N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pêso Padrões (Kg)			
			205	365	550	730				205	365	550	730

RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto

MACHO

8.006 Guaporé, 418	02-72	186	285	293	415
8.007 Garimpeiro, 420	02-72	182	226	289	-
Dr. Walter H. Zancaner					
8.182 Nacional, 130	02-72	180	243	322	-
Fausto Simões					
8.887 Galante, 408	01-72	179	192	276	-
8.008 Geranio, 422	02-72	173	214	285	417
8.003 Gamado, 416	02-72	172	246	290	-
Dr. Walter H. Zancaner					
8.974 Efelto Gr, 562	02-72	144	-	-	-
8.978 Eferante Gr, 564	02-72	142	-	-	-
8.973 Efébo Gr, 561	02-72	133	224	-	-
Jamil Nicolau Aun					
8.008 Galeão, 419	02-72	128	186	-	-
Dr. Walter H. Zancaner					
8.883 Ego Gr, 572	02-72	127	201	-	-
8.888 Edulo Gr, 554	02-72	66	-	-	-
Jamil Nicolau Aun					

RAÇA NELORE — Divisão I — Regime de pasto

FÊMEA

8.004 Galga, 417	02-72	167	228	260	343
8.988 Galza, 408	01-72	161	195	270	339
8.008 Galhardia, 421	02-72	161	208	248	362
8.002 Galera, 415	01-72	157	224	266	368
Dr. Walter H. Zancaner					
8.182 Galpera, 584	02-72	156	-	-	-
Dr. Arnaldo Zancaner					
8.000 Galáxia, 413	01-72	153	209	242	291
8.983 Galola, 405	01-72	153	203	260	339
Dr. Walter H. Zancaner					
8.178 Galola, 580	02-72	141	-	-	-
8.180 Galpeda, 582	02-72	140	-	-	-
Dr. Arnaldo Zancaner					
8.980 Emboaba Gr, 589	02-72	140	221	-	-
8.971 Epoltra Gr, 569	02-72	138	202	-	-
Jamil Nicolau Aun					
8.227 Ticuna, 3430	02-72	137	193	229	-
Fabio Leopoldo e Silva					

5.979 Ema Gr, 568	02-72	137	225	-	-
5.963 Educação, 549	02-72	133	202	-	-
5.975 Elipse Gr, 563	02-72	127	212	-	-
5.970 Egide Gr, 558	02-72	119	184	-	-
5.972 Eletrólise Gr, 560	02-72	118	203	-	-
5.981 Emblema Gr, 570	02-72	115	269	-	-
5.961 Editora Gr, 547	02-72	76	141	-	-
5.960 Edícula Gr, 546	02-72	72	97	136	194
Jamil Nicolau Aun					

RAÇA GUZERÁ — Divisão I — Regime de pasto

MACHO

6.384 Shano S. N. D., 650	02-72	174	108	3,15	-
Soc. Agro P. Filadelfia					
6.020 Duzentos ND., 292	02-72	167	-	-	-
Irmãos Garcia Cid					
6.984 Garimpo, 202	01-72	157	231	319	401
5.990 Gualicho, 208	02-72	153	216	267	386
Dr. Walter H. Zancaner					
6.366 Imperador G. N. D., 651	02-72	134	213	270	-
Soc. Agro P. Filadelfia					

RAÇA CHAROLÊSA — Divisão I — Regime de pasto

MACHO

5.795 P. Imirim M. A., 350	10-71	158	308	444	-
5.798 P. Itaguai D., 356	11-71	147	329	-	-
5.794 P. Itapurú A. A., 349	10-71	141	282	448	-
5.796 P. Itará E. C., 351	10-71	98	249	369	-
5.800 P. Jumbo C., 359	01-72	96	218	322	-
Agro P. Primavera S/A					

RAÇA CHAROLÊSA — Divisão I — Regime de parto

FÊMEA

5.784 P. Iguatemi D., 609	11-71	117	194	226	-
5.792 Seiscentos D., 618	01-72	111	244	294	-
6.244 P. Jalna E., 624	02-72	110	290	-	-
6.012 P. Jesse A. C., 621	01-72	106	169	254	-
5.052 P. Ingai F. F., 688	07-71	81	143	238	-
5.782 P. Italiana A. C., 603	10-71	78	169	224	-
Agro P. Primavera S/A					

N.º SCDP	NOME	Nasc. Pêso Padrões (Kg)				N.º SCDP	NOME	Nasc. Pêso Padrões (Kg)			
		mês a ano	Idades — (dias)	205	365			550	730	mês a ano	Idades — (dias)

RAÇA STA. GERTRUDES — Divisão I — Regime de pasto

MACHO					
7.076	Cearnes, 23 Guilherme E, Constantino	02-72	119	—	—

RAÇA NELORE — Divisão II — Regime de pasto com ração

MACHO					
6.487	Erumei K. II, 444 Aícidas P. Pavan	02-72	177	274	—
5.905	Trovador, 3428 Fabio Leopoldo e Silva	02-72	175	273	391
5.967	Educador Gr, 563	02-72	173	273	—
5.982	Efuaivo Gr, 571 Jamil Nicolau Aun	02-72	160	287	—
5.993	Tesouro, 3416	02-72	159	245	286
6.226	Tocano, 3429 Fabio Leopoldo e Silva	02-72	148	215	351
5.962	Edificante Gr, 548	02-72	144	234	—
5.927	Dolmem, 512 Jamil Nicolau Aun	12-71	132	168	287
6.491	Indak, 481 Aícidas Prudente Pavan	02-72	123	268	—
5.977	Efetivo Gr, 565 Jamil Nicolau Aun	02-72	120	223	—

RAÇA NELORE — Divisão II — Regime de pasto com ração

FÊMEA					
5.959	Edak Gr, 546 Jamil Nicolau Aun	02-72	220	387	458
5.901	Traira, 3424	02-72	171	249	281
5.894	Tainha, 3417 Fabio Leopoldo e Silva	02-72	154	244	333

RAÇA GUZERÁ — Divisão II — Regime de pasto com ração

MACHO					
5.991	Guarani, 209	02-72	220	334	488
5.989	Granito, 206 Dr. Walter H. Zancaner	02-72	154	237	308

RAÇA GUZERÁ — Divisão II — Regime de pasto com ração

FÊMEA					
5.807	Granja, SC-111	01-72	139	182	223
5.805	Favorita, SC-109	12-71	123	224	202

5.806	Gravura, SC-110 S/A Cortume Carioca	01-72	121	140	207
-------	--	-------	-----	-----	-----

RAÇA GIR — Divisão II — Regime de pasto com ração

MACHO					
6.484	Krishana G.P., 214 Armando Milani	02-72	212	293	—
6.022	488, 488 Celso Garcia Cid	02-72	147	175	—

RAÇA GIR — Divisão II — Regime de pasto com ração

FÊMEA					
6.485	Avelã Gori, 216 Armando Milani	02-72	174	282	—
6.023	Quatrocentos O. N. 489 Celso Garcia Cid	02-72	149	—	—
7.008	Lus N. Gori II, 215 Armando Milani	02-72	133	202	—

RAÇA CHAROLÊSA — Divisão II — Regime de pasto com ração

MACHO					
5.045	P. Imoral D., 340	07-71	152	313	465
5.793	P. Ibadan Dalma, 341 Agro P. Primavera S/A.	07-71	103	227	423

RAÇA CHAROLÊSA — Divisão II — Regime de pasto com ração

FÊMEA					
4.791	P. Ibéria E., 682	06-71	180	248	286
4.792	P. Impala B. A., 584 Agro P. Primavera S/A.	06-71	148	248	258

OBSERVAÇÕES

- a) Todos os resultados padrões foram calculados e ajustados de conformidade com o novo regulamento do S. C. D. P.
- b) Os resultados são apresentados e classificados de acordo com os pesos padrões aos 205 dias.
- c) Os animais que aparecem com as Idades-padrões incompletas, foram retirados antes de completar 2 anos.

Dr. Walter C. Bettiston
Gerente Técnico Subst.

SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

RAÇA NELORE					RAÇA MOCHO TABAPUÁ								
NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PESO (kg)	NOME DO ANIMAL	N.º	NASC.	IDADE (Dias)	PESO (kg)				
PROPRIETÁRIO: Antonio P. B. Costa MUNICIPIO: Sorocaba ESTADO DE SÃO PAULO DATA DE PESAGEM: 16-02-74 SEXO MACHO Guatambu					363	17-09-72	517	456	PROPRIETÁRIO: Dr. Rodolpho Ortenblad MUNICIPIO: Uchôa ESTADO DE SÃO PAULO DATA DE PESAGEM: 19-2-74 SEXO MACHO Goiano S. Cecília 119 23-06-72 606 480 Grande da S. Cecília 147 28-07-72 571 403 Gangibre da S. Cecília 155 11-08-72 580 363 Grill da S. Cecília 162 19-08-72 549 369 Guizo da S. Cecília 1279 08-09-72 486 387 SEXO FÊMEA Garoto da S. Cecília 111 08-03-72 713 372 Gornada da S. Cecília 112 13-03-72 708 359 Goma da S. Cecília 114 20-04-72 670 341 Geleia da S. Cecília 139 21-07-72 672 336 Grata da S. Cecília 2809 29-08-72 476 370				
PROPRIETÁRIO: Allyrio J. de Abreu MUNICIPIO: Cantagalo ESTADO DO RIO DE JANEIRO DATA DE PESAGEM: 31-01-74 SEXO MACHO Saigon Ja					301	04-01-73	392	269					
PROPRIETÁRIO: Prateada Ja					303	22-01-73	374	204					

Anúncios Classificados

Revista dos Criadores

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assinatura:
Cr\$ 180,00

PEDIDOS A

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Av. Pompéia, 1227-A
SÃO PAULO - SP

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

COLONAS DE 4 cm

Cada cm p/coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço. Cr\$ 27,00 por centímetro e por vez.

Ótima oportunidade para os Srs. Fazendeiros, Criadores, Comerciantes, etc., fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

AV. POMPEIA, 1214 - FUNDOS "B" - SÃO PAULO

Calendário de Exposições e Feiras para 1974

ESTADO DE SÃO PAULO

ABRIL

20 a 28 — São Paulo — XVII Exp. de Gado de Corte, cavalos, suínos e coelhos.
28 a 5/5 — Festa da Soja — São Joaquim da Barra.

MAIO

5 a 12 — Barretos — I Exp. Regional de Animais de Ribeirão Preto e XXIII Exp. de Animais de Barretos.
26 a 2/6 — Ourinhos — I Exp. de Animais de Marília e VIII Feira Pecuária e Ind. de Ourinhos.

JUNHO

9 a 16 — Guaratinguetá — I Exp. Regional de Animais do Vale do Paraíba e XI Exp. Pecuária e Ind. de Guaratinguetá.
23 a 30 — Araçatuba — XV Exp. de Animais.

JULHO

13 a 21 — São Paulo — XVIII Exp. Feira de Gado Leiteiro, cavalos, muares, ovinos, caprinos e aves.
15 a 19 — Bastos — Festa do Ovo.

AGOSTO

11 a 18 — Bragança Paulista — I Exp. Regional de Animais de São Paulo e XI Exp. Pecuária e Ind. de Bragança Paulista.

SETEMBRO

8 a 15 — Presidente Prudente — I Exp. Regional de Animais e I Exp. Regional Agrícola (12 a 15).

OUTUBRO

6 a 13 — São José do Rio Preto — XIV Exp. de Animais (sem data) São João da Boa Vista — VI Exp. Agropec. de Animais.

NOVEMBRO

10 a 17 — Bauru — XV Exp. de Animais e Leilão do Reprodutores.
2.ª quinzena — Mairinque — Festa do Pêssego.

DEZEMBRO

8 a 15 — Avaré — X Exp. Municipal Pecuária.

ESTADO DO PARANÁ

MARÇO

23 a 31 — Paranavai

ABRIL

6 a 14 — Londrina

ESTADO DO MARANHÃO

MAIO

26 a 2/6 — Imperatriz — VI Exp.

JULHO

7 a 14 — São Luís — XXI Estadual

AGOSTO

11 a 18 — Bacabal — IX Exp.

SETEMBRO

22 a 29 — Pinheiro — VII Exp.

ESTADO DO RIO

MAIO

8 a 12 — Itaperuna — Exp. Agropecuária

JUNHO

2 a 9 — Campos — Exposição Interestadual de Gado Nelore
13 a 16 — Itaboraí — Exp. Agropecuária

JULHO

3 a 7 — Barra do Piraí — Exp. Agropecuária.
20 a 24 — Cordeiro — Exp. Agropecuária
26 a 29 — Macaé — Exp. Agropecuária.

AGOSTO

1 a 4 — Paraíba do Sul — Exp. Agropecuária
24 a 27 — Campos — Exp. Agropecuária

SETEMBRO

25 a 29 — Resende — Exp. Agropecuária.

INDO A SÃO PAULO



HOTEL COLUMBIA

Rua dos Timbiras, 492 - Tel. 220-3411 - End. Tel.: "BIATEL"
SÃO PAULO - BRASIL

AUTO ALUGUEL POZI LTDA.



LOCADORA DE VEÍCULOS
CGC 62.871.603/001 Insc. Isenta

CARROS:

GALAXIES, OPALAS, KOMBIS, CORCEL, VOLKSWAGEN...

ATENDEMOS DIARIAMENTE ATÉ ÀS 24 HORAS
(COM OU SEM MOTORISTA)

RUA TIMBIRAS, 248/56 - FONES: 32-1515 - 220-2029 - 37-3832
SÃO PAULO

Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CRIADORES

Redação 05022 Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - São Paulo, Brasil
Telefones: 65-0116 e 62-6826
End. Telegráfico: "Criadores"

REPRESENTANTES:

AMAZONAS

Manaus
Danilo da Silva
Rua Monsenhor Coutinho, 844

BAHIA

Salvador
Dr. Othello Tormin
Rua Taboão, 9 — sala 317

BRASÍLIA

José Luiz C. Lima Rocha
SQ. 311 — Bloco G — apto. 508

GUANABARA

José Luiz Renales
Rua 2 de Dezembro, 66 - ap. 902
Tel. 265-2223 - Rio - GB

MARANHÃO

Dr. Miguel Roeder
C.P. 297
São Luiz

MATO GROSSO

Nicanor Lopes de Albuquerque
Av. Gen. Rondon, 1069
Corumbá

MINAS GERAIS

Escritórios Dutra
Rua Timbiras, 834
Belo Horizonte
Antonio José Horta Lima
Rua João Pinheiro, 98
Curvelo

Leonizio Batista
Rua Pires e Albuquerque, 513
Montes Claros

Astoife Carlos Teixeira Filho
A/C. do Banco do Brasil
Eldi Mendes

Rosalvo José de Souza
Av. Joaquim Antunes, 4 - s/7
Pedra Azul

Carl Schrage
Rua São Benedito, 35
Uberaba

Ariston F. Quinteiro
Caixa Postal, 253
Uberlândia

Umberto Carneiro
Universidade Federal de Viçosa

José Paulo Marini
Caixa Postal, 42
Lavras — M. Gerais

PARANÁ

Coop. Agro Pec. Arapotí
Caixa Postal, 41
Arapoti

Luiz Diogo Ferraz
Rua Pernambuco, 1025
Paranavai

PARÁ

Farias & Carvalho
Caixa Postal, 182
Belém

RIO GRANDE DO SUL

Carlos Cauby Silveira
Centro de Veículos de Comuni-
cação
Rua Gen. Vesco Alves, 409 —
Tel. 24-6475
Porto Alegre — RGS.

RIO DE JANEIRO

Dr. Oloff Reis
Av. Euterpe, 21
Nova Friburgo

D. Edmécilda A. de Carvalho
Rua Gen. Osório, 187 - apto. 302
Nova Friburgo

SÃO PAULO

Raquel Medeiros Penna
Rua Alferes José Caetano, 1476
Piracicaba — S. Paulo

EXTERIOR

José A. Cardoso Vilhena
Moçambique
J.A. Carvalho & Cia. Ltda.
Caixa Postal, 212
Lourenço Marques — África O.

ARGENTINA

Dr. Luiz Bibé
Cangallo, 4318
Buenos Aires

Asociación Argentina de
Criadores de Cebú
Rua Bartoloméu Mitre, 754 - 2.º p
Buenos Aires

ESTADOS UNIDOS

Halpern Associates
108 West 43 rd Street
New York, N.Y. U.S.A.

ESPAÑA

Librería J. Dias de Santos
Calle Lagasca, 95
Madrid

CORRESPONDENTES:

BAHIA

Dr. Othello Tormin
Rua Taboão, 9 — sala 317
Salvador

GUANABARA

Armando de Almeida
Av. Churchill, 38-B — 2.º andar

RIO GRANDE DO SUL

Dr. Paulo Annes Gonçalves
Caixa Postal, 2225
Porto Alegre — RS

VENDA AVULSA

BAHIA

Dist. de Publicações Souza S/A.
Rua Saldanha da Gama, 6 - Térreo
Salvador

Rigoberto Lopes
Rua Coronel Teixeira, 12-A
Jacóbia

CEARÁ

Dist. Alcor de Publicações Ltda.
Rua Floriano Peixoto, 1233
Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

Maria dos Santos Marques
QC12 - Bloco N - Lojas 6/17
Teaatinga

GOIÁS

Agrício Braga
Rua 6 — Equina Rua 17
Goiânia

GUANABARA

Abil
Rua Buenos Aires, 87
Banco de Jornal — Av. Almi-
rante Barroso, 47, esquina
rua México
Estação Rodoviária
Armando de Almeida
Av. Churchill, 38-B — 2.º andar

PARANÁ

J. Chignone & Cia.
Rua 15 de Novembro, 423
Curitiba

PERNAMBUCO

Casa dos Revistas e Figurinos
Rua 9 - Esquina de Rua Pedro IV
Recife

RIO GRANDE DO NORTE

Luiz Romão
Caixa Postal, 11
Natal

SANTA CATARINA

Dimaga Jornais e Revistas
Rua Tiradentes, 58
Florianópolis

SÃO PAULO

Distribuidora Piracicabana de
Jornais e Revistas Ltda.
Estação Rodoviária - Box 15
Piracicaba

MINAS GERAIS

Agência Campos
Caixa Postal, 194
Juiz de Fora
Agência do Lazineho
Rua Olegário Maciel, 176
Araxá
Agência Thais
Rua Tafeté, 102
Montes Claros

SERGIPE

Wiston Correa Dantas
Rua João Pessoa, 320 - s/819
Aracaju

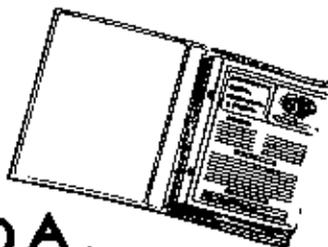


O INFORMATIVO RURAL é publicado e entregue aos assinantes QUINZENCIALMENTE (e semanalmente, quando se fizer necessário). Publica toda matéria referente a DIREITO TRABALHISTA RURAL, DIREITO AGRÁRIO, DIREITO FISCAL E CONTABILIDADE RURAL. Impresso em fascículos, a fim de ser colecionado em resistente pasta plástica, facilitando, assim, o manuseio.

Preço da assinatura para 1974: Cr\$ 600,00 (incluídos índices e capa). Dispomos, ainda, para venda, de algumas coleções de 1972 e 1973, inclusive capa. Cheque nominal, vale postal ou ordem de pagamento à EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Av. Pompéia, 1227-A — São Paulo — SP.

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

OUTRAS PUBLICAÇÕES: REVISTA DOS CRIADORES, ANUÁRIO DOS CRIADORES, CADERNO DE CONTABILIDADE E IMPRESSOS PADRONIZADOS PARA CRIADORES E AGRICULTORES.



não divida seus lucros com os vermes

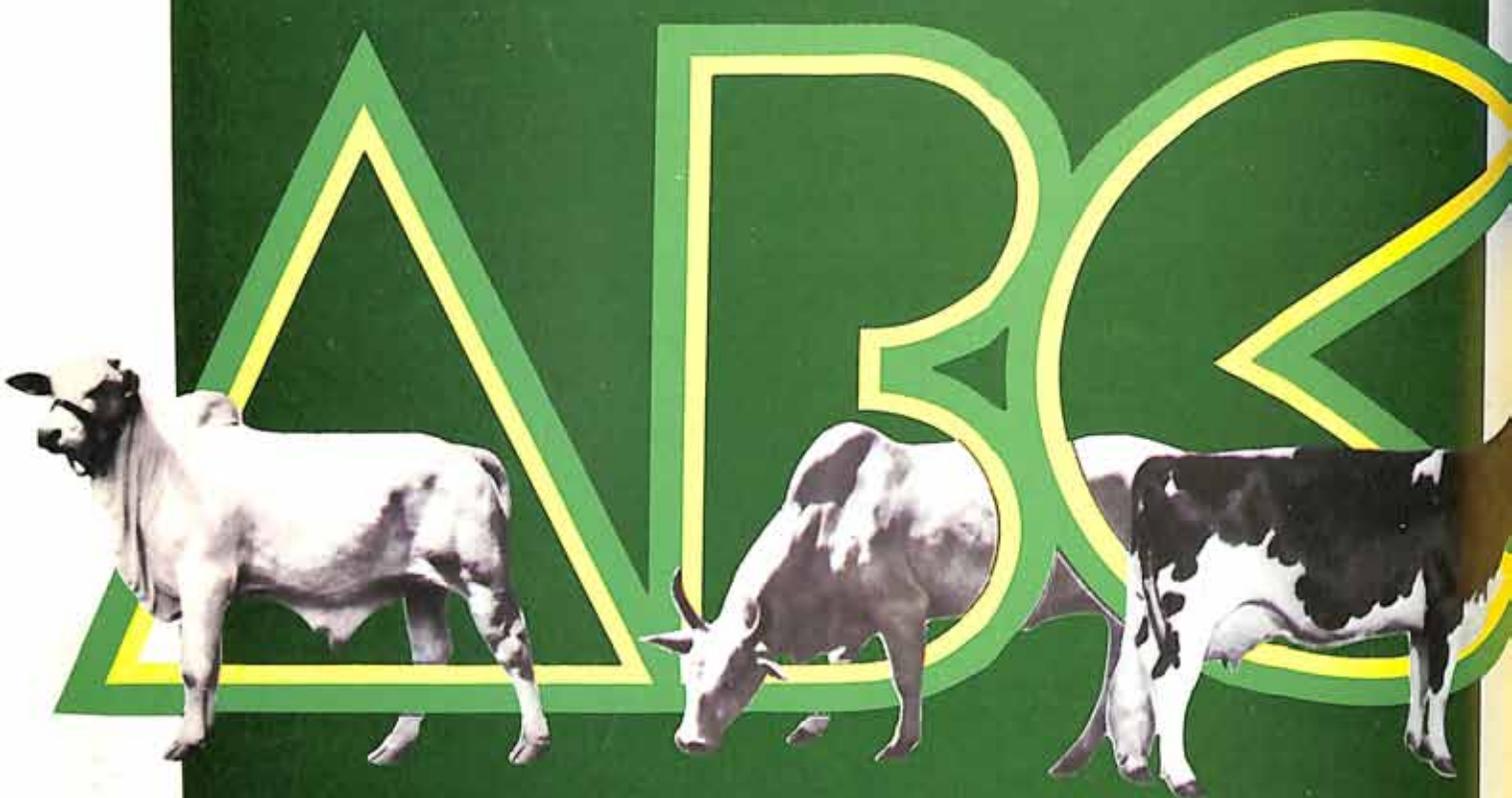


RIPERCOL® L

Na época da seca, e na entrada das águas, é necessário dosificar o gado contra a verminose. Não deixe para depois o que deve fazer agora. RIPERCOL L é o antelmíntico de amplo espectro e dupla ação em que você pode confiar. Uma única dose de RIPERCOL L limpa o gado de todos os vermes dos pulmões e aparelho digestivo.

2222
BLEMCO

QUALIDADE EM PRODUTOS
AGRICOLAS E VETERINÁRIOS



Ferro, cobre, cobalto, manganês, zinco, iodo e cálcio, fórmula completa criada pelos técnicos da Associação Brasileira de Criadores, (ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos) para assegurar a fertilidade, a saúde e a lucratividade do rebanho, tanto de corte como de leite.

Adiciona-se ao sal comum, na proporção de 1 quilo para 60 quilos e, à ração, na quantidade de 2 gr. para cada litro de leite produzido.

Embalagens plásticas de 1 quilo.
Preço: 13,00 (1 quilo)

O ABC DA CRIAÇÃO DE GADO: SAIS MINERAIS CONCENTRADOS ABC

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
(ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos)
Rua Jaguaribe, 634 - Tels.: 51-6960 - 51-6380 - 51-6963
51-6498 - Caixa Postal 9194 - São Paulo - SP.